

SEAN BLACK

LOCKDOWN
- EM ALERTA

RYAN LOCK 1

Lockdown - Em Alerta

Sean Black

Traduzido por João Victor Melo

“Lockdown - Em Alerta”

Escrito por Sean Black

Copyright © 2015 Sean Black

Todos os direitos reservados

Distribuído por Babelcube, Inc.

www.babelcube.com

Traduzido por João Victor Melo

Design da capa © 2015 Joie Simmons

“Babelcube Books” e “Babelcube” são marcas comerciais da Babelcube Inc.

Índice Analítico

[Página do Título](#)

[Página dos Direitos Autorais](#)

[Lockdown - Em Alerta](#)

[DEDICAÇÃO](#)

[Prólogo](#)

[Um](#)

[Dois](#)

[Três](#)

[Quatro](#)

[Five](#)

[Seis](#)

[Sete](#)

[Oito](#)

[Nove](#)

[Dez](#)

[Onze](#)

[Doze](#)

[Treze](#)

[Quatorze](#)

[Quinze](#)

[Dezesseis](#)

[Dezessete](#)

[Dezoito](#)

[Dezenove](#)

[Vinte](#)

[Vinte e um](#)

[Vinte e dois](#)

[Vinte e três](#)

[Vinte e Quatro](#)

[Vinte e cinco](#)

[Vinte e seis](#)

[Vinte e Sete](#)

[Vinte e oito](#)

[Vinte e Nove](#)

[Trinta](#)

[Trinta e um](#)

[Trinta e um](#)

[Trinta e três](#)

[Trinta e Quatro](#)

[Trinta e Cinco](#)

[Trinta e Seis](#)

[Trinta e Sete](#)

[Trinta e Oito](#)

[Trinta e Nove](#)

[Quarenta](#)

[Quarenta e Um](#)

[Quarenta e Dois](#)

[Quarenta e Três](#)

[Quarenta e Quatro](#)

[Quarenta e Cinco](#)

[Quarenta e Seis](#)

[Quarenta e Sete](#)

[Quarenta e Oito](#)

[Quarenta e Nove](#)

[Cinquenta](#)

[Cinquenta e Um](#)

[Cinquenta e Dois](#)

[Cinquenta e Três](#)

[Cinquenta e Quatro](#)

[Cinquenta e Cinco](#)

[Cinquenta e seis](#)

[Cinquenta e Sete](#)

[Cinquenta e Oito](#)

[Cinquenta e Nove](#)

[Sessenta](#)

[Sessenta e Um](#)

[Sessenta e Dois](#)

[Sessenta e Três](#)

[Sessenta e Quatro](#)

[Sessenta e Cinco](#)

[Sessenta e Seis](#)

[Sessenta e Sete](#)

[Sessenta e Oito](#)

[Sessenta e Nove](#)

[Setenta](#)

[Setenta e Um](#)

[Setenta e Dois](#)

[Setenta e Três](#)

[Setenta e Quatro](#)

[Setenta e Cinco](#)

[Setenta e Seis](#)

[Setenta e Sete](#)

[Setenta e Oito](#)

[Setenta e Nove](#)

[Oitenta](#)

[Oitenta e Um](#)

[Oitenta e Dois](#)

[Oitenta e Três](#)

[Oitenta e Quatro](#)

[Oitenta e Cinco](#)

[Oitenta e Seis](#)

[Oitenta e Sete](#)

[Oitenta e Oito](#)

[Oitenta e Nove](#)

[Noventa](#)

[Noventa e Um](#)

[Noventa e Dois](#)

[Noventa e Três](#)

[Epílogo](#)

[Sua classificação e suas recomendações diretas farão a diferença](#)

[Procurando outras ótimas leituras? | Seus livros, seu idioma](#)

Lockdown – Em Alerta

Um Thriller de Ryan Lock

SEAN BLACK

Copyright © 2009 Sean Black
All rights reserved

Sean Black has asserted his right under the Copyright, Designs and Patents Act 1988 to be identified as the author of this work.

Esse livro é uma obra de ficção e, com exceção de fatos históricos, qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou não, é puramente coincidência.

DEDICAÇÃO



Para meus pais, que sempre acreditaram em mim, e em memória ao meu avô, George Robertson, que sacrificou tanto pelo seu país quando ela jovem.

Prólogo

Ninguém guarda os mortos. Assim que Cody percebeu isso, o plano surgiu rapidamente. Dirigir até o cemitério, desenterrá-la, jogar o caixão no caminhão e desaparecer noite adentro. Fácil. Não fosse um pequeno detalhe.

‘Cara, esse chão parece concreto.’

Cody olhou para seu companheiro, iluminado pelo luar. ‘Deixa de reclamar.’

Normalmente ele trabalhava sozinho. Mas mover um corpo era trabalho para duas pessoas. Sem outras opções.

‘Não tô reclamando. Só fazendo uma observação.’

‘Bem, observações não vão fazer o trabalho.’

‘Nem cavar. Vamos precisar de dinamite para tirar essa vadia do chão.’

Don estava certo. Tinham escolhido a pior época do ano. Novembro na costa leste. Um inverno frio com o vento chegando do Atlântico, congelando os vivos e os mortos.

A primavera teria sido melhor. As noites ainda seriam longas, mas o chão não estaria congelado. O problema é que não tinham escolha. Não se dependesse de Cody.

Para ele, o tempo estava passando rapidamente. Todo dia vidas eram perdidas. Centenas, talvez milhares. Ninguém sabia ao certo. E essas mortes não eram pacíficas. Não como a que essa mulher tinha tido: morrendo devagar, a dor enganada por analgésicos, cercada das pessoas que a amavam.

Não, essas mortes eram solitárias e dolorosas. Uma última cuspida na cara para acabar com uma existência miserável.

A raiva que ele sentiu ao pensar nisso tomou conta dele. Bateu com força na base da lâmina usando a sola da bota direita, e finalmente conseguiu quebrar um pouco do gelo. Grama congelada deu lugar ao chão congelado. Ele tentou de novo. A lâmina adentrou mais um centímetro. Sua respiração era visível enquanto puxava oxigênio e repetia o processo.

Uma hora depois, Don foi o primeiro a acertar algo sólido que não fosse terra. Os dois homens estavam exaustos, mas o barulho do metal acertando madeira revigorou-os.

Mais trinta minutos e estavam carregando os restos na parte de trás do caminhão. Cody limpou as luvas exageradamente enquanto Don fechava a parte de trás do caminhão que tinham roubado algumas horas antes em uma rua quita no Brooklyn.

Don abriu a porta e começou a subir. No meio do caminho, parou e se virou para Cody. ‘Cara, conseguimos,’ ele disse.

Cody sorriu. ‘Tá falando sério? Essa foi a parte fácil.’

Um

Ryan Lock olhou através dos painéis de vidro que denotavam a entrada da recepção do prédio da Meditech. Do lado de fora, uma chuva congelante arrasava a Sexta Avenida em ondas, fazendo com que a dúzia de manifestantes dos direitos dos animais se apertassem do outro lado da rua.

‘Quem diabos faz uma passeata na véspera de Natal?’ a recepcionista perguntou.

‘Além dos perus?’ Lock respondeu, trazendo a jaqueta pra perto, atravessando a porta giratória e saindo no tempo ártico.

Três meses como chefe de segurança da maior companhia de farmacêuticos e de biotecnologia do país tinham deixado Lock com pouca paciência para o povo dos direitos dos animais, não importa quão justa fosse sua causa.

Uma rajada de vento acertou o rosto de Lock, ele levantou o colarinho da jaqueta e olhou para os manifestantes. No centro estava Gray Stokes, o líder. Ainda em seus cinquenta anos, com o corpo ossudo de um vegano, Stokes mantinha sua costumeira expressão presunçosa, um megafone em uma mão enquanto a outra descansava no punho de uma cadeira de rodas.

Sentada na cadeira estava a filha de Stokes, Janice, uma morena linda em seus vinte anos, que perdera o uso da perna esquerda por causa de uma rara forma de esclerose múltipla. A placa que ela segurava com as mãos tinha quatro letras escritas em preto: NÃO EM MEU NOME.

Lock assistiu enquanto Stokes levantava seu megafone e começava a reclamar com a meia dúzia de policiais que estava no local para garantir que nada acontecesse. Perto de Stokes estava um dos melhores da cidade, um sargento gorducho chamado Caffrey, que comia um Big Mac exageradamente, pontuando cada mordida com sons de leite.

Lock registrou a reação de Stokes com interesse.

‘Ei, porco, já se perguntou o que tem nessas porcarias?’ Stokes gritou para Caffrey. ‘Talvez a Frente de Liberação Animal tenha deixado um pouco de vovó com o resto da carne no Mickey D.’

Qualquer um que tivesse pego uma cópia do New York Post ou ligado em um canal de notícias nas últimas seis semanas teria pego a referência. O gerente de uma loja de fast food na Times Square tinha encontrado os restos de Eleanor Van Straten, matriarca da corporação Meditech, na calçada em frente ao seu estabelecimento.

A conexão entre o aparecimento inesperado da Sra. Van Straten logo depois de seu funeral e o movimento dos direitos dos animais era óbvia. No dia seguinte, Lock tinha sido chamado para liderar a equipe de proteção dos Van Straten.

Lock assistiu Caffrey guardar parte do hambúrguer em uma caixinha, e voltar sua atenção para Stokes.

‘Então, se Deus não queria que comêssemos vacas, por que fez elas de carne?’ Caffrey provocou.

A piada suscitou risadas dos outros policiais, e fez com que Stokes saísse da barreira e da calçada.

‘Isso, cara, vem mesmo,’ Caffrey gritou. ‘Vai poder acalmar os nervos em Rikers por algumas horas. Lá tem vários animais pra passar o tempo contigo.’

Lock viu Stokes olhar intensamente para Caffrey, calculando seu próximo passo. Os manifestantes achavam que ser preso era como receber uma medalha de honra. Lock achava que era um belo jeito de

botar a companhia nos noticiários pelas razões erradas. Correndo até a barreira, a mão de Lock caiu sob a SIG 9mm no coldre. A ação não passou despercebida entre os manifestantes. De mansinho, Stokes voltou para trás da parreira.

Lock checou seu relógio. Oito e cinquenta. Se estivesse seguindo os planos, Nicholas Van Straten, viúvo de Eleanor e o novo CEO da empresa, chegaria a qualquer momento. A mão de Lock foi até o colarinho, e ele apertou o botão do rádio. ‘Todas as unidades móveis para Lock.’

O aparelho de Lock crepitou com estática, e então ficou limpo.

Um momento depois, a voz do segundo em comando de Lock, Ty Johnson, veio, calma e sob controle. ‘Diga lá, Ryan.’

‘Tem uma previsão para mim?’

‘Uns dois minutos. Que tipo de recepção esperamos?’

‘A de sempre.’

‘O chefe quer chegar pela frente.’

‘Vou garantir que estejamos prontos.’

Lock foi até Caffrey, que tinha feito uma retirada diplomática para seu carro. Ele bateu no vidro e apreciou a expressão irritada de Caffrey enquanto abaixava o vidro e era atingido pelo vento frio.

‘Estamos trazendo ele pela frente.’

Caffrey revirou os olhos. ‘Não é ruim o suficiente termos meia dúzia de oficiais presos aqui toda santa manhã?’

‘Meio bilhão de dólares e uma linha direta para o prefeito, sem falar da constituição americana, garantem que ele possa chegar pela entrada principal de seu próprio prédio se assim desejar,’ Lock disse, se virando antes que Caffrey tivesse a chance de responder.

Caffrey deu de ombros e levantou o vidro novamente. A quatro quarteirões de distância, três Yukons escurecidas e blindadas atravessavam o trânsito matinal.

Dois

Dentro da primeira Yukon, Ty Johnson checkou sua arma, e a posição dos outros dois veículos através do retrovisor. Tudo certo.

Ty sinalizou para seu motorista ir para a esquerda e ocupar uma pista na contramão, enquanto os carros estavam presos no sinaleiro. Isso permitiu que as outras SUVs ficassem à frente, de forma que o veículo de Ty agora estava na traseira e ele teria uma visão clara dos passageiros que saíssem.

Ty botou a cabeça para fora da janela e olhou para trás. Próximo deles, uma Hummer vermelha seguia atrás.

Dentro da Hummer estava a equipe de contra-ataque, liderada por Vic Brand, um ex-coronel da Marinha. Ty sabia que Lock tinha evitado ativá-los. Normalmente, uma equipe de CA era a garantia dos militares em situações de perigo extremo, e Lock achou que era um exagero. No entanto, Stafford Van Straten, aparente herdeiro do império da família e constante espinho na vida de Lock, tinha confundido uma passagem pelo Corpo de Treinamento de Oficiais de Reserva quando estava em Dartmouth com experiência em segurança, e insistiu em recrutá-los, convencendo seu pai de que seria uma boa adição ao time de segurança.

Lock não tinha tempo para Stafford; assim como Ty. E eles tinham ainda menos tempo para Brand, um homem que se deliciava em impressionar os membros mais jovens da equipe de CA com seus feitos no Iraque, muitos dos quais, Lock tinha dito para Ty, eram mentira. Ty, tendo checado com alguns de seus amigos da Marinha, não tinha tanta certeza.

O mundo da segurança estava lotado de pessoas como Brand, fantasiosos em série que falavam mais do que faziam. Para Ty, um bom guarda-costas era como Lock, o típico cara neutro que se mesclava com o cenário, aparecendo apenas quando necessário. Para ele, Brand se mesclava tão bem quanto Marilyn Manson em um show do Jonas Brothers.

Lock observou enquanto os manifestantes eram distanciados pelos policiais. Se um deles avançasse, Lock botaria Nicholas Van Straten na sala de reuniões com seu café descafeinado e uma cópia do Wall Street Journal antes que chegassem até a porta. Inconscientemente, sua mão desceu e sentiu a coroa da Sig Sauer 226, assim que a primeira Yukon parou na entrada.

A porta do passageiro do veículo traseiro abriu primeiro. Lock assistiu enquanto Ty dava a volta para abrir a porta da Yukon do meio para o guarda-costas designado sair. Enquanto o resto da equipe se posicionava, se espalhando de forma a ter visão de todos os ângulos, o clamor dos ativistas foi aumentando.

‘Assassino!’

‘Ei, Van Straten, quantos animais planeja matar hoje?’

O guarda-costas, um homem esguio chamado Croft, abriu a porta de Nicholas Van Straten, e ele saiu. Para um homem que recebia ameaça de mortes do jeito que as pessoas recebiam spam, ele parecia estar bastante calmo. Sua equipe de escolta já estava posicionada, pronta para levá-lo ao prédio. Mas claramente Van Straten tinha outros planos.

Virando bruscamente perto de uma das Yukon, ele começou a andar em direção às obscenidades emanadas do outro lado da rua. Lock sentiu um surto de adrenalina começando a crescer enquanto Van

Straten começava sua caminhada não planejada.

‘Onde diabos está Stafford?’ Nicholas Van Straten perguntou para um de seus seguranças, que parecia ter dificuldade em acompanhar o passo do chefe.

‘Não faço ideia, senhor.’

‘Era para ele estar aqui,’ Van Straten disse, com um ar de dissabor que não chegava a ser surpresa. Claramente ele estava acostumado a ser decepcionado pelo filho.

Lock viu Van Straten confrontar Stokes na barreira. Ansiosamente, ele ligou o microfone. ‘O que diabos ele tá fazendo?’

Um segundo se passou antes que Ty respondesse. ‘Conhecendo seu público?’

A equipe de quarto pessoas se manteve ao redor de Van Straten. Croft olhou para Lock como se dissesse, ‘Que merda eu faço agora?’

Lock pôde apenas dar de ombros. Isso não estava no manual, e ele não gostava nem um pouco.

‘Senhor, se não se importar...’ o pedido de Croft se perdeu.

‘Se eu não me importar o quê?’

Van Straten parecia estar gostando do pânico que surgia dos homens ao seu redor.

Alguns metros para trás, a Hummer estava chegando. Lock conseguia ver os dois homens de Brand no banco da frente levantando uma arma, uma M-16. Suspirando, Lock ativou o rádio novamente, esperando um momento para garantir que o começo da transmissão não se perdesse.

‘Lock para Brand. Fala pro imbecil na sua frente esconder o brinquedinho. Caso ele não tenha percebido, estamos no centro da cidade, e não em Mossul. Se eu o ver novamente, ele vai fazer hora extra com um plugue.’

Lock respirou aliviado quando viu a M-16 sumir para baixo do painel.

‘O que o seu chefe tá fazendo? Leva ele pra dentro do maldito prédio antes que tenhamos um morim em nossas mãos.’ Caffrey tinha atravessado a rua e estava falando com Lock.

Estática no receptor de Lock, e então uma mensagem de Ty. ‘Ele quer falar com eles.’

Lock repassou a mensagem, e a expressão de Caffrey foi de raiva à inconsciência.

Quanto Van Straten chegou na barreira, Stokes estava a menos de dois metros de distância. O silêncio tomou conta quando as provocações e ameaças pararam, com os manifestantes surpresos pela proximidade do seu alvo de ódio. Um câmera da CNN tentou passar na frente de Lock.

‘Se não se importa, recue um pouco, senhor,’ disse Lock, tentando manter a calma.

‘Quem diabos você acha que é pra me dizer o que fazer?’

Lock levantou as mãos, palmas abertas em surpresa. ‘Senhor, eu realmente ficaria grato se você recuasse,’ ele adicionou, simultaneamente enfiando sua bota direita contra a canela do homem.

Enquanto o câmera se afastava, xingando, Lock se virou para ver Van Straten confrontar Stokes.

‘Pensei que uma delegação do seu grupo gostaria de se reunir comigo hoje,’ Van Straten dizia.

Stokes sorriu. ‘Recebeu minha mensagem, é?’

A mídia já estava tomando conta do lugar. Uma repórter loira, Carrie Delaney, foi a primeira a ser ouvida por cima do metralhar de questões. ‘Sr. Van Straten, o que pretende discutir lá dentro?’

Lock trocou olhares com ela por um segundo. Ela fez questão de virar a cara.

Um correspondente com cara de riquinho e físico de jogador de futebol americano interrompeu antes que Van Straten pudesse responder. ‘Esse é um sinal de que você está se rendendo aos extremistas?’

Carrie lançou um olhar contra o rapaz. *Babaca*. Lock percebeu o sorriso dele. *O mesmo pra você, gatinha*.

Van Straten levantou as mãos. ‘Senhoras e senhores, ficarei feliz de responder quaisquer questões que vocês possam ter depois da minha reunião com o Sr. Stokes.’

Mais corpos se empurrando. Um homem atrás de Lock foi empurrado pelo surto da multidão crescente. Lock o empurrou de volta.

Ele olhou em volta. Parecia como qualquer tentativa de assassinato que já tinha visto, cinco segundos antes de acontecer. Uma onda caótica de corpos, seguranças pegos de surpresa e, de repente, alguém botando o plano em ação.

Três

Quando Lock desceu do elevador, Croft, o guarda-costas de Van Straten, estava posicionado frente à porta que levava até a sala de conferências.

‘Quem está dentro?’

‘Só o velho e o Stokes.’

‘Deu uma olhada neles?’

Croft fez que não com a cabeça. ‘Ele não queria ser perturbado. Não precisa se preocupar, garanti que ele estivesse sentado na ponta da mesa antes de sair.’ Lock relaxou um pouco. Havia um botão de emergência naquela área da mesa. Não que ele achasse que Stokes seria estúpido o suficiente para tentar alguma gracinha.

‘Alguma ideia de porque o chefe queria a reunião?’ Croft deu de ombros. ‘Nem ideia.’

‘Ele não disse nada no carro, pela manhã?’

‘Nem uma palavra. Só sentou na parte de traz, olhando seus documentos. O mesmo de sempre.’

Sendo justo com Croft, Lock descobrira que Nicholas Van Straten era um homem difícil de se ler. Não que ele fosse taciturno ou mal-educado. Muito pelo contrário, na verdade. Contrastando com seu filho, Nicholas Van Straten parecia fazer questão de ser excessivamente educado com aqueles que trabalhavam para ele, muitas vezes na proporção contrária ao seu tempo trabalho na empresa.

‘Então ninguém sabe o motivo da reunião?’ Croft fez que não novamente.

Lock virou e estava caminhando de volta ao elevador quando as portas da sala de conferências se abriram e Van Straten saiu.

‘Ah, Ryan, era você mesmo que eu queria,’ disse ele, voltando sua atenção para Lock.

‘Senhor?’

‘Primeiramente, eu devo desculpas a você e aos seus homens. Eu deveria ter avisado sobre meus planos.’

Lock engoliu sua irritação. ‘Não tem problema, senhor.’

‘Abrir discussões diretas com o Sr. Stokes e seu grupo foi uma decisão de última hora.’

‘Sim, senhor.’

‘Agora, em uns dez minutos, eu e ele vamos lá fora fazer um anúncio de colaboração.’

‘Senhor, se eu puder dar uma sugestão.’

‘Claro, claro, vá em frente.’

‘Talvez se achássemos um local dentro do prédio onde você pudesse—’

Van Straten interrompeu-o. ‘Já pensei nisso, mas Missy achou que seria algo mais visual se fizéssemos nos degraus. Ah, e você poderia pedir um pouco de café? Sem leite. O Sr. Stokes não bebe. Algo a ver com vacas acharem o processo emocionalmente inquietante.

‘É pra já, senhor.’

Van Straten voltou para a sala e fechou a porta, deixando Lock sozinho com Croft.

‘Quem diabos é Missy?’ Locke perguntou.

‘Uma moça do escritório de relações públicas. O velho ligou pra ela uns dois minutos antes de você chegar.’

‘Sensacional,’ Lock disse, tentando excluir a exasperação da voz. Agora a estratégia de segurança estava lendo liderada por alguém que provavelmente achava que um IED era um método contraceptivo.

‘Cara, relaxa,’ disse Croft. ‘Parece que a guerra acabou.’

Lock se aproximou dele. ‘*Cara*, nunca fale desse jeito novamente em minha presença.’

Croft ficou confuso. ‘O que? Eu não xinguei.’

‘A meu ver, “relaxa” é pior que qualquer xingamento.’

Do lado de fora, rumores da reunião entre Gray Stokes e Nicholas Van Straten tinham vazado, trazendo ainda mais jornalistas ao local. Espectadores e manifestantes preenchiam os espaços, como ursos esperando para pegar qualquer peixe de informação que chegasse muito perto.

Lock terminou de instruir sua equipe nos degraus logo que Gray Stokes emergiu da entrada, seu punho cerrado levantado numa imitação da saudação black power. Ao seu lado, Nicholas Van Straten olhava para baixo. Croft, de castigo, estava perto de seu chefe.

‘Conseguimos!’ gritou Stokes, sua voz rouca no ar gelado. ‘Nós ganhamos!’

Dois manifestantes vaiaram quando a matilha de jornalistas correu afrente. Lock percebeu que Croft e Ty, que estavam flanqueando Van Straten, pareciam nervosos quando os repórteres se aproximaram, empurrando um ao outro para conseguir se posicionar.

Lock, preocupado que a algazarra fosse derrubá-la, ficou entre Janice, na cadeira de rodas, e um repórter que se espremia perto dela. ‘Pessoal, se pudessem dar a todos aqui um pouco de espaço,’ ele gritou.

Sabendo o que Lock tinha feito com o cinegrafista, aqueles próximos a ele se apressaram para liberar espaço.

Van Straten limpou a garganta. ‘Eu gostaria de fazer um pequeno comentário, se possível. A partir da meia-noite de hoje, a Meditech e suas subsidiárias, assim como todas as companhias com quem trabalhamos em parceria, deixarão de fazer testes em animais. Uma versão mais completa dessa decisão será liberada para todos os jornais posteriormente.’

Antes que Stokes pudesse falar algo, uma enxurrada de questões inundou Van Straten. Mesmo na vitória, Van Straten estava roubando seu momento, e Stokes não parecia estar nem um pouco feliz. ‘Eu também tenho um comentário!’ ele gritou. Mas os jornalistas o ignoraram, continuando a questionar Van Straten.

‘O que está por trás da sua mudança de política, Sr. Van Straten?’

‘Os extremistas que profanaram a memória de sua mãe ganharam hoje?’

Outra pergunta, dessa vez mais pertinente à maioria da audiência que estava em casa: ‘Como você acha que essa decisão vai afetar o valor de mercado da sua companhia?’

Van Straten esticou os braços. ‘Senhoras e senhores, por favor. Acho que seria rude se vocês nem sequer ouvissem o que o Sr. Stokes tem pra dizer em relação ao assunto.’

Lutando para manter a calma, Stokes deu um único passo para a direita. Agora ele estava na frente do diretor da Meditech. Agora era seu rosto que preenchia as telas diretamente atrás dele, e milhões de outras telas pelo país.

Ele levou a mão direita até a boca, fingindo limpar a garganta, e esperou que o silêncio se assentasse.

‘Hoje foi um dia histórico para o movimento em defesa dos animais,’ ele começou.

Mas antes que ele pudesse terminar a frase, seu pescoço estalou para trás. Uma única bala de calibre .50 tinha vaporizado sua cabeça.

Quatro

Lock se colocou em frente a Croft e sacou sua arma, permitindo que Croft girasse Van Straten para que ficassem de costas. Com sua mão esquerda, Croft agarrou a gola da camisa de seu protegido, permitindo que atirasse com a mão direita, enquanto recuava o mais rápido possível. Lock permaneceu firme entre a confusão de corpos e Ty e Croft, que levavam Van Straten de volta para o prédio.

Lock procurou em volta por Brand e o resto da equipe de apoio mas eles haviam desaparecido. Recuando, ele gritou para Ty,

‘Leva ele pra cima!’

Na sua frente, as pessoas corriam em todas as direções, a multidão se partindo em V na frente do prédio assim que se ouviu outro tiro, dessa vez acertando um manifestante no peito. Ele caiu de cara no chão e não se mexeu.

Um suspiro de alívio para Lock, que viu a jornalista Carrie Delaney correndo para a van de notícias estacionada na esquina.

Virando para a direita, Lock se deparou com Janice Stokes sentada em sua cadeira de rodas enquanto sua mãe batalhava para fazê-la andar. Ao mesmo tempo, ele viu mais uma razão para o pânico coletivo.

Um Hummer vermelho corria em direção à entrada do prédio em velocidade máxima, sua trajetória uma diagonal firme contra a única pessoa incapaz de sair da frente. Mesmo que os freios fossem acionados naquele instante, o momento do veículo o levaria por pelo menos 60 metros, mais que suficiente para acertar Janice.

Lock correu, seu pé esquerdo deslizando enquanto ele lutava para conseguir tração nos degraus congelados. Outro tiro foi disparado, quebrando o que sobrara do painel de vidro do prédio. Desesperado, ele se jogou contra Janice, fazendo ambos derraparem pela pedra polida.

Atrás deles, o Hummer começara a frear, as rodas travando, o puro peso carregando-o inevitavelmente em direção à entrada do prédio e pelos degraus. A mãe de Janice permaneceu imóvel enquanto o carro rolou por cima do corpo de Stokes e acertou-a em cheio. Ela foi jogada no ar, um emaranhado de membros, e caiu com um baque entre as rodas da frente do Hummer.

Janice abriu a boca pra gritar quando o Hummer foi jogado para dentro da recepção. ‘Mãe!’ ela gritou e Lock puxou-a para trás, cobrindo os ouvidos dela.

Ele torceu o pescoço para ver um das portas do Hummer se abrindo e Brand saindo. Ele carregava o M-16 em sua mão direita. Olhou a devastação que o veículo tinha causado no lugar e caminhou calmamente até Lock, rifle levantado, vidro se estilhaçando sob suas botas.

Lock se desvencilhou de Janice quando um paramédico se aproximou e ajoelhou-se próximo a ela. A equipe de suporte desceu do Hummer, um de cada vez, e se posicionou no lobby, armas sacadas.

‘Eu assumo daqui, parça.’ Brand disse a Lock.

Lock sentiu um surto de raiva se manifestar enquanto a bile invadia sua garganta. Uma jovem acabara de ver a cabeça de seu pai explodir e sua mãe ser atropelada por Brand.

Brand sorriu. ‘Relaxa, cara, ela era uma só uma maldita manifestante.’ Lock levou seu braço direito para trás e deu um passo à frente. Antes que Brand tivesse a chance de desviar, o cotovelo direito de

Lock acertou em cheio a boca de Brand. Houve um barulho satisfatório de ossos quebrados na medida que a cabeça dele era jogada pra trás e sangue escorria pelo lado da sua boca.

‘Ela era um ser humano,’ disse Lock, indo embora.

Five

Subitamente consciente de sua respiração pesada, Lock se escondeu atrás de um Crown Vic estacionado a vinte metros da entrada do prédio, tomando cuidado para não ficar muito perto da lataria, para não ser acertado por eventuais estilhaços. Ficar muito perto se chamava cobertura abraçada. Cobertura abraçada te matava.

Só um minuto e meio tinha se passado entre Stokes sendo morto e ele chegando até aqui. Em um contato unilateral como esse, parecia uma eternidade.

O que foi que seu pai tinha lhe dito ao explicar o trabalho de um guarda costas, quando tinha então dez anos de idade? *Horas de tédio, momentos de terror.*

Ele olhou de relance e viu o Sargento Caffrey agachado perto dele, encostado no veículo. Lock agarrou-o pelo ombro e puxou-o para trás.

‘Que diabos você tá fazendo?’

‘Você tá muito próximo.’

‘O que quer dizer?’

‘Quer uma lição na maneira apropriada de usar cobertura agora? Só faz o que eu digo e não sai daí.’

Caffrey fez uma careta, sua complexão pálida avermelhada pelo vento congelante e o exercício súbito. ‘Cara, eu estaria trabalhando no Bronx se quisesse fazer esse tipo de coisa.’

‘Acho que eles estão lá em cima,’ disse Lock, acenando em direção a um prédio vermelho de três andares com um restaurante coreano no térreo que se apertava entre os prédios vizinhos mais refinados.

‘Eles? Como você sabe que tem mais de um deles?’ Caffrey perguntou, espiando.

Lock puxou-o de volta. ‘Um atirador solitário ou é um universitário enlouquecido que não sabe atirar, ou alguém em um filme. Um profissional trabalha com um sentinela. E esses caras são profissionais.’

‘Você viu eles?’ Ele perguntou.

Lock negou. ‘Vai no que eu digo. É o único lugar onde podem estar. O ângulo do primeiro tiro teria dado a ele a elevação perfeita para acertar Stokes de fora da multidão.’

‘Ty?’ Lock perguntou, ativando o rádio.

‘Pode falar.’

‘Cadê o Van Straten?’

‘Escondido com leite e biscoitos. Contagem?’

‘Três mortos.’

Um homem de meia idade, em um terno, saiu da proteção à esquerda de Lock. Abraçando sua maleta, se abaixou por trás do carro, andando uns poucos metros antes de ser acertado pelo atirador.

‘Correção. Quatro.’

Tiros automáticos rangeram de dentro do lobby quando Brand e sua equipe atiraram de volta.

‘Okay, então, Ty. Deixa o Croft com Van Straten e desce. Cuidado pra não deixar o Brand e seus amiguinhos acertarem mais civis.’

‘Pode deixar.’

Lock virou para Caffrey. ‘Quanto tempo pra SWAT chegar?’

‘Eles devem estar aqui em cinco. Vamos esperar até lá.’

‘Quando eles chegarem, lembra de avisar que eu estou do seu lado.’

‘Onde diabos você vai?’

‘Dar a boa notícia a esses babacas,’ disse ele, correndo para a porta mais próxima.

Ele grudou na entrada do prédio apostado ao da Meditech. Agora que estava no mesmo lado da rua que os atiradores, podia ir subindo, centímetro por centímetro, checando todos os ângulos. Seu único medo era ser morto por engano pelo grupo doido de Brand.

A placa na porta do restaurante mostrava ‘Fechado’. A loja não tinha fechado nem para o Dia de Ação de Graças. Agora Lock tinha certeza que estava no lugar certo. Tentou a maçaneta, mas estava trancada. Com a corronha da SIG, ele acertou a porta de vidro e entrou.

Lá dentro, não havia sinal de vida. A calma era inquietante considerando o barulho de sirenes e gritos do lado de fora. Ele caminhou lentamente até o balcão, os dedos de sua mão direita agarrados ao cabo da SIG enquanto a esquerda segurava mais embaixo.

Atrás do balcão havia uma mulher jovem agachada por baixo do caixa, suas mãos presas com travas de plástico e sua boca selada com fita adesiva. O espaço era pequeno. Esses lugares tentavam usar todo o espaço possível para produtos. Quando ele agachou, sua mão encostou no ombro dela, surpreendendo-a.

‘Tá tudo bem, você vai ficar bem,’ ele cochichou.

Ele achou a ponta da fita com a unha.

‘Isso vai doer um pouco mas tente não gritar, beleza?’ Ela acenou com a cabeça, as pupilas ainda dilatadas pelo terror.

‘Eu vou puxar bem rápido, que nem Band-aid. Um, dois, três...’

Ele puxou a fita com força, um grito prendendo na garganta da jovem.

‘Meu pai está por ali,’ ela disse, as palavras saindo em arfadas curtas. Ela apontou para o corredor que serpenteava da frente para a parte de trás da loja. ‘Ele tem problema no coração.’

‘Quem mais está aqui?’

‘Dois homens. No andar de cima.’

‘Certeza?’

‘Sim. Ainda não desceram.’

‘Onde são as escadas?’

Ela acenou com a cabeça para o corredor, na direção de uma porta de madeira marrom.

Lock pegou sua faca, puxando e travando-a em um único movimento. A mulher piscou os olhos.

‘Eu vou soltar suas mãos.’

Ela parecia entender, mas seu corpo continuava tenso e duro quando ele alcançou a parte de trás para cortar as algemas de plástico. De início, tinha achado que quem a prendera tinha usado tiras de plástico, mas agora viu que essas eram de verdade. Os militares usavam esse tipo de coisa em lugares como o Iraque, onde era necessário prender grandes números de pessoas por um curto período de tempo. Ainda assim, a lâmina fina da faca cortou rapidamente o plástico grosso e branco.

‘Você cuida do seu pai. Se ouvir tiros, sai da loja mas fica desse lado da rua.’

Lock se levantou e foi até a porta que levava às escadas. Abriu, entrou e olhou pra cima. Poeira foi se prendendo em sua garganta enquanto subia as escadas, tomando cuidado para manter seu peso em equilíbrio em cada degrau. Ele se focou em reduzir sua respiração a medida que seu campo de visão, que tinha diminuído, voltava a clarear. Quando chegou no segundo andar, suas batidas tinham desacelerado em vinte batimentos por minuto.

Passos martelaram acima dele. Quem quer que fosse, estava com pressa. Ele se agachou com as costas para a parede, sua 226 mirando no vão entre as hastes de ferro do corrimão do terceiro andar.

Houve um movimento súbito quando alguém saiu da cobertura acima dele, em um borrão. Antes que Lock pudesse botá-lo na mira, tinha desaparecido.

Devagar, ele começou a subir o último lance de escadas, a SIG em sua frente, o indicador descansando no gatilho. No topo das escadas havia uma única porta, à esquerda. Para a direita, outra porta, aberta.

Ele foi para a direita primeiro, seguindo pelo corredor, empurrando a porta com a ponta da bota. O quarto cheirava a mofo, úmido. Dentro, havia uma mesa próxima a um armário solitário. A janela estava aberta, dando para o beco de trás. Um pino de metal sido martelado na armação; um pedaço de corda de alpinismo azul presa ao pino ondulava no ar. Lock foi até a janela e olhou pelo lado de fora, vislumbrando o que ele suspeitava ser as costas da equipe de atiradores enquanto corriam.

Ele acionou o rádio. ‘Ty?’ sussurrou.

‘Estou aqui.’

‘Restaurante coreano, meio bloco. Segundo andar.’

‘Beleza, chapa, passarei adiante.’

Com alguma sorte a equipe da SWAT poderia criar um perímetro de quatro blocos e encontrá-los antes que pudessem escapar. Nova York podia até providenciar o melhor ambiente para camuflagem urbana, mas mesmo um assassino cansado e suado, carregando as ferramentas de trabalho, não passaria despercebido.

Lock voltou para o corredor, parando em frente a porta fechada que tinha visto. Deu um passo para trás e levantou a perna direita. A porta se escancarou com o impacto de sua bota.

Houve um barulho ensurdecador quando uma espingarda, presa à maçaneta da porta por uma linha de pesca, acionou. A força do impacto atirou Lock de volta ao corrimão. Ele caiu de costas com tudo, sua cabeça batendo contra a parede, deixando um entalhe no gesso. E então tudo ficou escuro.

Seis

Um grupo de sedans se ocultava do lado de fora do prédio de luxo. Motores ligados, eles soltavam um pequeno banco de fumaça que atravessava a pista Franklyn D. Roosevelt, na borda de East River.

Próximo a entrada cercada por árvores, Natalya Verovsky se protegia embaixo de um guarda sol de golfe com o logo do Four Seasons. Ficando longe de outros casais e babás que esperavam para buscar suas crianças da festa de Natal, ela deu uma olhadela no relógio. Eles deveriam sair a qualquer minuto.

Depois do que pareceu uma eternidade, um grupo de crianças animadas começou a emergir segurando bolsas cheias de lembrancinhas. Por último, como de costume, estava Josh, uma criança molenga de sete anos com cabelo marrom despenteado. Ele parecia estar engajado em uma conversa comicamente honesta sobre a existência de Papai Noel com um de seus amigos.

Vendo Natalya, Josh parou a conversa no meio com um rápido ‘Tenho que ir’ e correu até ela.

Normalmente, esse era o sinal para Natalya agarrar Josh em um grante abraço, levantá-lo e dar beijão, que Josh fingia achar nojento, mas ela sabia que secretamente ele adorava. Hoje, no entanto, ela pegou sua mão sem uma palavra, mesmo sabendo que ele achava pior dar as mãos do que ser beijado.

‘Ei, eu não sou um bebê,’ ele protestou.

Natalya não disse nada, o que fez com que Josh olhasse pra ela, seu radar apitando. ‘O que houve, Naty?’

A voz de Natalya se afiou. ‘Nada. Vamos.’ Ela o apressou em direção ao sedan estacionado do outro lado da rua.

Ao abrir da porta de trás, Josh parou. ‘Porque não estamos andando?’

‘Está muito frio para andar.’

Uma mentira. Estava frio. Congelando, na verdade. Mas já tinham andado para casa em situações piores.

‘Mas eu gosto do frio.’

Natalya apertou a mão de Josh ainda mais. ‘Rápido, rápido.’

‘Podemos tomar chocolate quente em casa?’

‘Com certeza.’ *Outra mentira.*

Josh sorriu, uma vitória aparentemente ganha. Natalya sabia que seu pai odiava que comesse qualquer coisa doce antes do jantar, e no geral ela o acompanhava, permitindo que Josh comesse doces como presente depois de terminar seu dever nas Sextas a tarde.

Ele subiu no banco de trás. ‘Com marshmallows?’

‘Claro,’ disse Natalya.

Dentro do carro, o motorista, a face obscura pela partição, deu uma buzina antes de levar a Mercedes à rua. No fim do quarteirão, ele fez uma direita descendo a 84 em direção à 1ª Avenida.

Natalya olhava pra frente fixamente.

Josh olhava pra ela, sua cara estampada com preocupação adulta. ‘Tem algo errado, não tem?’

Um barulho seco quando as portas se trancaram. Natalya podia ver o início do pânico dos olhos de Josh. ‘É só pra você não cair.’ Uma terceira mentira.

‘Mas eu não vou cair.’

O sinal verde ficou verde. Natalya se esticou para prender o cinto de Josh quando o car se lançou pra frente para não pegar os próximos sinais. O parque estava a direita deles agora, as árvores estéreis e despidas de folhas. Passaram por um corredor solitário, seu rosto duro enquanto se jogava contra o vento cortante.

Na 97, eles viraram no Central Park, em direção ao Upper West Side. Agora, qualquer pretensão de que estavam indo para casa desaparecera.

Josh soltou seu cinto e se levantou no assento para olhar pela janela de trás. ‘Esse não é o caminho,’ ele protestou, sua voz aguda de preocupação. ‘Onde estamos indo?’

Natalya deu seu melhor para calá-lo. ‘É só por um tempinho.’

Essa parte, haviam prometido, era verdade.

‘O que é só por um tempinho? Onde estamos indo?’ Ele parou e respirou, trêmulo. ‘Se não formos para casa agora, vou contar pro meu Pai, e ele vai te despedir.’

A partição que separava o motorista desceu e ele deu uma girada. Seu cabelo era estilo militar, curto, e com flocos cinzas nas têmporas. O terno preto no qual estava enfiado, para dar a impressão de ser um chofer, parecia estar em perigo de rasgar sob seus braços.

‘Leva a gente pra casa!’ Josh gritou com ele. ‘Agora!’

O motorista ignorou-o. ‘Ou você faz esse pirralho sentar, ou faço eu,’ ele disse para Natalya, puxando o colete para revelar um coldre de ombro e uma Glock 9mm presa a ele, o cabo preto contra a camisa branca.

Josh olhou pra ele fixamente, a visão da arma aquietando-o, transformando o pânico em raiva silenciosa.

Além do motorista, pelo vidro transparente do para-brisas, ele viu o conhecido veículo azul e branco da polícia de Nova York dirigindo em direção a eles. Em alguns segundos, estariam paralelos. Mais um segundo e desapareceria.

Sentindo que essa era sua única chance, Josh se jogou subitamente em direção ao banco da frente. O cotovelo direito do motorista voou, acertando o topo de sua testa com um baque e arremessando-o de volta ao banco de trás. ‘Sentado, cacete,’ ele disse, apertando um botão no painel e levantando a partição novamente.

Natalya botou Josh de volta no banco. A área onde ele tinha levado a pancada já estava inchando. Um ou dois centímetros abaixo e ele teria destruído a ponte do nariz. Segurar as lágrimas era fútil.

Seus olhos queimaram contra Natalya. ‘Porque você tá fazendo isso?’

Quando os soluços de Josh vieram, fortes e rápidos, Natalya fechou os olhos, o nó de desespero que estava se formando em seu estômago a semanas se solidificando. Ela sabia agora algo que tinha negado esse tempo todo. Que cometera um erro terrível.

A poucos metros de distância, o carro da polícia passou por eles. Nenhum dos policiais prestou atenção no sedan.

Sete

Dez minutos depois do motorista ter acertado Josh, a partição voltou a descer e ele jogou uma mochila na direção de Natalya. Ela a abriu, tremendo, mesmo sabendo o que estaria dentro.

O primeiro item era uma sacola plástica com o logo azul e vermelho de Duane Read. Indo mais a fundo, ela encontrou um par de roupas de criança, novas e nas medidas de Josh: jeans azuis, uma camiseta branca, e um suéter da marinha. Nada de personagens de desenhos animados, nomes de marcas, slogans, ou qualquer outra coisa perceptível. Genérico. Anônimo. Escolhidos justamente por isso.

‘Olha, roupas novas,’ disse Natalya, fazendo seu melhor para atrair Josh para fora canto do banco de trás.

Josh virou para Natalya, lágrimas secas parecendo glicerina em suas bochechas. ‘Elas são feias.’

‘Vamos trocar de roupa?’

‘Por quê?’

‘Por favor, Josh.’

Josh deu uma olhada na partição. ‘Esquece.’

Natalya se aproximou dele. ‘Não queremos que ele fique bravo novamente, né?’

‘Quem é ele?’ Josh perguntou. ‘Seu namorado?’ Natalya mordeu o lábio inferior.

‘Ele é, não é?’

‘Quem ele é não importa.’

‘Por que vocês estão fazendo isso comigo?’

Natalya abaixou a voz. ‘Olha, eu cometi um erro. Eu vou tentar e te tirar daqui. Mas por agora, você precisa me ajudar.’

‘E por que eu deveria acreditar em você?’

‘Por que você não tem escolha.’

Finalmente, depois de enrolar mais um pouco, Josh se trocou. Natalya enfiou suas roupas de festa na mochila, resolvida a parte fácil. Depois, ela pegou a sacola da drogaria, se preparou, e voltou a largá-la. A não ser que fosse prender Josh no chão e arriscar machucá-lo no processo, isso teria que ser feito com cuidado.

‘Ficou bonito com as roupas,’ ela disse.

‘Não fiquei não.’

‘Elas são bonitas.’

Nada disso estava funcionando e ela viu que Josh estava começando a tremer de novo.

Ele mudou de posição no banco. ‘Podemos ir pra casa? Por favor? Se você quer dinheiro meu pai pode te dar, mas eu quero ir pra casa.’

‘Não é tão simples.’

‘Por que não?’

Natalya puxou um par de tesouras de cabelereiro da sacola.

As mãos de Josh foram imediatamente para a cabeça. ‘Não. Meu cabelo não.’

O carro diminui e parou no acostamento, recebendo buzinas do carro de trás. A partição desceu. Dessa vez o motorista tinha uma arma em mãos. Ele apontou-a diretamente para Josh. ‘Se eu tiver que

parar mais uma vez, você vai se arrepender.’

Tremendo, Josh virou de costas para Natalya. De pernas cruzadas, ela se posicionou e começou a trabalhar.

Cinco minutos depois o banco de trás estava cheio de longas mechas de cabelo marrom escuro. Josh passou a mão pela nuca, pelo cabelo irregular.

Natalya segurou a mão dele e deu uma apertada. ‘Ele vai crescer de novo. Agora, deixe-me dar uma arrumada.’

Ela fez alguns pequenos ajustes, se perdendo na tarefa por um momento.

‘Pronto. Agora sabe o que cairia muito bem com esse estilo?’

‘O que?’

‘Uma cor diferente.’

‘Pode ser,’ Josh disse, parecendo completamente derrotado.

Natalya procurou pela sacola novamente, suspirando quando achou o pote de tintura de cabelo. Olhando rapidamente as instruções na parte de trás, ela reclamou alto, e deu um toque na partição. ‘Eu não posso usar isso agora.’

O motorista olhou para ela pelo retrovisor. ‘Por que não?’

‘Precisa de água. Vai ter que esperar.’

‘Tem certeza?’

‘Acha que sou idiota?’

Ela enfiou o pote pela partição, cobrindo a parte do rótulo que dizia ‘Aplicação seca especial’ com dois dedos. O motorista grunhiu, enfiou o pote no terno e ligou o carro.

‘Não se preocupe, não vou deixar nada de ruim acontecer com você,’ Natalya sussurrou, acolhendo Josh com um braço.

‘E isso aqui não é ruim?’ Ele questionou.

Natalya o puxou mais perto e ele finalmente cedeu, se aninhando nela. Quinze minutos depois, ele estava começando a dormir, sua cabeça descansando no ombro de Natalya, quando o carro parou e o motorista abriu a porta, puxando ambos para o frio do lado de fora.

Enquanto tremiam na névoa congelante da chuva, o motorista apareceu com um aspirador de carro novo em folha e removeu o cabelo de Josh do banco de trás. Alguém apareceria depois para buscar o carro.

A área onde estavam era desolada e meio industrial, com uma pista à esquerda. Eles se arrastaram pela camada de neve que lembrava açúcar, em direção a um imenso portão de metal, no meio do nada. Para ambos os lados, estendiam-se cercas de arame aparentemente intermináveis. Carros distantes passavam rápidos. Fora isso, estavam sós. Um homem armado, Natalya, e a criança de quem cuidava e que tinha tão cruelmente traído.

Natalya olhou em volta, procurando algo para de localizar – uma placa, talvez, ou uma loja – mas tudo que conseguia ver era o rio. Ela conseguia ouvir o som próximo das ondas batendo contra as docas.

Tudo tinha mudado pra ela quando Josh apanhou. Independentemente do que estava em jogo para ela, estava determinada a se redimir. E isso significava levar Josh de volta ao seu pai em segurança.

Ela teria que escolher a hora certa com cuidado. Não haveria uma segunda chance.

Eles não tinham passado por nenhum dos túneis ou pontes então ela sabia que ainda estavam em Manhattan, mas não era preciso um gênio para saber que essa vizinhança estava bem longe de Upper East Side.

O motorista empurrou Natalya em direção ao portão com a palma da mão. ‘Anda,’ grunhiu.

Na porta, uma câmera de segurança solitária fazia sua ronda, acompanhada de um leve barulho hidráulico. O portão tremeu e o motorista o abriu, empurrando Natalya e Josh para dentro.

No fim do píer, uma lancha com um único motor se encontrava amarrada, vazia. Pintada de cinza

escuro, boiava raso na água. Foram até ela, o motorista entrando primeiro e quase caindo quando a água subiu repentina contra a lancha. Por um momento, Natalya pensou em correr, mas com o cais se estendendo por vários metros na água, ela sabia que não conseguiriam escapar a tempo.

Natalya ajudou Josh a subir na lancha.

‘Pega a corda pra mim,’ disse o motorista, empurrando Josh contra o chão para que não fosse visto por quem estivesse passando pelo rio.

Natalya desfez o nó da atracação e jogou a corda para ele. Agora era sua chance.

O motorista acenou para que viesse quando a lancha começou a se afastar do cais. ‘Rápido.’

Ela hesitou, e se deparou com os olhos aterrorizados de Josh. Não podia deixá-lo sozinho. Com um passo rápido, ela pulou. O motorista segurou sua mão e puxou-a para a lancha.

Ele ligou o motor e partiram deixando um rastro de espuma e óleo diesel. Logo perderam vista do cais, o horizonte preto e cinza.

Natalya contou os prédios que reconhecia. A torre do edifício Chrysler. O Empire States. A bocarra da abertura onde um dia existiram as Torres Gêmeas, agora substituídas pelo começo da Torre da Liberdade.

O motorista procurou na sacola e puxou o pote de tinta. Ele olhou para as instruções como se estivessem escritas em Sânscrito. Finalmente, olhou para Natalya. ‘Aplicação seca. Babaquice.’ Ele jogou o pote para Josh. ‘Vê se passa bem passado.’

Oito

Lock acordou em uma cama num quarto pequeno, preso a um monitor e um tipo de IV. Ele rezou para ser morfina, mas suspeitou ser salina. Se ainda estava com tanta dor, seria algum tipo de morfina de segunda.

Ele mexeu os dedos, aliviado por eles estarem respondendo. Para garantir que não era algum tipo de sensação fantasma, ele se livrou do lençol, surpreso que conseguia se mover com tanta facilidade, e por descobrir que tinha uma ereção. Talvez fosse algum tipo de resposta evolutiva a uma experiência de quase-morte. Isso ou uma bexiga cheia.

Ele esperou sua excitação dissipar, imaginando as situações mais sem sal possíveis para acelerar o processo. Não adiantou. Nem mesmo a Madonna em roupa de yoga deu certo. As persianas não estavam completamente fechadas, e ele conseguia ver, pela janela, luzes da cidade que nunca dorme, que não sentia falta dele.

Arriscando-se, jogou suas pernas para o lado da cama e, com uma mão na grade, levantou. Por uns dois segundos o quarto girou repentinamente, mas a sensação passou rápido, e ele conseguiu andar cuidadosamente até o banheiro minúsculo.

O homem que olhava para ele no espelho com uma expressão atônita tinha uma barba de três dias e uma cabeça raspada. Passando a mão pela cabeça, ele encontrou alguns pontos. Não sabia se era um ferimento ou resultado de uma incisão. Tocou-os com as pontas do dedo. Não sentiu dor, mas eram definitivamente pontos.

Seu rosto estava inchado, especialmente ao redor dos olhos. Seus olhos eram pontos azuis contra a palidez da sua pele.

Ele precisou de um momento para lembrar como chegara aqui. Alívio. Estava tudo lá. Os manifestantes, a caminhada inesperada de Van Straten, e então Lock nos degraus fora da Meditech e um tiro. Correção: tiros. Lembrou Carrie correndo para se proteger. Mais alívio. E ele indo enfrentar a ameaça, a jovem coreana presa, ele subindo pela escadaria, um estrondo, e tudo ficou preto.

Lembrava de tudo. Se permitiu um sorriso por isso.

Ele encheu a pia e começou a molhar o resto com água fria, parando no meio do processo quando a porta do quarto se abriu. Ele espiou, pressionando as costas contra a parede.

No quarto, um homem de jaqueta azul olhava em volta, como se a cama vazia fosse prova de um truque de mágica. Por um segundo, Locke meio que esperou que o cara procurasse com uma lanterna por baixo das cobertas.

Lock saiu do banheiro e o rosto do homem relaxou com um sorriso. ‘Aí está você.’

‘Aqui estou,’ foi tudo que conseguiu pensar como resposta.

Dominado por uma onda de exaustão súbita, Lock deu um passo em direção a cama e tropeçou. O homem ofereceu uma mão, ajudando-o. ‘Vai com calma.’

Lock dispensou-o, querendo botar umas cobertas entre ele e seu visitante. ‘Deixa eu adivinhar, FTAT?’

O escritório da Força-Tarefa Anti Terrorismo em Manhattan ficava no Federal Plaza. Composta de membros do FBI, ATF e da polícia nova-iorquina, a FTAT era responsável por lidar com todos os incidentes de terrorismo doméstico nos cinco bairros e além. A campanha contra a Meditech tinha caído

em sua jurisdição pois os ativistas tinham escalado suas ações. Lock tinha relações de trabalho com vários executivos da organização, apesar do homem em sua frente não ser um deles, se bem lembrasse.

‘John Frisk. Acabei de ser transferido.’

‘Ryan Lock.’

‘Pelo menos você lembra seu nome. É um começo.’

‘Então, de onde foi transferido?’

‘FBI.’

Lock sentou na cama. Frisk puxou uma cadeira e sentou próximo a ele.

‘Você deu sorte. Se tivesse sido acertado alguns centímetros para um dos lados das placas, estaria morto.’

Lock usara quatro placas, duas na frente e duas atrás. Elas ficavam em bolsos de cada lado de seu colete balístico para prover mais proteção.

Ele sorriu. ‘Talvez eu devesse visitar Vegas, enquanto estou com sorte.’

‘Me leva junto. Tô precisando de férias.’

Lock descansou a cabeça nos travesseiros e olhou para um ponto fixo no teto. ‘O que me acertou?’

‘Calibre doze presa à porta,’ disse Frisk.

‘Melhor do que a outra opção, aposto. Já acharam alguém?’

‘Esperávamos que você pudesse nos ajudar com isso.’

Lock mordeu o lado da boca. ‘Profissionais. Ambos homens. Acima de um metro e oitenta. Não deu pra ver muita coisa além da sola deles. O que a equipe na cena do crime encontrou?’

‘Não posso dizer.’

‘Tantas possibilidades assim, é?’

Foi a vez de Frisk esconder um sorriso. ‘Eu achei que eu era o investigador e você a testemunha.’

‘Velhos hábitos costumam a morrer.’

Frisk hesitou por um momento. ‘Ok, pelo o que reunimos, como você disse, foi um trabalho profissional. Fuzil de precisão de alto calibre – ainda estamos tentando descobrir o modelo, mas calibre .50.’

‘Cinquenta?’

‘Isso. Se tivesse prendido isso à porta, essa conversa não estaria acontecendo,’ ele disse casualmente.

‘Com certeza,’ disse Lock. Tendo em vista o que o calibre .50 tinha feito com a cabeça de Stokes, ele sabia que nenhuma proteção no mundo teria salvo ele.

‘Eles tinham a rota de escape planejada, e deixaram poucos rastros. Nenhum invólucro dos projéteis, não que fosse ajudar muito de qualquer maneira. E o quarto foi limpo antes de eles saírem pela janela.’

‘E a escopeta?’ Lock perguntou, se abaixando para pegar o copo de água no estande perto da cama.

Frisk foi mais rápido e passou para ele. ‘Procurando conseguir alguns segundos a mais, eu acho.

Lock grunhiu, concordando.

‘Nós a conectamos ao dono de uma casa em Long Island. O lugar está vazio desde o verão, o cara nem sabia que tinha sido invadida.’

‘A garota sobreviveu?’

‘A de cadeira de rodas?’

Lock fez que sim, e bebeu um pouco de água.

‘Ela tá meio depressiva.’

‘Mas está bem?’

‘Em choque. Sabe tanto quanto você.’

‘Pelo jeito você tem ótimas testemunhas. Qual foi a contagem final?’

‘Cinco mortos no total.’

‘Cinco?’

‘Três alvejados, uma atropelada, e um ataque cardíaco.’

Uma batida na porta. Uma jovem doutora afrodescendente de vinte e tantos anos, que parecia estar acordada por tanto tempo quanto Lock estivera inconsciente, botou a cabeça para dentro. ‘Eu achei que tinha deixado bem claro que não queria que meu paciente fosse perturbado até que estivesse pronto.’

‘Minha culpa, doutora,’ disse Lock. ‘Eu estava questionando o agente Frisk, e não o contrário.’

‘Bem, se você tiver qualquer pergunta, pode sempre falar comigo.’ Lock olhou para Frisk. ‘Nunca tive a chance de perguntar ao agente Frisk o meu prognóstico federal.’

‘Sua arma foi detida legalmente, apesar de eu não fazer ideia de como você conseguiu permissão para porte nessa cidade hoje em dia.’

Lock olhou para o teto. ‘Amigos em altos escalões.’

‘E sua sorte não termina aí,’ ele continuou. ‘Vendo que você não chegou a atirar, não haverá queixas. Mas da próxima vez, deixe o trabalho da cavalaria para a cavalaria, ok?’

Lock ficou eriçado. Foi a o único a enfrentar a ameaça e aqui estava Frisk tratando-o como se fosse um policial novato. ‘Seria meu prazer, se eles conseguissem chegar antes do final. Falando nisso, o que será de Brand?’

‘O departamento policial está louco para tratar como homicídio em direção veicular. Mas o escritório do procurador está sendo pressionado para deixar passar como um crime menor, ou esquecer completamente.’

‘Se falar com alguém no escritório deles, pode avisar que seria meu prazer ajudar o procurador com isso.’

Frisk levantou uma sobrancelha. ‘Não eram muito próximos, hein?’

‘Temos visões diferentes, só isso.’

‘Ah, é? E qual a diferença?’

‘A minha está certa,’ Lock disse secamente.

‘O Sr. Lock realmente precisa descansar,’ interrompeu a doutora. ‘Tenho certeza que terão bastante tempo para conversar amanhã.’

‘Aliás, que dia é hoje?’

‘Quinta,’ disse Frisk.

‘Pera. Eu perdi o Natal?’

A doutora arqueou uma sobrancelha. ‘Você ganhou a vida de presente.’ Frisk sorriu. ‘Certeza que o Papai Noel vai te recompensar ano que vem.’

‘Ok, agora ele precisa descansar,’ insistiu a doutora.

Frisk pegou a deixa e saiu do quarto, tranquilo. ‘Vê se não some,’ ele disse da porta.

Quando já tinha saído, a mão de Lock foi até o ferimento na cabeça. Passou as pontas do dedo por ele, como se fosse uma criança preocupada com um arranhão no joelho.

‘Bela cicatriz que você vai ter aí,’ disse a doutora, sentando perto dele na cama.

‘Acha que vai me deixar mais atraente com as mulheres?’

‘Não sabia que isso era um problema pra você.’

‘Toda ajuda é bem-vinda.’

‘Posso dar mais uma olhada?’

‘A vontade.’

Ele abaixou a cabeça para ela poder ver melhor.

‘Você deu sorte.’

‘É o que todo mundo anda dizendo.’

‘Sofreu uma leve hemorragia. Tivemos que perfurar seu crânio para drenar um pouco do fluido.’

Pode ser que você apague mais algumas vezes. Ah, e tiveram casos em que traumatismo nessa área específica do cérebro resultaram em um aumento no nível de—'

'Pode parar por aí. Acho que sei onde você tá indo. Então, quando posso sair daqui?'

Ela levantou. 'Traumatismo craniano é coisa séria. Seria melhor se você ficasse aqui por pelo menos mais uns dias.'

'Sem problema,' ele disse, já planejando sua fuga.

Nove

‘Você não tem pra onde ir?’

A doutora estava de volta no quarto, ocupada com uma prancheta enquanto ele assistia televisão. Mesmo nesse início de sua recuperação ele já tinha feito várias descobertas interessantes. A mais surpreendente era que com uma dose suficientemente alta de morfina, novelas ficavam bem interessantes.

‘Jamais teria adivinhado que você era noveleiro,’ ela comentou enquanto Lock botava a TV no mudo, deixando um aspirante a George Clooney sendo grosseiro com uma atriz tão cheia de Botox que não conseguia expressar emoções humanas.

‘Estava esperando o noticiário.’

‘Claro.’ De novo o sorriso incrível.

‘Tá dando em cima de mim, doutora?’

Ela ignorou a pergunta, escrevendo uma notinha adicional na prancheta.

‘Tá escrevendo o que?’ ele perguntou, tentando ao máximo espiar.

Ela moveu a prancheta para ele não ver. ‘Não reanimar.’ Lock riu. Doeu.

A doutora soltou um sorriso. ‘Desculpa, mas muita gente dá em cima de mim, e eu não paro em casa a dois dias.’

‘Quem disse que eu estava dando em cima?’

‘Não estava? Ok, agora me sinto insultada. Enfim, isso não tem objetivo, tem? Você tem uma namorada.’

‘Tenho?’

‘Bem, com certeza tem uma mulher que não parou de ligar desde que você chegou aqui. O nome Carrie Delaney te diz alguma coisa?’

‘Muita coisa, mas infelizmente somos apenas bons amigos.’

‘Infelizmente pra você ou pra ela?’

‘Acho que para os dois.’

‘Entendo.’

Lock se ergueu para sentar. ‘Sabe, eu nunca tinha pensado nisso, mas nossos trabalhos tem bastante em comum.’

‘Salvar a vida das pessoas?’

‘Estava pensando mais na linha de horários horrorosos e só receber atenção se você fizer algo errado.’

‘E o que você errou?’ ela perguntou. ‘Janice Stokes não estaria aqui se você não tivesse feito o que fez.’

‘Eu também não estaria.’

Ela estava olhando para ele agora. ‘Então, porque o fez?’

‘Vai parecer uma fala de um filme de segunda.’

‘Mais comum do que você pensa.’

‘Fiz porque é o que fui treinado para fazer.’

‘Então é costume salvar donzelas em perigo?’

Lock fez que não. ‘Não, o costume é abrir portas que eu não deveria. Olha, ainda nem sei seu nome.’

‘Dra. Robbins.’

‘Quis dizer seu primeiro nome.’

‘Eu sei.’

Por trás da doutora, Lock vislumbrou rapidamente a Carrie no noticiário de TV. Ver ela machucou mais que ser alvejado. Ela estava do lado de fora de um prédio cercado por árvores. Atrás dela, um porteiro de luvas brancas ficava aparecendo e desaparecendo da imagem, pelo jeito sem saber se escolhia ser discreto ou aparecer na telinha.

‘É essa sua amiga?’ perguntou a Dra. Robbins, seguindo o olhar de Lock para a TV e lendo o rodapé da notícia.

‘Foi. Por um tempo, pelo menos.’

‘Parece chique demais pra você.’

‘Escuto isso o tempo todo. Se importaria se eu...?’

‘Claro, sem problema.’ Ela disse, saindo do caominho. Lock aumentou o volume, pegando a fala de Carrie pela metade.

‘...o FBI continua quieto sobre a mais recente reviravolta no massacre da Meditech, que agarrou os EUA. Mas no momento um único fato é claro: três dias depois de seu desaparecimento, Josh Hulme, de sete anos, continua desaparecido.’

A tela mostrou uma imagem de um garotinho caucasiano, de cabelo marrom e olhos azuis, dando um sorriso forçado para a foto de família.

Lock se afastou da Dra. Robbins quando ela tentou examinar sua nuca. ‘O que isso tem a ver com a Meditech?’

‘Seu pai trabalha para eles ou algo do tipo.’

Lock sentiu uma descarga de adrenalina. Ele começou a se levantar, recebendo um olhar de censura da doutora.

‘Preciso fazer um telefonema.’

Ok, mas faça um favor a todo mundo.’

‘O que foi?’

‘Vista algo. Dá pra ver sua bunda.’

Dez

Vestido, e com um boné de baseball cobrindo o que ele começara a chamar de corte de cabelo de lobotomia, Lock foi para a recepção. Ainda ficava meio inseguro ao andar, e continuava com a barba por fazer. Olhando no espelho enquanto lavava a cara, decidiu que uma leve alteração de aparência não seria de todo o ruim, dadas as circunstâncias. Claramente, o ‘Massacre em Midtown’, como era chamado pela imprensa, parecendo nome de filme, era só o começo de algo maior.

Foi difícil dar um jeito de ligar para Ty. O celular de Lock estava na gaveta de uma mesa em seu escritório na Meditech, e celulares pré-pagos estavam em falta. A Dra. Robbins disse que poderia pedir para levarem um telefone ao seu quarto, por um pequeno preço, mas ele não queria esperar. Finalmente, descobriu um no térreo, perto da lojinha de conveniências.

Ty atendeu no primeiro toque.

‘Cadê minha cesta de frutas?’

‘Oras, se não é Rip Van Winkle. Estava imaginando quando você ia aparecer.’

‘Sono dos justos, cara.’

‘Pois é. Bom ter você de volta.’

Lock agradeceu pelo alívio na voz de Ty. Era bom saber que alguém na empresa se importava com ele.

‘Quer me dar uma atualizada?’

‘Estamos em alerta máximo. Não ocorreu nenhum outro incidente. Tudo parece tranquilo.’

‘Tranquilo? E eu achei que eu é que tinha levado uma pancada na cabeça. Como tá tudo tranquilo se o filho de um dos funcionários está desaparecido?’

‘Ficou sabendo?’

Lock afastou o telefone da boca e contou até três. Devagar.

Ty pareceu entender o silêncio. ‘Escuta, Ryan,’ ele disse, ‘as coisas são um pouco mais complicadas do que você imagina. O FBI está envolvido, deixamos isso com eles.’

‘Então porque pagamos seguro contra sequestro esse tempo todo se vamos deixar o FBI cuidar de tudo?’

‘Richard Hulme, pai do garoto, pediu demissão duas semanas atrás, o que quer dizer que nem ele nem seu filho são problemas nossos. Desculpa, Ryan, eu tive essa mesma conversa quando fiquei sabendo, mas são ordens lá de cima. A gente não se mete.’

‘Mas o FBI não vai pagar o resgate.’

‘Eles tem a política deles e nós temos a nossa.’

‘E noventa por cento das vezes, no nosso jeito a vítima chega em casa sã e salva, e o único dano é um lucro um pouco menor em uma empresa de seguros, e o reajuste na parcela do ano seguinte.’

‘Eu sei, cara, eu sei.’

Coincidentemente, uma garotinha passou por ele, o gesso na perna cheio de pinturas de canetinha. Ela sorriu para Lock.

‘Olha, Ty, eu vou sair daqui, mas primeiro preciso checar uma coisa.’

‘Ok, cara. Ryan...’

‘O que?’

‘Fica bem.’

Lock desligou e foi em direção à loja de conveniências. Ele pegou algumas flores que ofereciam uma garantia de sete dias sem murchar, e uma caixa de doces. Enquanto pagava, deu uma olhada nos jornais. O rosto de Josh estava estampado em todos eles menos o New York Times, que lidava com algo mais pesado sobre o Oriente Médio; suspeitavam um ataque com armas biológicas contra tropas de coalisção na fronteira entre Afeganistão e Paquistão.

Ele pegou uma cópia do *Post* e passou pelas páginas enquanto voltava ao lobby. Em uma página dupla, tinha uma foto dele puxando Janice para longe do Hummer. Ele não gostou: um bom guarda costas ficava longe dos holofotes. E aparecer em um tabloide era o contrário disso.

No elevador, Lock foi espremido por dois atendentes que levavam um idoso em uma maca. Um deles olhou para Lock com receio. De repente ele se arrependeu de não ter passado a navalha pelo rosto quando teve a chance.

Lock entregou o jornal para o atendente, mostrando sua foto.

‘Relaxa, sou um dos mocinhos.’

O idoso na maca levantou a mão para pegar o jornal. ‘Aqui, deixe-me ver.’ Seus olhos cerraram entre Lock e a foto. ‘É ele mesmo.’

Com a curiosidade de todos satisfeita, Lock desceu no quarto andar, agradecido por não terem pedido para que assinasse autógrafos ou posasse para fotos. O quarto de Janice foi fácil de achar. Era o quarto com a policial do lado de fora, bebendo café.

Assim que Lock passou pelo complicado procedimento com o jornal mais uma vez, e a policial falou com alguém em sua unidade, que então falou com outra pessoa no Federal Plaza, ele conseguiu entrar.

As persianas estavam fechadas mas Janice estava acordada, seu rosto virado para o outro lado da porta. O quarto estava cheio de flores e cartões. Alguns cartões de luto estavam espalhados entre os que desejavam melhoras. Obviamente ainda não tinham inventado o cartão que dizia ‘Que bom que sobreviveu e boa sorte com sua doença terminal’.

Lock colocou as flores no pé da cama e puxou uma cadeira. Eles ficaram em silêncio por um momento.

‘Como está se sentindo?’ Ele finalmente perguntou.

‘Terrível, e você?’ A pergunta foi entregue com um início de um sorriso.

‘Me sinto...’ Lock deixou no ar, incerto. ‘Estou bem.’ Ela levou sua mão à dele. ‘Obrigado.’

A simples humanidade do gesto abalou-o um pouco. Por ele trabalhar para Nicholas Van Straten, Janice e seu pai tinham sido o inimigo por meses.

‘Estou feliz que você esteja bem,’ ele disse gentilmente. Ela abaixou os olhos. ‘Por agora.’

‘Você não sabe disso. Podem descobrir um novo medicamento, um novo tratamento.’

Assim que ele disse isso, se arrependeu. Mesmo que descobrissem, era mais fácil uma Testemunha de Jeová aceitar uma transfusão de sangue do que Janice tomar algo que, muito provavelmente, foi testado em animais primeiro.

Para crédito dela, ela deixou passar. Em vez disso, estudou o rosto de Lock por tempo suficiente para deixá-lo desconfortável, antes de perguntar.

‘Você já foi a um matadouro?’

Por um segundo ele pensou em falar dos seis meses que passara em Serra Leoa, onde Charles Taylor e a Frente Revolucionária Unida tinham embarcado em uma campanha sistemática de amputar membros da população civil, incluindo bebês. Matar animais para comê-los ao menos servia um propósito, ele pensou. Muito do que Lock tinha presenciado ao longo dos anos nascia de um impulso humano mais sombrio.

Ele suspirou e coçou a nuca, encontrando os pontos. ‘Eu já vi muita morte.’

‘Mas a morte é inevitável, não?’ Janice disse, mais alto.

‘Estou falando de assassinato. Os animais sabem que estão para morrer. Quando estão no caminhão, eles sabem. Você vê nos olhos dele, ouve nos barulhos que fazem.’

Lock se aproximou e encostou em seu braço. ‘Janice, eu preciso de perguntar algumas coisas. Você não precisa responder, mas preciso perguntar do mesmo jeito.’

‘Gandhi disse que você pode julgar a moralidade de uma nação pela maneira como tratam seus animais,’ Janice continuou, sem ser desencorajada.

Ela estava errante, sua mente dando voltar, ou pelo menos foi o que Lock sentiu. Ela assegurou as barras da cama e se sentou. Ele tentou ajudar mas ela recusou.

‘Janice, isso é importante. Eu não acho que quem matou seu pai o fez por acidente. O que quero dizer é, quanto mais penso nisso, mais sinto que isso não foi um assassinato contra Nicholas Van Straten que deu errado. Isso foi alguém tentado matar seu pai e acertando.’

‘Você acha que eu não sei?’ Janice perguntou, subitamente focada.

‘Já tínhamos recebo ameaças do seu lado.’

‘O que quer dizer?’

‘Telefonemas, cartas, dizendo que se não parássemos de protestar seríamos mortos.’

‘Contou isso a alguém?’

‘Contar pra quem? O FBI? Provavelmente eram eles fazendo isso.’

‘Fala sério.’

‘Minha mãe e meu pai estavam salvando animas vinte anos antes de um monte de peruas anoréxicas tirarem as roupas para um ensaio fotográfico porque era moda. Eu cresci com nosso telefone grampeado e nossa correspondência invadida. Não teve um Natal que o presente da minha vó foi surpresa porque aqueles babacas abriam tudo. O que mudou? Tirando o fato de que agora tem um absurdo de dinheiro em jogo. Até onde eu sei, poderia ter sido você fazendo os telefonemas.’

‘Ok, você me pegou. Deve ter sido meu arrependimento reprimido que me fez arriscar a vida pra te tirar de lá,’ Lock respondeu, com raiva.

Presentes da vovó, me dá um desconto. Isso que é lavagem cerebral. Papai e Mamãe Stokes tinham feito um trabalho tão bom que sua única filha estava preparada para morrer e se martirizar pela causa, em vez de seguir seus próprios ideais e viver, enquanto eles estavam mais que felizes de sentar e assistir. E para que? Para provar que eram moralmente superiores a nós.

‘Obrigado pelas flores, mas talvez você devesse ir,’ Janice disse, se virando.

Lock se levantou, respirou algumas vezes. ‘Ok, eu vou. Mas preciso de perguntar uma última coisa.’

‘Certo, mas seja rápido. Estou ficando cansada.’

‘Seu pai disse algo a Van Stratten quando estava do lado de fora. Algo sobre Van Straten entender sua mensagem.’

Janice ficou sem expressão. ‘Eu já te falei, nós não fizemos ameaças.’

‘Não estou sugerindo que foi uma ameaça. Mas se tivessem discussões acontecendo em algum canal oculto—’

‘Com a Meditech? Sem chance.’

‘Então qual é a mensagem?’

A voz de Janice tremeu com emoção. ‘Eu não sei. E nunca vou saber. Meus pais morreram, lembra?’

Lock viu sua irritação virar remorso. ‘Perdão, eu não deveria ter...’

Mas seus olhos já estavam fechados, e quando chegou a porta ela já estava dormindo profundamente. A policial uniformizada checkou o quarto antes de deixar Lock sair. Ela olhou para Lock enquanto fazia uma busca pessoal de praxe, apesar de ele não saber o que removeria do quarto hospitalar de Janice.

‘Deve ser bom,’ ela disse.

‘O que?’

A novata sorriu para ele. ‘Salvar a vida de alguém daquele jeito.’ Lock deu de ombros. Ele não tinha salvo a vida de Janice, apenas adiado sua morte. Ele virou de costas para a policial e foi até o elevador.

Onze

A Taverna Brennans não tinha nada de irlandesa, mas era escura, perfeito para Lock. Mesmo com os analgésicos que tinha pego do hospital ajudando com a dor de cabeça, luzes fortes ainda o deixavam tonto.

Sair do leito hospitalar provou ser quase tão difícil quanto sair do exército, com quase tantas horas de preenchendo formulários envolvidas. A Dra. Robbins tinha avisado que em seu estado era um perigo não só para ele mas para outras pessoas. Ele preferiu não comentar que seu comandante tinha dito a mesma coisa.

Ele bebericou a cerveja enquanto os olhos se ajustavam à escuridão. Os remédios provavelmente contra indicavam a ingestão de álcool, mas sua visão ainda estava meio embaçada e, de qualquer jeito, quem conseguia ler avisos escritos em letras tão miúdas com essa luz?

A porta se abriu, revelando Carrie. Ao vê-la, Lock se sentiu leve. E ainda mais tonto. Sem parar para examinar os arredores, ela foi até ele, jogando a bolsa e a jaqueta na mesa, séria, como se nunca tivessem terminado.

‘Dia difícil?’ Lock perguntou.

‘Na mesma.’

‘Como me achou tão rápido?’

‘Mesa no canto com suas costas para a parede, visão para a entrada, e fácil acesso à saída de emergência. Eu te conheço.’

‘Viú, você não saiu do nosso relacionamento de mãos vazias.’ Ele se levantou e puxou uma cadeira para ela.

Ela imitou uma cortesia e se sentou. ‘Você sempre teve boas maneiras.’

Eles se olharam através da mesa, e Lock começou a desejar que a luz estivesse melhor.

‘Fico aliviado de você estar bem.’

‘É. Foi amedrontador por um tempo.’

‘Foi,’ Lock concordou. As únicas pessoas que diziam não sentir medo em situações violentas eram mentirosos e psicopatas. O medo é algo inato.

‘Como está o meu herói?’

‘Eu sou seu herói?’

‘Ryan, não vamos—’

Ele levantou a mão, se desculpando. ‘Você tá certa. Vejamos, como estou...?’ Ele tomou um pequeno gole, refletindo. ‘Doído. Se eu tivesse previsto...’

‘Não estaria doído?’

Lock não sabia se tinha a energia para explicar. Tempos atrás, criara a teoria de que se você soubesse que se machucaria, se estivesse esperando, o cérebro poderia mandar um sinal de antecipação para o corpo, e a dor chegaria com menos impacto. Desde então, sempre que ele se envolvia em algum perigo, a primeira coisa que fazia era dizer para ele mesmo, ‘isso vai doer’. Muito. E de alguma maneira, quando fazia isso e a dor chegava, ele conseguia dar um jeito e sair ganhando.

A escopeta tinha vindo de surpresa. Mas o mundo hoje em dia é feito de surpresas.

‘Ryan? Você tá bem?’

‘Perdão.’ Ele passou a mão pela cabeça. ‘Estava viajando.’

‘Obviamente. Belo corte, diga-se de passagem.’

Ele sorriu. Uma das coisas que amava em Carrie era seu poder de tirá-lo do que ela chamava de seus ‘momentos de tormenta’. ‘Gostou?’ ele perguntou.

‘Talvez “gostar” seja uma palavra muito forte. É...diferente. Deixa eu pegar uma bebida pra você.’

‘Bebidas são por minha conta.’

Ele chamou o barman e pediu vodca com gelo e um toque de limão para Carrie.

‘Legal ver que você lembra.’

A maneira como ela olhou para ele tinha mais que um ar de promessa para mais tarde. Do jeito que estava, Lock não sabia se isso era bom ou ruim. Por um lado, não conseguia pensar em nada que quisesse mais que passar uma noite com Carrie. Por outro, duvidava que ela fosse se impressionar se ele desmaiasse em cima dela.

Isso, e era complicado. Tinham se envolvido prometendo que sua relação seria só algo divertido, e então perceberam, depois de ele passar duas semanas seguidas na casa dela, que a coisa estava se tornando algo mais. Finalmente, chegaram a um consenso: pessoa certa, hora errada. Sem brigas. Sem acusações. Apenas a compreensão de que não daria certo. Lock sofreu, e se jogou com tudo no trabalho.

O barman trouxe outra cerveja para Lock, e o drink de Carrie. Ela deixou o dedo circular pela borda do copo. Lock sabia que ela estava pensando em algo.

‘Consegui uma bela sequência sua salvando aquela garota na cadeira de rodas.’

‘Não.’

‘Ainda não te perguntei nada.’

‘Eu sei o que é, e a resposta ainda é não.’

Carrie relaxou, sorrindo. ‘Deixa eu te entrevistar?’

‘Sabe o que eu acho da porcaria da mídia. Exceto você. E sabe o que acho de caras no meu ramo que ficam famosos.’

‘Mas você salvou ela.’

‘É o que sou treinado para fazer. Não foi bravura, foi reflexo. Escuta, meu trabalho é—’

‘Ser invisível. Eu sei.’

Carrie tinha cometido o erro de se deitar com Lock para assistir ao Oscar uma tarde. Ela passou a tarde ouvindo ele reclamar das falhas dos vários ‘guarda costas’ acompanhando a *crème de la crème* hollywoodiana no tapete vermelho. Também foi a primeira vez que ela ouviu a expressão ‘otários de pescoço grosso’, que ele presumivelmente aprendera com seus antigos colegas britânicos.

‘Então sabe o que eu diria.’

‘Não pode culpar uma garota por tentar, né?’ Ela virou a vodca.

‘Que tal irmos para outro lugar?’

Lock fechou os olhos, apreciando o momento.

‘Tá tudo bem?’

‘Melhor que bem. Tem algum lugar em mente?’

‘Talvez.’

Por trás de Carrie, Lock viu um homem com uns quarenta anos entrar no bar. Vestia um casaco longo abotoado completamente, mas o cabelo empapado indicava que ele não tinha lembrado de carregar um guarda-chuva. Ele passou os olhos pelo bar, procurando alguém, mas tinha algo suspeito, muita incerteza em seu jeito.

O homem parou no bar, se abaixando para falar com o barman, que apontou com a cabeça na direção de Lock. Quando o homem foi em sua direção, Lock afastou um pouco a cadeira, caso precisasse se levantar com rapidez.

‘O que houve?’ Carrie perguntou, olhando para trás. O homem parou perto deles.

Lock manteve o foco nas mãos do homem, esperando elas entrarem no casaco. Mas isso não aconteceu, e quando ele finalmente falou, foi com um sotaque curioso, curto e decisivo. ‘Sr. Lock?’

Outro repórter, sem dúvida. Lock levantou o olhar da bebida, intensamente. ‘Desculpa, mas já estou enrolado com a NBC.’

‘Quem dera tivesse tanta sorte.’ Carrie murmurou.

Lock abriu a boca para informar o homem que estavam de saída, e então parou quando viu seu rosto de perto. Ele tinha grandes bolsas negras embaixo dos olhos, e parecia que estava para cair em lágrimas.

O olhar do homem caiu brevemente sob Carrie, e de volta a Lock. ‘Sr. Lock,’ ele disse, sua voz embargada, ‘Não sou um repórter. Meu nome é Richar Hulme. Sou o pai de Josh Hulme.’

Doze

“Como me encontrou?” Lock asked Richard Hulme.

‘Um dos seus amigos da Meditech. Tyrone. Ele me deu uma lista de lugares em que poderia estar. Acho que se sentiu mal já que a empresa não estava preparada para ajudar.’

Eles estavam sozinhos na mesa do canto, tendo Carrie concordado em encontrar Lock depois.

‘Quer me dizer o que aconteceu?’ Lock perguntou.

Richard começou sua história, mantendo a calma. O que muitos teriam considerado como falta de emoção, Lock reconheceu como um pai dando seu melhor pra não se desfazer; não por orgulho, mas por que o estoicismo poderia ajudar a rever seu filho. Lock tinha visto isso antes, e como qualquer um que já tinha lidado com sequestro de crianças, a memória nunca o deixara.

No entanto, assim que Richard começou a falar da sequência dos eventos, tão metódico quanto um cientista, Lock ficou consternado. Era um caso diferente de qualquer outro que já tinha visto ou até ouvido falar.

‘Eu só fiquei sabendo do sumiço na manhã seguinte. Estava em uma conferência fora da cidade. Eu tinha ligado do hotel mas imaginei que Josh já estava dormindo...’

‘Sua esposa tinha desligado o celular?’

Richard engoliu seco. ‘A mãe de Josh faleceu três anos atrás. Câncer.’

Lock ficou calado. Esse era um momento para análise. O primeiro cenário estava eliminado com a mãe de Josh morta. Quase 95% dos sequestros de crianças era resultado de algum jogo de poder entre “adultos”.

‘Sua secretária, Natalya, é do leste europeu?’

‘Russa, para ser preciso. De São Petersburgo, se não me engano.’

‘A quanto tempo ela trabalho pra você?’

‘Cerca de quatro meses. Você não acha que...?’

‘É possível. Acredite em mim, na parte do mundo de onde ela é, sequestro é tão comum quanto alcoolismo e violência domiciliar quando se fala de atividades para passar o tempo. A boa notícia é que a máfia russa não acredita em matar suas vítimas. Costuma atrapalhar os negócios.’

‘Não é possível que Natalya esteja envolvida nisso.’

‘Nunca é. Até que seja.’

‘Josh amava ela. E era recíproco.’

‘Você não vai gostar de mim por perguntar, mas...’

Pela maneira como Richard quase hesitou, Lock sabia o que estava por vir.

‘Eu não estava tendo um caso com ela. É isso que ia perguntar, certo?’

‘Olha, ninguém vai te julgar por isso. Especialmente depois de sua esposa ter falecido.’

‘O FBI me perguntou a mesma coisa.’

Isso fez com que Lock levantasse sua mão, virando a palma para Richard. ‘Se o FBI está envolvido, porque o desespero em falar comigo?’ Era uma pergunta que estava incomodando Lock desde que conheceu Richard.

‘Eles não estão chegando a lugar algum. Estou preparado para pedir ajuda de quem for.’ Ele pausou.

‘Se tem algo a me dizer, diga logo.’

‘Depois que Meg se foi, Josh é tudo que eu tenho. Preciso de alguém que faça o que for.’

‘E achou que esse alguém seria eu?’

‘Sim.’

Lock se levantou.

‘Onde está indo?’

‘O FBI é especialista nisso,’ disse Lock, se odiando por fazer um comentário tão banal. ‘Deixe que cuidem disso.’

Richard agarrou a lapela da jaqueta de Lock, que ficou olhando para ele até que soltasse.

‘Meus pêsames pela sua perda. Mesmo.’

‘Fala como se ele já estivesse morto.’ Lock permaneceu em silêncio.

‘Então é isso? A empresa não vai me ajudar, e nem você.’

‘O que falaram quando falou com eles?’

‘Que eu ou Josh não éramos mais problema deles. Não falaram desse jeito, mas foi o que quiseram dizer.’

‘Quer que eu fale com eles por você?’

Lock reparou nos punhos cerrados de Richard.

‘O que eu quero é encontrar meu filho. Não me importo como.’

‘Posso fazer uns telefonemas. Mas nada além disso. Desculpe.’

Richard lançou um olhar de tristeza. ‘Alguns telefonemas? Só isso? Eu venho e peço sua ajuda e você vai fazer alguns telefonemas?’

‘Olha, Dr. Hulme, eu trabalho para a Meditech – sabe, a empresa que não quer te ajudar. O que te faz acreditar que esse é o meu trabalho?’ Richard esfregou os olhos. ‘Eu não sei. Talvez por que eu tenha pensado que arriscar sua vida pra salvar uma manifestante em uma cadeira de rodas também não fosse seu trabalho...’

‘Como eu disse, peço desculpas.’

As mãos de Richard tremeram quando enfiou o indicador na cara de Lock. ‘Você sabe como isso vai acabar, assim como eu,’ ele gritou, recebendo olhares do grupo de fregueses espalhados pelo estabelecimento. Lock puxou-o até a porta. ‘Meu filho vai ser sacrificado para aqueles lunáticos e tudo que você e a Meditech podem fazer é me dizer uma porcaria corporativa dessas.’

Lock abaixou a voz até estar sussurrando, esperando que o que estava para dizer acalmasse Richard o suficiente para que seus comentários sobre a Meditech só fossem escutados na vizinhança, em vez da cidade toda. ‘Se eu me considerasse a melhor pessoa para te ajudar, Dr. Hulme, acredite, eu iria. Mas eu não sou.’

Richard respirou fundo. ‘Você encontrou Greer Price.’

Lock exalou devagar, sua respiração visível no frio. Era óbvio que Richard Hulme tinha pesquisado. ‘Fazia um tempo que não escutava esse nome,’ ele disse.

Greer Price era uma garota de quatro anos que tinha sumido em um supermercado adjacente à base militar britânica em Osnabruck, na Alemanha. Mesmo havendo pelo menos duas dúzias de clientes e empregados na loja, e a mãe de Greece tendo virado as costas por meros segundos, ninguém tinha visto ela desaparecer. Lock era um novato na Polícia Militar Real e haviam pouquíssimas pistas quando recebeu o caso, um ano depois. Richard estava certo, Lock tinha resolvido o caso, mas não o considerava um ponto alto da carreira.

‘Greer estava morta quando a encontrei.’

‘Mas você ainda a encontrou.’

‘Não ajudou em nada.’

‘Levou alguém à justiça.’

‘Levei alguém aos tribunais, onde foram sentenciados. Não houve justiça.’

Por um segundo, Lock se viu de volta no sótão de uma casa insignificante, cujo proprietário era um velho ainda mais insignificante. Um contador aposentado, dado a organizar tudo, até o inimaginável. Lock passara dois dias no sótão, vasculhando caixa por caixa cheias de sacos plásticos. Cada saco tinha mementos de uma criança abusada, com a data do abuso estampada em tinta preta. Greer foi encontrada alguns dias depois, enterrada no quintal.

Ele suprimiu um arrepio ao lembrar do lugar, que esperava nunca visitar, mesmo nas lembranças.

‘Ok,’ Lock disse enfim. ‘Termine sua história. Talvez eu veja algo que passou despercebido para o FBI. Mas se eu não achar, pode me deixar em paz?’

Richard acenou que sim.

Eles saíram do bar e foram até o carro de Richard, uma camioneta de última geração da Volvo. As janelas embaçaram enquanto o aquecedor trabalhava para impedir que congelassem.

‘Então você chega em casa, e não tem ninguém lá.’

‘Sim. Tentei falar com Natalya pelo celular mas ela deve tê-lo desligado.’

Lock fez uma nota mental. A única maneira para um celular não poder ser rastreado é se estivesse completamente desligado. Senão, as autoridades poderiam triangular sua posição usando os mastros na área.

‘Continue.’

‘Eu achei que talvez a Natalya tivesse esquecido seu celular. Não gostava de me intrometer em sua vida pessoal, mas naquelas circunstâncias... Vasculhei seu quarto, esperei mais uma hora, e então liguei para a polícia. Eles acionaram o FBI.’

Lock sabia que esse era o procedimento de praxe nesses casos, quanto alguém de ‘idade tenra’, como diziam no FBI, ou seja, abaixo de doze anos, sumia. Acima de doze e era preciso alguma ideia de que a pessoa estava atravessando estados para que eles ajudassem.

‘Última vez que foram vistos?’

‘Algumas das assistentes que estavam na festa disseram ter visto Natalya buscá-lo. Eles entraram num carro, e é isso.’

‘Que tipo de carro?’

‘Um Lincoln cinza.’

‘É assim que Natalya e Josh costumavam se locomover?’

‘Ela tem o número de um serviço de táxi com o qual tenho uma conta, caso o tempo esteja muito ruim depois da escola.’ Richard suspirou e esfregou os olhos. ‘Mas eles não tinham registro algum de Natalya ter pedido um carro naquela semana.’

‘O FBI falou com os motoristas?’

‘Meticulosamente. Todos estavam trabalhando quando Josh desapareceu.’

‘Mas ele definitivamente foi visto entrando no carro com Natalya?’

‘Sim.’

‘Houve algum sinal de resistência? De ter sido forçado a entrar no carro?’

Richard balançou a cabeça.

‘E você ainda tem certeza que Natalya não está envolvida?’

‘Eu sei como isso parece. Talvez ele tenha achado que eu pedi o carro e esqueci.’

Lock sentiu que Richard estava fazendo vista grossa, se recusando a aceitar o inevitável: que uma mulher que ele contratara tinha sido responsável por sequestrar seu filho único.’

‘Ela veio ao país com visto ou já estava aqui?’

Richard ficou levemente irritado. ‘Usei uma agência. Não contrataria alguém ilegal.’

‘Então teriam checado os antecedentes dela.’

‘Eles me garantiram que fizeram uma verificação minuciosa.’

‘Já tinha sido ameaçado antes?’

‘Claro. Todos na Meditech eram.’

‘Não, me refiro a coisas que iam parar diretamente na sua casa. Cartas? Telefonemas?’

‘Um ou dois trotes, logo antes de eu me demitir. E alguns e-mails.’

‘Foi por isso que decidiu deixar a Meditech?’

‘Foi um dos fatores.’

‘E os outros?’

‘Estão na minha carta de demissão.’

Lock estava começando a ficar irritado. ‘Ajuda é uma rua de via dupla, Richard.’

Richard se remexeu, embaraçado. ‘Eu era contra testes em animais. Mais por causas científicas que éticas.’

‘Mas estava envolvido nos testes?’

‘Durante a maior parte da minha carreira, sim.’

‘A pressão estava começando a te afetar?’

‘Foi uma decisão a qual cheguei depois de pensar bastante. Não teria me demitido se não achasse que eram experimentos falhos.’

Lock tinha escutado o bastante do debate sobre testes em animais ao longo dos últimos meses, e certamente não precisava de mais uma aula como as que tinha recebido de Janice. Ele continuou. ‘E houveram ameaças depois disso?’

‘Não que eu tenha tornado pública minha demissão, mas não.’

‘E desde que Josh desapareceu, houve algum contato?’ O olhar de Richard foi ao chão. ‘É justamente isso. Não houve.’

Lock não estava acreditando. ‘Nenhum pedido de resgate? Nenhuma demanda?’

‘Nada.’

A segunda possibilidade estava for a da lista. Além do sequestro por pais ou padrastos, três por cento das abduções caíam na categoria de sequestro por pedido de resgate. Devido às pesadas penas proferidas pelo judiciário desde o caso Lindbergh, apesar criminosos imbecis ou extremos viam sequestro como uma maneira de fazer dinheiro nos EUA. Em outros lugares, no entanto, era uma das áreas que mais cresciam no submundo do crime, assim como contrafação, fraude na internet e tráfico. Nesses casos, onde o motivo era o lucro, o pedido de resgate aparecia logo depois do sequestro, geralmente acompanhado de avisos claros que a família da vítima não deveria, sob qualquer circunstância, contatar as autoridades.

Lock mordeu o lábio inferior. O que estava por trás da porta da possibilidade número três não era nada bom. Os ativistas dos direitos dos animais eram pessoas que não tinham se importado em cavar os restos de uma velhinha e jogá-los no meio da Times Square, apenas para provar algo.

Richard olhou para Lock, suas pupilas enormes de medo. ‘É ruim, não é?’

Lock esperou um pouco antes de responder. ‘Sim, é.’

Treze

Metade do 19º precinto deve estar fazendo guarda, pensou Lock quando desceu do elevador que levava até a casa de Richard.

O oficial de patrulha reagiu com uma mistura de precaução e alívio quando os viu. ‘Você não deveria sair sem avisar,’ ele disse a Richard.

Richard ficou branco, como uma criança pega fazendo algo errado. ‘Desculpa, espero que não tenha lhe causado problemas.’

Quando Richard apressou Lock para dentro do apartamento, o policial já estava no rádio com seus superiores, avisando que Richard estava de volta – com um convidado.

Como a maior parte do prédio, o apartamento estava completamente escuro. Era quase meia-noite, e as ruas eram quietas nessa parte da cidade. Lock achava que pela quantidade de dinheiro necessária para pagar uma moradia nessa vizinhança, a maioria dos residentes preferia dormir cedo a sair de bar em bar.

Richard acendeu a luz, revelando um corredor estreito, dando entrada para três quartos e um banheiro. Depois disso, ele dava em uma grande sala.

‘Mora aqui a quanto tempo?’ perguntou Lock.

‘Desde antes de eu me casar. Era a casa de Meg de quando estava na universidade.’

‘Um lugar bem fanfarrão para uma universitária.’

‘O aluguel é controlado. Uma tia dela morreu,’ disse Richard enquanto ligava a luz principal.

‘Pode querer fechar as cortinas antes.’

‘Acabo esquecendo. E, com Josh desaparecido, não sei se me importo.’

Como todo outro funcionário da Meditech acima de um certo nível, Richard tinha passado por um programa de conscientização de segurança. Lock sabia que teria sido recomendado que ele alterasse a rotina diária o máximo possível, e para ficar atento à ausência do normal, como um porteiro sumido na entrada do prédio. O mesmo valia para a presença do anormal, como um porteiro aparecendo em um prédio que não tinha um. Os conselhos se resumiam a estar sempre vigilante e fazer uso do senso comum.

Lock foi até a pequena cozinha no fim da sala. Dois sofás. Sem TV. Prateleira esculpida dentro da parede, cheia de papéis e jornais. Uma foto de família. Richard, Josh, e uma mulher loira incrivelmente atraente que ele jamais adivinharia estar com Richard.

‘Meg,’ ele disse, poupando Lock de fazer a pergunta inadequada sobre sua falecida esposa. ‘Não houve ninguém desde que eu a perdi. Não achei que seria justo com Josh. Na verdade, essa não é toda a verdade.’

Lock não disse nada. Deixou-o continuar.

‘Tem meu trabalho. Talvez eu o tenha usado para não confrontar as coisas,’ Richard adicionou, antes de coçar os olhos novamente.

Lock começou a achar que Richard parecia um pouco nobre de mais.

‘Se importa se eu der uma olhada no resto da casa?’

Richard deu de ombros.

Lock voltou ao corredor, as paredes vazias de ambos os lados. Sentia que o lugar parecia mais um dormitório universitário que uma casa de família.

O primeiro quarto era igualmente utilitário, apesar de a falta de toques pessoais ser mais perdoável aqui. Estava claro que Natalya não tinha trazido muito quando se mudou. Um tocador de CDs portátil, uma relíquia estava jogado na cama. Na cabeceira estava uma foto de um casal mais velho, presumivelmente seus pais. O que Lock julgou ser seu irmão estava ao lado do pai, já mais alto, apesar de não parecer ter mais de quinze anos. Natalya estava ao lado da mãe, o longo cabelo preto preso em um rabo-de-cavalo, o olhar e sorriso confiantes e resplandecentes. Sem fotos de um namorado, ou de qualquer outra pessoa.

Uma jovem e atraente garota russa e, pelos padrões dela, um viúvo rico. Lock se perguntou quão honesto Richard tinha sido quando falou que não havia nada entre ele e Natalya. Pela aparência da mãe de Josh, Richard sabia atrair mulheres bonitas. Talvez ele não quisesse ter complicado as coisas por causa do filho. Ou isso ou estava mentindo.

Apesar de saber que o FBI teria revistado o lugar completamente, Lock fez sua própria busca rápida, mas não achou nada significativa. Voltou ao corredor e abriu a porta do quarto de Josh.

Em contraste com a sensação quase antisséptica de organização do resto da casa, o quarto de Josh era uma bagunça de brinquedos, equipamentos de esporte e quadrinhos. Uma cama de solteiro estava contra uma das paredes. Em cima do edredom estava um ursinho de pelúcia da FAO Schwarz, uma lembrança de quando era ainda mais jovem. Uma luva de baseball tinha sido colocada sob sua cabeça em um ângulo curioso.

Por um instante, Lock se lembrou de Orsnabruck. Nunca conseguira superar o sentimento de falha que sentiu depois do caso de Greer Price. Mesmo que ele soubesse que quando recebeu o caso, Greer muito provavelmente já estava morta a muito tempo, ele ainda não se perdoava.

Foi a solidão de sua morte que o afetou mais que qualquer coisa. A sensação de abandono que ela deve ter sentido em seus momentos finais deixara-o vazio. Mesmo no fim das contas, não existia ato de vingança que pudesse balancear a morte de uma criança; se existisse, ele mesmo teria enfiado uma bala na cabeça do assassino de Greer.

Ele levantou os ombros, respirou fundo, e saiu do quarto de Josh.

Em um canto do quarto de Richard, uma fita de DNA serpenteava pela tela de um monitor de vinte polegadas. Lock mexeu o mouse e ela desapareceu, mostrando uma tela de login.

‘O FBI já viu tudo por aqui,’ disse Richard, parado na entrada do quarto. ‘Mas se acha que eles podem ter deixado algo escapar...’

‘Você diz, caso esteja envolvido?’

A ideia parecia ridícula mas Lock sabia que não podia eliminar a possibilidade logo de cara. Não teria sido a primeira vez que um criminoso teria sido descoberto ao contratar um investigador particular para tentar parecer mais inocente.

Richard pareceu chocado. ‘Não, não seja ridículo. Digo, talvez tenha um e-mail, algo que possa ajudar.’

Não machucaria checar.

Richard abriu o Firefox. ‘Eu gravei todos os meus e-mails do trabalho em um disco antes de sair.’

‘Tem uma copia?’

‘Aqui,’ disse ele, puxando um DVD de uma pilha ao lado do computador.

‘Alguma outra conta de e-mail?’

‘Hotmail, mas quase nunca uso.’

‘O FBI olhou sua conta do Hotmail?’

‘Por que olhariam? Não recebi nenhuma ameaça lá.’

‘Se importa se eu olhar?’

‘A vontade.’

Richard foi até a página, digitou seu usuário e senha, entregou a Lock o disco com os e-mails do

trabalho, e deixou-o trabalhar.

Lock duvidava que os e-mails de ameaça dariam em alguma coisa. Ou as cartas. Qualquer um que se desse ao trabalho de enviar uma ameaça de morte não deixaria um nome, fosse direta ou indiretamente, lambendo o envelope e deixando DNA. E os e-mails teriam sido enviados de uma lan house ou através de vários servidores proxy. Uma das coisas que tinha aprendido sobre o pessoal dos direitos dos animais que tinham a Meditech como alvo era que eles eram tão habilidosos quanto eram motivados. Muitos deles tinham nível superior e sabiam tanto de ciência quanto qualquer um da Meditech.

Uma meia hora depois, Lock ainda não tinha encontrado nada. Não haviam ameaças a ninguém em específico, exceto o próprio Richard. O termo 'família' era mencionado de maneira geral; não havia referência a um filho, ou mesmo uma esposa, falecida ou não. Comparadas com outras ameaças, essas eram bem inspidas.

Ele voltou ao navegador. Foi até a pasta de e-mails deletados e passou pelo spam oferecendo um aumento na performance sexual, ou pedido a conta bancária do usuário para depositar milhões de dólares.

E então encontrou. Fechado, como o resto do spam. Sem assunto. Um endereço do Gmail. Tinha chegado no dia do tiroteio, talvez uma hora antes da última vez que Josh tinha sido visto com Natalya. Ele clicou para abrir.

Agora você vai sentir a dor que infligiu nos outros.

Lobo Solitário

Quando voltou à sala, Richard estava em pé pela janela com as luzes apagadas. Lock pensou em perguntar sobre o e-mail. Richard insistiu que as ameaças haviam parado depois que ele saiu da empresa, então ele deixou para lá. Não fazia nenhuma referência a Josh ou ao sequestro, e não tinha sequer sido visualizada.

Um carro parou do outro lado do apartamento e Lock assistiu um homem sair. Ele atravessou a pista e passou por um poste, confirmando o instinto de Lock. Era Frisk.

Lock encontrou o agente do FBI na porta.

'Saia daqui, Lock,' grunhiu Frisk, 'nós cuidaremos disso.'

Lock ainda estava com raiva pelo seu encontro no hospital. Quando Frisk tinha feito aquele discurso imbecil sobre não prestar queixa, como se estivesse fazendo um favor a Lock.

'Você parece estar fazendo um trabalho espetacular, Agente Frisk,' observou.

'Ainda é cedo.'

Lock fechou a porta, para que Richard não escutasse o resto da conversa. Uma disputa dessas poderia trazer à tona fatos para os quais ele ainda não estava preparado.

'Cedo é quando você o bota pra dormir. Você sabe tão bem quanto eu. Mas já aviso, foi Hulme que me procurou e não o contrário.'

'Os quinze minutos de fama não foram o suficiente pra você, é?' disse Frisk agressivamente.

'Ok, podemos ficar aqui e ver quem tem o maior tamanho, ou podemos tentar nos ajudar,' Lock disse, abaixando a voz.

'E que ajuda você poderia oferecer?'

'Bem, para começar, talvez queira dar mais uma olhada no computador dele.'

'Um dos nossos especialistas já pegou todos os dados do computador.'

'O que não te ajudaria em nada com uma conta de e-mail da web. Dê uma olhada na pasta de spam. Vai procurar um e-mail de alguém se chamando Lobo Solitário. Chegou no dia do que aconteceu na Meditech.'

O rosto estoico de Frisk ficou vermelho. Alguém ia ficar com o ouvido doído por isso, pelo jeito.

'Algo mais?'

Lock deu de ombros. 'Isso é tudo...por agora.'

‘Então, o que acha da situação? Vamos lá, se tem alguma teoria fantástica, gostaria de ouvir.’

‘Encontre a garota e vai achar o menino.’

‘Tá por fora, Lock. Já a encontramos. A unidade portuária removeu ela do East River tem uma meia hora.’

Quatorze

Uma visita ao necrotério era um negócio sombrio no melhor dos dias, e esse estava longe de ser um dia bom. O fato de que não havia nem sinal de Josh, vivo ou morto, era bom, dadas as circunstâncias, apesar de o rio poder estar esperando para oferecer sua miséria em prestações. A má notícia era que o trabalho de identificar Natalya coube a Richard Hulme. Como se o pobre infeliz não tivesse o suficiente para lidar, pensou Lock, enquanto ouvia Frisk fazer o pedido.

Lock tinha sido prático, aceitando sem discussão. Mesmo que já não tivesse se oferecido para ajudar, imaginava que o mínimo que poderia fazer era ir junto e oferecer um ombro amigo. Isso, e poderia ter alguma pista com a descoberta de Natalya. Algo que poderia ajuda-los a encontrar Josh. Se ele ainda estivesse vivo.

Estava quente no corredor onde a identificação foi feita. A cabeça de Lock estava pulsando. Encontrou uma cadeira solitária, sentou, e cometeu o erro de fechar os olhos.

Voltou a si quando Richard entrou, olhos vermelhos, mãos tremendo, sentindo o peso de perceber que coisas muito ruins podiam acontecer a pessoas boas. Coisas das quais uma pessoa poderia nunca se recuperar completamente. Lock tinha visto isso antes, quando estava ao lado da família de Greer Pierce enquanto seu caixão era enterrado. Ele tinha esperado nunca ver isso de novo, mas aqui estava ele, fazendo uma pequena prece para que a história não se repetisse.

Pelo pouco que Frisk tinha lhe falado da investigação do FBI, Lock entendeu que eles tinham conseguido a mesma quantidade de informações relevantes quanto ele ao conversar com Richard. Ou seja, quase nada. Então Lock fez algo que ia contra todas as fibras de seu ser profissional: fez uma ligação a um membro da mídia. Uma ligação que provavelmente faria com que perdesse o emprego, e poderia até garantir que nunca trabalhasse com segurança privada novamente.

Dito isso, ele não hesitou. Sua abordagem quando estava contra a parede era sempre a mesma: ação rápida, agressiva e determinada. O que não queria dizer usar os punhos.

‘Preciso de um favor.’

Do outro lado da linha, Carrie parecia sonolenta. ‘Ryan?’

‘Lembra que disse que eu ia pensar sobre te dar aquela entrevista...?’

Conseguia imaginá-la sentando, pegando o bloquinho de anotações e a caneta que viviam na cabeceira.

‘Vai dar a entrevista?’

‘Não.’

‘Me acordou pra dizer isso?’

‘Não, vou te fazer uma oferta ainda melhor.’

A voz de Frisk ecoou tão alto contra as paredes do mortuário que um dos atendentes teve que pedir para que fizesse silêncio.

Lock não tinha certeza do nível de barulho necessário para acordar os mortos, mas entre a explosão de Frisk e as luzes absurdamente brilhantes, a dor de cabeça que Lock estava sentindo parecia pronta para entrar em fusão nuclear.

‘Perdeu a cabeça? Esses loucos amam a atenção,’ Frisk gritou, cutucando Lock com um dedo.

Lock não reagiu. ‘A notícia já virou pública.’

‘Então quer botá-lo em rede nacional?’

‘Internacional. Tenho certeza que outros países vão querer participar.’

‘E se isso incomodar os sequestradores?’

‘Se fossem matá-lo, se fosse esse o plano, já o teriam feito.’

‘E se ainda não fizeram?’

‘Alguém tem que ter visto algo. Alguém deve saber onde ele está. Pelo menos vamos chamar atenção.’

‘Você fala como se isso fosse bom.’

‘Qual é a alternativa? Sentar e esperar algo acontecer?’

‘Você está interferindo em uma investigação federal.’

‘Então me prende.’

‘Não fique na certeza de que não vou.’ Disse Frisk, voltando para ver como estava Richard Hulme.

Richard tremeu involuntariamente quando a porta do congelador fechou com o corpo dentro. ‘Eu não sei dizer.’

Mesmo com o trabalho que tinha sido feito para juntar o que restou do resto de Natalya, a bala de ponta oca e o rio dificultaram o processo. Poderia ser Natalya. Provável que fosse. Mas ele não tinha certeza.

Frisk botou a mão em seu ombro. Ele estava acostumado com esse tipo de incerteza das testemunhas, ainda mais no necrotério. ‘Não se preocupe, Dr. Hulme, podemos fazer um teste com o DNA que pegamos no seu apartamento. Vai demorar um pouco, mas não tem problema.’

Do lado de fora, Lock andava pelo corredor. Se ele fosse um fumante, estaria abrindo seu terceiro maço do dia nesse momento. Pensou no corpo a alguns metros de distância e tentou reconciliá-lo com a foto no quarto de Natalya. Pensou também nos pais dela e no telefonema que receberiam. Sua filha, cujo nariz você limpou e lágrimas secou, que cresceu e se tornou uma bela mulher, que teve a chance de uma vida nova nos Estados Unidos...ela foi assassinada.

Lock respirou profundamente. Sabia que tinha se guardar pensamentos assim. Não podia lidar com eles agora. Haveria tempo de sobra para isso depois. Tempo demais. Agora ele precisava focar nos que estavam vivos.

Ele ainda estava certo de que Natalya, mesmo morta, era a chave. Talvez ainda mais morta. Se ela não tinha importância, por que matá-la? Natalya foi a última pessoa vista com Josh. Ela levou-o até o carro. Fosse cúmplice ativa, ou apenas uma ferramenta, a história de Natalya era a história do sequestro. Ele tinha certeza disso.

A porta no fim do corredor se abriu, e Richard saiu sozinho. Ele olhou para Lock e balançou a cabeça. ‘Eu não soube dizer. Ela tinha sido...’ Seus joelhos se dobraram e ele foi ao chão.

Lock queria que alguns dos ativistas estivessem aqui para ver isso, visto que estavam prontos para caricaturar pessoas como Hulme como sendo vivisseccionistas sem coração que se excitavam ao infligir dor em animais indefesos.

Richard levantou o olhar até Lock, sua pele um tom de cinza. ‘Eles atiraram no rosto dela.’

Lock o ajudou a levantar. ‘Me escuta, você precisa acreditar que Josh ainda está vivo. Se alguém o quisesse morto, eles não teriam passado por tudo isso.’

‘Mas e se algo deu errado? E se eles tentaram escapar e foi isso que aconteceu? Josh é bastante obstinado as vezes.’

‘Em uma situação dessas, não é ruim ser assim. Pode ser o que vai mantê-lo vivo.’

‘Sério?’

‘Com certeza,’ mentiu Lock.

Quinze

O quarto era branco e cheirava a tinta fresca. A porta, cinza, era tão pesada que o motorista demorou a abri-la quando tinham chegado. Josh tinha escutado ele grunhir com o esforço, mesmo que não conseguisse ver. Tinha botado um gorro sob a cabeça de Josh, que o impedia de ver.

O chão também era cinza. Sempre parecia estar frio quando pisava nele. Tinha uma cama. Era mais comprida que a que tinha em casa, mas não muito maior. Não havia janelas, mas pelo menos uma luz. Era uma redoma de plástico transparente e estava no teto, no canto mais distante da porta. Nunca desligava. Perto dela havia uma câmera, como as que se via nas lojas normalmente. Havia uma televisão, ligada a um DVD, com uma seleção de filmes. Tudo para criancinhas. O tipo de coisa que teria assistido quando tinha uns seis anos.

Havia também um toalete e uma pia. Ambos eram prateados e reluzentes. O toalete ficava diretamente abaixo da câmera, então não achou que conseguissem vê-lo usando. Pelo menos isso.

E só. O quarto se resumia a isso. Tirando ele, claro. E suas roupas. E o álbum de fotos. Mas ele não gostava de pensar no álbum. Nem sequer tocá-lo.

Estava lá quando chegara. Perto dos DVDs. Não parecia nada de especial, só um álbum com uma capa cinza e lombada vermelha. Sem título ou autoria. Ele cometera o erro de abri-lo. Desde então, sempre que ia dormir, tinha pesadelos com as imagens de lá. Coisas horríveis. Agora ele tinha medo de ir dormir.

Tinha uma aba de metal na parte de baixo da porta. Ela abria e comida era empurrada para dentro, principalmente cereal, sanduíches ou salgadinhos, com suco. Quando se agachava, conseguia ver as mãos se um homem que empurravam a comida. Ele achava que poderia ser o motorista mas não tinha certeza, pois a pessoa nunca falava nada.

A pior parte era estar sozinho. Ele se perguntava se as pessoas estavam procurando por ele. O pai dele estaria. Tentou imaginar a porta se abrindo e ele entrando. Ele fechava os olhos e imaginava o pai puxando ele para perto e o abraçando. Como Natalya costumava fazer.

Então sua mente o levava ao que acontecera com Natalya no barco. Ou pior, uma foto do álbum. Ele abria os olhos, e seu pai tinha sumido. Mas o álbum ainda estava lá. E ele começava a chorar de novo.

Dezesseis

Era cerca de quatro da manhã quando Lock voltou ao seu apartamento, um flat em Morningside Heights, colado na Universidade de Columbia. Não havia mais nada que pudesse ser feito agora, de qualquer jeito. O laboratório estava testando o DNA do corpo para ver se era Natalya. Pelo que Frisk tinha dito, era quase certeza que sim. A NBC já estava ocupada com a entrevista exclusiva de Carrie com Richard Hulme, que iria ao ar mais tarde naquele dia. E todos com um trabalho para fazer pela manhã estavam dormindo. Lock decidiu se juntar a eles, desmaiando em cima da cama, sem tirar as roupas.

Menos de quatro horas depois, foi acordado por um feixe do sol de inverno invadindo seu quarto. Foi necessária quase tanta determinação para não se esconder por baixo de um travesseiro e voltar a dormir quanto foi preciso para ir atrás do atirador no prédio em frente à Meditech. No banheiro, ele percebeu só tinha tempo para se barbear ou tomar banho. Priorizando o odor corporal em vez da pele lisa, se despiu rapidamente e se enfiou no jato d'água quente.

Enrolado em uma toalha, vasculhou o guarda-roupas. Não faltava roupas escuras, mas suspeitou que trajes de guarda-costas com uma máscara de esqui não seriam escolhas apropriadas para um funeral. No fim das contas, ficou com shorts pretos, uma camisa branca aberta no pescoço, e uma jaqueta parka preta, grande o suficiente para esconder seus vários pecados, e sua arma – que lhe foi devolvida na noite anterior depois de uma discussão acalorada com Frisk.

Enquanto se vestia, abriu a geladeira, apenas para dar de cara com uma coleção de itens podres, dignos de uma bronca do Gordon Ramsay. Jogou a maioria das coisas em um saco preto. O café-da-manhã teria de esperar.

A campainha tocou, e Lock apertou o interruptor. ‘Diga.’

‘É o Ty.’

Lock abriu a porta e foi até o quarto, quando voltou, TY estava na cozinha, investigando os armários. Ele quase sempre estava com fome, mas não importava o quanto Lock assistia ele comer, não parecia afetar seu físico esguio de jogador de basquete.

‘Não tem nem cereal nesse moquifo? Ty perguntou.

‘Eu nunca paro aqui.’

Ty virou, parou, e olhou para Lock. ‘Uau, cara. Sem palavras.’

‘Estou horroroso?’

‘Não, tá mais pra...’ Ty parou, procurando a palavra. ‘Atropelamento.’ Lock coçou sua barba. ‘Noite longa.’

‘Cara, eu vi gente que passou dez anos no crack e tá melhor que você. Enfim, não deveria estar repousando?’

‘Eu deveria.’

‘E por que não está?’

‘Encontraram a secretária de Josh Hulme.’

‘Bom. O que ela tinha a dizer?’

‘Pouca coisa. Atiraram em seu rosto e a jogaram no East River.’

‘Brutal,’ disse Ty, sem mudança de expressão. Ele examinou as roupas de Lock. ‘É por isso que tá

vestido de Walker, Texas Ranger?’

‘Tá dizendo que eu pareço o Chuck Norris?’

‘O Chuck em um dia ruim. Olha, Ryan, lembra que eu te disse que não era pra nos envolvermos.’

‘E não estamos. Eu estou.’

‘Ryan, você é um empregado da Meditech, assim como eu.’

‘E enquanto estou me recuperando, achei que seria legal fazer um bico de graça.’

Lock pegou a toalha, entrou no banheiro e fechou a porta.

Ty tirou uma cueca velha da cadeira e sentou assim que Lock desapareceu dentro do banheiro. Ele sorriu. Isso era típico de Lock. O cara nunca encontrava uma causa perdida que não gostasse.

Ele era assim desde que se conheceram no Iraque. Ty nos Fuzileiros Navais e Lock, bizarramente, na Unidade de Segurança da Polícia Militar Real Britânica. Lock se tornara alvo de interesse instantâneo para Ty. Apesar de ele andar, falar, e até mascar chiclete que nem americano, aqui estava ele, trabalhando com os riquinhos, tendo ido até a Inglaterra para se alistar assim que saiu da faculdade. A decisão, Lock explicou depois, foi cortesia do pai, imigrante escocês que tinha servido na mesma unidade, mas que se apaixonou e casou com uma californiana – nos dias em que os Beach Boys ainda não tinham espalhado o segredo.

Pós Iraque, e finalmente ambos dispensados, Ty tinha chamado Lock para o trampo na Meditech. Ele nem se surpreendeu quando descobriu que trabalharia como mão direita de Lock. Deixando o ego de lado, ele sabia que quando o assunto era proteção, ninguém era tão bom quanto a Unidade de Segurança da PMRB. Sem bravata. Sem o heroísmo das forças especiais. Eles simplesmente faziam seu trabalho chamando o mínimo de atenção

Lock saiu do banheiro. Ty resolveu tentar mais uma vez.

Essa não é uma boa ideia, cara. O Brand quer seu emprego.’

‘Me diga uma novidade.’

Tanto Lock como Ty sabiam que Brand queria o emprego de Lock desde que fora apontado.

‘E ele tem sussurrado no ouvido de Stafford Van Straten. Dizendo que você ficou na arquibancada durante o que rolou na sede,’ disse Ty.

‘O sujo falando do mal lavado.’

‘Talvez, mas o Stafford anda insistindo com o pai para se livrar de você completamente. Escuta, você tá na lista de pagamentos deles e eles não querem se envolver com esse caso.’

‘Richard Hulme trabalhou para eles por bastante tempo. Devem pelo menos isso a ele.’

‘Não é assim que eles pensam. Me manda pastar, se quiser, mas fica fora desse caso.’

‘Eles te enviaram?’

‘Claro que não. Não sabem de nada disso.’

‘Então o que os olhos não veem, o coração não sente.’

O rosto de Ty se abriu em um sorriso. Se era assim que Lock via as coisas, que diabos, por que não ir junto?

Dezessete

Carrie olhou diretamente para a câmera dois. ‘É o pesadelo de qualquer pai. Um crime que abala o público como nenhum outro. Seu filho ou filha sequestrado por desconhecidos. Quem poderia imaginar o tormento sentido pelo pai’ – eles cortam de Carrie para um close de um Richard Hulme parecendo extremamente desconfortável enquanto ajeitava a gravata pela milionésima vez – ‘para quem esse pesadelo se tornou realidade? Em alguns momentos falaremos com o Dr. Richard Hulme. Seu filho de sete anos, Josh, desapareceu depois de sair de uma festa de natal no Upper East Side. Um corpo que acredita-se pertencer à russa Natalya Verovsky, a ama de Josh, foi encontrado ontem. Mas até o presente momento, não há sinais de Josh. Hoje seu pai vai falar sobre o desaparecimento do filho, e a influência que seu trabalho como chefe de pesquisa para a controversa Meditech pode ter tido no sequestro. Fique ligado após os comerciais.’

Assim que a mensagem acabou, cortaram para os comerciais. Carrie virou para Richard, que estava sentado ao seu lado, pálido.

‘Eu nunca concordei falar sobre a Meditech.’

‘Então não responda as perguntas a respeito,’ ela respondeu, com um pouco de dureza na voz.

‘Mas vou acabar parecendo alguém escondendo algo.’

‘E você está?’ ela questionou, e Richard desviou o olhar.

Carrie se aproximou. ‘Eu estou aqui para te ajudar a encontrar seu filho. Mas também planejo chegar ao fundo dessa história. Com ou sem você.’

Saindo da pausa para os comerciais, Carrie se ocupou em explicar a linha do tempo do desaparecimento de Josh, sabendo que enquanto o fazia, Richard dava seu melhor para não cair em lágrimas, seu rosto capturado pelas câmeras. ‘Toda manhã eu acordo e é como se estivesse submerso.’ Ele disse, a voz embargada. Carrie acenou mostrando compreensão. Ela planejava fazer sua jogada após a próxima pausa, mudando de direção e falando sobre a Meditech e os ativistas dos direitos dos animais. Lock tinha repassado algumas perguntas que ele queria que fossem ao ar, como o porquê da empresa ter cortado laços com Richard. Ambos sabiam que Richard não saberia responder, mas ao jogar as perguntas em público, poderiam contar com o resto da mídia para ajudar.

Quando Carrie seguia para a segunda pausa, pôde escutar sua produtora, Gail Reindl, falando em seu ouvido. ‘Preciso falar com você antes de irmos ao vivo. Estou descendo.’

Carrie garantiu que um dos assistentes enchesse o copo d’água de Richard enquanto ela ia até o fundo do estúdio para encontrar Gail.

Ela a puxou para um canto. ‘Esqueça as perguntas sobre a Meditech.’

‘Por que?’

‘Não faça perguntas.’

‘Isso é babaquice,’ ela disse, se soltando. ‘Eu sei, não me diga: um do caras da publicidade está no telefone ameaçando cancelar as propagandas da rede. Malditos.’

Gail ignorou o comentário. ‘Olha, essa coisa emocional é perigosa. Não perdemos nada se não perguntarmos.’

‘Tirando a verdade, você quer dizer?’

Gail bufou ridiculamente. ‘Você tá parecendo uma caloura de jornalismo na Columbia.’

Carrie se irritou. ‘Não, eu estou indo atrás da história. Como podemos ignorar que ele trabalhou em uma empresa fora da qual várias pessoas foram mortas durante um protesto? Pareceremos uns idiotas.’

‘Ok, mencione isso quando voltar, mas depois passa reto.’

‘Passar para o que?’

‘Vai pensar em algo.’

E assim, Gail se foi com um silvar de casimira preta e um rastro de Chanel No. 5. Carrie teve que correr para voltar ao seu posto a tempo.

Os olhos da nação estavam nela, e Carrie não perde tempo.

‘Richard, até algumas semanas atrás, você costumava trabalhar na Corporação Meditech.’

‘Sim.’

‘E por quanto tempo trabalhou para eles?’

‘No total, cerca de seis anos.’

‘E o que fazia parte do seu trabalho?’

‘Eu estava envolvido em várias áreas.’

‘Que envolviam testes em animais?’

Richard não hesitou. ‘Correto. Eu acredito que o benefício para a raça humana tinha um peso muito maior que qualquer sofrimento causado em animais.’

‘Mas você deixou o emprego recentemente?’

‘Sim, alguma semanas antes de Josh desaparecer.’

Ela podia ouvir Gail, sem ar depois de correr até a cabine de edição, em seu receptor de ouvido. ‘Ok, agora de volta à criança.’

‘Qual era a natureza do seu trabalho na Meditech?’

‘Não posso discutir nada em detalhes. Existe a questão da confidencialidade.’

Gail novamente: ‘Esquece esse assunto, Carrie.’

Carrie sorriu para Richard, dirigindo seu próximo comentário a Gail e qualquer imbecil em um terno que tivesse decidido ditar seu trabalho. ‘Entendo, e sua lealdade é louvável, ainda mais considerando que seu antigo empregador se recusou a ajudar na busca ao seu filho – não é mesmo?’

Dessa vez Richard hesitou. ‘Sim...isso mesmo.’

Assim que foram à próxima pausa, Gail voltou ao lado de Carrie. Ela se preparou para a bronca. Gail Reindl em modo de ataque era um espetáculo único.

Em vez disso, ela manteve os olhos no chão do estúdio e disse, ‘Finaliza com o Hulme.’

‘Mas ainda temos dez minutos.’

‘Eu sei disso, mas recebemos uma ligação. Quero que receba ela ao vivo.’

O coração de Carrie acelerou. ‘Já temos uma pista?’

‘Temos todos os loucos de toda Nova York ligando, mas esse é um pouco diferente. O CEO da Meditech quer esclarecer algumas coisas.’

Carrie teve que segurar o sorriso. Não pela explosão de telespectadores que isso causaria, mas sim pela última coisa que Lock tinha dito quando ligara para preparar a entrevista com Richard Hulme.

Vamos ver se acordamos algumas cobras.

Do canto da visão, Carrie conseguia ver Richard sendo levado por um dos assistentes. Quando o chefe de piso mostrou três dedos para avisar que ela voltaria ao ar, ela olhou diretamente para a câmera.

‘Estamos agora no telefone com Nicholas Van Straten, chefe executivo da antiga empregadora de Richard Hulme, a Meditech. Sr. Van Straten, obrigado por entrar em contato. Tenho certeza que os telespectadores gostarão de conhecer sua perspectiva.’

Dezoito

Não havia necessidade para máscaras. O apartamento não tinha câmeras, e a única testemunha era a pessoa que tinham vindo matar. O homem mais alto bateu na porta primeiro, enquanto o menor ficou ao lado, esperando.

Ninguém respondeu no início. Os homens trocaram olhares mas permaneceram calados. O homem alto bateu de novo. Talvez a TV estivesse muito alta. Ou ela tivesse saído. Estavam para sair quando a porta se abriu de leve, mostrando o rosto de uma mulher cautelosa na abertura. Era esse tipo de vizinhança.

O homem mais alto sorriu. ‘Sra. Parker?’ ele perguntou.

‘Já falei pra vocês, não sei onde estão se escondendo.’

‘Não é sobre isso, Sra. Parker.’

‘Alguém reclamou dos meus gatos?’

‘Desculpe incomodar, senhora, mas poderíamos entrar?’

Ele pode vê-la pensando a respeito, reparando que ele era educado, bem vestido e, principalmente, branco. Ela fechou a porta para que pudesse destrancar a corrente, e abriu-a novamente para deixá-lo entrar.

‘Deixa que eu fecho,’ ele disse, fechando a porta, mas não completamente.

O cheiro era opressivo. Ele não sabia como alguém conseguia viver assim. Um gato soltou um miado e se arrastou pelas suas pernas. Ele passou por cima do gato e seguiu a mulher até a sala. A TV estava de fato ligada, mostrando Cesar Milan ensinando uma mulher anoréxica a falar com seu cachorro, que não parecia em nada com a dona.

‘Agora, deixa eu te falar sobre os meus vizinhos. Eles não gostam dos meus gatos, sabe?’

‘São criaturas adoráveis,’ ele disse, se movendo de forma que ela ficasse de costas para a porta quando olhasse para ele.

‘Você acha?’

‘Com certeza. Meu animal de estimação favorito.’

‘Você tem algum?’

Agora ela estava de lado para a porta. Quase lá.

‘Infelizmente não, moro em um apartamento que não permite.’

‘Ah, é uma pena.’

O homem menor apareceu na porta, despercebido pela mulher. Mas não pela meia dúzia de gatos espalhados pelo quarto. Seguindo algum tipo de sexto sentido felino, eles começaram a berrar. Primeiro um, depois outro.

O homem menor agiu rapidamente, dando os últimos passos em questão de segundos, removendo a tampa da seringa enquanto corria. Assim que ela virou, ele enfiou a ponta da seringa em sua nádega e injetou o conteúdo.

Quando ela começou a gritar, o homem mais alto agarrou-a enquanto o menor tampou sua boca com a mão livre. Um dos gatos silvou e pulou na TV de onde observou, sem piscar, sua dona cair no chão. A boca dela estava aberta. Os olhos também. O rosto estampado com uma expressão de completa surpresa.

‘Ok, vamos botar ela na cadeira.’

Juntos, carregam-na até a cadeira solitária, com as mãos repousando no colo. O homem menor fechou suas pálpebras com os dedos e então se afastou para admirar o trabalho.

‘Ela parece estar fazendo pose,’ disse o homem alto.

‘Tem razão.’ O menor se abaixou e puxou seu pé esquerdo de forma que uma das pernas ficasse virada de lado. Checou uma última vez. ‘Perfeito,’ disse, se abaixando para pegar a tampa da seringa.

‘E os gatos?’

‘O que tem eles?’

‘Bom, não vão ficar com fome?’

O homem menor deu uma olhada na velha sentada na cadeira.

‘Eles tem umas três semanas de suprimentos bem aqui.’

Dezenove

Stafford Van Straten parecia estar à beira de um aneurisma. Alisou a juba de cabelos loiros com uma mão enquanto sua boca abria e fechava parecendo um peixinho dourado. ‘Vai deixar Lock encarregado disso?’

Seu pai puxou-o de lado, onde outras pessoas não pudesse escutar. ‘Sei que não se dão bem, por qualquer que seja o motivo, mas ele pode ser útil no momento,’ ele disse, ignorando o fato de que ambos sabiam o motivo pelo qual Stafford e Lock se odiavam. Nicholas também não esqueceria da razão, que tinha custado a ele muitas noites sem sono e 250 mil dólares.

‘Mas Richard Hulme não é problema nosso.’

‘Me escuta. Quaisquer que sejam nossos problemas com Hulme, ou o que quer que nossos advogados estejam dizendo—’ ele parou, transformando a voz em um sussurro. ‘Uma criança está desaparecida. E se fosse você?’

Stafford sorriu. ‘Como se eu fosse uma criança.’

‘Exato, portanto pare de se comportar como uma.’

Dispensando o filho com um virar de ombros, Nicholas Van Straten acenou para Ty. ‘Tyrone?’

‘Senhor.’

‘Algum sucesso localizando Ryan?’

‘Ele ainda está fora.’

‘Fale claramente, Tyrone.’

‘Seu celular está desligado.’

‘Ok, assim que conseguir falar com ele, quero ele aqui para repassar algumas instruções. Enquanto isso, pode começar a preparar os procedimentos?’

‘Sim, senhor.’

Stafford voltou ao seu escritório, pegou um taco de golfe encostado num canto e fez um movimento como se fosse um taco de baseball, evitando a mesa por pouco. Ele era o herdeiro, o homem que cuidaria da empresa um dia, e a opinião dele não era sequer requisitada. O superintendente do prédio tinha mais voz aqui do que ele.

A porta do banheiro executivo estava aberta e ele se viu no espelho. Parou, apreciando a própria imagem, os brilhantes olhos azuis e o denso cabelo loiro, ambos herdados da mãe. Apenas o queixo de seu pai o decepcionava. Com um queixo mais sólido, teria sido a capa da revista Fortune. O rosto de um homem destinado à grandeza.

‘E ai, bonitão.’

Stafford girou e viu Brand parado na porta. Ele deixou o taco cair para uma posição mais convencional, e fingiu estar acertando uma bola. ‘Não aprendeu a bater antes?’ ele perguntou, sentindo-se como se tivesse sido pego com as calças arriadas.

Brand botou uma mão em seu ombro. ‘Não se importe com as provocações do velho.’

‘Essa era nossa chance de se livrar dessa porcária de direitos dos animais. Por que ele não passou isso para um de vocês? Digo, qualquer um menos Lock. Odeio aquele cara.’ Stafford chutou a parede com a ponta de seus sapatos de couro ingleses.

‘Eu sei.’

‘E o que fazemos a respeito?’

‘Não consegue falar com seu velho? Talvez sugerir que seja hora de Lock procurar novos horizontes fora da empresa.’

Stafford sorriu. ‘E te fazer chefe de segurança?’

‘Olha, não me parece uma má ideia.’

‘Ele não vai aceitar. Não depois do que aconteceu. Ele acha que o sol brota do rabo de Lock.’

‘Bela imagem. Sabe o que eu acho? Lock que planejou essa entrevista. A moça que tá fazendo saiu com ele por um tempo.’

‘Talvez eu possa usar isso.’

Brand deu um tapa no ombro de Stafford novamente. ‘Sua chance vai chegar, Stafford. Logo seremos eu e você na fama, e Lock e seu velho serão coisa do passado.’

Vinte

Uma placa de aluguel estava fixada do lado de fora do restaurante coreano. Mais abaixo, o prédio da Meditech parecia estar igual ao dia do tiroteio, com uma ou duas adições musculosas na forma de meia dúzia de barreiras anti aríete da Metalith™. A frente de vidro também tinha sido refeita, a coloração, mesmo nessa luz, demonstrando que era à prova de explosões.

Eles refletiam de volta a imagem de Lock, que estava parado do lado de fora, estudando o resto de um estranho. O que tinha sido uma sombra agora estava se tornando uma barba completa. Seus olhos tinham grandes bolsas pretas sob eles. Suas pupilas estavam dilatadas mas o resto estava avermelhado. Ele se lembrou de outra pessoa. Pensou um pouco para se lembrar quem. Ah, sim. Ele parecia Richard Hulme. Tirou o boné e massageou os pontos no escalpo. Talvez todos eles acabassem parecendo com Richard Hulme até Josh ser encontrado.

Ele deu três passos até a recepção.

‘Me desculpe, senhor, quem procura?’

Era do time de Brand. Um antigo fuzileiro com cara de bebê que era conhecido como Hizzard.

Lock deu uma olhadela no inchaço no casaco do guarda. ‘Hizzard, pode estar congelando lá fora, mas está quente aqui dentro. Você parece um idiota.’

Relutante, Hizzard tirou o casaco e revelou uma Mini Uzi com o que Lock imaginou ser um tambor de cinquenta balas.

‘Jesus, pensando bem, bota o casaco de volta antes que alguém veja isso. Que diabos? Fique Rico ou Morra Tentando?’

Hizzard ficou acanhado.

‘Escuta, rapaz,’ Lock disse, ‘você escolhe uma arma baseando-se na portabilidade para o trabalho. Nada mais.’

Passos ecoaram no chão de mármore atrás deles. Lock virou o pescoço, feliz por ver Ty atravessando o lobby em sua direção.

‘Querem você no vinte-cinco. Podemos conversar durante a subida.’

‘Beleza,’ disse Lock, olhando de Hizzard para Ty.

Ty deu de ombros como quem diz ‘essas crianças de hoje em dia’ e foram ao elevador que os levaria até o vigésimo andar. Entraram e Ty apertou o botão. As portas se fecharam. Uma câmera escondida no canto direito do elevador os observava. Lock se virou de forma a ficar de costas para ela e contou até dez.

‘Por que todo o equipamento, Tyrone?’

‘Te falei, cara, com você fora, tá todo mundo querendo chamar atenção aqui. Brand tá marcando território.’

As portas se abriram no vinte. Dois membros da equipe de Brand os esperavam do lado de fora. Dessa vez estavam sem os casacos mas com os mesmos modelos de pistola automática dos meninos lá embaixo.

Lock e Ty olharam um para o outro. Os lunáticos tinham dominado o manicômio.

Vinte e um

Ao entrar na sala de reuniões do vigésimo quinto andar, Lock se sentiu tão confortável quanto uma maluco invadindo um restaurante chique. Não que alguém tivesse falado algo. Muito pelo contrário. Ninguém comentou sobre sua aparência. Ou perguntou como ele estava. Ou como se sentia sendo o homem ‘oficial’ escolhido pela Meditech para liderar a busca por Josh Hulme. Em vez disso, todos eles estavam analisando papéis e esperando o chefe, Nicholas Van Straten, dar início à reunião.

Nicholas estava na ponta da mesa. Stafford estava diretamente à direita, e Brand à esquerda. Mal sinal. Ty se sentou ao lado de Lock, um pouco atrás. Espalhados nas outras cadeiras estavam cinco ou seis outros empregados. Alguns Lock onhecia, outros não. Ela uma empresa grande.

Stafford analisou Lock de cabo a rabo. ‘Não sabia que era dia de se vestir casualmente.’

A mulher de relações com a mídia riu baixinho.

Lock olhou para Stafford. ‘Meu terno estava na lavanderia.’

Nicholas Van Straten fechou a pasta bege com uma mão bem cuidada e olhou para a mesa, fitando Lock rapidamente. ‘Obrigado por estar aqui, Ryan. Eu agradeço. Como está se sentindo?’

Lock dirigiu sua resposta a Brand. ‘Pronto para trabalhar.’ Brand sorriu.

Em vez de ficar com raiva, Lock tentou se imaginar flutuando fora de seu corpo e assistindo a cena de cima. Como observador imparcial, observou que tudo que fizera foi ganhar dinheiro. Guarda-costas ganhavam o tanto que ganhavam pois, um dia, teriam que arriscar a própria vida para salvar a de seu protegido.

Lock respirou, e tentou se concentrar. ‘Eu peço desculpas pela minha aparência. Esses últimos dias foram agitados.’

Ele pôde ver Ty olhando para a mesa, tentando conter a risada.

‘Muito,’ disse Nicholas. ‘Agora, podemos discutir o que fazer em seguida?’

A mulher de relações públicas, que coincidentemente era a Missy da ‘conferência com a imprensa ao ar livre’, começou a dar ideias sobre como lidar com a situação do desaparecimento de Josh Hulme, do ponto de vista de relações públicas. Como a profissional que era, ela começou puxando um pouco de saco. ‘Bem, Sr. Van Straten, com sua intervenção brilhante, fizemos um grande avanço em tomar controle dessa situação delicada. Claramente, nossa falta de envolvimento inicial causou algum dano, mas isso não deve durar agora que estamos sendo vistos ajudando.’

O ‘estamos sendo vistos’ perturbou Lock mas ele se manteve calado. Estava claro que o terreno tinha mudado bastante em um curto período de tempo, e ele precisava ter uma noção antes de falar qualquer coisa.

Enquanto Missy continuava com suas explicações longas e desnecessárias, Lock estudava Brand. Uma cabeça quadrada atrelada a um torso tão quadrado quanto. Ele estava reto na cadeira, olhando diretamente para a mulher a falar. Suas mãos repousavam na mesa, dedos entrelaçados. Ele parecia alguém que estava escutando intensamente quando, na verdade, Lock sabia, graças a seu convívio com ele, que ele não tinha ideia do que ela estava falando. Ainda assim, ele parecia impressionante. Calmo e no controle.

‘Então, resumindo,’ Missy dizia, ‘Eu acho que essa seria uma excelente oportunidade não só para

dar mais notoriedade à marca mas para reposicionar nossa companhia como uma que realmente se importa com a comunidade.’

Deus do céu. Só nos EUA corporativo o sequestro de uma criança, que já tinha deixado uma pessoa morta, poderia ser visto como uma maneira de fazer executivos parecerem pessoas boas.

‘Eu tenho uma ideia,’ disse Lock.

Todos os olhos se voltaram para ele.

‘Talvez se a gente conseguir encontrar o garoto ainda vivo, nós possamos juntar e fazer uma propaganda de um de nossos remédios. Tipo Ritalina, ou algo do tipo.’

Ninguém riu. Ou pareceu ficar com raiva. Missy escreveu algo rapidamente. ‘Ou talvez pudéssemos criar algum tipo de fundação?’

‘Acho que o Sr. Lock estava apenas brincando,’ Nicholas Van Straten disse secamente.

‘Ah,’ ela respondeu, olhando para Lock como se ele tivesse acabado de se aliviar no canto da sala.’

‘Posso?’ interviu Stafford

‘Se você deve,’ disse seu pai.

Stafford juntou as palmas das mãos como que em súplica, e parou por um momento. ‘Não acho que tenhamos um problema aqui. Isso é apenas uma confusão de relações públicas, nada que vai nos afetar. E certamente nada que deva preocupar nosso acionistas. Os ativistas dos direitos dos animais, esses sim são um problema. Mas como estão fora da jogada, podemos nos concentrar no nosso objetivo final.’ Stafford se levantou. ‘Agora, é isso que eu proponho...’

Lock se mexeu desconfortavelmente, sua dor de cabeça recorrente começando a arranhar a parte da frente de seu crânio. Enquanto Stafford falava, sua mente derivou para três meses antes, para a primeira vez que viu o homem.

Lock estava supervisionando uma varredura nos andares superiores do prédio, mostrando ao novato Hizzard o procedimento de procura civil padrão enquanto o local estava vazio. Mesmo os funcionários que estavam evitando voltar a um apartamento vazio, ou fazendo hora extra para impressionar o chefe, já tinham ido embora.

Lock tinha deixado Hizzard checar metade do andar enquanto ele checava a outra metade. Faltava um último escritório, o de Stafford. Um andar abaixo do de seu pai, o dele era perto o suficiente para se sentir importante, mas não tão perto que seu pai tivesse que vê-lo constantemente. A porta estava levemente aberta, e quando ele a abriu, viu uma prostrada na mesa. Ele segurava o cabelo dela com a mão direita, a esquerda percorrendo suas coxas. A mulher estava tentando ao máximo se desvencilhar dele, arranhando a cara de Stafford com a mão livre.

‘Cale a boca, sua puta,’ Stafford gritou, puxando-a pelo cabelo.

‘Você tá me machucando,’ ela implorou.

O rosto de Stafford se aproximou do dela. ‘Aposto que você gosta assim, não é mesmo?’ ele sussurrou.

Lock tinha visto o suficiente. Ele adentrou o escritório.

‘Essa sala não precise de limpeza, vá a outro lugar,’ vociferou Stafford, sem olhar para trás.

Quando não recebeu resposta, Stafford largou o cabelo da mulher e foi abaixar as calças.

Cobrindo a distância entre eles com seis longos passos, Lock parou assim que Stafford se virou. A expressão no rosto de Stafford não era de vergonha, culpa, ou algo parecido. Ele parecia apenas irritado que alguém tinha a audacidade de desobedece-lo. Lock nunca tinha sentido uma vontade tão grande de acabar com a expressão na cara de alguém.

Ele o fez com um único golpe contra o rosto de Stafford, uma cotovelada que encontrou o nariz com um leve estalo de ossos. Se tinha algo que garantia que estupradores deixassem de estar excitados, ela dor severa e súbita. Costumava funcionar muito mais rápido que um banho frio.

A mulher se soltou e virou. Ela respirava fundo por ter se debatido. Botou ambas as mãos no rosto e

esfregou, como se estivesse espantando um pesadelo. Ela parecia ter vinte e poucos anos, estagiária ou recém-formada.

‘Você tá bem?’ perguntou Lock.

Ela acenou que sim, tentando vestir a meia calça rasgada. Hizzard, o novato, se enfiou na sala e congelou assim que viu a cena.

‘Tem um banheiro no fim do corredor,’ Lock disse à mulher.

‘Hizzard vai te levar lá.’ Ela hesitou.

‘Não se preocupe, você está em segurança,’ ele reafirmou.

‘Ok.’ Sua voz falhou de leve. Abaixando a saia, ela saiu, evitando contato com Stafford. Hizzard foi atrás, mantendo distância.

Lock ignorou Stafford e foi até o telefone. Ele ficou feliz de ver uma centelha de dor nos olhos de Stafford.

‘Ei, espera um pouco.’

Lock apertou nove para fazer uma ligação para fora. Ele viu que Stafford estava desesperado para se jogar contra o telefone, mas covarde de mais para seguir com o plano. Ele botou o telefone entre o ombro e o queixo. ‘O que vai me dizer? Que ela gosta quando é violento? Ela estava dando mole a semanas? Por que teria ficado trabalhando até tarde em uma sexta à noite se só tinha vocês no prédio?’ Ele apertou o ‘nove’.

‘Lock? É esse o seu nome, certo?’ Stafford disse, em pânico.

Lock apertou o ‘um’. Só mais um dígito.

‘Olha cara. Eu não vou dar desculpas. Não sei o que estava pensando. Tenho problemas.’

‘Agora tem mesmo,’ Lock disse, pressionando o último ‘um’. ‘Departamento de polícia, por favor.’

Demorou um segundo para ele ser transferido. Lock se apoiou casualmente na mesa, se deleitando no desconforto de Stafford. Seu instinto dizia uma coisa: essa pode ter sido a primeira vez que ele foi interrompido, mas não foi a primeira vez que isso aconteceu.

‘Vai se danar, cara,’ Stafford deixou escapar. ‘O que você viu não vai servir de nada no tribunal. Não vai nem a julgamento. É a palavra dela contra a minha.’

Lock botou o telefone na base. O que Stafford tinha achado que era uma tática para amedrontá-lo era outra coisa. Lock soltou o telefone não por que já tinha assustado o rapaz o suficiente, mas sim porque Stafford estava certo. Ligar para a polícia não resolveria nada.

Ele removeu sua SIG e apontou-a para a cara ensanguentada de Stafford. O movimento foi relaxado, quase casual. ‘Gosta de armas?’

O rosto de Stafford perdeu toda a cor. ‘Eu fiz treinamento militar na faculdade,’ ele disse.

‘Lembra a primeira coisa que seu instrutor de tiro disse? A regra principal?’

Stafford engoliu seco. ‘Nunca aponte uma arma em uma pessoa a não ser que pretenda atirar nela.’

‘Muito bom. Nota dez. Agora, para fora.’ Lock balançou a arma em direção a porta.

Existem muitas maneiras que um homem pode pensar que vai reagir quando tem uma arma apontada para ele. Em combate, Lock tinha visto ‘machões’ perderem controle da bexiga, e covardes encontrarem certa calma que permitiu que contra-atacassem. Mas a primeira sensação é sempre a mesma para todos. Medo.

Stafford foi até a porta mansamente. No corredor, Lock guardou a pistola no coldre e garantiu que Stafford estivesse à sua frente e não olhasse para trás. Atrás deles, Hizzard mantinha guarda do lado de fora do banheiro feminino.

Lock guiou Stafford até o elevador. Confirmação de que estavam sendo observados chegou no ouvido de Lock na forma de uma voz da sala de controle.

‘Estamos bem. Apenas indo tomar um pouco de ar fresco,’ Lock respondeu.

Saíram no último andar. Dali era possível acessar a cobertura. Lock acionou um código e empurrou

Stafford pela porta.

Estava escuro do lado de fora. E fresco, não mais que vinte graus. Um sensor detectou movimento, ativando a luz e jogando as sombras dos homens contra o chão.

A caminhada pareceu dar a Stafford a oportunidade de se recompor um pouco. ‘E agora? Vai atirar em mim?’ ele perguntou.

‘Não,’ respondeu Lock, ‘você vai pular.’

‘O que? Ficou louco? Você tá gravado me trazendo até aqui.’

‘Você diz, nos discos rígidos que serão apagados por mim acidentalmente na mesma hora que você acertar o chão?’

‘E a garota?’

‘Acha que ela vai dizer algo depois do que você fez?’

‘Você não conseguiria sair dessa.’

‘Eu passei dez anos na Polícia Militar Real. Realmente acha que não cobriria todos os meus rastros?’

Mantendo sua arma mirada em Stafford, Lock andou até a borda da cobertura. ‘Eu te encontro tentando estuprar uma das novatas. Eu separo vocês. Isso vai ser corroborado, certo?’

Stafford não respondeu.

‘Não há câmeras aqui em cima, ninguém para saber que você admitiu algo,’ Lock continuou, movendo sua arma para cima de forma a apontar diretamente para o rosto de Stafford.

Ele levou os braços ao alto. ‘Ok, então eu aceito essa versão dos eventos. Qual a diferença?’

‘Bom, eu tenho o dever de te denunciar. Você me implora pra reconsiderar. Você tem uma oferta para mim. A gente vai até a cobertura, onde ninguém pode nos ouvir. Tudo que está gravado são dois caras andando até aqui. Chegamos aqui, sob as estrelas, confortáveis, e você faz sua oferta. Mas eu não vou aceitar. Na verdade, vou até mencioná-la quando o caso for a julgamento. Se eu disser que você tentou me subornar, o caso dela fica muito mais convincente, não concorda?’

Lock tinha fechado um círculo, de forma que Stafford estava com as costas para a beira. Enquanto Lock falava, tinha se aproximado um pouco. O suficiente para confundir seu espaço pessoal. Stafford tinha ido para trás naturalmente, sem perceber. Ele estava a dois metros de uma queda.

‘Você está desesperado. Soluçando. Sem fazer sentido. Por que você sabe o que acontece com estupradores na prisão. Ainda mais os jovens e bonitos como você. Vai levar ao invés de atirar. Ah, e a vergonha que vai causar à sua família. Então’ – Lock botou o dedo ao redor do gatilho da SIG – ‘você pula.’

‘Ninguém vai acreditar nisso,’ disse Stafford, dando um passo para trás.

‘Ah, algumas pessoas não vão. É uma puta história, não acha? Mas no tribunal vai ser a sua palavra contra a minha. E você vai estar bem calado.’

Stafford olhou pelo ombro. Surpreso por estar tão perto da borda, ele deu um passo para frente, mas Lock balançou a arma.

‘Direção errada.’

‘Eu não vou fazer isso. Não vou pular.’

‘Então vou te jogar. Não vai ser a primeira vez que faço isso.’

Lock guardou a SIG e socou Stafford com força no plexo solar. Quando caiu, sem ar, Lock chutou-o na virilha e então no rosto. ‘Ninguém vai perceber trauma a mais no corpo de um saltador,’ ele comentou, agarrando as costas da jaqueta e da camisa de Stafford e arrastando-o até a borda.

‘Socorro! Alguém me ajuda!’ Stafford gritou.

‘Estamos sozinhos, Stafford. Nem o Papai pode te ajudar agora.’

Havia uma ponta de concreto na borda da cobertura. Lock botou Stafford em cima dela.

‘Por favor. Por favor, não faça isso!’ Stafford implorou.

‘Por que? Me dê uma boa razão.’

‘Eu não tenho uma.’

‘Você não quer morrer, quer?’

Stafford balançou a cabeça, lágrimas descendo pelo rosto. ‘Não, não quero.’

Lock deu um passo para trás, ainda com a arma. ‘Ok, então vamos fazer o seguinte.’

Rapidamente, Lock repassou a Stafford suas obrigações e o que aconteceria se não fossem cumpridas. Então ele voltou para dentro do prédio, deixando Stafford sozinho na cobertura para pensar sobre o que tinha acabado de fazer.

Alguns dias depois, a estagiária entrou em contato com Lock para agradecer. Um dia depois do ataque, um cheque de duzentos e cinquenta mil dólares chegou pelo correio em seu apartamento. Junto com um acordo legal de que não tomaria nenhuma ação adicional.

Lock sabia que era uma saída barata para Stafford e se sentiu mal por isso. Mas também sabia quais eram as chances de ele ser preso em caso de agressão sexual.

Mais uma vez, a justiça permanecera de olhos vendados.

Vinte e dois

‘Quero que Ty trabalhe comigo na recuperação.’ Lock falou afirmativamente, sem perguntar. Era mais rápido assim, e já tinham perdido trinta minutos com coisas levianas que não tinham nada a ver com a recuperação segura de Josh Hulme, e tudo a ver com o valor da ação da Meditech e o ego de Stafford.

‘Feito,’ disse Nicholas. ‘O que mais precisa?’

‘Algum colaborador com o FTAT.’

‘A melhor pessoa não seria você?’ Nicholas perguntou.

‘Vou estar muito ocupado. E acho que meu envolvimento não tem sido muito popular por lá.’

‘Ok, o que mais?’

‘Precisaremos de uma equipe para analisar todas as outras ameaças anteriores. Especialmente aquelas relacionadas a Richard Hulme.’

‘Já foi feito,’ Stafford disse, alto. ‘E mandei instruções para todos os funcionários avisando para serem cautelosos e relatarem qualquer movimento suspeito às autoridades locais e à nossa equipe de segurança.’

Talvez a estadia noturna de Stafford com Lock na cobertura tivesse dado algum juízo a ele, pensou Lock.

‘E quem vai tomar conta desse forte enquanto você está lá fora brincando de detetive?’ perguntou Brand.

‘Pelo jeito que a coisa está, achei que você já tinha tomado conta disso,’ Lock devolveu.

‘Bem, alguém teve que assumir.’

Nicholas Van Straten organizou seus documentos, deixando claro que a reunião tinha cabado. ‘Está tudo acertado, então.’

Ty e Lock voltaram juntos no elevador.

‘Tem certeza que é uma boa deixar Brand cuidando das coisas aqui?’ perguntou Ty

‘Nem um pouco.’

‘Nem eu. Sabe, eu não tenho a experiência em investigação que você tem.’

‘E daí?’

‘Daí que talvez eu não seja a melhor pessoa para te ajudar.’

‘Você passou em todos os meus três critérios,’ Lock disse.

‘Ah, é? E quais são?’

‘Preciso de alguém em quem possa confiar. E investigação se resume a uma coisa que o pessoal ali em cima não tem. Senso comum.’

‘E qual o terceiro?’

‘Se houverem mais portas fechadas, vou precisar de alguém na minha frente.’

‘Essa eu engulo. Ainda sinto que tem algo mais.’

Lock suspirou. ‘Ok, os ativistas políticos com os quais vamos lidar não são de direita, certo?’

‘Ou seja, vai ser muito mais difícil para eles falarem para um negro se afastar do caso.’

‘Pegou de primeira. Precisamos encontrar os pontos fracos do inimigo. Se acabar sendo consciência liberal, faremos uso disso.’

‘Então usaria a minha cor de pele para ferrar alguém?’

‘Sem sombra de dúvida.’

Ty refletiu por um Segundo. ‘Ok, consigo viver com isso.’

O painel do elevador mudou para dígitos únicos.

‘Então, como acha que estão nossas chances?’ perguntou Ty.

Lock pensou a respeito. As portas se abriram para o lobby.

‘Bem, não temos pedido de resgate, ninguém foi avistado desde o sequestro, e a única pessoa que sabe o que aconteceu acabou de ser confirmada morta. Fora isso, diria que estamos em excelente forma.’

Vinte e três

‘Vamos no meu carro.’

Ty olhou para Lock.

‘O que foi?’

‘Nada.’

‘Se tem algo a dizer sobre meu carro, desembucha.’

‘Ok, mas se formos no seu carro,’ disse Ty, pegando um iPod preto, ‘vamos ouvindo o meu som.’

Foi a vez de Lock revirar os olhos. ‘Talvez eu devesse ter escolhido Brand pra me acompanhar, no fim das contas.’

Ty fingiu ficar bravo. ‘Aquele louco gosta de country. Fiquei preso em um carro com ele uma vez. Me fez escutar uma música chamada ‘How Can I Tell You I Love You With a Shotgun in My Mouth?’. E dizem que as letras de rap são pesadas? Deus.’

‘Entendido. Meu possante, suas músicas.’

‘Chamar seu carro de ‘possante’ é um pouco exagerado.’

‘Assim como chamar a merda que você escuta de música.’

Quarenta minutos depois, pararam nos portões do cemitério, ainda debatendo as vantagens e desvantagens do gosto musical de Ty e do carro de Lock. Ty olhou em volta para ver quem estava lá. ‘Esse pessoal não se olha no espelho antes de sair?’

No topo da colina, uma multidão de ativistas se reunia para ver Gray e Mary Stokes sendo sepultados, ao lado de seus falecidos animais de estimação: cachorros, gatos, coelhos e até um burro.

‘Não é fã de animais?’

‘Tive um pit bull uma vez Amava aquele cachorro, cara.’

‘O que aconteceu com ele?’

‘Tentou comer meu priminho Chantelle. Tive que sacrificar. Quer dizer, ela estava provocando, puxando as orelhas, então não foi do nada, mas a família vem primeiro.’

‘Ty, eu me sinto mal sempre que escuto as histórias de quando você era mais jovem. Parece os Waltons com craque.’

‘Vai se danar, branquinho,’ sorriu Ty.

‘Escuta, fica aqui no carro.’

‘Ah, cara. Preciso mesmo?’

‘Qual é o problema dessa vez?’

Ty olhou para o interior do Toyota de Lock com nojo. ‘Vão acabar achando que esse lixo é meu.’

Um rosto familiar saudou Lock quando começou a subir a colina. O sargento com ‘colesterol de mais e paciência de menos’ levantou um filé de peixe com queijo em saudação. Quem diabos bota queijo em um filé de peixe? Se perguntou Lock.

‘Se não é Jack Bauer,’ disse Caffrey, limpando um pouco de maionese do queijo.

Lock ficou feliz tão feliz de ver uma variação na dieta de Caffrey quanto de descobrir que o ataque cardíaco ambulante soltava piadinhas sarcásticas de segunda.

‘Como tá o sanduíche?’

‘Manjar dos deuses,’ respondeu Caffrey, de boca cheia.

‘Você tá em todo lugar, hein?’

‘Cortesia da FTAF,’ cospiu Caffrey.

‘Tática nova? Se a Al-Qaeda atacar, damos uma de Spurlock e enchemos eles de comida até explodirem.’

‘Spurlock?’ perguntou Caffrey, sem entender a referência.

‘Um cara que fez um filme sobre só comer hambúrgueres por um mês.’

‘Um mês?’

‘Pode apostar.’

‘Que cara sortudo.’

‘Enfim, foi bom te ver.’

Lock foi em frente, mas Caffrey o bloqueou. ‘Não vai ficar puto com esse pessoal, Lock. Vou ter sorte se terminar a papelada que você gerou da última vez antes de eu me aposentar.’

‘Estou aqui só para dar minhas condolências.’

Caffrey deu um passo para o lado, e mordeu o peixe misterioso. Para alguém que perdera o café da manhã, parecia delicioso.

Chegando ao topo da colina, Lock conseguiu ver algumas SUVs pretas. Sutis como elefantes, seria mais fácil se as placas dissessem “Vigilância do FBI”. Se bem que talvez essa fosse a ideia: deixar os ativistas saberem que estavam sendo observados.

Ao passar pelo veículo do FBI, Lock por pouco não resistiu a tentação juvenil de bater na janela. Parou a uns vinte metros das pessoas que se reuniam ao redor das sepulturas. Duas delas, lado a lado.

Lock percebeu que não deveria ter se preocupado tanto com sua vestimenta quando foi chegando mais perto. Ele era um dos mais bem vestidos. O funeral reunia hippies e New Agers que tinha se vestido de qualquer jeito. Um rapaz de uns vinte anos tinha aparecido de jeans azul e uma jaqueta marrom de couro falso. Preto seria perdoável, mas marrom?

Alguns dos presentes viraram para Lock quando ele chegou mas ninguém falou nada. No centro do grupo, ele viu Janice em sua cadeira de rodas, olhando para o nada enquanto os dois caixões eram enterrados.

Um homem em seus sessenta anos, de feição pálida e cabelos longos e oleosos juntou as mãos e falou algumas palavras. Se aproximando, Lock escutou parte delas.

‘Gray Stokes morreu um herói. Um mártir para a causa dos direitos dos animais. Ele era um homem que via genocídio onde outros viravam o olhar. Um homem que escolheu confrontar aqueles que comandavam os campos de morte. Um homem que escolheu representar aqueles que não tem voz. Mas sua morte não será em vão. O movimento para liberar os animais da tortura e do sofrimento continuará. E seu espírito viajará conosco em nossa jornada.’

Martírio, sacrifício, luta. Lock se perguntou onde já tinha escutado isso. Talvez John Lewis, o diretor assistente do FBI em antiterrorismo, estivesse certo quando advertiu um dos senadores sobre a ameaça dos extremistas dos direitos dos animais. Mas então a al-Qaeda se enfiou no topo das listas de terror e todos esqueceram que o terrorismo não se restringe a homens com uma tara por virgens na outra vida.

As pessoas mais distantes no grupo começaram a ir embora quando o homem terminou o discurso. Lock se aproximou de Janice, recebendo olhares de ódio de alguns dos presentes que passaram por ele. O rapaz da jaqueta marrom estava falando, cabeça virada em provocação. ‘Vão pagar por isso, Pode esperar. Estarão ocupando cemitérios inteiros quando terminarmos.’ Suas previsões preocupantes não tinham ninguém específico como alvo. Janice fez ele se calar quando Lock chegou perto.

Lock estendeu a mão e encostou no ombro dela. ‘Minhas condolências.’ As palavras pareciam inadequadas. Ele se preparou para outro ataque do esquentadinho casual, talvez até um murro, mas ele

simplesmente foi embora.

Janice manteve o olhar nos dois caixões. ‘Por que veio aqui?’

‘Estender minhas condolências.’ Lock apontou na direção do rapaz. ‘Quem é ele?’

Os olhos de Janice foram de Lock até as duas SUVs da FTAF.

‘Por que não pergunta aos seus amigos?’

‘Não acha que a coisa ficou séria o suficiente para pararmos com esses joguinhos?’

‘Por que está aqui?’

‘Responde minha pergunta e eu te digo.’

‘Aquele é Don,’ disse Janice. ‘Ele não era parte do meu grupo. Não concordava com nosso jeito de protestar.’

‘Ele prefere ações mais diretas?’

‘Se envolveu em algumas liberações.’

‘Liberações’ era o termo usado por ativistas para descrever a invasão de laboratórios que usavam animais, e resgatá-los. Por vezes iam em fazendas também, principalmente as que tinham grandes criadouros de galinhas.

‘E o que ele está fazendo aqui?’

‘O mesmo que você.’

‘Esse homem está te incomodando?’ disse alguém, dando um tapinha no ombro de Lock para dar ênfase.

Lock girou um pouco para ver o cara na jaqueta marrom-tofu. Ele era alto, mas custava a parecer imponente. Lock o ignorou.

Ele deu outro tapa, dessa vez com mais força. ‘Que tal deixá-la em paz?’

‘Don, tá tudo bem. Esse é Ryan Lock – sabe, o cara que me salvou.’

Don ficou sem graça e olhou para o chão. ‘Acho que te devo um obrigado.’

Até que não foi tão ruim para um pedido de desculpas.

‘Sei que teria feito o mesmo,’ Lock disse.

‘Sim, teria.’

‘Então, o que sabe sobre Josh Hulme?’

Don piscou com a súbita mudança de assunto. ‘Sei o que o pai dele faz. Você tá na chuva, é pra se ___,’

Lock se aproximou de Don rapidamente, certificando-se de manter contato com os olhos. ‘Estamos falando de um garotinho aqui. Eu ficaria grato se você levasse minha pergunta a sério.’

Janice botou sua cadeira entre os dois homens. ‘Não há necessidade disso. Não aqui. E não hoje.’

‘Em circunstâncias normais, eu concordaria. Mas enquanto Josh estiver desaparecido, diria que as regras do normal não se aplicam. Ainda mais se eu achar que você e seus amiguinhos possam saber onde ele está.’ Lock pegou o pulso de Don e torceu-o, apenas o suficiente para deixar a coisa interessante. ‘Agora, Don, talvez você pudesse começar com seu nome completo.’ Ninguém se moveu nas duas SUVs, apesar de ele ter certeza que tinham escutas pegando toda a conversa. A decisão de não intervir não o deixou surpreso, mesmo que ele tivesse acabado de agredir alguém. As agências do governo faziam muito outsourcing hoje em dia, e ele tinha certos privilégios.

‘Por que diabos te falaria algo? Você não é policial.’

‘Exato, Don, não sou. O que significa que não tenho que seguir protocolo.’

Don lançou um olhar de ódio a Lock.

‘Parem com isso!’ gritou Janice. ‘Acabamos de enterrar nossos pais!’ Lock soltou o pulso de Don. ‘O que quer dizer com “nossos”?’

‘Don é meu irmão mais novo.’

Vinte e Quatro

Lock se perguntou quão extremista você teria de ser para se tornar a ovelha negra da família de Stokes. Mas explicava parte da raiva desmedida do jovem. Ele quase se arrependeu de adicionar um machucado ao insulto quando machucou o pulso de Don. Então se lembrou de Josh Hulme, e sua simpatia temporária se foi tão rápido quanto tinha aparecido.

Don massageou o pulso. ‘Preciso beber alguma coisa.’

Pelo jeito que ele falou, Lock presumiu que ele não se referia a um shake de proteína sem leite. Ele sempre assumira que os ativistas não eram muito chegados em álcool. Caçarolas de lentilha, com certeza. Whisky barato, nem tanto.

‘Tem um lugar a uns cinco blocos daqui. Posso te dar carona,’ ofereceu Lock.

Don não pareceu muito confiante.

‘Ele é tranquilo,’ disse Janice.

Don continuou calado. Lock não queria forçar a barra, mas essa era uma oportunidade excelente. Depois de uns drinques, quem sabe que tipo de informação Don Stokes iria dividir?

‘Escuta, eu não deveria ter encostado em você antes, cara. Desculpa.’

Don quase sorriu. ‘Esquece, você salvou a vida da minha irmã.’

‘Estamos bem?’ perguntou Lock, estendendo a mão.

Don apertou-a com sua esquerda. ‘Normalmente uso a direita, mas um babaca quase a quebrou.’

Na língua dos homens, isso era um sim. A tensão entre eles se esvaiu.

Lock ajudou Janice a descer a colina. Ele nunca tinha se tocado antes, mas se levar uma cadeira de rodas colina acima era um desafio, levá-la colina abaixo era uma aventura. Lá embaixo, Ty estava completamente ocupado com a impossível tarefa de parecer que não tinha nada a ver com o Toyota de Lock enquanto ficava ao lado do mesmo.

Lock os apresentou. Feito isso, os três ajudaram Janice a entrar no carro e passaram os próximos dez minutos tentando fazer a cadeira caber no porta-malas.

‘Devia ter trazido uma das Yukons,’ Ty observou quando saíram, sendo seguidos pelos veículos do FBI.

Lock dirigia, com Janice ao lado no assento de passageiros, o que dava a Ty e Don a chance de conversarem no banco de trás.

‘Deve gostar mesmo de animais, hein?’ disse Ty.

‘Acho que sim.’

‘Tive um cachorro uma vez,’ continuou Ty, ganhando um olhar de “por favor, chega” de Lock pelo retrovisor. ‘Cara, eu amava aquele cachorro.’

‘Esse é aquele que morreu bem velhinho?’ Lock perguntou, acelerando, querendo chegar logo no bar.

‘Não, esse é outro. Sabe, o pit bull. Não te contei a história?’

‘E é por isso que não quero escutá-la de novo.’

Lock deu uma olhada no retrovisor. A SUV da FTAF ainda estava atrás deles, mantendo a distância regulatória de meio quarteirão.

Ty sorriu para Don. ‘Lock fica muito emotivo quando conto para ele. Foi uma situação meio complicada.’

‘Bom, chegamos,’ interrompeu Lock, virando tão rápido no estacionamento do bar que Ty e Don foram jogados de um lado para o outro.

Tendo ajudado Don a tirar a cadeira de rodas do porta-malas, Lock deixou para ele o trabalho de montá-la. Então puxou Ty para onde não pudessem ser ouvidos. ‘O que você tá fazendo, Tyrone? Esse povo ama os animais mais que outras pessoas e vai sair falando que atirou no seu cachorro?’

Ty lançou um olhar na direção de Don. ‘Ei, se acham que sou frio o suficiente para atirar no meu próprio cachorro, talvez isso deixe os pensando no que vai acontecer com eles se não devolverem aquele garoto.’

Vinte e cinco

Josh acordou com o som de botas no corredor do lado de fora. Ficou tenso quando pararam fora da porta. Recuando, encontrou a parede, seu olho de ciclope rastreando movimento. Sua respiração acelerou. Ele fitou o álbum que estava na estante.

A porta começou a se abrir. Josh fechou os olhos. Quando os abriu novamente, Natalya estava na porta.

Mas como? Ela estava morta. Josh tinha certeza. Ok, ele tinha fechado os olhos depois do homem levantar a arma. Mas escutara o tiro. E o barulho na água. Tinha visto sangue no barco.

Natalya sorriu para ele. ‘Tá tudo bem, Josh. Pode ir pra casa agora.’ Josh ficou onde estava. ‘Como posso acreditar em você depois do que fez?’

‘Não quer ir para casa, Josh?’

‘Quero.’

‘Então venha comigo.’

Natalya estendeu a mão. Josh deu um passo em sua direção, estendendo a sua. Quase lá. Estavam quase se encostando quando Josh a porta se fechou com um estrondo, e Natalya evaporou.

Josh se sentou de uma vez. A aba de metal estava aberta, revelando uma bandeja com o café da manhã.

Ele voltou a deitar na cama, escutando o barulho das botas, dessa vez indo embora. Ele ficou de pé e correu até a porta, batendo nela com os punhos. ‘Me deixem sair! Me tirem daqui!’ O barulho das botas desapareceu deixando-o no silêncio.

Ele olhou para a bandeja. Cereal seco. Torrada. Suco de laranja. Ele estava faminto. Comeu o cereal com as mãos, enfiando na boca, absorto. Sua boca começou a secar e ele virou o suco. Tinha gosto do que você faz em casa. Horrível.

Foi então que viu o pedaço de papel, dobrado por baixo da tigela de cereal. Ele abriu-o, se preparando para algo terrível como as imagens do álbum. Mas era apenas um recado. Ele bebericou do suco enquanto lia.

Josh -

Continue fazendo como ordenam e logo vai poder voltar para sua família.

Lobo Solitário

Josh leu devagar, garantindo que entendia todas as palavras.

Lobo Solitário. Lembrava de ter visto esse nome antes. Talvez estivesse relacionado com os telefonemas que tinham recebido em casa. Ele atendia o telefone e ninguém falava nada. Tinha certeza que era por causa do trabalho de seu pai na empresa. Josh tinha ficado tão feliz quando seu pai falou que ia sair de lá. E então isso aconteceu.

Ele olhou para o recado novamente, bebeu mais um pouco de suco. Não dizia nada sobre o que aconteceria se ele desobedecesse. Se o objetivo era deixá-lo mais calmo, estava tendo o efeito oposto. Na primeira chance, ele planejava escapar desse lugar.

Voltou a sentar na cama. Seu corpo estava pesado, principalmente as pernas. O horror da visita de Natalya estava se esvaindo. De alguma maneira, se sentia seguro novamente.

Deitando na cama, fechou os olhos. Em alguns segundos estava dormindo de novo.

Vinte e seis

Lock, Janice e Don pegaram uma mesa no fundo do bar, perto de um juke-box Wurlitzer. Ty ficou do lado de fora, procurando uma Yukon para levar Janice e Don para casa. Levaria uns vinte minutos para chegar lá, o que dava a Lock o tempo que precisava.

O bar cheirava a cerveja velha e peido de velho – um triste efeito colateral da proibição do cigarro. O movimento no almoço era esparso mas os bebuns pareciam compensar pela baixa bebendo quantidades astronômicas de cerveja e whisky.

Previsível, Lock sentou na cadeira que dava visão da entrada e observou Don enquanto ele pegava seus drinques no bar. Se ele estava diretamente envolvido no desaparecimento de Josh, ele estava escondendo o fato muito bem. Até os criminosos mais safos que Lock tinha encontrado em seu antigo trabalho deixavam algum rastro, um ‘tell’, como dizem os jogadores de pôquer. Ele também não tinha se forçado para provar para Lock que era inocente – outra coisa que os culpados gostavam de fazer quando alguém com autoridade aparecia fazendo perguntas estranhas.

Quando todos estavam devidamente sentados, Lock levantou seu copo – Coca-cola, no caso. ‘Qual o motivo do brinde?’

Na sua companhia atual, era difícil imaginar um tópico mais complicado.

‘Que tal sobrevivência?’ ofereceu Janice.

‘E aqueles que não chegaram ao fim,’ adicionou Don.

Lock não tinha problema em refletir sobre esses dois. Encostaram os copos, recebendo olhares morosos dos homens no bar. Lock se pegou estudando o rosto de Janice enquanto ela bebia seu Bourbon de uma vez e olhava para o fundo da taça como se tivesse algum segredo gravado lá. Ele se perguntou quanto da sua compostura era resultado de quase ter morrido.

‘Que tal aqueles que ainda podemos salvar?’ Lock perguntou, direcionando a pergunta para Don.

‘O que eu disse, sobre o garoto.’

‘Estamos ambos ficando emocionados aqui.’

‘Sem chance de um de nós estar envolvido em algo desse tipo.’

‘E quem estaria?’

‘Como vamos saber?’

‘Então quem é o Lobo Solitário?’

Janice e Don dividiram um olhar vazio, mas não antes de ambos olharem para baixo rapidamente. Foi a primeira nota de falsidade que Lock detectou.

‘Deixem de brincadeira.’ Lock tinha abaixado a voz. ‘Quem é Lobo Solitário?’

Ele puxou uma cópia amassada do e-mail que tinha imprimido da conta de Richard, e colocou-o sob a mesa.

Outra troca de olhares entre os irmãos.

‘Não sabemos do que está falando,’ disse Don.

Lock bateu seu copo na mesa com tanta força que chamou a atenção de todo o bar. ‘Parem de mentir para mim ou, Deus me ajude, eu realmente vou te machucar dessa vez.’

Don acabou com seu copo de cerveja. ‘Não é uma única pessoa. É tipo Spartacus ou coisa parecida.’

As pessoas no movimento adotam o nome.'

'Quando querem mandar uma ameaça de morte?' Lock perguntou.

'Quando querem se rebelar,' disse Don.

'Pelo amor de Deus, Don, chega disso,' disse Janice. Ela virou de forma a olhar diretamente para Lock. 'Lobo Solitário é um homen chamado Cody Parker. Foi ele que teve a idéia de desenterrar o corpo daquela velha e deixá-lo no Times Square.'

'E ele sequestrou Josh Hulme?'

Don ficou de pé. 'Sem chance, cara, o Cody nunca faria algo desse tipo.'

Lock olhou-o intensamente. 'E como você saberia?'

Don desviou o olhar, respondendo a pergunta de Lock. Lock virou de volta para Janice. 'O que acha?'

'Don está certo. Ele não faria algo assim.'

'Ok, então vamos perguntar para ele.'

Don deixou a cabeça cair em risadas. 'E como vai fazer isso? O governo procura por ele a anos e nunca chegaram perto.'

Lock pensou por um momento antes de falar novamente. 'Algum de vocês tem uma moeda?' ele perguntou.

'O que?'

'Para o juke-box.'

Don olhou para Lock como se ele estivesse louco, mas puxou algumas moedas do bolso e entregou a ele.

'Damas primeiro. Alguma preferência?' ele perguntou para Janice. Ela deu de ombros, tão confusa quanto o irmão.

Lock pegou as moedas e botou no juke-box. Escolheu algo de uma banda com 'morte' no nome. Então foi até o bar e bateu com uma nota de cem dólares no balcão. 'Drinques por minha conta mas preciso que deixa o volume no máximo.'

Lock voltou a sentar dom Don e Janice assim que os primeiros riffs distorcidos e bateira pulsante inundaram o bar. Ele se aproximou até estar a centímetros deles. 'A minha única preocupação nesse momento é a segurança de Josh Hulme e seu retorno à sua família. Só para saberem da minha posição, eu não dou a mínima para pequenos coelhinhos que ficam com shampoo nos olhos, e nesse momento também não estou nem aí para a Meditech. Então vou dar uma escolha a vocês. Não há negociação, e vocês tem até a música acabar para escolher. Com o que vocês já me falaram, posso repassar para o FBI e vocês serão presos por conspiração. Janice, você vai morrer em uma instituição correcional, antes de ir a julgamento. Don, do jeito que sequestros de menores são vistos pelos tribunais, sem falar os guardas e outros presos, você também. Na verdade, vou mexer uns pauzinhos para garantir que isso aconteça. Essa é a opção número um.

A música estava evoluindo, com o guitarrista principal descendo até tocar notas que apenas golfinhos entendiam. No bar, um empurra-empurra tinha começado entre dois homens para decidir quem seria servido primeiro. Um copo se quebrou no chão.

'Qual a outra opção?' Janice perguntou.

'Vocês me levam até Cody Parker.'

Don empinou a cadeira. 'O que houve com o cachorro?' A pergunta confundou Lock. 'Que cachorro?'

'O seu amigo no carro. O cachorro dele.'

'Atacou a priminha de Tyrone, e ele é bastante sentimental se o assunto é criança,' Lock disse, alcançando e pegando o pulso machucado de Don. 'Mais do que é com animais. Então quer saber o que houve com o cachorro que ele amava tanto? Matou-o com um tiro. E se ficar nos fazendo de imbecis,

diria que tem uma boa chance dele fazer o mesmo com vocês.’

Vinte e Sete

‘Aposto que você fica seguindo comediantes e termina a piada antes deles,’ Ty disse, jogando as chaves para Lock.

‘Ei, deu certo. Vão nos ajudar.’

Ty olhou para Don, que estava ocupado ajudando sua irmã a entrar no Toyota de Lock. ‘É bom mesmo,’ ele disse, entrando na Yukon.

‘Sabe o que fazer, certo?’ Lock perguntou.

‘Pode deixar.’

Assim que Ty saiu do estacionamento do bar, Lock foi ver se Don precisava de ajuda.

Tinha que admitir que eram uma equipe de busca um tanto estranha. Uma garota em uma cadeira de rodas com uma perna esquerda que tinha espasmos aleatórios, um jovem empurrando-a com uma mão enquanto massageava o pulso com a outra, um cara com corte militar interrompido por uma cicatriz novinha, e um afrodescendente de quase dois metros careca e com muitas tatuagens.

A SUV da FTAF estava esperando por eles quando saíram do estacionamento. Para garantir que a escolha de Janice e Don pela opção número dois não acabasse virando a número um, ele teria que despistá-los. Como a Polícia Militar Real era responsável por ensinar ao resto do exército britânico técnicas de direção defensivas e, quando necessário, ofensivas, a ideia não o preocupou muito.

Seu telefone tocou. Ele atendeu, dirigindo com uma mão.

‘E ai, cowboy.’

‘Carrie?’

‘Quantas outras loiras lindas que acabaram de pegar trinta e cinco por cento da audiência andam te ligando?’

‘Trinta e cinco é bom?’

‘Dez anos atrás era bom. Hoje em dia é espetacular.’

‘A Katie Couric deveria estar preocupada?’

‘Se mijando.’

‘Escuta, pode procurar algo para mim? Mas terá de ser confiscado.’

O pedido por algo confiscado deixou silêncio.

‘Carrie?’

‘Tá, ok. O que é?’

‘Informações sobre um cavalheiro chamado Cody Parker.’

‘Pode deixar.’

‘Valeu,’ disse Lock, finalizando a chamada.

Se virando para Don, ele fez uma pergunta para a qual já sabia a resposta: ‘Para onde?’

Don deu a ele um endereço. Não era o que tinha recebido momentos antes.

Don deu uma olhadela para a SUB da FTAF. ‘Não vão conseguir nos escutar?’

‘Não, estão muito longe.’ Mentiu Lock, ligando o rádio e deixando o volume no máximo como que por coincidência.

No banco de trás da SUV preta, o membro de comunicações do grupo de três pessoas sorriu

abertamente. ‘Temos um endereço.’

O motorista virou para ele. ‘Para que?’ perguntou.

‘Descobrimos quando chegarmos lá. Pode relaxar. Isso vai ser fácil.’

Don olhou por trás do ombro quando pararam no semáforo.

‘Não se preocupe com eles,’ disse Lock. ‘Podemos estar num Toyota compacto de doze mil dólares e eles em cinquenta mil dólares de aço modificado especialmente para o governo, mas temos algumas coisas a nosso favor.’

‘Ah, é?’

‘Para começar, meu carro é manual,’ Lock explicou, engatando e acelerando assim que o sinal abriu.

Don olhou para trás novamente e viu a SUV surgir para frente. ‘Acho que isso não vai ser o suficiente.’

‘Não me deixou acabar,’ disse Lock, continuando a acelerar quando chegaram no próximo cruzamento. ‘Mais importante, o problema com o que estão dirigindo é que não é só uma SUV, ela recebeu blindagem extra. O que quer dizer...’ Ele se concentrou na próxima manobra, mudando de direção na esquina, freando no ápice e voltando a acelerar. ‘Que ela vira feito uma bola.’

Atrás deles, a SUV preta tinha ficado para trás. Muito atrás. Como Lock previra, o motorista tinha acelerado quando deveria ter freado, em uma tentativa de atrair seu alvo. Ele virou muito rápido e as rodas do veículo pesado perderam tração. Quando a SUV começou a ir de um lado para o outro, o motorista desacelerou para recuperar o controle do veículo.

Atrás deles, Ty, dirigindo a Yukon, aproveitou a oportunidade, freando tarde demais e acertando a traseira do carro do FBI. Ele foi jogado para frente de repente, ativando os airbags frontais. Ambos os veículos pararam.

Ty foi até o carro do FBI, abrindo a porta do motorista enquanto o mesmo se livrara do airbag.

‘Desculpa, cara,’ disse Ty, ‘você freou rápido demais pra mim. A distância de freio desses monstros é horrível, né? Olha, quer anotar os dados do meu seguro?’

Ty deu uma olhada na traseira onde o cara de comunicações estava puxando um par de fones de ouvido enquanto tentava tirar o banco da frente de sua boca.

‘Ah, diabos, vocês não são policiais, são?’

Vinte e oito

Lock respirou fundo e atravessou a porta do apartamento. Uma explosão bem diferente quase levou-o ao chão. O ar cheirava a morte e decomposição. Seu estômago embrulhou quando passou pelo corredor apertado, cheio de jornais velhos e outros materiais orgânicos menos salubres.

Do lado de fora, na entrada da escada, conseguia escutar um morador de rua por quem tinha passado ao entrar, concentrado em um discurso filosófico consigo mesmo. ‘Malditas putas. Deixando um preto sem dinheiro. Cadê a justiça, irmão?’

Don e Janice estavam no carro, Janice exausta dos eventos do dia, e Don sem querer confrontar Cody.

Se Cody estivesse lá.

Lock empurrou uma porta já semiaberta que levava até a sala. Uma velha, sentada em uma poltrona, com a TV ainda ligada, no volume máximo. Ela não estava respirando. Seus olhos estavam fechados.

Um grande gato ruivo estava sentado em seu colo, mastigando sua mão. Pelos arranhões em seu rosto, era óbvio que a mão não tinha sido a única parte do corpo a receber atenção.

Lock foi em sua direção. ‘Pega.’

O gato esperou o suficiente para mostrar quem era o chefe, e então pulou no chão.

Lock deixou o corpo e checkou os outros quartos. Mesmo com um pouco de Vick Vaporub em cada narina, um truque usado por policiais e técnicos médicos de emergência, ninguém poderia aguentar aquele cheiro por mais que alguns minutos.

De volta ao corredor, seu corpo acabou vencendo, e vomitou. Formas pretas tomaram conta de seus olhos. Lá vem, pensou. O primeiro apagão. Mas não veio. Seu estômago se acalmou e sua cabeça clareou o suficiente para ligar para a emergência.

Nessa parte do Bronx, parecia que um corpo morto por si só não merecia uma correria para chegar até a cena, e os policiais demoraram bastante. Se as autoridades não se importavam sobre como a mulher tinha vivido, por que isso mudaria agora que morreria?

Ele andou de volta ao carro. Janice ficou pálida quando o viu. ‘Você tá bem?’

Preocupação por parte de uma mulher que estava para morrer o deixou pior. Don saiu do carro e Lock disse o que tinha encontrado dentro.

‘Essa era a mãe de Cody.’

Lock descreveu-a rapidamente. Era ela mesmo. Não precisava pedir que Don entrasse para dar uma olhada. Não hoje.

‘Escuta, Cody pode ser meio louco, mas de jeito algum que ele teria—’

‘Eu sei.’

Não vira sinais de trauma, esfaqueamento ou ferimentos de bala.

‘Cody era próximo de sua mãe?’

‘Acho que sim.’

‘Ela fazia parte do movimento?’

‘Foi isso que fez Cody começar.’

Perfeito. Ele procurou em sua jaqueta pelo celular e entregou-o a Don. ‘Começa a espalhar a

notícia. Mas não diga nada a ninguém sobre ela estar morta, diga apenas que algo aconteceu. Que ela se deu mal. Ah, e volte para o carro, precisamos ir.'

Se fossem achar Cody Parker, não seria com o comboio seguindo ele.

Lock dirigia enquanto Cody fazia as ligações do banco de trás, no viva voz por insistência de Lock. Depois de seis ligações, estavam esquentando. Uma mulher em um 'abrigo animal' não oficial em Long Island confirmou que Cody tinha saído para pegar suprimentos, mas que voltaria.

Seguindo as instruções de Lock, Don pediu a ela que avisasse Cody para não ir até a casa da mãe. 'Os policiais invadiram o lugar.'

'Você encontrou ela?' a mulher perguntou a Don.

'Basicamente.'

'Então Cody vai querer falar com você.'

Vinte e Nove

No caminho, deixaram Janice em uma casa arrumada em Dix Hills, cuja dona era uma mulher que tinha uma filha que também sofria de EM e que tinha conhecido Janice em um grupo de apoio para famílias que sofriam com a doença. A mulher deu uma olhada para Lock e apressou Janice para dentro de casa, batendo a porta sem olhar para trás.

Lock ligou para a Meditech e foi atendido por Brand, que o informou com prazer que Ty estava detido pelo FBI e que nenhum dos Van Straten estavam felizes. Lock agradeceu pela notícia. Nada disso importava: estavam chegando perto de Josh. Lock conseguia sentir.

Enquanto iam para o abrigo, Don passou para Lock as informações sobre Cody. Mantidos por voluntários, e usados para acolher animais ‘liberados’ pelo movimento, esses abrigos estavam espalhados pelo país. Um tipo de ferrovia escondida para quadrúpedes, pensou Lock. Quando os animais eram levados, tecnicamente ainda eram propriedade da empresa que os usava em testes, então os abrigos onde eram mantidos costumavam ficar escondidos. Apenas os ativistas mais confiáveis sabiam de sua localização, o que fez com que Lock se perguntasse quão extremo era Don Stokes.

O abrigo que estavam para visitar era liderado por uma mulher com quem Cody tinha um relacionamento aberto.

Um coro de latidos do fundo da casa anunciou sua chegada. Lock checkou sua SIG. Quando viu a arma, a atitude de Don mudou.

‘Nada de armas,’ ele disse.

‘Quê?’

‘É uma das regras.’

‘Uma das regras pros seus amigos loucos, talvez. Eu tenho as minhas próprias regras. E lá pelo número seis, é: quando confrontar um criminoso condenado, esteja armado.’

‘Você não vai denunciá-lo, vai?’

‘Depende.’

‘Do que?’

‘Se ele estiver com Josh Hulme,’ disse Lock, esquecendo de dizer que se Cody realmente estivesse com Josh, seria transformado em um cadáver.

‘Ele não está. Tem que acreditar em mim.’

‘Vamos ver, então.’

Na verdade, Lock não tinha intenção alguma de entregar Cody Parker para as autoridades. Não ainda. Se Cody fosse preso, Lock sabia que a primeira coisa que faria era arranjar um advogado e se recusar a falar.

A casa tinha sido pintada de branco mas já desbotara para um amarelo, e o jardim da entrada não tinha sido aparado. Don os levou pelo lado da casa. Lock seguia alguns passos atrás. Foram recebidos por uma matilha de cachorros, uma confusão de rabos abanando e línguas para fora. Um labrador amarelo violento, parecendo uma bola de boliche e carregando o mesmo momento, enfiou seu nariz na virilha de Lock. O topo da cabeça do cão mostrava uma cicatriz retangular onde sua pele tinha sido removida. Lock se perguntou se era o cachorro propaganda para os protestos contra a Meditech. Ele coçou por trás da

orelha e o cão se aproximou ainda mais.

‘Essa é Angel. Foi tirada de um laboratório em Austin.’

Chegaram no lado de trás e deram de cara com Cody Parker, carregando um saco tamanho industrial de comida de cachorro. Ele olhou para Lock por um segundo antes de virar para Don, mas não se mexeu. Nem pareceu demonstrar tristeza. Talvez a mulher com quem Don tinha falando ainda não tivesse contado as más notícias.

‘Pegaram ela, hein?’ ele disse para Don.

Oh-oh, pensou Lock, lá vamos nos. Todos a bordo do expresso da paranoia. Cody jogou o saco no chão. ‘Quem é ele?’

‘Ryan Lock.’

Cody era um cara grande com um rabo de cavalo loiro que ia até metade das suas costas. Um metro e noventa e quase cem quilos, nada deles gordura.

‘Ah, sim, lembrei. Meditech. Veio me matar também?’ Cody perguntou, pegando outro saco.

‘Não acredita mesmo nisso?’ Lock disse, pego de surpresa pela pergunta.

‘Que minha mãe foi morta ou que você está aqui para me matar?’ Cody levantou, relaxado demais para acreditar na segunda parte. ‘Se for a segunda, não vejo por que teria trago uma testemunha.’

‘Ok, então por que alguém mataria sua mãe?’

‘Por que acham que eu tenho algo.’

‘O que?’

‘Disse que eles acham que eu tenho, não que eu realmente tenha.’

‘Um dos lugares onde Cody estava ficando foi assaltado algumas semanas atrás,’ Don disse, complementando.

Lock se lembrou do apartamento no Bronx. Quão baixas eram as ambições de um ladrão para roubar um lugar como aquele, e ainda matar uma velhinha?

‘O que levaram?’

‘Só papéis.’

‘O que estava neles?’

‘Detalhes de lugares onde torturam animais.’

‘Quer dizer, os laboratórios?’

‘Entre outros.’

‘Mas a Meditech vai cancelar testes em animais.’

‘É o que todos dizem.’

‘Olha, eu tô aqui para encontrar Josh Hulme.’

‘Ele acha que você que o sequestrou,’ disse Don.

Cody não piscou. ‘E por que eu faria isso?’

‘Por que você é capaz,’ entviu Lock.

‘Todo mundo é capaz de umas coisas sinistras se forem forçados.’

‘Então se importaria se eu desse uma volta pela casa?’

‘Fique à vontade.’

Lock entrou pela porta nos fundos da casa. Cody, Don, e o labrador o seguiram. Ele tentou espantar o cachorro, mas ele continuou a seguí-los.

‘Deve ter mais problemas na cuca do que pensamos,’ Cody considerou, acenando para o cão.

Lock passou a mão nas cicatrizes dela quando se arrastou por suas pernas. Se Cody estivesse com Josh aqui, estava incrivelmente calmo.

‘Conhece uma mulher chamada Natalya Verovsky?’

‘Lembro do nome, claro. Assim como de Richard Hulme e seu filho. Estão em todos os noticiários.’

‘E sabe que o FBI está procurandi por você?’

‘Não por isso.’

‘Só uma questão de tempo. Não acho que seria difícil sair de roubo de cadáveres e ir até sequestros. A não ser que esteja negando ter cavado o corpo de Eleanor Van Straten.’

Cody olhou Don nos olhos. Não poderia ter sido mais óbvio. Cody sabia disso. ‘Vou ter que remanesecer em silêncio para essa pergunta, meu amigo,’ ele disse. ‘Mas deixa eu te perguntar uma coisa.’

Lock parou no meio da sala. ‘Manda.’

‘Por que Gray Stokes teve sua cabeça estourada? E não me venha com essa merda que a mídia tem falado para o pessoal em casa sobre o atirador mirar e Van Straten e errar. Aquilo foi frio. Um tiro. Um morto.’

‘Não sei te responder.’

Cody fitou-o. ‘Bem, eu sei.’

Lock sentou em um sofá lotado de pelo de cachorro. Angel botou sua cabeça no colo de Lock e olhou para ele com seus olhos marrons. ‘Me surpreenda, então,’ ele disse.

‘Tá falando sério, irmão? Stokes e todos os outros do movimento estavam no pé da Meditech a meses. Ao nosso ver, se pudéssemos fazer com que eles parassem de usar animais, grandes do jeito que são, todos os outros seguiriam o exemplo. Mas eles se recusaram a ceder. Contrataram mais e mais caras como você. E então, do nada, eles cedem. Como?’

Lock estava em silêncio.

‘Cara, eu posso não ter todas as respostas, mas pelo menos tenho algumas das perguntas certas,’ Cody disse.

‘Digamos que eles cansaram das ameaças,’ Lock ofereceu. ‘Acontece.’

Cody começou a rir. ‘Com indivíduos, claro. Mas para uma companhia que estava atrás de um contrato imenso com o Pentágono?’

‘O que?’

‘Ah, mas ninguém deveria saber disso, não é mesmo?’

‘Então por que você sabe?’

‘Acha que não temos pessoas infiltradas? Algumas pessoas podem entrar na Meditech seguindo essa baboseira de achar a cura para o cancer, mas outras abrem os olhos. Dinheiro, cara. Sempre foi, sempre será.’

‘E como isso se relaciona a Josh Hulme? Ou Gray Stokes, diga-se de passagem?’

‘Como eu disse, só tenho as perguntas. Mas não é preciso um gênio para ver que a última coisa que Van Straten queria era um acordo. Um contrato daqueles quer dizer mais testes. Mais animais torturados, como a sua nova amiguinha aqui.’ Cody acenou para Angel, que tinha dormido no colo de Lock. ‘Mas pediram trégua, e no minuto seguinte Janice estava tirando o cérebro de seu pai da calçada. Ele sabia de algo, meu amigo. Sabia de algo grande o suficiente para os assustar e querer matá-lo ao mesmo tempo.’

‘Ok, e o que ele sabia?’

Cody bateu as palmas. ‘Bravo, Sr. “Pega essa grana corporativa”. Agora está fazendo as perguntas certas. Escuta, tenho algo por aqui, pode ser que te ajude. Deixe-me pegar pra você.’

‘Pensei que todas as suas coisas tinham sido roubadas.’

Os lábios de Cody se abriram, forçando um sorriso. ‘Nem tudo.’

Cody saiu do quarto. Em menos de cinco segundos, veio o som da porta batendo e Cody correndo. Lock ficou de pé imediatamente, derrubando Angel. Ela se endireitou e deu de cara nas pernas de Lock, que perdeu o equilíbrio mas não caiu.

Assim que chegou na porta, Don tentou bloqueá-lo. Lock avançou com o ombro, derrubando-o, e correu para fora, em tempo de ver a picape vermelha saindo pela pista, deixando um rastro de neve e lama.

Lock puxou sua arma, mas o veículo já estava fora do raio efetivo para acertar os pneus, e ele não

achou que atirar contra um civil desarmado, mesmo um criminoso procurado, seria uma boa ideia. Guardou a SIG enquanto Don ia pro lado de fora.

Don entendeu o olhar que Lock lançou. ‘Desculpa ficar no seu caminho, mas Cody é meu amigo.’

‘E você faria um sacrifício pelos seus amigos, certo?’

‘E pelo movimento.’

‘Admiro seus princípios,’ disse Lock, agarrando o pulso de Don e terminando o que tinha começado.

O pulso estalou com um barulho oco.

Don gritou em agonia. ‘Filho de uma mãe! Quebrou meu pulso!’

‘Faça uma gracinha dessas de novo, e vou quebrar seu pescoço.’

Trinta

Lock foi embora da casa com um labrador amarelo no assento de passageiro, em vez de Josh Hulme. Angel tinha seguido ele e Don até o carro, subido, e se recusado a sair. Lock tinha olhado para ela, e ela olhou de volta. Que se dane, pensou Lock, qual o problema com mais um louco em um carro cheio deles?

‘Onde vamos agora?’ Don perguntou do banco de trás.

Lock apertou o botão para travar as portas traseiras. ‘Você, meu amigo, vai pra cadeira.’

‘Eu achei ele pra você.’

‘E daí ajudou ele a fugir.’

‘Ele não está com a criança.’

‘Então por que fugir?’

‘Por que ele é procurado, oras. Mas não por isso.’ Lock se virou. ‘Agora é.’

‘Você deveria tê-lo escutado,’ Don pediu.

‘Me dá um descanso. Vocês acham que deus e o mundo estão atrás de vocês.’

‘Ok, tudo bem, então por que meu pai sabia que ia morrer?’

‘Ele te disse isso?’

‘Não precisou.’

Angel botou a cabeça o mais próximo possível da abertura por onde saía o ar. Lock estudou Don pelo retrovisor. ‘Vai falando.’

‘Já ouviu o discurso que Martin Luther King deu em Memphis antes de ser baleado?’

‘Aquele do “Eu tenho um sonho”?’ Lock arriscou.

‘Não. Esse era sobre escalar até o topo da montanha, sobre como o movimento dos direitos civis estava ganhando, e como ele poderia não estar lá para ver a vitória final. Algo desse tipo. Mas quando você vê a gravação, é como se ele soubesse que não tinha muito tempo.’

‘Já tinham tentado matar King antes.’

‘Sim, mas dessa vez era diferente.’

A raiva de Lock tinha acalmado o suficiente para reviver seu interesse.

‘E o que isso tem a ver com seu pai? Acha que ele sabia que alguém ia tentar mata-lo?’

‘Não, nada tão específico, mas, bem, é como se ele soubesse que algo estava errado. Uma coisa ou outra que ele falava. Sobre como as coisas estavam para mudar, que deveríamos nos manter fortes.’

‘Janice me disse que vocês recebiam ameaças. Alguma nos dias antes do acontecido?’

‘Não, tudo tinha ficado bem quieto nesse aspecto.’

‘Talvez seus pais não quisessem falar nada,’ sugeriu Lock.

‘Vai por mim, eu saberia. Senão, qual o objetivo de fazer uma ameaça?’

‘Talvez devesse perguntar sua irmã. Ou seu amiguinho Cody.’ Don tinha um ponto, no entanto. Lock aceitava isso. Em uma multidão, ele nunca se preocupava com o cara louco gritando obscenidades, com tanta raiva que espumava, e fazendo todo tipo de ameaça. Só tinha que se preocupar quando estavam quietos. Existia um mar de diferença entre alguém te falando que estavam para fazer algo violento, e alguém determinado a fazer.

Alguém com determinação não sentiria a necessidade de avisar pro mundo. Muito pelo contrário, a

última coisa que fariam seria espalhar o fato e dar à outra pessoa a vantagem.

Enquanto Don ficava em silêncio atrás, Lock pegou a linha expressa de Long Island. Angel tinha conseguido enfiar a cabeça por baixo do volante e estava deitada no colo de Lock novamente. Tornou complicado a troca de marchas. Lock repousou uma mão no volante e acariciou a cabeça do cão com a outra, agradecido pela calma e o tempo que deu a ele para decidir o que fazer em seguida.

Ele deixaria Cody Parker para o FBI. Eles podiam ficar com Don também. Estava de volta ao ponto de partida. E parado nesse ponto estava uma mulher morta.

Lock parou em uma loja de conveniência perto do pedágio em West Jericho e comprou um saco de comida de cachorro, água, e duas vasilhas. Angel jantou ao ar livre no estacionamento congelante e foi até um pedaço de grama decidir onde deveria mijar. Então seguiu Lock de volta ao carro e pulou no banco do passageiro.

‘Isso é temporário, não vai criando ideias,’ ele disse a ela. ‘E se eles precisarem de você parar achar a cura do câncer, não vou hesitar. *Comprende?*’

Angel virou a cabeça.

‘E pode parar com coisas fofas assim.’

Don se enfiou pelo espaço entre os bancos da frente. ‘Então, para onde vamos agora?’

‘Nós não vamos a lugar algum,’ ele respondeu. ‘Eu vou de volta ao trabalho, e você vai pra prisão.’

Trinta e um

O que o Federal Plaza realmente precisava era de portas giratórias maiores, pensou Lock, empurrando Don em um direção enquanto Ty era levado para fora por Frisk na outra.

‘Quer trocar?’ perguntou Lock, empurrando Don contra Frisk.

‘Estava soltando ele de qualquer jeito,’ disse Frisk com um aceno na direção de Ty.

‘Sério? Achei que avariar propriedade federal era uma ofensa séria.’

Ty segurou a mão solta de Don. ‘Que nem quebrar o pulso de alguém.’ Frisk se abaixou para passar a mão em Angel e reparou na cicatriz. ‘Então, o que o cão fez pra você?’

‘Ela estava assim quando a encontrei,’ disse Lock. Ele olhou para Don. ‘E que fique dito, ele também estava.’

‘Sei.’

‘Não acho que ele acredite em você,’ disse Ty.

‘Eu sou pago para levantar suspeitas,’ Frisk disse. Ele apontou em direção a Don. ‘Qual a história dele?’

‘Ovelha negra dos Stokes.’

‘Tem que se dedicar pra isso.’

‘Também pensei isso. Mas ele encontrou Cody Parker pra mim.’ Isso pareceu chamar a atenção de Frisk.

‘Onde ele está?’

‘Já se foi,’ disse Lock.

‘Mas você o viu?’

‘Brevemente.’

‘Viu o garoto?’

‘Não acho que esteja com ele.’

Isso angariou uma reação dos três homens. Don pareceu ser o mais surpreso. ‘É isso que tenho tentado te dizer,’ ele falou.

Lock o silenciou com um olhar. ‘Quando eu quiser sua opinião, Donald, vou avisar.’

‘Então por que acha que Parker não está com o menino?’ perguntou Frisk.

‘Não faz seu estilo.’

‘Só isso?’

‘Ei, eu falei com ele. Mais do que vocês já fizeram.’

‘E então deixou ele ir.’

‘Ele escapou. É diferente.’

Frisk botou uma mão no ombro de Don Stokes. ‘Ok, bem, vamos ver o que consigo extrair desse rapaz.’

‘Vai querer dar uma olhada no pulso dele. Ficou preso na porta do carro quando Parker tentou escapar.’

Ty e Lock esperaram até estarem a um bloco de distância antes de falar.

‘Então o que realmente está acontecendo?’ Ty perguntou.

‘O que eu disse pro Frisk. Tirando a parte da mão de Don ficar presa no carro. Eu quebrei o pulso dele.’

‘Não me diga.’

‘Os círculos vão se fechando, Tyrone. Não espalha, mas eu não acho que os ativistas estejam com Josh Hulme.’

‘Então quem está?’

‘Talvez seja só um sequestro por resgate.’

‘Coincidência imensa.’

‘Ou não. A Meditech tá nos noticiários. Todos sabem que são grandes o suficiente para ter uma política grande. O sequestrador não vai atrás de alguém como Van Straten por medo de ser morto, então pega o filho do cientista-chefe de pesquisa. Uma semana antes, poderia ter sido o CEO da Microsoft. Só demos azar.’

‘Só que Richard Hulme não estava protegido.’

‘Pode ser que não soubessem.’

‘Então onde ficamos com isso?’

‘Não consigo esquecer da assistente.’

‘Por que ela é russa?’

‘Qual é um dos crimes internacionais por dinheiro que mais cresceu nos últimos cinco anos?’

‘Sequestro por resgate.’

‘E graças a quem?’

‘Islamistas, colombianos e russos.’

‘Tirando que os colombianos e os islamistas trabalham em suas próprias áreas – o que deixa os russos. A onda de sequestros tem ido para o oeste. Lembra a família do banqueiro em Frankfurt? O corretor de ações em Londres? Ele trocou metade da reserva de dinheiro da firma sem ninguém ficar sabendo. Era só uma questão de tempo até chegarem aos Estados Unidos. E sem conhecer o território, vão atrás de quem tiver mais dinheiro e a menor segurança.’

‘Mas não teve nenhum pedido de resgate ou aviso de qualquer tipo, cara. Não dá pra acreditar,’ Ty disse.

Lock mordeu o lábio inferior. ‘Não...mas explique por que Natalya entrou naquele carro com Josh Hulme.’

‘Não consigo.’

‘Nem eu.’

Trinta e um

Parecia que Lock não tinha estado no apartamento de Carrie em muito tempo, mas não poderia ter sido mais que três ou quatro meses. Não preocupada em seguir qualquer tipo de regras, ela tinha convidado ele para ir lá no primeiro encontro, deixando claro que normalmente não fazia isso. Ele também não fazia, mas a atração entre eles tinha sido poderosa e imediata, especialmente a conexão. Estando lá novamente, ainda mais com tudo que estava acontecendo, acalmava Lock.

Ele tinha ligado para Carrie de seu carro, e ela o encontrara na parte de fora do Rockefeller Center antes de sugerir que talvez estivesse mais agradável em seu apartamento. Lock não criou caso.

Percebeu o quanto sentia falta dela enquanto deixava a jaqueta no closet da sala. A intensidade do trabalho tinha permitido que esquecesse esses sentimentos. Mas a domesticidade ordenada do apartamento, as flores frescas em um vaso na mesa, o cheiro penetrante de verniz, o ar quente fluindo pelas ventas no chão, tudo fez com que sentisse uma onda de arrependimento.

Qualquer sensação de ter perdido uma oportunidade aumentou assim que deitou no sofá. Ele deu uma olhada nas fotografias que ficavam no aparador de mogno. Lock conhecia quase todas, com exceção de uma mais recente.

Deve ter sido tirada em uma viagem de esqui. Carrie estava de pé com os braços envoltos na cintura de um homem, ambos sorrindo para a câmera como recém-casados. Ele tinha a idade de Lock, com um bronzeado natural que deve ter custado uma fortuna, e dentes branqueados que não eram tão naturais. Lock o odiou na hora.

Carrie entrou vindo do quarto, usando jeans e um suéter. Ela reparou na foto que Lock estava olhando. ‘Esse é Paul,’ ela disse. ‘Um dos nossos produtores. Divorciou ano passado. Temos saído juntos já faz um tempo.’ Ela parecia querer se livrar da estranheza do momento.

‘Ei, é um país livre,’ Lock voltou, rápido demais para ser convincente.

‘Ele é bem legal. Gostaria dele.’

‘Por algum motivo, duvido disso.’

Em uma demonstração de apoio, Angel pulou no sofá, deitou perto de Lock, e começou a lambe a própria genitália.

‘Bem, isso é embaraçoso.’ Ele disse, evitando olhar para o cão.

‘Garotas tem que ter um hobby, certo?’

‘Ainda estamos falando de Paul?’ Carrie riu.

‘Então, é algo sério?’

‘Ah, Ryan. Se eu falasse agora que eu deixaria Paul e poderíamos tentar de novo, o que você diria?’

Ele sabia onde isso estava indo. Tal qual um advogado, a profissão de Carrie garantia que ela raramente perguntava perguntas para as quais não sabia a resposta.

‘Eu diria que preciso encontrar um garotinho.’

‘E eu te amo por isso, mas isso não tira a gente do lugar, tira?’

Eles caíram em silêncio. Angel terminou de se lambe e tentou lambe o rosto de Lock.

‘Não que eu não aprecie o gesto, mas você realmente não é o meu tipo,’ Lock disse ao cachorro, gentilmente evitando a lambida com uma mão

Carrie se ocupou em preparar um pouco de macarrão e salada enquanto Lock abria uma garrafa de vinho vermelho. Ela conseguia, refletiu, fazer algo tão mundano quanto ferver água parecer elegante. Tudo que fazia era tão preciso, com tanta atenção aos detalhes.

‘Ah, quase esqueci.’ Ela foi até um banco, pegou sua bolsa e puxou uma pasta. ‘Tudo que você sempre quis saber sobre Cody Parker mas tinha medo de perguntar.’

Carrie tinha conseguido não só o que estava disponível para a imprensa, mas também boletins de ocorrência, transcritos do tribunal das primeiras transgressões de Cody, e algumas coisas confidenciais que conseguira com a FTAF.

‘Como conseguiu tudo isso?’

‘Poderia te contar, mas daí teria que matá-lo.’

‘Desde que eu coma primeiro,’ Lock disse, se sentando para passar rapidamente pela quantidade de informação.

Don devia estar certo sobre a influência da mãe de Cody em suas convicções, pois sua ficha começava cedo. Quando tinha quatorze. Mas quase toda ofensa era contra propriedade. Ele era o principal suspeito na exumação de Eleanor Van Straten, mas mesmo isso, poderia ser dito, envolvia um objeto inanimado. A única coisa que chegava perto era uma ameaça de bomba contra uma empreiteira construindo um novo laboratório de testes e pesquisas com animais no antigo estaleiro naval do Brooklyn. O cliente era a Meditech.

‘Quem conseguiu para fazer essa pesquisa?’ Lock passou um pedaço de papel através do mármore para Carrie.

‘Eu mesma.’

‘Bem, ainda não separe espaço para aquele Pulitzer nas prateleiras.’

‘É? Por quê?’

‘Por que eu conheço todos os prédios da Meditech, e nunca ouvi falar desse no estaleiro.’

Carrie mordeu um pedaço de radiche. ‘Posso checar pra você, se quiser.’

‘Provavelmente foi erro de digitação de alguém. Essas companhias tem nomes similares.’

‘E o que acha de Cody Parker sequestrando Josh Hulme?’

Lock pegou a pasta. ‘Diria que não, baseado nisso. Sabe, ele estava deixando pistas dizendo que tudo leva à Meditech.’

‘Claro que levam. E o onze de setembro foi organizado pela CIA. E a mídia controlada por judeus está participando de tudo.’

‘Ele disse uma coisa que me botou pra pensar.’

Carrie foi até a pia para lavar o resto do radiche. ‘E o que foi?’

‘Ficou sabendo de um contrato que a Meditech queria estabelecer com o Pentágono?’

Carrie deu de ombros, tirando o excesso de água da alface e botando em uma vasilha no balcão. ‘E daí? O governo tem gastado milhões com companhias de biotecnologia desde que perceberam que o Ministério da Defesa não estava dando conta do recado. Foram gastos quarenta e quatro milhões desde 2001. Toda companhia farmacêutica e de biotecnologia está brigando para mamar na teta do governo.’

‘Bioterrorismo é uma ladainha. Terroristas que são realmente bons usam qualquer coisa. Fertilizante. Estiletes. Coisas fáceis de se adquirir,’ disse Lock, passando uma taça do vermelho para Carrie.

‘E alguém passando algo pela água?’

‘É possível, eu suponho.’ Ele tomou um pouco do vinho.

‘Poderia procurar isso pra mim?’

‘Nesse contrato?’

‘E Richard Hulme. Nunca me falou por que se demitiu.’

‘Nem para mim.’ Carrie fez uma careta.

Lock sabia que era uma confissão rara. Não era algo que acontecia com ela todo dia.

‘Posso te dar um conselho, Ryan?’

‘Claro.’

‘Quando eu estou tentando desvendar uma história, tento deixar a coisa simples. É fácil ver coisas onde não existe nada. Fazer conexões que não existem.’

‘Como esse contrato com o Pentágono?’

‘Exatamente. Pensa a respeito. Isso tornaria mais difícil a Meditech desistir de testes em animais, não mais fácil.’

‘Foi isso que Cody Parker disse. Mas a Meditech desistiu dos testes.’

‘Não, eles *falaram* que desistiram. São coisas diferentes.’

Trinta e três

A empresa de Babás e Assistentes de Kensington ocupava um pequeno canto no último andar de um pequeno prédio que ficava ao lado de Alphabet City. Ty tinha a localizado como sendo a companhia que a Meditech usava para prover assistência para crianças de seus funcionários mais antigos. ‘Usava’ sendo a palavra chave. Diversas reclamações dizendo que as pessoas enviadas eram incapazes de cuidar de um peixinho dourado, muito menos então de uma criança, tinha feito com que o contrato fosse cancelado.

No quarto andar, Lock e Ty tiveram de parar para recuperar o fôlego.

‘Cara, estamos fora de forma,’ Ty observou, respirando rápido.

‘Ei, eu acabei de sair do hospital, qual é a sua desculpa?’

‘Muito tempo na vida boa.’

Continuaram até o último andar. A porta que levava até o escritório estava entreaberta e conseguiam ouvir uma mulher recebendo chamadas. Lock abriu a porta com o pé e entraram.

A mulher parecia ter quase cinquenta anos. Segurando o telefone com uma mão, passava por uma pilha de papéis a sua frente. Um copo de café estava cheio e intocado perto dos papeis, o leite se tornando uma pasta branca no topo. O resto do escritório era uma bagunça, com papéis espalhados em toda e qualquer superfície. ‘Sim, e peço desculpas que as coisa não tenham dado certo, mas eu simplesmente não tenho mais ninguém disponível no momento,’ ela dizia ao telefone. Ela acenou para Lock e Ty entrarem, dirigindo-os a cadeiras encostadas na parede com outro aceno de mão.

Lock pegou um amontoado de arquivos que estavam em cima de sua cadeira e colocou-os em cima de um dos armários.

‘Escuta, tenho que atender uma pessoa aqui,’ ela continuou. ‘Se alguém ficar disponível, você está no topo da lista.’

Lock ainda conseguia escutar a pessoa no outro lado da ligação quando ela desligou o telefone.

Quando ela falou, o sotaque britânico pareceu desaparecer, revelando algo mais similar ao do Brooklyn. ‘Só para ficarem sabendo, tenho uma lista de espera de três meses até achar alguém pra cuidar do seu pacotinho de felicidade.’

‘Er, não estamos juntos,’ Lock se opôs.

‘É,’ ela disse, analisando Ty de cima a baixo antes de virar para Lock, ‘ele é muita areia pro seu caminhãozinho, querido.’ Ty sorriu enquanto Lock decidia se deveria ou não ficar ofendido.

‘Ei, por um acaso vocês não seriam babás, seriam?’ ela perguntou com um sorriso desesperado.

‘Só para os crescidos,’ Ty sorriu. ‘E eu sou definitivamente, cem por cento hétero.’

Apenas Ty conseguiria transformar isso em um momento de azaração, pensou Lock.

‘É assim que consegue seu pessoal? Qualquer um que passa pela porta?’ Lock perguntou.

‘Tá com o FBI? Por que já contei a um de vocês tudo o que eu sei. Merda, você não é um repórter, né? Por que se for, não estou fazendo comentários.’

‘Estamos aqui em capacidade private, Senhorita...’

‘Lauren Palowsky.’

‘Srta. Palowsky, o pai de Josh Hulme pediu que o encontrássemos.’ Lock manteve o nome Meditech fora de propósito.

‘O FBI disse que eu não deveria comentar nada disso.’

‘O FBI está completamente ciente do nosso envolvimento,’ Lock garantiu.

‘Então fale com eles.’

O rosto de Lock travou, qualquer traço de amabilidade evaporando. ‘Estou falando com você. E se não se importa que eu diga, você parece estar bem composta para alguém que teve uma funcionária brutalmente assassinada e a criança a qual estava cuidando sequestrada, e possivelmente morta também.’

Lauren estudou o leite flutuando por cima de seu café matinal. ‘Estou tentando não pensar nisso. Mas que fique claro: eu não contratei Natalya. Sou apenas uma corretora.’

O telefone tocou novamente, mas Lauren deixou ir para a caixa de mensagens.

‘Seu advogado te falou pra falar isso?’

‘Não. E de qualquer maneira, não acha que fiquei preocupadíssima com aquele garoto desde que fiquei sabendo?’

‘Não faço ideia. Me diga você.’

Ela abaixou os olhos para a mesa, pegou um monte aleatório de papeis, levantou para mostra-los. ‘Todas essas pessoas estão procurando alguém para criar seus filhos por não terem tempo. Todos querem a Mary Poppins, mas não estão dispostos a pagar mais que o salário mínimo. Daí algo dá errado e a culpa é minha.’

‘Estou apenas tentando entender o que houve,’ Lock disse, abaixando a voz e se inclinando para frente. ‘Me fale sobre Natalya.’

‘Não tem muito o que dizer. Mesma coisa das garotas que me ligam procurando trabalho. Seu inglês não era lá muito bom, mas melhor que o da maioria. Pareceu agradável o suficiente.’

‘A quanto tempo estava no país?’

‘Não muito, pelo que eu vi.’

‘Anos? Meses? Semanas?’

‘Alguns meses, provavelmente.’

‘Ela disse algo sobre sua situação?’

‘Ela tinha trabalhado em bares, viajando pela cidade todos os dias, saindo de Brighton Beach ou algo do tipo. Ela pensou que um emprego com moradia seria bom, daria a chance de guardar um pouco de dinheiro.’

‘Em que bar ela trabalhava?’

‘Eu lido com dezenas de pessoas todas as semanas. Mal consigo lembrar os nomes.’

‘E o visto dela? Ela tinha um, certo?’ Houve uma pausa.

‘Eu não sou o FBI, a Imigração, ou a Segurança Nacional. Sei que deve ter que dar um jeito aqui e ali,’ Lock adicionou.

‘Os clientes assinam um contrato que diz que eles, como empregadores, tem a responsabilidade de checar esse tipo de coisa. Olha, não é como se eu estivesse trazendo clandestinos para o país.’

‘Então qual a diferença entre usar você e botar uma propaganda no jornal, ou postar no cragslist?’

Ty respondeu por Lauren. ‘Uns quatro mil dólares cada, certo?’

‘Tá me deixando interessada,’ ela disse para Ty.

‘Digo o mesmo, gata,’ respondeu ele. Lauren suspirou.

‘Se essas garotas estivessem dentro da lei, a maioria conseguiria um emprego que pagasse mais que sete e quinze a hora, sabe? Todo mundo reclama dos imigrantes ilegais, até chegar a hora do pagamento.’

Lock sentiu que esse era um dos problemas favoritos de Lauren quando se falava de ética em seu ramo de trabalho. Mas não estava ajudando a solucionar o papel de Natalya no sequestro de Josh.

‘Pegou alguma referência do antigo empregador de Natalya?’

‘Já dei tudo isso para o FBI. Eles levaram cópias.’

‘Podemos dar uma olhada?’

O telefone caiu na caixa de mensagens novamente. Lauren suspirou, e com o que pareceu ser um grande esforço, se levantou da mesa e foi até o gabinete de arquivos. ‘Eu não queria entregar os originais a eles caso isso fosse parar nos tribunais.’ Ela parou no meio do quarto. ‘Agora, sei que deixei em algum lugar seguro.’ Lock presumiu que ‘seguro’ no contexto do caótico sistema de Lauren Palowsky era um lugar onde jamais seria encontrado novamente.

O telefone tocou uma terceira vez.

‘Se importam...?’ ela perguntou.

‘Escuta, quer que eu dê uma procurada?’

‘Por favor? Se não tomar conta das chamadas ficarei aqui até meia noite.’

Lock abriu a primeira gaveta do gabinete mais próximo e começou a procurar. Ele acenou para que Ty começasse a checar uma das inúmeras pilhas de papel.

Uma hora inteira se passou, e Lock estava se perguntando como pessoas passavam a vida inteira em escritórios fazendo exatamente isso. Não que ele tivesse claustrofobia, mas seu corpo e mente estavam sempre inquietos; sempre se movendo. Até ao dormir, seus sonhos era vividos e cinéticos.

A busca vinha com duas vantagens: dava a eles acesso a todos os dados da agência, e permitia que Lock tivesse tempo para julgar Lauren. Uma coisa ficou clara: ela tão estava envolvida no sequestro. Era necessário um nível de organização além do dela. Ela provavelmente acabaria mandando cartas de resgate para o endereço errado.

Enquanto pegavam e olhavam papel atrás de papel, Lock e Ty aprenderam que faturas, currículos, e todo tipo imaginável de papel era simplesmente enfiado junto sem qualquer tipo de lógica. Havia currículos de possíveis babás de dez anos atrás e detalhes de país cujos filhos já deveriam estar na universidade.

Ty levantou um arquivo verde que lia ‘conta de telefone’, então naturalmente continha detalhes de cartões de créditos. Abaixo dele, no fim da gaveta, estava um pedaço de papel. Ele o pegou. Era uma carta de referência. Ele estava para colocar junto das outras quando reparou no nome. Natalya Verovsky.

Ty foi até a mesa de Lauren, e balançou o papel em sua frente. Ele cobriu o telefone com uma mão.

‘O FBI viu isso?’ ele perguntou.

‘O que é isso?’ Ela olhou para o papel. ‘Droga. Deve ter se separado de seu currículo.’

Lock tinha se juntado a Ty na mesa, e pegou a folha única de papel. Sem cabeçalho. Escrita à mão. A letra era confusa. O nome de Natalya estava escrito em letra de forma no meio do caminho, e a referência de fato um pouco abaixo. Poucas linhas.

Natalya tem trabalho para mim por doze meses. Ela tem sido uma boa trabalhadora. É muito boa com os clientes e nunca se atrasa. Fico feliz de recomendar seus serviços para vocês.

Então havia um espaço de um centímetro e a assinatura de ‘Jerry Nash’. Tinha um endereço, mas nenhum telefone. Nem uma referência sobre o tipo de trabalho, além de algo sobre a relação entre Jerry e Natalya. Chefe? Colega de trabalho? Amigo?

Lock e Ty precisaram de mais quarenta minutos para achar o currículo original de Natalya. Quando o encontraram, não continha nada que já não soubessem. Crucialmente, não listava o último lugar em que tinha trabalhado. Ou qualquer outro lugar. Então a referência continuava importante, a única pista da qual Lock sabia, em uma investigação que estava ficando complicada rapidamente.

Inacreditavelmente, não havia um computador no escritório, e nenhuma maneira de checar o endereço na referência, isso se ele fosse real. Sem número de telefone, a própria Natalya poderia ter escrito a carta.

Lauren ainda estava n telefone. Lock balançou a referência para ela. Ela fez uma careta. ‘O que foi agora?’

Lock deu três passos, se abaixou, e tirou o cabo do telefone da tomada. Botou a referência na frente dela.

‘Você ao menos checkou esse endereço?’

‘Claro que sim. Escrevi uma carta para eles. Mas nunca recebi resposta.’

‘Já ouviu a expressão “não vale nem um centavo”?’ Ty perguntou.

Ela o olhou boquiaberta. Lock sentiu vontade de amassar aquela porcaria e enfiar goela abaixo.

‘Estou dando meu melhor aqui,’ ela protestou.

Lock dobrou a referência, enfiou em seu bolso, e saiu do escritório. Ele ligou para Carrie da rua.

Levou menos de noventa segundos para ela ligar de volta – mais rápido que o FBI.

‘Bom, é um endereço de verdade. Endereço comercial, também,’ ela disse.

‘Que tipo?’

‘O mais antigo do mundo.’

Trinta e Quatro

‘Agora esse é o tipo de investigação que eu gosto,’ disse Ty, olhando, inspecionando a fachada rosa do Clube das Gatinhas do outro lado da rua.

Antes de terem ido para lá, Lock voltara para casa para se trocar. Vestido com uma calça preta, camisa branca, uma jaqueta esportiva e um par de óculos transparentes, se aproximou da entrada do clube. Havia dois guardas na porta, caras grandes que dependiam de sua altura e músculos vindos de esteroide para fazer seu trabalho. Parar entrar, tinha que passar com eles.

Com o passar dos anos, Lock tinha lidado com o tipo o suficiente para saber que a chave do sucesso era parecer o mais manso e não ameaçador possível. Eles eram treinados para ver algo onde não tinha nada. Contato direto estava proibido. Os óculos, ele esperava, ajudariam, além de dar uma aparência meio geek. Incrível como estereótipos dos parquinhos de escola ficavam conosco mesmo quando adultos.

Ele andou pela calçada e virou abruptamente para a entrada, mantendo os olhos no chão e tentando parecer nervoso. No entanto, nervosismo não ocorria naturalmente com Lock, e um dos guardas parou-o com uma mão no tórax.

‘Por que a pressa, amigo?’ o outro guarda perguntou.

‘Mostra a identidade,’ disse o outro, com a mão estendida.

A última coisa que Lock queria era mostrar algo que tivesse o nome dele.

‘Tô sem minha carteira, rapazes.’

O que tinha sido uma pressão firme da mão do guarda virou um pequeno empurrão. ‘Sem identidade, sem entrada.’

Lock permitiu ser jogado para trás antes de recuperar o equilíbrio. Ele enfiou a mão no bolso das calças, puxou um maço de notas e separou duas de vinte. ‘Aqui está, rapazes.’

Eles pegaram o dinheiro, guardaram, e a mão se abaixou como se fosse uma ponte levadiça.

‘O que houve com sua cabeça?’ um dos guardas perguntou, botando a mão de volta no bolso.

‘Esposa. Encontrou o número de outra pessoa num guardanapo na carteira. Me acertou com o ferro de passar. Fiquei uma semana no hospital,’ disse Lock. Ele contou a história com os olhos presos no chão. Explicava a falta da carteira, seu nervosismo e, principalmente, a cicatriz em seu escalpo.

Os dois guardas riram. Estavam pensando exatamente a mesma coisa. *Que perdedor.*

‘Ok, vamos só te revistar rapidinho.’

Lock levantou os braços até nivelar nos ombros, as moedas no bolso da jaqueta pesadas o suficiente para evitar que ela subisse e revelasse sua SIG. Esse era o sinal para Ty.

‘E ai!’ Ty apareceu do nada.

Lock sorriu enquanto Ty atravessou a pista em passos largos. Ele abaixou os braços novamente enquanto os dois guardas iam confrontá-lo.

‘Quanto é a entrada?’ Ty perguntou enquanto Lock passava por eles, a arma intacta.

O bar ficava ao longo de uma parede. Atrás dele, uma barman solitária. E em topless. Complicava pedir um drinque. Ela tinha um bronzeado barato e cabelo loiro e liso amarrado para trás.

‘Cerveja, por favor,’ Lock disse.

Ela notou que ele estava evitando olhar para seus seios, mesmo que estivesse com o olhar no mesmo

nível. ‘Pode olhar pros meus peitos se quiser,’ ela disse alegremente.

Tudo que Lock conseguia pensar em dizer era, ‘Obrigado.’ Verdade seja dita, ele não era muito chegado em seios. Ou pernas. Gostava de olhos e lábios. É, dê a ele um belo par de olhos, que mostrem algum brilho. E lábios expressivos. Talvez um nariz na proporção do resto do rosto. O que o tornava um cara que curti rostos, pensou ele.

‘Meio que por isso que aceitei o trabalho,’ a mulher continuou. ‘Quer dizer, caras olham pros teus peitos de qualquer jeito, então por que não acabar com a fantasia? E ganhar uma grana, claro.’

‘Trabalha aqui a muito tempo?’ Lock perguntou, tentando fazer parecer uma cantada ruim.

‘É a sua primeira vez, querido?’ ela devolveu, provocando.

‘Primeira vez nesse lugar. Acabei de ganhar um emprego nessa rua. Loucura financeira.’

Ela passou a cerveja para ele. Ele pegou o rolo de dinheiro e pagou, deixando uma gorjeta generosa. ‘Pode ficar com o troco.’

‘Só pra deixar claro, gorjeta é gorjeta. Se tá querendo algo mais, vai ter que ir até as dançarinas.’

‘Mas é claro.’

Alguns instantes depois, Ty sentou do outro lado do bar. Lock reconheceu sua presença com um aceno de cabeça.

Uma ruiva magra se aproximou de Lock. Se introduziu como Tiffany, e ele comprou uma Coca-cola de dez dólares para ela. Estava esperando por um convite para ir até os fundos para uma dança particular, mas ele nunca veio. Tiffany preferiu falar da história de sua vida. Lock sorriu e se concentrou em escutar.

Por motivos desconhecidos às mulheres que frequentavam esse tipo de lugar, ele dava a impressão de ser um padre. Tinha virado até piada entre seus amigos do exército. Ele deve ter sido o único soldado na história das forças armadas que acabou dando uma massagem para uma prostituta enquanto ela fala seus segredos mais sombrios. Ele conhecia a narrativa de cor já; pai ausente ou abusivo, seguido por uma busca para se redescobrir entre homens igualmente ausentes.

Na primeira oportunidade para parar a história – Tiffany tinha acabado de perder sua filha para o serviço social, o que a enviou em um turbilhão de abuso de cetamina – Lock pediu desculpas e saiu do bar, parecendo ir ao banheiro masculino.

‘Quer que eu balance pra você?’, ela disse com um sorriso.

‘Não, obrigado. Mas agradeço a oferta. Você é uma boa garota.’

Ela deslizou para o lado de Ty.

Depois da porta marcada com ‘Gangsters’ para os homens e ‘Vadias’, presumivelmente para as damas, havia um pequeno corredor escuro que levava a outras três portas. Uma levava ao banheiro masculino, o outro ao feminino, que servia de vestiário para as dançarinas, a julgar pelo som de rap que vinha do outro lado. O terceiro, subindo um curto lance de escadas, estava marcado com ‘Entrada Proibida’. O aviso não deixou dúvidas.

No caminho, Lock pegou sua SIG, carregou e tirou a trava de segurança. Então guardou-a de novo. Estava preparado. Fazia isso sempre que estava para entrar em uma porta sem saber o que tinha do outro lado, se pudesse ser algo ruim.

No topo das escadas, ele parou, sacou sua faca, e separou parte do fio pintado da batente da porta. Cortando-o ele enfiou o fio no bolso antes de abrir a porta.

Uma lâmpada solitária iluminava a escuridão. O cheiro era de suor velho e fumaça de cigarro. Uma velha acima do peso sentava atrás de uma mesa. Ela procurou o botão de emergência.

Lock mostrou o pedaço de fio que tinha cortado. ‘Não tá funcionando.’

Havia um telefone na mesa, mas a mulher não tentou usá-lo. Ela estava bastante calma, como se um homem armado invadindo seu escritório fosse uma ocorrência diária. Acendendo um cigarro com os restos do antigo, ela tragou, chegando até o filtro marrom de uma vez só, resignada com o que viesse a acontecer.

‘Então, o que quer? Estou ocupada.’

Lock procurou no bolso da jaqueta e pegou a foto de Natalya com seus pais. Ele a colocou na mesa em frente à mulher. Ela olhou de relance para a foto, e então desviou o olhar.

‘E?’

‘Conhece ela?’

Ela o olhou com suspeita. ‘Quem diabos é você?’

‘Ela está morta. Mas antes de morrer, um garotinho de quem cuidava foi sequestrado. Estou procurando por ele. E você vai me ajudar.’

‘Não sei do que está falando.’

Ele não estava chegando a lugar algum. Cedo ou tarde, alguém perceberia que o cliente que fora ao banheiro não tinha retornado. Um dos gorilas revistaria o lugar.

Ele puxou a carta de referência, colocou-a ao lado da foto e apontou para a assinatura. ‘É você, certo? Você é Jerry.’ Ele pôde ver que ela negaria ter estado no mesmo quarto que ele, então continuou. ‘Agora, você pode responder minhas perguntas, ou eu posso passar isso para o FBI.’

‘É meu nome, mas eu não assinei. Meu nome se escreve com um i e não um y.’ Ela pegou a carta e estudou-a por um momento. ‘Ela trabalhou aqui. Até, talvez...’ Parou para pensar, se esforçando. ‘Cinco meses atrás. E então se foi.’

Alguém bateu na porta, seguido de uma voz masculina. Um dos guardas. ‘Ei, Jerri, precisamos de você aqui.’

‘Responda-o,’ Lock sussurrou.

‘Me dá cinco minutos.’

Eles escutaram o homem descer as escadas, abrir a porta do banheiro feminino, e gritar algo para uma das dançarinas.

Jerri tragou seu cigarro enquanto Lock vasculhava os arquivos em sua mesa.

‘Escuta, se eu tratei a Natalya tão mal assim, por que é que ela veio procurar o emprego de volta?’

Lock olhou para ela. ‘O que?’

‘Não sabia dessa, hein?’ Jerri disse, com um sorriso no rosto.

‘Quando foi isso?’

‘Deixe-me ver. Um mês, seis semanas atrás.’

‘Ela disse o porquê?’

Jerri soltou um anel de fumaça e deu de ombros. ‘Ela não comentou. Mas deve ter sido um homem. Sempre é.’

‘Ela mencionou algo?’

‘Um cara chamado Brody, acho.’

‘Poderia ter sido Cody?’

‘É, talvez.’

‘Cody Parker?’

‘Ela o chamava só de Cody.’

Merda. Lock estivera errado. O cara não era inocente, só sabia lidar com pressão.

‘Ela falou alguma coisa sobre direito dos animais?’

‘O quê dos animais?’

Lock assumiu que não.

‘Ele deve ter buscado ela uma vez ou outra.’

‘Ele era mais velho? Novo?’

‘Que ela? Mais velho. Escuta, nossos cinco minutos acabaram. Eles vão subir aqui e vai dar uma confusão.’

Como que esperando por isso, houve outra batida na porta. Essa mais insistente.

‘Jerri?’

Antes que ela pudesse responder, a porta se abriu e um dos guardas deu de cara com o cano de uma arma.

‘Relaxa,’ disse Lock, ‘já estou de saída.’

O guarda ficou pálido. ‘Ok, cara. Não vou tentar te impedir.’

Lock passou por ele e desceu as escadas, dois degraus de cada vez. No bar, Tiffany estava no colo de Ty.

‘Tenho que ir,’ ele disse a ela.

Ela jogou os braços no pescoço de Ty. ‘Me liga?’

‘Claro.’

Ty saiu acompanhando Lock. Atrás deles, conseguiam ouvir o guarda gritando no celular enquanto seguia eles pelas escadas. ‘Sim, ele está armado. Preciso de alguém aqui agora!’

No escritório, Jerri acendeu um cigarro e puxou o telefone. ‘Eu não sei,’ ela disse, assoprando um anel de fumaça perfeito e assistindo ele dissolver lentamente. ‘Mas se eu fosse você, começaria a resolver isso logo.’

Trinta e Cinco

‘Estávamos com ele e deixamos ele escapar,’ disse Ty, atravessando até a janela da sala de Lock e fingindo esmurrar seu reflexo. ‘Se eles encostaram um dedo naquele garoto...’

Lock sentava no sofá, com a cabeça nas mãos, as pontas dos dedos da direita tracejando sua cicatriz. ‘Pode não ser Cody, sabe?’

‘Ah, qual é, Ryan. Ele conheceu Natalya, e magicamente ela aparece como babá de Josh Hulme.’

‘Assistente,’ Lock corrigiu.

‘Que seja.’

‘Acho que deveríamos ligar para Frisk. Repassar o caso para o FBI. As pessoas podiam não querer denunciar Parker quando ele era o Che Guevara dos animais, mas isso pode acabar com sua imagem.’

Lock puxou o celular da pochete em seu cinto. Ele vibrou em sua mão. A chamada dizia ser do Federal Plaza. ‘Falando do diabo.’ Ele atendeu.

‘Que diabos você está fazendo?’ A voz não deixava dúvidas, era Frisk.

‘Justamente quem eu estava procurando.’

‘Ao inferno contigo, Lock.’

‘Sabemos quem está com Josh Hulme.’

‘Ótimo. Também sabem quem está com o pai dele?’

‘O que?’

Ty reparou o rosto de Lock. ‘O que houve?’

Lock o dispensou com um aceno. ‘Richard Hulme está com vocês, não?’

‘Ele estava até uma hora atrás.’

‘O que houve?’

‘Ele deixou seu apartamento e agora não conseguimos encontrá-lo.’

Trinta e Seis

Stafford Van Straten retirou alguns documentos da bolsa de couro de oitocentos dólares e espalhou-os no banco de trás do Hummer. ‘Eu passei a maior parte do dia negociando com nossa empresa de seguros,’ ele disse.

Richard olhou para os documentos com uma expressão neutra.

‘Conseguí convencê-los de que como a janela de tempo entre você pedir demissão e sua decisão de voltar à empresa era muito pequena, eles manteriam a política que te segura em relação a sequestro por recompensa. Em outras palavras, você ainda está segurado.’

Stafford sorriu para si mesmo. Ele teria dado um excelente vendedor ambulante.

‘Não foi uma negociação fácil, dadas as circunstâncias. Eles botaram um limite de resgate de dois milhões de dólares. Normalmente chegaria a cinco. Mas acho que demos sorte de eles manterem o seguro ativo, certo?’

De novo, Richard permaneceu calado.

‘Caso algum pedido de resgate pago exceda dois milhões de dólares, a Meditech concordou em pagar o excesso até chegar no teto de cinco. Podemos pedir reembolso do governo, de qualquer jeito.’

Finalmente, Richard olhou para ele. ‘É na vida do meu filho que você está botando um preço.’

Stafford relaxou a gravata, desfez um botão da camisa. ‘Perdão, Richard. Não quis parecer tão frio. Não sou muito bom em lidar com emoções. Costumo suprimir as coisas, sabe. É mais fácil para mim procurar concertar as coisas do que me preocupar em entender por que deram errado. Entendo que você daria tudo para tê-lo de volta.’ Ele passou um contrato pelo banco com as pontas dos dedos.

Richard olhou para o pesado calhamaço de papéis. ‘O que é isso?’

‘Bem, para isso dar certo você vai ter que trabalhar para nós por pelo menos doze meses. Menos que isso e a seguradora cancelaria o contrato novamente. Assim como o seguro para outros funcionários. O que tornaria quase impossível sermos segurados por qualquer outra empresa. E isso apresentaria grandes problemas, especialmente para nossas operações internacionais. Grandes problemas para você também, já que ficaria vulnerável a qualquer pedido de resgate. E acho que se tivesse alguns milhões dando sopa, não estaríamos tendo essa conversa. Entende o que estou dizendo, Richard?’

Richard hesitou, então pegou o contrato. Folheou as páginas, procurando o lugar onde deveria assinar.

‘É tudo bem padrão,’ Stafford disse rapidamente, entregando a ele uma caneta Mont Blanc. ‘As restrições de sempre, em particular sobre a sensibilidade comercial do seu trabalho.’

Richard parou de folhear. ‘Não voltarei a usar animais.’

‘Nem nós. Nossa palavra é final nessa questão.’ Richard foi direto para a última página e assinou seu nome. Stafford lhe deu uma cópia, que ele também assinou.

‘Você está falando de um pedido de resgate,’ disse Richard, ‘mas não houve nenhuma demanda até agora.’

‘Isso não é bem verdade.’

‘O que quer dizer?’

‘Tivemos que resolver outros problemas antes. Antes de poder te falar.’ Por um momento Stafford

achou que Richard iria atacá-lo com a caneta.

‘Os sequestradores fizeram contato com você?’

‘Obviamente, estavam confusos com seu status na empresa. Não achou estranho quando não recebeu nenhuma demanda?’

‘Por que não me disse?’ Richard pareceu cético.

‘Se tivéssemos, você teria falado para o FBI, e no que isso ajudaria? Escuta, Richard, você tem sido problemático para a empresa. Mesmo antes disso tudo. Suas objeções aos testes com animais não foram bem vistas pela gestão sênior.’

‘É um problema científico. A estrutura genética de um primata não é parecida o suficiente para algo dessa natureza. Tudo bem se quiser procurar a cura de algo como, digamos, diabetes, mas não há margem de erro com esses agentes.’

Stafford interrompeu-o. Hora da dura verdade. ‘Bem, enquanto você estava ocupado mostrando sua alma em TV nacional, eu estava trabalhando duro pra que a empresa resolvesse essa porcaria. As pessoas que pegaram seu filho deixaram claro que não querem que o pedido de resgate chegue aos ouvidos do FBI. Também não queremos. Quantas crianças dos nossos funcionários seriam sequestradas se isso se tornasse público? Milhões de dólares envolvidos. Todo imbecil ao redor do país ia tentar repetir o feito. Toda criança cujos pais trabalhassem em uma corporação grande seria alvo. Você quer que isso aconteça?’

‘Claro que não. Não desejaria isso para o meu pior inimigo.’

‘Bom. Então não espalhe a informação. Especialmente para o FBI. Se eles ficarem sabendo, vão interceptar, e seu filho provavelmente vai morrer.’

‘Como podemos ter certeza que ele ainda está vivo? Alguma coisa que comprove?’

Stafford procurou em sua bolsa de couro e pegou um saco Ziploc transparente. Dentro estavam quatro anéis de cabelo. ‘Analisamos usando os nossos laboratórios. É do Josh. E mandaram isso.’

Sabendo que uma Polaróide removia qualquer suspeita de que a foto tivesse sido editada, Stafford mostrou uma imagem branca e entregou-a a Richard. Nela estava Josh, piscando contra o flash da câmera, cabelo cortado e colorido, segurando uma cópia de dois dias atrás do *New York Post*.

‘Cristo. Meu filho. O que fizeram com ele?’ disse Richard, finalmente perdendo o controle.

Trinta e Sete

Perto da meia noite, ainda havia luz dentro do restaurante coreano. A luz comercial iluminada a placa de “Alugando.”

‘Isso vai ser rápido,’ disse Lock, abrindo a porta.

‘Você poderia só mandar um cartão,’ Ty protestou.

No caminho para a base, tinham recebido a notícia de Carrie de que o velho coreano não tinha sobrevivido. Seu coração havia parado.

Sua filha estava atrás do caixa. Ela travou quando Lock entrou. Ainda mais quando Ty entrou em seguida. Lock suspirou: algumas coisas na cidade nunca mudam.

Ele tirou seu boné e segurou-o contra o peito. ‘Minha condolências pelo seu pai.’

Ela desviou o olhar, ainda surpresa pelo pesar. Seus olhos incharam. Ty manteve o olhar no chão.

‘Foi só isso que viemos dizer.’

‘Obrigado.’

Foram em direção à porta.

‘Espera,’ ela disse, saindo de detrás do caixa. ‘Meu pai te achava um herói. Tínhamos sido roubados uma vez. Ninguém fez nada. Ficaram lá e assistiram a coisa acontecer.’

‘A polícia disse algo sobre os homens que invadiram a loja?’

‘Perguntaram sobre as pessoas que estavam protestando nas ruas.’

‘Imaginei.’

‘Por quê?’

‘Não importa. Quando os atiradores chegaram, o que falaram?’

‘Não falaram nada.’

‘Nada mesmo? Nem mesmo “no chão” ou “não se mexam”?’

‘Eles nos deram um recado.’

‘Como assim?’

‘Instruções em um pedaço de papel. O do meu pai estava em coreano.’

Lock se sentiu energizado do nada. Ty, que tinha pego um jornal para passar o tempo, botou-o de volta na estante.

‘E o que diziam?’

‘Só o que deveríamos fazer.’

‘E os recados estavam definitivamente em coreano?’

‘E inglês. Sim.’

‘Falou disso para a polícia?’

‘Claro.’

‘E qual foi a reação deles?’

‘Nenhuma. Por quê?’

‘Entregou os recados a eles?’

‘Os homens levaram com eles.’

Lock olhou para Ty, ambos pensando a mesma coisa. Eles falaram novamente que estavam tristes

por saber da morte do pai dela e saíram.

Um policial civil não teria feito a conexão. Para eles seria apenas um truque esperto, um jeito de fazer com que a vítima não reconhecesse o sotaque. Mas para Lock e Ty as instruções escritas queriam dizer outra coisa. Algo pesado.

No Iraque, quando patrulhas militares conduziam invasões em casas onde não tinham um intérprete local, usavam cartas escritas em todos os dialetos locais. Dependiam do fato da população iraquiana ser educada, e apesar dos níveis de instrução serem altos, nem todos falavam inglês. Eles também sabiam que uma falha em entender instruções levava a mal entendidos, e mal entendidos levavam à morte. Então usavam as cartas.

Lock sentiu uma explosão de adrenalina. Quem quer que tivesse entrado na loja era militar, ou ex-militar.

Andando rapidamente pela calçada, eles chegaram à entrada do prédio da Meditech em menos de um minuto. Conversaram apenas ao chegar no elevador.

‘Cody Parker serviu alguma vez?’

‘Acho que não.’

‘Don Stokes?’

‘Tá me zoando? Com aquela atitude infantil, ele não duraria dois segundos.’

Brand estava sentado atrás de uma mesa enquanto entraram na sala quebra-galho de operações. Em cima de Brand estava um pôster enorme com o rosto de Josh Hulme.

Brand afastou a cadeira e botou as mãos por trás da cabeça. ‘Os viajantes retornam.’

Lock se inclinou na mesa até estar a centímetros de Brand.

‘Cadê o Hulme?’

‘Em segurança.’

Lock deu um passo para trás, levantou sua bota e a usou para jogar a cadeira de Brand contra a parede. ‘Eu perguntou onde, não como.’

‘Eu sei o que você disse, Lock. Mas enquanto você visitava os prostíbulos da cidade procurando carne fresca, a situação mudou. Ele está na Baía, se quiser saber.’

‘Brand, deixa de palhaçada. O que está acontecendo?’

‘Relaxa, tudo já foi resolvido.’

‘Eu sou o chefe aqui, e você sabe disso. Quando as coisas acontecem, eu preciso ser informado.’

‘Correção: você era o chefe.’

Brand se levantou e pegou dois envelopes brancos da mesa. Um era endereçado a Lock, e o outro a Ty. Ele os entregou.

Lock abriu o envelope com um rasgo. Uma única linha com letras maiúsculas em negrito, no título, não deixava dúvidas: AVISO DE RESCISÃO.

Trinta e Oito

Stafford estava no deck do complexo familiar da Baía de Shinnecock, segurando um telefone. Três mil metros quadrados de propriedade com nada entre eles e a Europa, tirando o Atlântico. Dinheiro novo no mundo antigo.

Ele terminou a chamada e se voltou para os dois homens atrás dele. Um era seu pai, e o outro, Richard Hulme. ‘Está combinado,’ ele disse.

Os ombros de Richard cederam, parecendo voltar a obedecer a gravidade. ‘Me diz que ele está bem. Que meu filho está em segurança.’

‘Ele está bem, Richard.’

‘Então quando poderemos—’

‘Se tudo ocorrer bem, isso vai ter acabado em menos de vinte e quatro horas.’

Richard balançou a cabeça, desesperado para acreditar nisso, como Stafford sabia que estaria. Nicholas Van Straten foi até a borda do deck, braços ainda cruzados. ‘Quanto?’

‘Três milhões.’

Os olhos de Nicholas cerraram enquanto olhava para a piscina que levava ao oceano. ‘Um pequeno preço a se pagar.’

‘Especialmente quando temos alguém pagando a conta,’ contribuiu Stafford.

‘Richard, poderia me deixar a sós com meu filho?’

‘Claro.’

Ele esperou até que Richard estivesse longe de vista.

‘Bom trabalho, Stafford.’

Foi o primeiro elogio irrestrito que já tinha recebido do pai. Mesmo quando criança, elogios sempre eram acompanhados de um lembrete que um bom trabalho era o mínimo esperado dele.

Ele queria saborear o elogio. Mas tudo que sentiu foi ressentimento.

‘Obrigado, senhor.’

‘Talvez eu devesse ter te envolvido mais cedo.’

‘Talvez.’

E então veio, a qualificação ubíqua. ‘Vamos esperar que a troca ocorra sem problemas, certo?’

Trinta e Nove

O quarto caiu na escuridão. Josh bateu com suas mãos e joelhos até a TV e apertou o botão de ligar, mas nada aconteceu. O medo que ele vinha evitando nos últimos dias voltou, pulsando em seu peito e secando sua boca.

A falta de luz era total. O quarto era tão escuro que ele podia sentir sua mão contra seu rosto mas não conseguia vê-la. Ele gritou por ajuda, mas ninguém veio.

Então, algum tempo depois, ele escutou a porta se abrindo. Do lado de fora também estava escuro. Então uma luz brilhante surgiu, em direção à sua cara. Ele piscou, vendo bolas pretas contra a luz amarela. Sentiu alguém por trás da luz. E então um saco foi jogado no quarto, caindo em frente aos seus pés.

‘Feliz Natal,’ disse a voz de um homem. Josh olhou para o saco.

‘Vai, Josh. Pode abrir.’

Ele se abaixou e abriu o saco. Suas mãos tremiam. Não seja um bebê, disse a si mesmo.

Dentro estava um par de tênis.

‘Calce-os.’

Ele sentou no chão e se apressou em calça-los, lutando com as tiras de velcro.

‘Ok, agora vire de costas para mim.’ Ele fez como ordenado.

‘Vou botar um gorro em você. Um gorro bem grande para você não conseguir ver nada. Mas não vou te machucar. Entendeu?’

‘Sim,’ disse Josh. Quase não reconheceu a própria voz. Então se lembrou de que não falava nada a dias.

Ele se virou e o homem colocou o gorro sob sua cabeça.

‘Ok, promete não espiar?’

‘Prometo.’

‘Que bom, por que se espiar, nunca mais vai voltar pra casa. Estamos entendidos?’

‘Sim.’

‘Ok, vou segurar sua mão para te mostrar onde deve ir.’ Josh sentiu a pele áspera contra sua mão quando o homem o guiou para fora do quarto. O ar estava mais frio, e ele conseguia ouvir os ecos do sapato do homem ao seu lado. Escutou um click, como uma porta sendo aberta. O homem empurrou Josh para frente, e escutou outro click. Adivinhou que seria a porta sendo fechada novamente. Então o homem voltou a segurar sua mão e continuaram indo em frente. Josh tinha um pouco de dificuldade para acompanhar, correndo aqui e ali para manter o nível. A última coisa que queria era deixar o homem com raiva.

Ouviu uma campainha e o click de outra porta abrindo, seguido de uma rajada de vento congelante.

‘Cuidado onde pisa,’ disse o homem, quase tirando Josh do chão.

‘Por aqui.’

Escutou o barulho de uma porta de carro se abrindo, e foi empurrado para dentro.’

‘Aqui, sente-se.’

Sentiu uma pressão em seu peito quando o homem o forçou a sentar. O banco era macio, frio e liso

contra suas mãos. Escutou o barulho de um cinto de segurança.

‘Fique com o gorro. Vou ficar de olho.’

Pouco depois o motor deu partida. Josh manteve as mãos no colo. Conseguia sentir o algodão do gorro fazendo cócegas contra sua pele, mas resistiu o impulso de coçar. Ele enfiou as unhas, que tinham crescido, na palma da mão, para se distrair.

O carro cheirava igual ao que ele e Natalya tinham entrado depois da festa, o que parecia ter acontecido a uma eternidade. Trouxe à tona memórias que ele preferiria esquecer. O pânico que sentira quando foram levados. O cheiro do rio. O som aterrorizante da arma. Ele cerrou mais as mãos, enfiando as unhas mais fundo, a dor empurrando tudo para longe.

No banco da frente, o motorista fez a primeira de três chamadas. A primeira o preocupava pois não sabia se a pessoa com quem precisava falar atenderia. Ficou aliviado ao ouvir a voz do outro lado da linha. Ele tinha passado horas se familiarizando com a voz, ficado horas escutando as ameaças proferidas pelo dono dela.

‘Sim?’

‘Eu sei o que aconteceu com Stokes, e por que.’

‘Quem é? Como conseguiu meu número?’

‘Se quiser saber, precisa me encontrar em uma hora,’ o motorista disse. Então passou a ele um endereço, e desligou.

A natureza humana tomaria conta do resto.

Quarenta

Ty e Lock entraram em uma cabine. DO lado oposto, Tiffany tentou fazer um buraco no fundo do seu copo de café com uma colher.

Ty jogou uma foto de Cody Parker pela mesa. Ela olhou de relance e balançou a cabeça.

Lock se inclinou em direção a ela. ‘Mas é ele, esse é Cody Parker.’

‘Ele não parecia nem um pouco com isso.’

Lock usou as mãos para recortar a foto, pensando que o cabelo longo poderia ter sido um disfarce, que ele deixou crescer depois. ‘Olhe de novo.’

Ela continuou mexendo o café. Lock avançou e tirou a colher da mão dela. Ela foi pegar de volta mas ele tirou ela de perto.

‘Eu disse, olha de novo.’

‘Não preciso. Não tem nada a ver com ele.’

Lock devolveu a colher e ela voltou a mexer.

‘Ok, então como era o Cody Parker que estava com Natalya? E se me falar “diferente do da foto”, vou pegar essa colher e enfiá-la sabe Deus onde.’

Tiffany olhou para Ty rapidamente. ‘Esse seu amigo é bem intenso.’

‘Eu sei,’ disse Ty, ‘e esse é um de seus pontos fortes.’

‘Vamos começar com a altura,’ Lock disse.

‘Tipo a dele,’ ela disse, apontando para um ajudante de garçom hispânico que estava agachado limpando uma mesa ao lado.

‘Tipo um e setenta?’

‘Se é isso que aquele cara tem, sim.’

‘Branco? Negro? Hispânico?’

‘Branco mas sua pele era toda errada. Como se tivesse tido uma acne das feias quando era mais jovem.’

‘Que tipo de cabelo?’

‘Castanho com um pouco de branco. Curto.’

‘Tipo o meu?’

Ela botou a colher na mesa, deixando um pequeno rastro de café. Olhou para Lock como se só tivesse o notado agora. ‘É, tipo isso.’

‘Idade?’

‘Quarenta e tantos. Talvez uns cinquenta.’

‘Mas ele disse que seu nome era Cody?’

Ela olhou para Lock do jeito que um professor particularmente impaciente olharia para um aluno petulante. ‘Sim.’

‘Fica com ela por cinco minutos,’ Lock disse para Ty. ‘Vê se ela não sai por aí.’

‘Por quê? Onde você vai?’

‘Pegar mais fotos.’

Quarenta e Um

O sedan atravessou o asfalto irregular do estacionamento abandonado. O motorista parou, desligou o motor e saiu, atravessando a rua. Então fez mais duas ligações. A primeira era para a central da Meditech. A segunda, exatos dez minutos depois, para o FBI.

Quando ele terminou a segunda ligação, desligou o telefone. Foi até um prédio abandonado próximo ao estacionamento. Na parte de trás do prédio havia uma porta que tinha sido barrada anteriormente. Ele entrou e atravessou o lixo que tomava conta do corredor até chegar à escadas, e subiu para seu posto de observação. Dali conseguia ver o estacionamento com o sedan parado no meio.

Quinze minutos depois, duas Yukons enormes pararam na entrada do estacionamento. Ficaram ali, motores ligados, como se não soubessem como prosseguir.

Brand estava no banco do passageiro do veículo principal, as pontas dos dedos passeando pelas pequenas crateras em seu rosto. Hizzard estava no volante. Brand tinha escolhido ele em especial quando receberam a chamada dez minutos antes.

Richard Hulme estava no banco de trás. Quando pararam, ele se jogou para a frente, suas mãos agarrando o banco de Brand. ‘Por que estamos esperando?’

‘Não é tão simples. Primeiro temos que garantir que ele esteja lá. E então fazer a transferência. Quando for confirmada, daí sim podemos resgatá-lo.’

‘Por que simplesmente não pegar ele?’

‘Já te falei. Esse pessoal não está de brincadeira.’

‘Deixe eu ir ver,’ Richard disse.

‘Ele pode ficar chateado se te ver. Quando isso acabar poderá resgatá-lo, prometo.’

‘E se ele nem estiver no carro? Se for alguma piada deturpada?’

Brand se virou para olhá-lo. ‘Hizzard, vai lá.’

Hizzard abriu a porta e foi até o sedan. Quando chegou a alguns metros do veículo, parou e se agachou, analisando a parte de baixo do carro. Então foi até o banco de trás. Botou a mão no punho, respirou fundo, e abriu a porta. Tinha um garotinho dentro. Ele estava sentado casualmente, as pernas balançando na borda do banco, com um gorro sob a cabeça.

‘Olá?’ ele disse, a voz rouca, cheia de dúvidas.

‘Josh?’

‘Sim.’ A voz era um sussurro.

‘Eu vim te levar até o seu pai. Mas preciso que você agüente mais um pouquinho. Consegue fazer isso?’

‘Acho que sim.’

‘Ótimo. Você é muito corajoso. Agora, vou tirar o gorro pra você poder ver, ok?’

‘Ok.’

Hizzard se aproximou e puxou o gorro. Josh olhou para ele, reconhecível pelas fotos que tinha visto. Tinham cortado e pintado seu cabelo, mas era ele sem dúvidas.

‘Agora, tenho que ir por alguns minutos. Mas estarei de volta logo logo. Tem que fazer uma coisa pra mim, ok? Fique aqui até eu voltar. Faça o que fizer, não saia desse carro.’

‘Ele fechou a porta, deixando Josh sozinho. Correu todo o caminho e entrou na Yukon.

Richard o agarrou assim que ele se sentou. ‘É ele mesmo? Ele está bem? Machucaram ele?’ sua voz estava embargada, as perguntas uma em cima da outra.

‘É ele. E ele está bem, Dr. Hulme.’

Brand teclou um número no telefone. Houve um segundo de pausa antes de ser atendido pela chefe designada da seguradora.

‘Aqui é Brand. Identidade positiva.’

‘Vou fazer a transferência agora, Sr. Brand,’ a mulher do outro lado respondeu.

Brand finalizou a chamada.

‘E agora?’ Richard perguntou.

‘A seguradora faz a transferência. Assim que for confirmada, eles me ligam e podemos ir busca-lo.

‘E se eles não cumprirem o lado deles do acordo?’

‘Eles vão,’ disse Brand. ‘Senão vou revirar a terra atrás de cada um deles. Eles sabem disso.’ Ele lançou um sorriso reconfortante para Richard. ‘Acabou. Vamos recuperar seu filho rapidinho.’

De seu ponto de vantagem três andares acima, o motorista viu uma picape detonada parar paralela ao estacionamento. O motorista ligou seu celular e fez outra ligação. Ele disse duas palavras: ‘Tudo certo.’ E então desligou.

Lá embaixo, ele viu as quatro portas de cada Yukon se abrirem e homens avançaram até o carro. O primeiro homem a chegar no sedan abriu a porta de trás com tanta força que as dobradiças entortaram. Então sua cabeça e tórax desapareceram lá dentro. Ele reapareceu com uma pequena figura agasalhada e correu de volta até as Yukons. O homem na jaqueta esportiva e calça chino que ele julgou ser Richard Hulme pegou o garoto. Os outros homens o empurraram, ainda carregando o garoto, para dentro dos veículos.

Do outro lado da rua, Cody Parker parou em tempo de ver a transferência de um lugar presidencial.

‘Filho de uma mãe.’

Ele ligou o carro logo quando o primeiro veículo do FBI o bloqueou, parando na frente de sua picape. Ele olhou para o retrovisor, pronto para dar ré, quando outro carro se enfiou em sua traseira.

De cima, o motorista esperou até que as portas de ambas as Yukons estivessem fechadas e fez sua última ligação

Dentro do sedan, o celular escondido embaixo do banco mal teve a chance de vibrar. O carro explodiu, levando um cone de fogo aos céus. Os vidros estouraram, fragmentos voando em todas as direções. A explosão atirou os principais painéis do carro, um deles acertando a Yukon mais próxima. Um segundo depois uma segunda explosão lançou outra erupção de fogo no ar quando o tanque de gasolina pegou fogo.

Na parte de trás da Yukon principal, Richard assistia a carcaça do carro queimar enquanto Josh enfiava a cabeça no peito de seu pai. Chorando de alívio, ele se inclinou e beijou a cabeça do filho, seus dedos passando pelo cabelo dele. Do outro lado da rua, ele pôde ver um homem musculoso com um rabo de cavalo oleoso sendo removido de uma picape por quatro homens usando casacos com as letras FTAF. O homem gritou rios de obscenidades quando seus braços foram levados às costas e ele foi levantado.

‘Vamos dar o fora daqui,’ Brand disse.

Hizzard não precisou de ordens para acelerar e ir para longe da carcaça flamejante.

No banco de trás, Richard puxava o filho para perto dele. ‘Tá tudo bem, Josh, você está seguro. Está seguro comigo.’

Quarenta e Dois

‘Em uma reviravolta no caso do desaparecimento de Josh Hulme, o libertador de animais Cody Parker, conhecido para a polícia como Lobo Solitário, vai ser julgado na segunda-feira pelo sequestro de Josh Hulme, de sete anos.’

Carrie parou, sacudiu para trás o cabelo que tinha se soltado e caíra sob seu olho esquerdo. ‘Desculpa, Bob, deixe eu tentar de novo,’ ela disse ao cinegrafista, se ajeitando e fazendo um olhar de preocupação.

‘Em uma reviravolta no caso do desaparecimento de Josh Hulme, o ativista dos direitos dos animais Cody Parker, de trinta e sete anos, conhecido para pelas autoridades como Lobo Solitário, vai ser julgado na segunda-feira pelo sequestro. Parker também está sendo investigado na exumação do corpo de Eleanor Van Straten, de setenta e dois anos. No entanto, ele está negando qualquer envolvimento no sequestro de Josh.’

Ela manteve a expressão por três segundos. ‘Como foi?’

‘Ótimo, se fosse isso que tivesse acontecido,’ disse Lock, passeando pela fonte fora do Federal Plaza.

Não tinham se falado desde o jantar no apartamento dela. Para Lock, tinha sido uma noite com Paul, o novo amante de Carrie, rindo dele do aparador. Até Angel, o cachorro de resgate, tinha o trocado pela maciez do quarto de Carrie, onde ela tinha se aconchegado nos travesseiros, de onde se recusara a sair. Desde então, Carrie tinha ficado ocupada tentando se manter informada sobre o caso de Josh Hulme, com a história se desenrolando rapidamente, enquanto Lock ia mais a fundo em sua busca. Eles tinham conversado pelo telefone algumas vezes, mas Lock não confiaria nenhuma descoberta a uma caixa de mensagens.

Assim que o cinegrafista desmontou seu equipamento, Carrie foi encontrar Lock na fonte. ‘Enão o que aconteceu?’

‘Eu ainda não tenho todos os detalhes, mas posso te garantir uma coisa: Cody Parker não teve nada a ver com o sequestro de Josh Hulme.’

‘O FBI discorda. Pensam ter um excelente caso. Ele tem sorte de o estado de Nova York não ter a pena de morte, se quer saber.’

‘Não tem por causa de casos como esse.’

‘Como assim?’

‘O que leva alguém a ser eletrocutado, ou receber uma injeção de cloreto de potássio hoje em dia?’

‘Por que é que acho que estou para receber uma de suas palestras?’

‘Me surpreenda.’

‘Ok. Um crime que aterrorize. Matar crianças, sequestros.’

‘E nesses tipos de casos existe uma pressão absurda para as autoridades levarem alguém ao tribunal.’

‘Ei, não é como se tivessem escolhido Cody Parker pela lista telefônica. Eles têm bastante evidência.’

‘E aposto que tudo é tudo circunstancial.’

‘Não acredito que você está defendendo esse cara! Você ouviu o que eu disse agorinha. Ele é culpado de desenterrar o corpo de uma velha e jogá-lo no meio da Times Square.’

‘E ele deveria ser preso por isso. Por muito tempo. Mas o que eles tão fazendo,’ Lock disse, lançando um olhar ao edifício federal Jacob K. Javits, ‘é enfiar o sequestro de brinde.’

‘Então se não foi Cody Parker, quem foi?’

‘A Meditech.’

Ela começou a rir. Lock manteve o olhar.

‘Ai meu Deus, você tá falando sério.’

‘Ok, não foi um esforço coletivo. Acho que pouquíssimas pessoas ficaram sabendo. Talvez nem Nicholas Van Straten saiba.’

‘Mas ele é o CEO.’

‘Exato. Olham Carrie, a razão pela qual as pessoas pensam que você é louco quando diz algo desse tipo é que elas tem uma imagem na menta de uma grande sala de reuniões com Van Straten sentado em uma enorme cadeira de couro com um gato branco no colo. Não é assim que a coisa funciona. A empresa precisava de Richard Hulme trabalhando para eles.’

‘Então por que não oferecer a ele, sei lá, dez milhões de dólares?’

‘Por que pessoas como Richard são o pior pesadelo das empresas.’

‘E por qual razão?’

‘Um cara com princípios não pode ser comprado.’

‘Então eles sequestram o filho dele?’

‘Na minha opinião, sim. Hulme era um problema a ser resolvido. Alguém foi bastante criativo.’

‘Bota criativo nisso.’

‘A distração já estava lá. A criança desaparece, todo mundo vai apontar o dedo pros ativistas dos direitos dos animais. Depois de tudo que tinha acontecido, quem não acreditaria que eles estavam envolvidos? Ainda mais depois de seu querido líder ir dessa pra melhor nos degraus do prédio da empresa.’

‘E a Meditech fez isso também?’

‘Está olhando a coisa do ângulo errado, Você acha que Nicholas Van Straten ordenou a morte de Gray Stokes.’

‘Não é isso que está sugerindo?’

Lock suspirou. A verdade é que também não fazia muito sentido para ele. Nem a versão oficial. Na verdade, ela fazia ainda menos sentido.

‘A coisa é que uma grande empresa como a Meditech não opera como o exército. No exército, toda tarefa é separada em pequenos passos. Isso protege contra idiotas, mas também significa que ninguém pode sair fazendo o que quiser. Em uma empresa privada, é diferente. Eles não se importam com a maneira como algo é alcançado, só querem saber do resultado. É assim que você tem caras de empresas de segurança no Iraque matando civis a torto e a direito. Eles são todos ex-militares, mas de repente não tem mais a cadeia de comando, ninguém enchendo o saco se fizerem a coisa certa do jeito errado.’ Ele fez uma pausa, coçando os pontos. ‘Imagine que alguém está extorquindo a Meditech, e a pessoa errada fica sabendo disso, e decide resolver o problema diretamente. E uma vez que essa linha foi atravessada...’

Então quem foi que sequestrou Josh Hulme?’ Carrie perguntou.

Lock olhou diretamente para ela. ‘Alguém com o apoio de Stafford. Brand, muito provavelmente.’

‘Tem certeza? Vocês nunca se deram bem.’

‘Verdade, mas não é por isso que acho que ele está envolvido.’

‘Qual o motivo então?’

‘Por que ele estava saindo com Natalya Verovsky. Mas disse a ela que seu nome era Cody Parker.’

Quarenta e Três

Josh Hulme sentou aconchegado em seu pai quando a lancha foi em direção à doca, deixando espuma no caminho. Na frente deles estava o antigo estaleiro naval do Brooklyn, lar do novo complexo de pesquisas da Meditech.

Richard olhou para a instalação imensa. Uma parede de seis metros tomava conta de sua visão periférica. No topo dela, uma bandeira americana solitária lutava contra os ventos. Sob a bandeira, dois guardas patrulhavam uma passarela. Ambos armados.

Richard puxou Josh para perto de si e beijou o topo da cabeça do filho. ‘Tudo bem, chapa?’ Ele tirou do bolso uma cartilha de Dramin. ‘Se estiver enjoado, posso te dar um desses.’

Josh acenou que não. ‘Pai, quando podemos ir pra casa?’

‘Papai tem que terminar um serviço antes.’

‘Hoje?’

‘Talvez em uma semana ou duas.’

‘Mas é quase Ano Novo.’

‘Eu sei, campeão, eu sei. Mas papai fez uma promessa.’

Na verdade, Richard se odiava. Josh precisava dele. Agora mais que nunca. Mas sem o compromisso firmado com a Meditech, Josh não estaria aqui, poderia nem estar vivo, então que opção tinha ele?’

Stafford pulou na cabine da lancha. ‘O mar tá meio bravo.’ Ele se sentou no banco ao lado de Richard, brincou com o cabelo de Josh. ‘Não se preocupe, estaremos lá em um minuto ou dois.’

Josh ficou rígido e empurrou sua mão para longe.

‘Escuta, posso pegar seu pai emprestado rapidinho, chapa?’ Richard seguiu Stafford para a frente do barco, que foi seguindo em frente.

‘Oitenta milhões de dólares. Lindo, não é?’

Tudo que Richard via era uma parede branca que desenrolava por uns trezentos metros ao longo de um pedaço de terra de frente para as docas. A única coisa notável era a altura. Seis metros sólidos, talvez mais.

Stafford deu um tapinha nas costas de Richard. ‘Ele vai ficar bem.’

‘Ele não é seu filho. Você não tem ideia do que temos passado.’

‘Isso é verdade. Mas o importante é que ele está bem agora.’ Richard manteve o olhar a frente.

Stafford também olhou para a parede. ‘Por algum motivo, acho que não teremos tantos loucos vindo aqui protestar.’

‘Não acha que isso é um exagero de segurança?’

‘Deus, Richard, eu sei que vocês acadêmicos não veem a coisa a longo prazo, mas caramba. Vamos lidar com algo de Nível 4, Categoria A. Poderia acabar com metade do país com o que temos aqui.’

‘Mas nada de animais?’

‘Nada com um rabo, patas ou pelo. Entendemos seus argumentos, Richard. E eu concordo com você. O que estávamos fazendo não era cientificamente correto. O que era ruim para os negócios.’

O barco parou em um dos píeres. Stafford desceu. Ele estendeu uma mão para Richard, que por sua

vez ajudou Josh a descer.

Eles seguiram Stafford ao longo de uma calçada de concreto, com Josh sofrendo para acompanhar os longos passos de Stafford. Caminharam até o fim da parede e viraram para a esquerda.

Stafford olhou para Richard, atrás dele. ‘Estamos chegando. Achei que ir pelo rio seria uma ideia melhor. Pra você ter uma noção do tamanho do lugar.’

Cento e cinquenta metros à frente, a parede era dividida por uma pista grande o suficiente para acomodar caminhões passando de ambos os lados, com um pequeno quiosque de metal onde estava um afrodescendente de meia idade vestido com o uniforme de segurança da Meditech. Eles pararam no quiosque e Stafford apresentou seu cartão da empresa. Richard fez o mesmo. O guarda checkou-os sem falar uma palavra, e então colocou os nomes na lista de visitantes.

‘Poderiam olhar para frente, por favor?’ o guarda pediu, apontando para um espaço atrás dele. Fizeram isso, e houve um flash de um lugar onde uma câmera tinha sido instalada.

O guarda olhou a tela do computador. ‘Certo, podem entrar.’

‘Software de reconhecimento facial,’ disse Stafford, atravessando o portão.

‘A segurança aqui é parecida com a de Fort Knox,’ Richard comentou.

‘Parecida não,’ Stafford rebateu. ‘Melhor.’

Tendo atravessado o portão, passaram por uma guarita com dois guardas armados. Era grande o suficiente para esconder de vista a área que ficava atrás dela para quem estivesse na primeira parada. Tiveram que passar pelo mesmo processo até chegarem ao complexo onde Missy esperava por eles, batendo os pés para não congelar, mas doutra maneira ativa como sempre.

‘Ei, Josh, deixe-me mostrar onde você vai ficar,’ ela disse alegremente. Stafford parecia tê-la recrutado como assistente não oficial. Eles passaram por uma série de prédios brancos de um andar, notáveis apenas pela uniformidade. A escala do lugar era incrível, ainda mais pela proximidade com a cidade.

Josh não soltou a mão de seu pai.

‘Preparamos uma árvore de Natal e outras coisas para você,’ disse Missy.

‘Tá tudo bem, Josh,’ Richard tranquilizou o filho, ‘pode ir com ela. Vou estar com você em alguns minutos.’

Relutantemente, Josh soltou a mão de seu pai e deixou Missy leva-lo. Richard assistiu-os ir.

‘Isso não poderia ter aguardado o fim das festividades?’

‘Richard, estamos correndo contra o tempo aqui. Se esperamos, perdemos nossa vantagem competitiva,’ Stafford deu um tapinha nas costas de Richard.

‘Olha, se o teste der certo, pode tirar três meses de férias pagas. Diabos, até te acompanho. Agora, deixa eu te mostrar o laboratório de pesquisa primeiro. Acho que vai ficar impressionado.’ Stafford virou à esquerda mas Richard ficou onde estava. Sua atenção tinha sido pega por uma área a uns oitenta metros. Um prédio igual aos outros, cercado de arame farpado. ‘O que é aquilo?’ ele perguntou.

‘É um prédio de acomodação. Não se preocupe, não precisa chegar perto dele se não quiser.’

‘O que está acomodando?’

‘As cobaias.’

‘Mentiu para mim.’

‘Modo de falar, Richard. Só isso.’

‘E tem algo mais,’ disse Richard. Nem tinha pensado nisso até agora. Foi algo que Lock tinha lhe dito no apartamento que só agora viera à tona. Algo sobre a presença do anormal, e a falta do anormal. O arame farpado caía no anormal, mas tinha outra coisa estranha no lugar. ‘Estou aqui a cinco minutos, e vi apenas guardas. Onde estão os técnicos?’

‘Estamos com um número mínimo de funcionários nessa fase do projeto.’

‘Então por que precisam de mim aqui para isso?’

‘Por que você precisa autorizar os dados. Seu nome tem peso na Administração de Drogas e Comidas, sem falar no Ministério da Defesa.’

‘Então me mandem os resultados clínicos. Consigo basear minha opinião em—’

Stafford o interrompeu segurando sua mão e apertando com força. Machucou. ‘Não temos espaço para mais dilemas éticos, mesmo depois dos testes ocorrerem. É por isso que preferimos que você cuide disso com a maior quantidade de contato possível.’

Richard sentiu medo começar a surgir em seu estômago. ‘Essas cobaias. O que são exatamente?’

‘Pense neles como primatas mais avançados.’

Quarenta e Quatro

Um forte vento cruzado acertou o Gulfstream assim que começou a se aproximar da linha de pouso, a visibilidade severamente afetada pela tempestade que acertava a aeronave. As máscaras de esqui usadas pelo piloto e copiloto não ajudavam. Nenhum dos homens sabia o nome do outro, ou para quem trabalhava. O mesmo era verdade para os outros oito membros da tripulação.

Na cabine, os assentos de couros, geralmente usados para executivos, tinham sido trocados por seis bancos dobráveis. Em cada banco havia uma pessoa. Cinco homens e uma mulher.

Suas cabeças estavam encapuzadas, com um corte perto da boca para permitir que respirassem. Suas mãos estavam presas a aros de metal nos lados dos bancos. O mesmo fora feito com os pés. Suas roupas consistiam de camisetas vermelhas e calças. Por baixo das calças, usavam fraldas geriátricas. Nenhum deles tinha sido solto para ir ao banheiro durante a viagem.

Não que tivessem muito interesse em se mexer. Antes da decolagem, cada um tinha sido injetado com Haldol, um poderoso anti-psicótico. Pílulas poderiam ser escondidas por baixo da língua ou cuspidas, então o jeito mais eficiente de garantir que as drogas fariam efeito era o intravenoso.

Mareta Yuzik, tonta e com a língua inchada, abriu os olhos na escuridão. Por um momento, se perguntou se estava cega. Então lembrou do capuz. Conseguia sentir o tecido contra seu rosto. Ela sorriu de alívio.

Sentia uma dor lancinante em seu lado esquerdo. Tentou abaixar a mão para encostar na região mas a mão não se mexia. Sentiu pelo aperto nas canelas e nos pulsos que estava presa.

Não estava cega, apenas encapuzada. Nem paralisada, só presa. E, miraculosamente, conseguia ouvir. Nas últimas semanas, tinha sido levada de um ponto a outro com protetores de ouvido, então só tinha escutado os barulhos mais altos, que eram mais vibrações que som em si. Conseguindo ouvir, deduziu estar em uma aeronave. Também conseguia ouvir os guardas, mesmo com o som dos motores. Reconheceu o sotaque pelos filmes. Americanos. Conseguia ouvir os dois conversando.

‘Cara, é bom estar em casa.’

‘Vai ficar quanto tempo lá?’

‘Uma semana, talvez. Depende daqui. Você?’

‘Mesma coisa. Nem te conto como vai ser bom sair daqui. Esses caras me assustam.’

‘Relaxa, eles tão dopados o suficiente pra derrubar um elefante.’

‘Por que estão sendo transportados para cá, de qualquer maneira?’

‘Nem ideia. Escutei algo sobre um teste.’

‘Bom, Espero que acabem com eles.’

‘Eu enfiaria uma bala. Economizar energia.’

O Gulfstream reduziu a velocidade no fim da pista e virou à direita, indo para um hangar remoto. As portas dele já estavam abertas e mais de doze homens esperavam dentro, junto a seis SUVs. Como todos da tripulação, os homens usavam máscaras.

O avião adentrou o hangar e as grandes portas de metal fecharam atrás dele. Pouco depois, as portas do avião se abriram e as escadas foram acionadas. Um dos homens subiu e desapareceu dentro da aeronave.

Apenas um dos presos tinha sido solto. A mulher. Um dos guardas pegou sua arma e passou-a para o parceiro. Ele ajudou a mulher a levantar do banco e ficar de pé. Ela tinha dificuldade em levantar e o melhor que podia fazer era ajudá-la a não cair de joelhos. Desceram do avião como jovens amantes saindo de um bar.

Assim que chegou no chão, ela caiu de joelhos.

‘Ela tá bem?’

‘Cuidado, ela pode estar fingindo.’

‘Cara, que imaginação.’

‘Viu o histórico dela? Ela apagou mais gente que o Bin Laden.’

Quarenta e Cinco

‘Isso é babaquice. Eu não sequestrei criança alguma!’

‘Então o que estava fazendo lá, Cody?’

Frisk estava de frente para Cody Parker e seu advogado, uma mulher hispânica em seus vinte e muitos anos, em uma mesa de interrogação no terceiro andar do Federal Plaza.

‘Eu já te disse. Recebi uma ligação.’

‘Isso é muito conveniente. De quem?’

‘Não sei. Eles falaram que sabiam quem matou Gray Stokes e que se eu quisesse saber, deveria encontrá-los naquele endereço.’

‘Não te deram um nome? Não reconheceu a voz?’

‘Não. Olha, se eu sequestrei essa criança, onde está o dinheiro? Ou plantaram ele no meu carro?’

‘Por que não nos diz onde ele está?’

‘Alguém armou para cima de mim.’

Frisk relaxou em sua cadeira, estendeu os braços e bocejou.

‘Continue, estou preparado para explorar cenários alternativos.’

‘Foi aquela empresa. Estavam querendo dar o troco em mim.’ Frisk riu. Falta de profissionalismo, mas ele não conseguiu segurar. ‘Eles armaram o sequestro do filho de um dos próprios funcionários pra se vingar de você? Ok, é uma hipótese interessante. Mas ainda não vejo motivo. Por que você, de todas as pessoas?’

‘Como assim, “por que eu”? Tenho me rebelado contra eles. E por que você não está nas ruas tentando prender quem matou minha mãe?’

‘Pois não temos evidência alguma de que ela morreu por causas não naturais. Mas isso nos leva a um outro evento. A exumação de Eleanor Van Straten. Foi isso que quis dizer com “se rebelando”?’

Cody olhou para o teto. ‘Não sei do que está falando.’

‘Exceto que achamos fragmentos de solo em suas botas que condizem com o solo da sepultura da Sra. Van Straten.’

A boca de Cody se fechou. Ele olhou rapidamente para sua advogada.

‘Ok, fui eu.’

‘Finalmente,’ disse Frisk. ‘E quem estava com você?’

‘Eu estava sozinho.’

‘Mover um corpo, mesmo o de uma velha pequena, é trabalho para duas pessoas. No mínimo.’

‘Te falei. Eu estava sozinho.’

‘Então esse seu amigo, foi ele que explodiu o carro, acabando com qualquer evidência?’

‘Me viu explodindo coisas para me livrar de evidências e sentando lado a lado com aquele garoto?’

‘Bom, tem que admitir que você estava lá. Ninguém te teletransportou ou coisa do tipo.’

‘Eu estava lá. E te falei por quê. Olha as chamadas de telefone na casa se não acredita.’

‘Já checamos.’

‘E?’

‘Recebeu uma chamada mesmo.’

‘Então estou dizendo a verdade.’

‘Não sabemos o conteúdo da chamada. E sobre falar a verdade, quantas vezes você foi questionado sobre a Sra. Van Straten?’

‘Não lembro direito.’

‘Três vezes. E as três você negou qualquer envolvimento. Então não me julgue por ser meio cético quando falamos da sua honestidade.’

Cody estendeu os braços em direção ao teto. ‘Então o que acontece agora?’

‘Você é detido. Espera para ser julgado. Vai ter tempo de sobra pra pensar se quer confessar ou não.’

‘Não podem jogar isso em mim. Ou qualquer um no movimento.’

‘Ah, é?’ Frisk disse, se levantando e indo até uma caixa plástica no canto da sala. Ele tirou a tampa e pegou um saco de evidência transparente. Dentro estava um álbum de fotos com a lombada vermelha e capa cinza. Ele levou-o até a mesa. ‘Vai fundo.’

Cody abriu o saco como se o álbum fosse mordê-lo. ‘Isso é meu. E daí?’

‘Ah, sabemos que é seu. Tem suas digitais espalhadas por ele.’

‘Então por que estão me mostrando?’

‘Estava com Josh Hulme quando ele foi encontrado. Alguém deixou no lugar onde a troca aconteceu. E tem as suas digitais assim como as de Josh.’

‘Roubaram várias coisas minhas em um assalto,’ Cody disse sem emoção.

‘Prestou queixa?’

‘Não,’ respondeu ele, balançando a cabeça.

‘Josh Hulme nos disse que o álbum estava no quarto onde ele foi mantido depois de ser sequestrado.’

Frisk se inclinou e abriu o álbum em uma página aleatória. Os olhos eram grandes, cinzas, e familiares para Frisk e Cody. Assim como a carne crua no topo do crânio do cachorro.

A porta se abriu e um policial uniformizado entrou. Ele se abaixou próximo a Frisk, falando baixo. ‘Tem um Ryan Lock pedindo para falar com você.’

Frisk se levantou. Pegou o álbum, e botou no rosto de Cody. ‘Meio doente expor uma criança a esse tipo de coisa, não acha, Sr. Parker?’

Quarenta e Seis

‘Quer que eu vire essa investigação do avesso baseado na palavra de uma prostituta adolescente que você encontrou num clube de strip? No qual, coincidentemente, você entrou armado. Continue fazendo as coisas assim, Lock, e vamos ter que criar uns novos crimes só pra conseguir acompanhar.’

‘Não pode pelo menos dar uma olhada?’

Lock sabia que Frisk seria difícil de convencer. Ele não tinha certeza nem se Carrie acreditava nele. Mas aqui estava ele no escritório de Frisk pedindo um favor para o homem.

‘Não parece valer a pena,’ Frisk disse passivamente.

‘Só estou pedindo para manter a mente aberta.’

‘Isso não teria nada a ver com o fato de Brand estar te substituindo como chefe de segurança na Meditech, teria?’

‘Estou lidando com isso.’

‘A maioria das pessoas faria isso em casa com uma travessa de sopa de galinha.’

Lock sorriu. ‘Nunca falei que era bom nisso.’

Frisk abriu a última gaveta em sua mesa e pegou um Tupperware. ‘A esposa me faz almoço. Sabe, tentando garantir que eu coma os verdinhos.’ Ele tirou a tampa e mostrou para Lock. ‘Sério, você comeria essa gororoba?’

Lock acenou que não.

‘Você tem uma ereção pelo Brand desde que eu te conheci.’ Frisk continuou.

‘Ele que tem uma queda por mim.’

‘Se voluntariando para testemunhar contra um dos seus? Isso não faria com que fosse fuzilado no exército?’

‘Não onde eu servi. Se alguém tivesse passado dos limites.’

‘Ah, verdade, esqueci que você serviu com os riquinhos. É por isso que você e Brand não se dão bem?’

‘Vai pra Escócia. Chama eles de riquinhos e veja o que acontece. Eu servi no mesmo batalhão que meu pai. Servi sua memória. Escutei merda de ambos os lados por ser um vira-latas enquanto estava lá. Mas nunca senti a necessidade de me enrolar em uma bandeira para provar meu patriotismo.’

‘Belo discurso,’ Frisk disse, voltando a tampar seu almoço.

‘Escuta, tenho um criminoso.’

‘Que não cometeu o crime,’ argumentou Lock.

‘Tem evidência que você desconhece.’

‘Tipo o que?’

Frisk se levantou. ‘De qualquer maneira, quem diabos é você, Lock? Só um mercenário.’

‘Esse caso é pura merda e você sabe disso.’

‘Eu sei que tenho um cara que acabou de admitir ter desenterrado o corpo de Eleanor Van Straten, e que estava no local da troca. Tudo que você tem é o fato de que um dos seus colegas de trabalho estava trepando com a babá de Richard Hulme.’

‘Que estava envolvida no sequestro.’

‘Alguns meses antes ela estava distribuindo boquetes nos fundos de um clube de strip, então como sabe que ela não estava levantando a saia para outros caras?’

Lock se lembrou do tempo que passara no quarto de Natalya depois que Richard tinha o localizado. Parecia ser eras atrás, mas ele ainda conseguia se lembrar da foto da jovem com a família. Todo aquele otimismo, aquela promessa. Ele cerrou o punho direito e começou a andar para trás, sem estar completamente consciente do que estava fazendo.

Frisk assistiu o sangue sumir dos punhos de Lock enquanto dava um passo para trás. ‘Essa seria uma péssima ideia.’

Lock tinha reparado que alguns agentes em mesas próximas estavam o observando.

‘Sabe, quando ouvi falar que você tinha corrido atrás daquele atirador, achei que você pudesse ser louco. Agora tenho certeza.’ Lock respirou fundo e contou até dez devagar.

‘Acabamos por aqui?’ Frisk perguntou.

‘Bem, vendo que foi você que mencionou. E Gray Stokes? Alguém vai ser acusado de seu assassinato?’

‘Está em andamento.’

‘O que o pessoal de forense disse sobre o rifle que matou Stokes?’

‘Um M-107.’

‘Rastreável?’

‘Sumiu de uma unidade de combate no Iraque.’

‘Então provavelmente estamos procurando ex-militares,’ Lock estabeleceu.

‘Diria que isso é uma suposição lógica.’

‘E isso não condiz com nenhum dos ativistas.’

‘Não sabemos a identidade de todos eles,’ protestou Frisk. ‘Diabos, Cody Parker se mantinha no escuro e olha do que foi capaz.’

‘Escuta, quando eu voltei àquele restaurante, tive certeza na hora que estava lidando com pessoas mais complicadas que as que arranjam briga por que um beagle foi tosado. Se alguém estava preparado para toda a encrenca de conseguir um M107, e aprender como usá-lo, acha que errariam Van Straten para acertar o cara errado?’

Frisk botou sua jaqueta e caminhou até a porta. ‘Pelo amor de Deus, Lock, dá próxima vez me traga algo melhor que seu rancor.’

Quarenta e Sete

Brand estava do lado de fora da porta com dois outros membros da equipe. Todos estava em equipamento antimotoim completo: capacetes com visor, armadura corporal e botas. Agora que a situação Hulme tinha se resolvido satisfatoriamente, Brand tomaria conta do dia-a-dia da unidade de isolamento. Tinham que cuidar de doze indivíduos no total, entregues em dois voos separados. Cada um deles era considerado extremamente perigoso.

Em sua mão, Brand tinha um pequeno monitor que recebia imagens ao vivo da câmera do outro lado da porta. Um óculo, mesmo feito de vidro ou Perspex, seria muito arriscado.

A mulher deitava na cama, olhando para o teto. Os outros dois homens entrariam na cela e a algemariam, enquanto ele ficava do outro lado da porta. Mais que dois homens além da cobaia iria dificultar a movimentação na sala. Atrapalhariam um ao outro. Pela mesma razão, armas não eram permitidas dentro da cela, ou no bloco de acomodação.

‘Prontos?’ Brand perguntou para eles.

Os homens checara o equipamento uma última vez.

‘Não entendo por que não podem ser dopados,’ um deles disse.

‘Tornaria isso muito mais fácil.

‘Não podemos fazer testes se eles tiverem tanta droga no sistema.’

‘E o que faremos se tivermos problemas com um deles?’

‘Que tipo de problema?’

‘Tipo eles atacam a gente.’

Brand levantou o visor e apontou para o monitor. ‘Tá com medo dessa mulher?’

‘Só estou fazendo uma pergunta.’

‘A regra é que você tá sozinho se isso acontecer.’

Cinco minutos depois, Mareta foi levada à sala de exames acorrentada e algemada. Não parecia estar com medo. Ou oferecendo resistência. Estava inexpressiva.

O estômago de Richard revirou. Ele sabia desde a conversa com Stafford que usariam cobaias humanas, e tinha assumido que talvez fossem voluntários. O pagamento para testes clínicos chegava a milhares de dólares. Muito dinheiro para algumas pessoas. Mas quem se voluntariaria para isso?’

Ele sabia também que pesquisas de vacinas contra armas biológicas tinham uma história complicada. De soldados expostos deliberadamente a altas doses de radiação durante testes nucleares até testes civis dando muito errado, testes humanos eram um campo minado ético. Se acertasse, poderia salvar milhares, ou até milhões de vidas; se errasse, as consequências durariam uma eternidade. Gerações com defeitos de nascença.

É por isso que Stafford tinha insistido que ele participasse, custe o que custasse. Sua melhor chance era continuar com o que estava acontecendo.

‘Por que ela está presa dessa jeito?’ ele perguntou para Brand.

‘Não se preocupe, doutor, é para sua segurança acima de tudo.’

‘Posso falar com você a sós por um minuto?’

‘Claro.’

Richard abriu a porta no fim da sala de exames e Brand o seguiu até o pequeno escritório.

‘O que está acontecendo aqui?’ ele desafiou.

‘Estou apenas garantindo a segurança de todos.’

Sei, claro, pensou Richard, notando a alegria no rosto de Brand.

‘Achou que botaríamos uma propaganda em revistas e receber voluntários pra isso, doutor?’

‘Quem é ela?’

‘Alguém de quem o planeta não vai sentir falta se tudo der errado. Isso é tudo que precisa saber.’

‘Não é bom o suficiente. Me recuso a fazer qualquer teste enquanto não me falarem o que está acontecendo.’

‘Então fale com Stafford. Ele vai vir aqui mais tarde.’

‘E se eu não estiver aqui?’

‘Isso é com você. Mas nesse momento estamos pedindo apenas que dê uma olhada neles e garanta que estão prontos para os testes.’

A porta conectando os dois quartos ainda estava entreaberta, e Richard conseguia ver Mareta com os dois guardas. Ela parecia pequena em comparação, ainda mais por causa da armadura corporal. Cansado, ele andou até ela, lembrando que seu filho estava no complexo.

O corpo de Mareta era um tapete de tortura. Richard tinha presumido isso quando viu ela entrar. Seu andar era lento, a distância de cada passo menor do que deveria ter sido. Ela andava quase que na ponta dos pés, relutante em botar as solas no chão – resultado de uma técnica chamada falange. Basicamente, significava acertar as solas dos pés com um instrumento contundente. Repetidamente.

‘Não posso examiná-la direito se ela estiver presa desse jeito.’

Brand trocou olhares com os dois guardas. ‘Ela é muito perigosa se não estiver.’

Richard teve que segurar a vontade de rir. A mulher tinha 1,65, não pesava mais que cinquenta quilos e parecia estar para desmaiar.

‘Ela pode não parecer grandes coisas, doutor, mas só é necessário um golpe no pescoço ou um dedo no lugar certo para matar alguém.’

Richard puxou a cadeira por detrás da mesa e a colocou perto da poltrona de exame. ‘Pelo menos deixe-a sentar.’

Mareta foi levada até a frente da poltrona. Um homem dava suporte a ela em cada braço para ela poder sentar.

Richard se ajoelhou frente a ela para que vissem olho no olho. Ela pareceu estudá-lo.

‘Olá, meu nome é Dr. Hulme, qual é o seu?’ disse Richard, num tom igual ao usado com crianças.

Um dos guardas sorriu.

‘No hablas anglais, doc,’ Brand ofereceu.

‘Ela fala espanhol?’ Outro sorriso.

‘Não, não capturamos um dos xicanos,’ Brand respondeu. ‘Apesar de que eu gostaria de ter pensado nisso. Poderia ter economizado uma grana.’

‘Olham eu preciso de um nome para o arquivo.’

‘Temos um número, se ajudar. Deve tornar as coisas mais simples. Especialmente na hora de injetá-la com o que quer que seja que você está testando.’

‘Obrigado, conheço a teoria,’ Richard rebateu.

Depois do primeiro teste da droga DH-741, um memorando tinha sido enviado a todos os funcionários da Meditech envolvidos em testes em animais, dizendo que as cobaias seriam conhecidas apenas por um número, e que de maneira alguma deveriam ser referenciadas por um nome ou qualquer coisa que não seus números. Qualquer um que fosse pego usando um nome deveria ser denunciado junto ao Recursos Humanos. A razão dada é que isso reduziria as chances dos dados da cobaias serem misturados, mas Richard suspeitava outra coisa. Dê-lhe um nome e dará também uma identidade.

Pouquíssimos cientistas se davam ao trabalho de dar nome às cobaias de qualquer maneira. Zombavam de qualquer tendência antropomórfica entre seus colegas, dizendo que dar traços humanos a animais era algo infantil. No entanto, Richard achava que a atitude deles era apenas uma tentativa de trancar os próprios sentimentos. Na melhor das hipóteses, os animais sofriam desconforto. Na pior, uma morte agonizante.

Richard tinha visto a coisa de outra maneira. Se duas dúzias de primaras tinham que passar pelo inferno para desenvolver um tratamento que podia salvar milhares de vida, então os fins justificavam os meios. Quando sua mulher tinha morrido de câncer, sua convicção ficara apenas mais forte. Agora, estando nessa sala, ele percebeu que os meios tinham apenas aumentado exponencialmente. E para ele, os fins também. Recusa poderia levar à perda da coisa que era mais importante para ele: Josh. Aceitação requeria que ele atravessasse um território moral do qual não haveria volta.

‘Ok, vou colocá-la como cobaia zero-um,’ Richard disse, girando o pescoço para olhar para Brand.’

‘Nome encantador,’ ele respondeu.

Richard virou para Mareta logo que ela inchou as bochechas e cuspiu na sua cara. A bola de cuspe acertou-o logo acima do olho esquerda e escorreu pela bochecha em direção à boca.

Tentando não olhar para ela, ele se limpou com a manga do jaleco. Quando tirasse sangue pediria para o laboratório checar para Hepatite.

Era hora de trabalhar.

Quarenta e Oito

Quando as pessoas pensam em Nova York, a primeira coisa que bem à cabeça é a linha do horizonte, e depois a quantidade de pessoas. Mas no quarteirão certo, na hora certa, você poderia estar sozinho, sem uma alma viva ao redor. Era onde Carrie estava agora. A dez blocos de casa. E o silêncio fazia com que escutasse o barulho de passos atrás dela claramente.

Os passos ficaram mais rápido. Ela olhou para trás mas não viu ninguém. Conseguia sentir a presença da pessoa que a seguia. Um homem, quase certamente.

Sua mão foi até o bolso e ela tateou até achar a pequena lata de spray. Fora um presente de Lock, acompanhado de uma longa explicação. Uma faca pode ser pega de você. Mesma coisa para uma arma. Um taser, acessório essencial para as damas que saem para almoçar, dava trabalho para usar. E se você errasse, já era. Um alarme contra estupro? Alguém tinha que decidir se envolver, e estavam em Nova York. Então ele deu a ela spray de pimenta e ensinou alguns golpes: cotovelada, e um bloqueio. Todos com uma coisa em mente: dar a ela tempo de fugir. Como ele dizia, era isso que um guarda-costas fazia. Fugia organizadamente.

Ela procurou a tampa vermelha e removeu-a. Botou o dedo sob o botão logo abaixo, usando o indicador para achar o bocal. A última coisa que precisava era jogar spray nela mesma.

Ela conseguia sentir o homem quase em seu ombro. Tinha certeza que era um homem pelo som dos passos.

Mais três passos e ela se virou e puxou a lata de spray ao mesmo tempo.

‘Opa! Carrie, desculpa, não tinha certeza se era você. Não queria sair gritando para uma estranha na rua e acabar assuntando alguém.’

‘Ryan, seu imbecil.’

‘Escuto isso bastante.’

‘Pensei que você era um assaltante.’

‘Talvez deseje que eu fosse.’

‘Por quê?’

‘Preciso de um último favor.’

O dia dela tinha começado às seis com uma ida à academia e uma hora de punição em um stephill. Milhares de pessoas na cidade que viviam em prédios sem elevadores sonhavam em se mudar para escapar de ter que subir escadas. E lá estava ela, cercada de mulheres da sua idade, pagando pelo privilégio.

Homens podiam aparecer na frente das câmeras com uns quilinhos a mais. Dava a eles um ar de dignidade. Para mulheres, era um fim de carreira. Essa era a verdade de seu ramo.

Agora era nove da noite e ela estava na frente de uma câmera fora do prédio da Meditech. Três horas depois de ter saído do trabalho. Duas das quais foram gastas convencendo Gail Reindl a fazer sua história.

Pelo receptor auditivo, ela conseguia escutar a voz do âncora no estúdio. ‘Para outro desenrolar dramático no caso do desaparecimento de Josh Hulme, vamos até a sede da Corporação Meditech com nossa correspondente. Carrie, que nova informação foi descoberta?’

Como um jogador de golfe, Carrie tinha uma rotina sempre que ia ao vivo. Ela respirava fundo e contava até três. Dessas vez foi até cinco.

‘Obrigado, Mike. Como aqueles que seguem a história já sabem, uma prisão foi feita, e o FBI informou a imprensa que não estão procurando por mais ninguém em conexão com esse crime. No entanto, hoje mais cedo falei com uma fonte próxima à Meditech que afirma que a assistente de Josh na época, uma jovem russa encontrada morta pouco depois da abdução, estava em um relacionamento com um membro da equipe de segurança da Meditech.’

O âncora voltou às telas. ‘E como isso constitui um desenrolar significativo, Carrie?’

‘Bem, Rob, pode se lembrar que Josh Hulme foi visto pela última vez entrando em um carro com sua assistente do lado de fora de um prédio no Upper East Side, levando muitos a concluir que essa jovem estava de alguma maneira relacionada com o sequestro.’

‘E o que o FBI está dizendo a respeito?’

‘Até o momento, não muito, apesar de acreditarmos que essa nova informação já tinha sido levada a eles.’

Assim que ela acabou, Lock liderou os aplausos. Angel participou, latindo de aprovação enquanto se arrastava na perna de Lock.

‘Quer pegar algo para comer?’ Carrie perguntou.

‘E quanto a Paul?’

Ela ficou quieta por um momento, e então suspirou. ‘Terminamos.’ Lock deu seu melhor para não mostrar seu deleite. ‘Foi bem súbito.’

‘Sim, foi.’

‘Quem mudou de ideia?’

‘Isso importa?’

Lock hesitou. ‘Se foi a pessoa que está me chamando para jantar, talvez importe.’

Atrás deles, o cinegrafista parou de bisbilhotar para limpar a garganta.

Lock virou para ele. ‘Quer dizer alguma coisa?’

‘Só que se fosse eu, não precisaria perguntar duas vezes.’

Deixaram Angel no apartamento e foram até um restaurante italiano na vizinhança de Carrie. Toalhas de mesa xadrezes, brancas e vermelhas, uma penumbra quase vampírica – o lugar não tinha mudado por tanto tempo que agora era considerado retrô. Ambos pediram macarrão e dividiram uma garrafa de vinho.

‘Mais ondas na lagoa?’ Carrie perguntou para Lock enquanto uma única vela tremulava entre eles. ‘É por isso que me pediu para fazer aquela reportagem?’

‘Não, seguro.’

‘Contra?’

‘Seguro de vida.’

‘Para quem?’

‘Você.’

‘E como funciona isso?’

‘Se assumirmos que são as mesmas pessoas, alguém que está preparado para sequestrar um menor de idade e assassinar alguém em plena luz do dia no centro da cidade não vai pensar duas vezes antes de me matar.’

‘Mas se você fosse o acusador...’

‘Ia ficar estranho se eu sofresse um acidente. Não me deixa seguro, mas com certeza faz eles pensarem duas vezes.’

‘E onde eu fico nisso?’

‘Eles não vão encostar em você.’

‘Que bom que você está tão certo disso.’

‘Se jornalistas fossem jogo, seriam uma espécie em extinção. De qualquer maneira, existem maneiras melhores de manipular uma história que matar o mensageiro. Eles estão contando com o fato de que dado tempo suficiente, tudo isso vai ser esquecido.’

‘E vai?’

‘Tudo vai, com o tempo.’

‘Então por que continuar insistindo?’

Lock sorriu e encheu as taças.

‘Porquê sou um idiota mesmo.’

Ela foi até a bolsa e puxou um enorme envelope marrom. ‘Eu sei. Por isso te trouxe tudo que consegui encontrar sobre a Meditech. E o aposentado coronel Brand.’

Lock aceitou o envelope. ‘Se importa se eu ler na mesa?’

‘Se conseguir com essa luz.’

Ele folheou até as coisas sobre o Brand, e duas palavras chamaram sua atenção. Abu Ghraib.

‘Ele estava lá quando Lindy King e seu namorado mantinham e torturavam prisioneiros,’ disse Carrie.

‘Como é que nunca ouviram falar dele?’ Lock se perguntou enquanto lia.

Assim que as fotografias de Abu Ghraib foram descobertas, Brand fora oferecido dispensa honrosa, que aceitara. Se ele soubesse o que estava acontecendo lá, iria querer manter seu rosto bem longe dos noticiários.

‘A Meditech fez uma checagem completa quando me contratou. Falaram com muitas pessoas. Devem ter feito o mesmo com Brand.’

‘Vai ver foi por isso que o contrataram,’ disse Carrie.

Mais tarde, transaram no apartamento de Carrie. Não foi como antigamente. Foi mais lento, com mais conexão. Antes era um passatempo. Isso pareceu o prelúdio de algo mais profundo.

Depois, Carrie se enroscou nele, sua cabeça no peito de Lock. Ela caiu no sono, ainda nos braços dele. Sem complicações. Ficaram assim por bastante tempo.

Quando ela acordou, ainda estava escuro e ele não estava mais lá. Angel deve ter se enfiado na cama pois estava dormindo na ponta dela. Carrie se levantou e botou um roupão, indo até a sala.

Lock estava na janela, vestindo sua jaqueta e olhando para a rua vazia abaixo. ‘Tá cedo, volta pra cama.’ Ela bocejou, esticando os braços sob a cabeça. ‘Eu levanto cedo.’

‘Não tão cedo.’

‘Que horas são?’

‘Quatro.’

‘Onde está indo?’

‘Brooklyn.’

‘Quatro da manhã?’

Ele foi até ela e beijou-a gentilmente nos lábios. ‘Melhor hora para ver o Brooklyn. Quando está completamente escuro.’

Quarenta e Nove

O nascer do sol ainda era uma ameaça distante quando Lock e Ty, vestidos de preto, correram até a cerca de perímetro secundário do complexo da Meditech.

Lock molhou seu dedo e deu um soco para ver se era eletrificada.

‘Aposto que enfiada garfos em tomadas quando era criança só pra ver o que acontecia. Acertei?’ perguntou Ty.

‘Um clarão azul e você é jogado do outro lado do quarto.’

‘E sabe que não é pra fazer de novo,’ Ty disse.

‘Que nada, repeti no ano passado. Queria garantir que não tinha sido um caso à parte.’

Lock parou, dando uma olhadela geral na parte de dentro do complexo. Seus olhos descansaram no bloco de acomodação.

‘Ok,’ Ty disse, ‘agora que já vimos, vamos dar o fora daqui.’

‘O que é aquilo?’

‘Sei lá, cara. Nunca fui além daqui.’

‘Então, o que parece ser pra você?’

Ty perscrutou a mesma cerca Lock, percebendo o arame farpado, reparando na sua curva. A curva no topo de uma cerca diz muita coisa. Crucialmente, se ela estava lá para manter alguém fora ou dentro.

‘Parece uma cela,’ Ty disse.

‘E o que é que uma miniatura da Baía de Guantánamo está fazendo no meio de um complexo de pesquisa?’

Ty levantou a cabeça aos céus. ‘E como diabos eu iria saber?’

‘Volta. Eu vou dar mais uma explorada.’

‘Ok, te encontro na entrada,’ ele disse, relutante.

Lock entregou as chaves a ele e assistiu Ty desaparecer na escuridão. Então, abaixando a sacola preta, ele pegou um par de cortadores de fios e se pôs a trabalhar na área em que a câmera de segurança estava apontada para o outro lado.

Em menos de dois minutos, tinha feito uma entrada grande o suficiente para entrar. Seguro do outro lado, enrolou a cerca de volta para que parecesse intacta, pelo menos à distância. Então rapidamente mediu a distância entre o poste de metal da cerca mais próximo e sua válvula de escape.

Assim que Lock guardou os cortadores de fio na sacola, sentiu o barril de uma M-16 pressionada contra suas costas.

‘Sabe, Lock, se quisesse uma excursão, era só ter pedido.’

Cinquenta

Lock estava de barriga para o chão enquanto o vasculhavam, pegando sua carteira, celular e sua faca. Sua 226 tinha ficado no carro, por sorte.

Brand passou pela lista de nomes do celular de Lock. Parou em Ty, mostrou o display para que Lock pudesse ver. ‘Ele ainda está te esperando do lado de fora. Melhor falar pra ele que você vai dar um jeito de voltar, que não achou o que estava procurando, e que vai dar o fora da cidade por um tempo.’

‘E por que eu faria isso?’

‘Pensei que ele era seu amigo. Não gostaria de piorar a situação dele, certo?’

Brand apertou o botão verde para fazer a ligação e entregou o celular a Lock. Então pegou a M-16 de um dos seus homens e se posicionou, colocando o barril no centro da testa de Lock.

‘Ty? Então, escuta cara, não precise me esperar... Não, eu encontrei outra saída. Olha, tenho que resolver umas coisas. A gente se fala em alguns dias.’ Ele pausou. ‘Não, cara, eu tô bem.’

Ele terminou a chamada e Brand pegou o celular de volta, desligou-o, e enfiou em seu bolso.

‘Agora, vai querer aquela excursão ou não?’

‘E eu tenho escolha?’

‘Não. É como aquele velho ditado. Cuidado com o que deseja, pois pode acabar conseguindo.’

Chegaram até o que Lock deduziu ser a entrada principal do bloco. Não havia maçaneta ou trava externa. Ela simplesmente abriu.

‘Não poupavam gastos, hein?’ ele perguntou para Brand.

‘Espere até ver o que temos dentro.’

‘Oh, estou saltitante como uma criança no Natal,’ Lock devolveu.

Dentro havia um corredor. Tinha a largura de uns três metros e se estendia por dez, terminando em uma porta parecida com a que tinha acabado de passar. As paredes eram de concreto branco.

‘É aqui que mantém o garoto?’ Lock perguntou.

‘Só anda.’

Alcançaram a próxima porta e pararam. Brand passou por Lock, entrando primeiro. ‘Vou preparar seu quarto.’

A porta se abriu e Brand atravessou, deixando Lock com os dois guardas. Do outro lado, Brand chamou outro grupo de duas pessoas para ajudá-lo a entrar em uma das celas. Foram instruídos a levar equipamento antimotim.

Cinco minutos se passaram. E então dez.

Finalmente, Lock ouviu o andar de botas pesadas e uma porta sendo aberta, seguida pelo barulho de uma briga rápida mas violenta. Então a porta à sua frente se abriu e Brand apareceu, tirando seu capacete. Ele tinha um arranhão profundo em um dos lados do rosto, mas estava sorrindo. ‘Quer conhecer sua nova colega de quarto?’

Lock foi levado para dentro. Pararam do lado de fora da cela de Mareta. Havia uma mancha de sangue na parede perto da porta. Lock contou seis portas de cada lado. Barulhos e gritos vinham de todas menos uma. A que estava na frente deles.

Brand pegou o celular de Lock novamente. Ligou-o.

‘Quer dizer adeus a alguém?’

Lock ficou onde estava e não disse nada.

Brand passou pelos números. ‘Aqui tem um. Que tal a Carrie?’ Então parou e bateu com a palma da mão na cabeça, fingindo estar envergonhado. ‘Como sou bobo. Deveria ter te falado mais cedo. Não tem por que ligar para ela.’ Brand levantou o celular para que Lock o visse deletar o seu número. ‘Acidente de carro brusco. O motorista nem parou. Algum babaca em uma Hummer.’

Lock avançou contra ele. A palma aberta de sua mão direita acertou o queixo de Brand, empurrando seu pescoço para trás e jogando-o ao chão. A gritaria das outras celas se intensificou.

Um bastão acertou Lock na parte de trás dos joelhos, e suas pernas se dobraram. Bolhas pretas apareceram em sua visão quando levou um segundo golpe contra a parte de trás da cabeça. Então escutou a cela se abrindo e foi jogado para dentro.

Ele caiu a poucos metros da porta, e escutou ela se fechando. Então veio o som de algo metálico deslizando pelo chão. Ele piscou algumas vezes para tentar focar a visão.

Sua faca estava no chão da cela, a lâmina estendida. A mão de uma mulher se abaixou e a pegou. Ele levantou a cabeça. Ela estava sobre ele. Os dedos de sua mão direita segurando a faca com força.

Lock olhou-a nos olhos e se preparou para o golpe.

Cinquenta e Um

Carrie dormiu até tarde. Sua aparição na TV no dia anterior significava que não precisava ir ao trabalho até o almoço. No geral, ela ia direto para o banho mas dessa vez conseguia sentir o cheiro de Lock na pele, e não queria perder isso. Na cozinha, preparou o café da manhã para Angel e ela. Ambas limparam o prato em tempo recorde.

Ela vagou pela sala e ligou a TV. Algumas outras redes estavam noticiando a história da Meditech. Estavam atrás dela na história desde o assassinato de Gray Stokes. O mês seguinte seria uma boa hora para pedir transferência para o estúdio. Ela gostava da diversão de perseguir história, mas ela sabia que pessoas nesse emprego não eram comparados a tubarões por coincidência: ou você vai pra frente ou morre.

No balcão da cozinha, seu PDA piscou vermelho. Ela foi até ele e checkou os e-mails. Tinha um novo de Gail Reindl passando as madrugadas para ela. Gail queria parabenizá-la em pessoa quando ela chegasse no escritório. O trabalho como âncora estava cada vez mais próximo.

Angel tinha ido até a porta e estava latindo. Carrie voltou ao quarto, botou uma roupa, e prendeu o cabelo em um rabo-de-cavalo. Ela pegou a coleira de Angel perto da porta, assim como uma jaqueta, e desceu o prédio. No lobby, o porteiro cumprimentou ambos.

Do lado de fora ainda estava frio, mas o céu era um azul claro e o sol estava brilhando. O tempo refletia o humor de Carrie. Ela foi meio andando, meio correndo até o fim do quarteirão. Angel vinha correndo atrás dela, às vezes indo muito rápido e esgarçando a coleira, desesperada para chegar ao parque.

Carrie deu um puxão na coleira quando chegaram na faixa de pedestres.

‘Calma lá.’

O cachorro parou e olhou para ela. O sinal ficou verde para eles.

‘Agora podemos ir.’

Carrie saiu da calçada. Nem chegou a ver a Hummer que atravessou o sinal e foi direto em sua direção, três toneladas de caos a setenta por hora, e pegando velocidade a cada metro. Ela olhou para cima no último segundo e se jogou junto com Angel de volta na calçada, assim que a borda do veículo arranhou o concreto em cima da boca de lobo.

Um velho em seus sessenta anos, olhos fundo-de-garrafa, encostou no braço dela. ‘Você está bem?’

Seu coração estava disparado contra seu peito. Todo o seu corpo parecia estar vibrando. Tava vindo direto em mim! ela pensou.

‘Esses monstros não deveriam estar nas ruas!’ o homem gritou contra a Hummer, que atravessou outro sinal e virou para a esquerda, desaparecendo de vista.

Cinquenta e Dois

‘Cara, deveríamos comer pipoca pra isso.’

Brand é como um cara que tem que trabalhar na final de um campeonato e decide gravar tudo para assistir ao jogo depois. Assim que Lock estava dentro da cela, ele ligou para o operador das câmeras para que gravasse tudo da cela de Mareta no disco rígido.

‘Tudo preparado?’

O operador acionou. ‘Tudo pronto. Esse aqui,’ ele disse, apontando para a tela central em um banco de monitores.

A imagem estava congelada: Mareta, a viúva de luto, olhando para o soldado ferido que se arrastava até ela.

‘Cara, quando isso tudo acabar, vou jogar tudo no Live Leaks. Vai, vamos ver.’

O operador apertou play e Brand se inclinou para perto, pronto para aproveitar a ação.

Lock já tinha deduzido algumas coisas antes da porta da cela ter sido aberta. Estava claro que Brand estava se divertindo imensamente, e de uma maneira que ia muito além da satisfação de simplesmente jogá-lo numa cela. Alguma coisa do outro lado da porta estava deixando Brand completamente excitado.

Pelo design do prédio, tanto dentro quanto fora, Lock percebeu que não tinha sido construído apenas para prevenir fugas, mas também para limitar e conter movimento ao máximo. Ou seja, os residentes do prédio eram considerados perigosos.

Lock se preparara para lutar. Até a morte, se necessário. Dele ou do outro cara. Então Brand falou de Carrie. Óbvio que Brand esperava que a notícia tirasse a vontade de Lock, mas teve o efeito oposto. Ele sentiu uma explosão de energia e de adrenalina. Mesmo em seu estado físico, ele sentia que a raiva pura iria ajudá-lo.

Quando ele levantou o olhar do chão e se deparou com uma mulher, a decisão tinha sido simples. Natalya jogada no East River com seu cérebro estourado. Carrie, vítima de um infeliz ‘acidente’. Duas mulheres mortas eram o suficiente.

Ele ficou parado e esperou.

‘Certeza que esse treco tá funcionando?’ Brand perguntou, batendo com uma mão carnuda no teclado.

Lock e o outro preso quase não tinham se movido na gravação. Estavam parados olhando um para o outro como se nos antigos filmes de faroeste.

‘Sim, senhor,’ o operador responder.

‘Acelera. Vamos até a ação.’

O operador moveu seu mouse, acelerando o vídeo. A mulher foi para frente quando Lock estava no chão.

‘Ok, aí.’

Na tela, Mareta botou a faca no chão, ainda próxima caso precisasse. Então se agachou perto de Lock e ajudou-o a se levantar.

‘Mas que diabos?’ Brand explodiu.

Mareta tinha escutado os homens entrando. Mesmo depois de todo esse tempo ela não tinha sido capaz de escapar do terror que ia tomando conta de sua mente quando a porta da cela se abria. Ela tinha

tensionado e relaxado cada parte do corpo. Menos chances de quebrar um osso se você estivesse relaxada. Machucados e lacerações eram uma coisa, mas ela tinha passado três meses em uma prisão em Moscou com uma tíbia fraturada e nenhuma ajuda médica. O osso tinha curado por si só mas deixara-a manca e com as lembranças da intensa dor.

Elas tinham entrado prontamente, um depois do outro. O maior deles tinha a puxado até a cama e pressionado seus ombros contra a parede. O outro homem tinha ido até seus pulsos com uma mão enquanto procurava algo no bolso com a outra. Escutou um click e uma de suas mãos foi solta. Ela tinha esperado ele soltar sua outra mão para arranhá-lo. Sentira a pele dele em baixo das unhas. Ela tentara agarrar seu cabelo, mas era muito curto. Ele havia gritado com ela, chamando-a de puta, e esmurrando sua cara.

Ela quase desmaiara com aquele soco. Um homem sentou em seu peito e o outro em suas pernas, fazendo com que ela sentisse dor na perna que tinha quebrado em Moscou. Tinha escutado o som dos grilhões caindo no chão quando foram removidos.

Os homens então saíram da cela, e ela correu para a porta assim que ela se fechou, batendo com os punhos contra o aço. Ela escutou uma porta se abrindo e fechando. Então tinham voltado, sua cela se abrira novamente, e outro homem foi jogado dentro.

Ele estava vestido casualmente. Parecia americano, ou pelo menos era assim que ela imaginava americanos fora de seus uniformes. Seu cabelo era mais curto que os dos guardas, e tinha uma cicatriz recente no topo de sua cabeça. Ele tinha olhado da faca para ela, mas não se moveu, nem mesmo quando ela se abaixara para pegá-la.

Seus olhos se encontraram. Não havia medo nos dele. Segurara a faca firmemente com a mão, como tinha sido ensinada pelo marido. Ele ainda não tinha se mexido. Ficaram desse jeito pelo que pareceu uma eternidade. Ela sentiu que ele sabia da faca mas nunca olhou para ela. Nem uma vez sequer.

E então, finalmente, ele tinha falado. ‘Não vou lutar com você. Então se vai fazer, faça logo.’

Ela tinha olhado do homem para a câmera montada no canto, abaixado a faca e estendido a mão. Ele tinha aceitado, e ela o ajudara a levantar.

De volta na sala de controle, Brand tinha se cansado do caso de amor. ‘Ok, ao vivo.’

O operador apertou um botão. A tela ficou vazia. Ele apertou mais uma vez.

‘O que é? Qual o problema?’ Brand perguntou, agitado.

‘Não estamos recebendo sinal da câmera.’

‘Tente novamente.’

‘Acabei de tentar.’

Brand chutou a parede de raiva. Meia hora atrás a cela tinha sido ocupada por uma mulher solitária, algemada. Agora era ela, Lock e uma faca. O que diabos tinha dado errado?

Cinquenta e Três

Lock devolve a faca à Mareta – uma demonstração de confiança planejada, da qual esperava não se arrepende. Se ele fosse sair daqui, precisaria da cooperação dela.

Um alarme que estava tocando nos fundos a uns cinco minutos se calou. Lock andou pela cela, examinando todos os ângulos de sua construção. Mareta o observava.

‘A única saída é por aquela porta,’ ela disse.

‘Você fala inglês? Desculpa, pergunta imbecil.’

‘Eles não sabem que eu os entendo,’ ela disse, acenando para a câmera quebrada na cama.

‘Quem é você? Por que está aqui?’

‘Meu nome é Mareta Yuzik.’

Essa resposta foi quase suficiente para responder ambas as perguntas. Lock não teria reconhecido seu rosto, pois poucas pessoas o tinham visto. E a maioria estava morta. Mas ele com certeza conhecia o nome. De fato, ele sentiu uma onda de calafrios percorrer seu corpo.

Mareta era a mais notória das viúvas negras da Chechênia, mulheres cujos maridos tinham sido mortos pelos russos e que operavam como bombardeiras suicidas na guerra Chechena para conseguir independência da terra-mãe. O marido de Mareta tinha sido um conhecido chefe militar checheno. Mas não era isso que a tornava excepcional. Era o fato de que ela tinha repudiado o martírio para assumir comando do grupo de guerreiros de seu marido.

O bando de Mareta tinha passado os últimos anos em uma fúria assassina. Alguns dos feitos incluíam a chacina completa de algumas peças chave de Moscou durante uma performance dos Bolshoi. Demonstrando um conhecimento assustadoramente preciso da teatralidade necessária para se tornar conhecida como terrorista no mundo moderno, Mareta tinha dado início ao processo decapitando a principal bailarina ao vivo no palco. Claro, onde estavam os novos ricos Russos, estavam também seus guarda-costas. Um tiroteio tinha ocorrido durante o qual as equipes de proteção mataram mais russos que os chechenos. Tudo tinha terminado com uma grande explosão.

Mareta e seus companheiros tinham usado da fumaça para escapar, levando à especulações de que toda a coisa tinha sido um contrato do Kremlin, que teve um de seus maiores rivais políticos morto durante o alvoroço. Os apparatchiks ficaram felizes com a coincidência.

O próximo ato de Mareta também chamou a atenção de noticiários pelo mundo. Seus guerreiros invadiram uma pré-escola na borda da Chechênia e fizeram de refém dúzias de crianças antes de matá-los a sangue frio, gravando todo o ocorrido. Mais uma vez, Mareta escapou no calar da noite antes do prédio ser dominado e a maior parte de seus guerreiros mortos pelas forças especiais russas.

Foi essa segunda fuga que deu a ela o apelido de Fantasma na mídia russa. Ela tinha sido vista várias vezes desde então, em regiões como Iraque, Paquistão, e na província de Helmand. Ela aparecer aqui era a aparição mais incrível.

Lock decidiu seguir o exemplo de Mareta e fingir desconhecimento. ‘Sabe por que está aqui?’

‘Para morrer,’ ela disse.

‘As outras pessoas aqui também são do seu país?’

‘Algumas. Algumas de outros lugares.’ Ela ficou limpando a unha com a faca. ‘Agora deixa eu te

perguntar a mesma coisa. Por que está aqui?’

‘É uma longa história.’

Mareta olhou ao redor da cela. ‘Talvez tenhamos um longo tempo.’ Lock confiava em sua nova colega de cela tanto quanto em Brand, então deu a ela uma versão editada dos acontecidos, dizendo que era um jornalista investigativo pesquisando sobre as atividades de uma companhia de medicamentos.

‘Vocês tem jornalistas investigativos, certo?’

‘Investigativos?’ Ela ficou com a palavra na boca como se fosse engraçada. ‘Temos pessoas assim. O governo mata elas.’

Obviamente ela era uma dessas pessoas que acham que o copo está meio vazio.

‘Então quando estava passeando por esse lugar,’ Lock continuou. ‘Eles me encontraram, me bateram. Acho que me jogaram aqui esperando que você fosse me matar.’

Mareta escutou com calma. Ela andou até a porta e voltou, fazendo formas no ar com a ponta da faca. ‘Então por que acha que eu estou aqui?’

‘Quer dizer, o que uma companhia de medicamentos iria querer com você?’

‘Isso.’

‘Acho que você é uma cobaia.’

‘Cobaia?’

‘Sim. Vão te usar pra ver se um produto que estão desenvolvendo é seguro para ser usado em humanos.’

‘O quê?’

‘Isso eu não sei.’

Na verdade, ele tinha algumas ideias. A presença de Mareta aqui tinha que ser permitida pelo mais alto nível. Talvez uma troca privada entre governos. Talvez a Meditech estivesse desenvolvendo algo que permitisse que Mareta fosse interrogada. Tanto a CIA como a KGB tinham procurado achar as drogas da ‘verdade’ durante a guerra fria, testando desde pentatol sódico até algo mais ortodoxo como whisky, ou a foto do alvo fazendo algo comprometedor. Em um mundo onde inteligência de qualidade podia salvar milhares de vidas, algo garantido valeria ouro puro.

‘Então, para qual jornal trabalha?’ Mareta perguntou.

‘Sou freelancer,’ Lock respondeu. Era só meia mentira, mas a expressão de Mareta disse que ela não acreditou – e nem ele, diga-se de passagem. Não era tão ruim ser ruim em se fazer de bobo.

Mareta parou de andar pela cela e se aproximou de Lock. Ela manteve a ponta da faca a alguns centímetros do olho direito dele – longe o suficiente para ele não conseguir tirar a faca dela. ‘E digamos que eu não acredite em você.’

Lock deu seu melhor para não piscar. Ele sabia que argumentar deixaria a coisa ainda mais suspeita. ‘Não tem muito que eu possa fazer a respeito.’

Ela manteve a ponta da faca onde estava. ‘Eles tentaram isso antes. Em Moscou. Me botaram em uma cela com outra mulher. Garanti que ela nunca teria filhos. Na época, não tinha uma faca.’

‘Foi capturada?’

‘Duas vezes. E escapei em ambas as ocasiões.’

Lock olhou para a faca, e voltou a olhar para Mareta.

‘Então se acha que sou um espião, por que não me matou ainda?’

‘Extrair informações de alguém é uma faca de dois gumes. Aprendi mais dos meus interrogadores através dos anos do que eles de mim.’

‘Porra, não acredito.’

‘Por favor, não use essas palavras.’

Lock fez uma nota mental. *Gosta: de decapitações públicas. Não gosta: de palavrões.*

‘Talvez eu garanta que você também não possa ter filhos.’

Ela deixou a faca descer devagar, até estar posicionada em frente à sua virilha.

Cinquenta e Quatro

Lock sentou no chão com as costas para a parede da cela. Tudo que faltava para completar o visual Steve McQueen era um taco de baseball.

‘Então, quais nomes damos para as crianças?’

Mareta, que estava na cama, apontou a faca para seu rosto novamente. ‘Você fala demais.’

‘Só tentando passar o tempo.’

‘Deveria estar pensando em como vamos sair daqui.’

‘Pensei que você cuidaria disso.’

Ela olhou diretamente para ele. ‘E por que eu faria isso?’

Merda. Nada que Lock tinha dito desde que entrara na cela sugeria que soubesse de sua reputação, e essa chegou muito perto. ‘Você disse que escapou duas vezes depois de ser capturada, certo?’ ele rebateu, pensando rapidamente.

Ela sorriu, balançou as pernas na ponta da cama e botou a ponta da faca gentilmente contra seu braço, parecendo uma pessoa a checar se o peru estava pronto.

‘Você não é um jornalista,’ ela disse.

‘E por que diz isso?’

‘Conheci muitos deles.’

Lock se lembrou de outra história em que Mareta tinha aparecido. Seis jornalistas pro-Kremlin enviados de Moscou para mostrar como estava indo a guerra na Chechênia. A primeira cabeça chegou no escritório em Moscou na semana seguinte. Um dia depois, a segunda cabeça. Até o fim da semana, todas as cabeças tinham sido devolvidas. Então as mãos começaram a chegar. Duas semanas. No todo, foi um processo de três meses. Sempre detalhadamente grotesco. Apenas os corações não foram enviados. Presume-se que ficaram na Chechênia.

‘A maioria dos jornalistas é gordo,’ Mareta continuou. ‘De tanto ficarem sentados e enfiando o nariz onde não devem.’

‘Aqui não são não, moça,’ Lock disse. ‘Temos liberdade de imprensa.’

‘Na Rússia também. São livres para escreverem o que quiserem. Mas de alguma maneira o que escrevem é o que as pessoas que os pagam querem escutar. Coincidência. ‘ Ela manteve o olhar fixo nele. ‘Então, quem é você?’

Ela não parecia disposta a desistir desse tipo de questionamento.

‘Já te falei.’

‘Quer dizer, já mentiu.’

‘Escuta, se vamos sair daqui em um pedaço, precisamos confiar um no outro.’

‘E confiança requer honestidade.’

Lock teve de aceitar o argumento. Ele estava para quebrar a primeira regra da captura: inventa uma história e se atenha a ela. Mas essa não era uma situação comum. Para começar, Brand não hesitaria em contar a verdade, ainda mais se ele fosse morrer no processo.

Ele examinou Mareta. Em uma luta direta, o resultado era garantido, mesmo com sua reputação. Mas ela tinha uma faca. Os caras que assistem ao UFC podem falar sobre ‘lutas’ de faca, mas isso não existe.

Existia apenas ser perfurado. E sangrar até morrer.

‘Ok, você está certa,’ ele disse.

Ela escutou calmamente enquanto ele contava sobre seu trabalho na Meditech e os detalhes que acabaram deixando-o prisioneiro no complexo. Ela não disse nada, se manteve inexpressiva, parando apenas para clarificar uma palavra ou frase que não tinha entendido. A única hora que ela reagiu foi quando ele mencionou os ativistas dos direitos dos animais e a causa deles. A ideia parecia absurda para ela. Lock entendia seu ceticismo. Para alguém que tinha assistido e participado da morte de seres humanos, devia ser um conceito alien. Pensou em repetir a frase de Gandhi que Janice tinha falado para ele no hospital, mas mudou de ideia.

Ele terminou e esperou que Mareta falasse algo. O silêncio dominou o espaço entre eles. Normalmente, ele estaria feliz com isso, mas o que precisava era de comunicação. Contar histórias era o melhor jeito que ele conhecia pra fazer isso.

‘E você? O que faz aqui?’

‘Você já sabe quem eu sou,’ Mareta respondeu.

‘Sim, eu sei.’

‘Mas não parece estar com medo.’

‘Deveria estar?’

‘Todos tem medo de fantasmas.’

Lock pensou a respeito. ‘Vai ver sou diferente.’

Mareta estudou as paredes da cela, todas refletivas. ‘Isso é verdade,’ ela disse. ‘Você ainda está vivo. E se quiser continuar assim, é bom pensar em uma maneira de escaparmos.’

Cinquenta e Cinco

Lock foi o primeiro a escutar a porta sendo aberta no fim do corredor. Ele acenou para Mareta se levantar. Cada um se posicionou contra uma parede da cela à medida que os dois pares de passos foram se aproximando, acompanhados pelo ranger de um carrinho de metal. Escutaram mais tilintar de metal, seguido de um homem gritando em uma língua que Lock não entendia.

‘O que ele está dizendo?’

‘Tá perguntando quem mais está aqui.’

Mareta encostou o rosto contra a porta da cela e gritou algo de volta. Lock conseguiu entender apenas seu nome. Em sua própria língua, parecia mais gutural e ameaçado.

‘Bela reunião que você tá tendo,’ Lock comentou.

Mareta gritou algo novamente, talvez em checheno. Ele conseguiu escutar o homem rir do que ela tinha dito.

‘O que você disse?’

‘Que iríamos nos banhar no sangue de nossos captores.’

‘Não é à toa que não temos nenhum comediante checheno por aqui. Por que não pergunta para ele quantos de vocês estão aqui?’

Ela gritou outra coisa, e o homem rugiu em resposta.

‘Dez. Talvez mais.’

‘O que está acontecendo agora?’

Mareta pressionou o rosto contra o painel de acesso na parte inferior da porta. Lock segurou-a pelo joelho e a puxou de volta. Ela olhou para ele intensamente.

‘Chega perto demais e eles vão acabar abrindo aquela coisa e de dar uma bofetada,’ ele avisou.

Outra troca de gritos.

‘É hora do rango,’ Mareta disse a Lock.

Como ela tinha dito, alguns momentos depois a aba se abriu e uma bandeja foi jogada para dentro – metal, para que fosse difícil de quebrar e transformar em uma arma. Preenchendo os compartimentos da bandeja estava o que Lock julgou ser comida de prisão padrão. Duas fatias de pão. Suco de laranja. Algum tipo de cozido com arroz. Um pedaço de chocolate de segunda, e uma banana. Nada mal. Melhor do que na maioria dos aviões.

Ele pegou uma fatia do pão, entregou a outra à Mareta. Ela recusou, franzindo o nariz. ‘Você primeiro.’

Pelo jeito isso não era um sinal de hospitalidade.

‘Não tá com fome?’

‘Não sei o que tem nisso.’

‘Então se for veneno de rato, quer que eu descubra primeiro?’

‘Exatamente,’ disse ela.

Lock botou o pão de volta na bandeja.

‘Você nem pensa nessas coisas,’ Mareta falou com um sorriso.

Estava certa. Tinha passado batido.

Ela pegou o pão novamente, pegou um pedaço e o entregou a Lock. ‘Não me trouxeram aqui pra me envenenar. Mas pode ser que tenha algo para nos fazer dormir.’

‘Então por que ainda quer que eu prove?’

‘Você vai ver.’

Lock pegou o pão e enfiou-o na boca. Enquanto mastigava, o gosto ficou doce em sua boca. Ele engoliu, e tomou um pouco de suco para ajudar a descer. Tinha um gosto esquisito. Ele derramou o resto do suco no compartimento da bandeja. Um resíduo arenoso ficou flutuando no fundo. Ele mexeu no suco com um dedo.

‘Podiam ao menos ter usado Rohypnol. Pelo menos aquilo dissolve.’

Ele sentou no chão, relaxando a cabeça contra o concreto gelado.

‘Então, o que uma garota bonita como você está fazendo por num lugar desses?’ Lock perguntou a ela, a pergunta criada para levar a conversa adiante e afastar a frustração que Lock estava começando a sentir.

‘Você não tá interessado.’

‘É aí que se engana. Quero dizer, presumo que você não nasceu uma doida maligna que acha que não tem problema matar civis brutalmente.’

‘Quer saber por que eu cortei a cabeça de Anya Versokovich?’ Lock deu de ombros.

‘Porquê...ela estava lá.’

Lock estava cansado, provavelmente por causa da semana doida e das constantes descargas de adrenalina do que qualquer coisa passeando pela sua corrente sanguínea por causa daquele gole de suco. ‘É isso? Essa é sua grande razão para decapitar a principal bailarina dos Bolshoi?’

‘Foi a mesma razão que os russos me dera.’

‘Te deram pra quê?’

‘Para o que fizeram comigo. Quer que eu te conte?’

Lock descansou a cabeça contra o concreto e fechou os olhos. ‘Claro.’

‘Sabe do meu falecido marido?’

‘Apenas sua reputação.’

‘Eu estava dando banho em meus dois filhos quando eles chegaram. Meu filho tinha três anos, minha filha quatro. Quando o comandante russo não conseguiu achar meu marido, deixou dois de seus soldados no quarto conosco. Não queria ninguém depois falando que ele estivera lá.’

Com uma previsibilidade cruel, Mareta continuou. Lock manteve os olhos fechados. Ele não sabia se queria estar olhando para ela enquanto ela terminava a história.

‘Enquanto um dos soldados me estuprava, o outro botou uma faca contra os meus filhos. Forçou-os a assistir. Quando o primeiro homem terminou, veio o segundo. Amarraram minhas mãos contra as costas e me obrigaram a ver. Afogaram meu filho primeiro. E então sua irmã. Depois disso, fui levada para baixo para falar com o comandante. Meu marido tinha matado russos, mas o que eu tinha feito? Então perguntei para ele, “Por que você fez isso?” E ele me disse, “Por que você estava aqui.”’

Lock abriu os olhos. O rosto de Mareta estava inexpressivo. Apenas seus olhos refletiam algum sentimento. A voz dele falhou um pouco quando falou. ‘O que aconteceu depois disso?’

‘Eles me deixaram lá, mas eu fui atrás.’

‘Matou eles?’

‘Até o último homem.’

‘E quando isso acaba, Mareta?’

‘Não acaba.’

‘Sabe que não há escapatória dessa vez.’

‘Sempre há um jeito de escapar,’ ela disse, com o olhar distante.

‘Sempre?’

‘A morte é uma escapatória.’

‘Verdade, mas o que eu não entendo é como você era sempre a única a escapar.’

‘Simples. Quanto mais alguém procura, menos vê.’

Mais charadas. ‘E o que quer dizer com isso?’

‘Quando procuram no alto, eu fico embaixo. Quando procuram embaixo, vou para o alto.’

‘Quer tentar dizer isso em inglês?’

O mesmo sorriso. ‘Você vai entender.’

Cinquenta e seis

‘Por que não jogamos uma granada lá dentro e deixamos Deus cuidar do resto?’ perguntou Brand.

Stafford circulou até ele. ‘Por que doze é o mínimo de testes clínicos para a Fase Um.’

‘Então encontramos outra pessoa,’ Brand reagiu.

‘E onde sugere que façamos isso, Coronel? No Craigslist?’ Stafford apontou com o dedo para uma tela apagada. ‘Me leve lá embaixo. Falarei com eles.’

Brand bufou. ‘Ela não fala inglês, e não tem jeito do Lock ser estúpido o suficiente para sair de lá com algo esperando por ele. Também não temos tempo para deixá-los morrendo de inanição.’

‘Então encontraremos outra maneira.’

Brand deu de ombros quando Stafford saiu da sala de controle.

‘Mal posso esperar para ver isso.’

‘Traga sua arma com você,’ Stafford avisou, indo na frente.

‘Armas de fogo não são permitidas no bloco de acomodação,’ Brand lembrou-o, segurando sua Glock e o seguindo pelo corredor.

‘Faça uma exceção.’

‘Não acho que seja uma boa ideia.’

‘Eles tem uma faca. Você mesmo disse.’

‘E se eles conseguirem a arma?’

‘Não vai acontecer.’

Alguns minutos depois, chegaram até a cela de Mareta. Brand de um lado da porta, Stafford do outro.

‘Não vai entrar aí, vai?’

‘Não,’ disse Stafford, pegando a Glock e apontando-a contra seu chefe de segurança. ‘Você vai.’

Brand se manteve calmo. ‘Você não teria coragem.’

‘Tive quando matei Stokes,’ disse Stafford.

‘Ali era diferente. Tudo tinha sido preparado para você. Teve só que puxar o gatilho.’

O dedo indicador de Stafford ficou branco quando aplicou pressão contra o gatilho. ‘E como isso é diferente?’

Brand levantou as mãos, se rendendo. ‘Ok, ok.’

‘Pensa assim,’ disse Stafford. ‘Você sempre me falou como Lock era só um fracassado e você sim era bom. Essa é sua chance para provar.’

Cinquenta e Sete

‘Cê tá bem?’

Carrie nem tinha notado Gail Reindl entrando no elevador.

‘Sim. Por quê?’

‘Suas mãos tão tremendo.’

Carrie fingiu um sorriso. ‘Exagerei no café.’

Gail pareceu perscrutar o rosto de Carrie. ‘Certeza que é só isso?’

‘Algum babaca em uma Hummer ignorou o sinal quando eu ia atravessar a rua. Quase me matou. Fiquei meio abalada, mas vou ficar bem logo.’

Gail fez uma cara de *fazer o que, essa cidade é maluca*. As portas se abriram e ela desceu, para o alívio de Carrie.

O que mais ela diria? Que era uma Hummer igual à que tinha atropelado a mulher de Gray Stokes, exceto que essa era preta e não vermelha. Que ela não achava que era um acidente. Que alguém queria matá-la. Que só por que você é paranoico não quer dizer que não estejam atrás de você. Desde que o filme *Rede de Intrigas* tinha saído, incluindo até um âncora louco uivando, a maneira garantida de você ser cortado como âncora era mostrar qualquer sinal de instabilidade mental. E Carrie nem tinha chegado lá ainda. Não, se ela fosse falar disso com alguém, seria com Lock.

Ela parou no bebedouro. Um dos produtores estava enchendo sua caneca.

‘Você tem visita,’ ele disse, apontando com a cabeça para a mesa de Carrie.

A primeira coisa que Carrie viu foi uma cadeira de rodas, e então Janice Stokes. Antes que queria pudesse censurar seu próximo pensamento, ele invadiu sua mente. *Ela parece a morte*.

Carrie se sentou, virando a cadeira para estar ao lado de Janice.

‘Eles prenderam meu irmão.’

‘Alegando o que?’

‘Cumplicidade no sequestro de um menor. Lock prometeu que se nós o ajudássemos ele nos manteria for a disso. Don não saberia lidar com a prisão.’

‘E ele é culpado?’

‘Não. E preciso tirar ele de Rikers antes que algo de ruim aconteça.’

‘Não seria melhor você falar com um advogado.’

‘Já falei.’

‘E o que eles disseram?’

‘Que eu teria que esperar até o julgamento.’

‘Seu irmão poderia pedir para ficar na preventiva.’

‘Isso faria ele parecer ainda mais suspeito.’

‘Desculpa, não quero ofender, mas como acha que posso ajudar?’

‘Achei que poderia saber onde Ryan Lock está, para começar. Tentei ligar para ele, mas o celular está desligado. Também não consigo falar com Ty.’

Carrie acreditava nela. Ela tinha ligado para Lock logo após o incidente com a Hummer e deixado um recado. ‘Não é raro Lock desaparecer assim. Acredite em mim.’

Janice parou por um momento, como se estivesse decidindo algo. Então retirou um envelope da lateral da cadeira. ‘Alguns amigos me ajudaram a organizar as coisas dos meus pais. Não tinha forças pra isso até ontem.’ Ela entregou o envelope para Carrie. ‘Ryan tinha me perguntado se meu pai sabia algo sobre a Meditech. Sabe, para fazê-los mudar de ideia sobre os testes em animais.’

Carrie botou a mão no envelope e puxou uma única folha de papel. No topo, um link de internet estava impresso: www.uploader.tv/Meditech

Cinquenta e Oito

A bandeja de comida estava vazia ao lado da porta, e Mareta próxima dela, enrolada em posição fetal. Joelhos abraçando o peito, olhos fechados. Sua mão direita atrás do corpo para esconder a faca.

Lock estava perto dela, igualmente arrasado. Suas pernas estavam estiradas de forma que uma estava quase encostando na porta. Desse jeito, mesmo se ele acabasse dormindo, saberia quando alguém entrasse.

Estavam em um silêncio mortal pela última meia hora. Então escutaram passos no corredor do outro lado da porta. Uma única pessoa, se movendo devagar, detectada apenas pela acústica do lugar.

Os passos pararam. Um pouco de saliva escorreu do canto da boca de Lock, até o chão.

A porta esbarrou contra a perna de Lock. Ele se mexeu, mas manteve os olhos fechados.

‘Ok,’ ele escutou Brand sussurrar.

Mais dois pares de botas foram rapidamente até o fim do corredor. Lock abriu minimamente os olhos. Pelo esquerdo conseguia ver a bota de Brand enquanto ele passava por cima de Lock.

Lock atacou com uma mão tentando agarrar o tornozelo de Brand. Ele lutou para manter o equilíbrio mas acabou caindo. Aterrissou em cima de Lock, seu joelho esmagando o olho esquerdo de Lock.

A faca veio em um arco, adentrando o capacete de Brand e cortando sua orelha. Ele gritou, e arrancou o capacete fora. Seu lóbulo estava pendurado ao lado da cabeça como se fosse um peixe.

Brand botou o braço à frente, em direção a Lock. Lock tentou agarrá-lo pelo pulso mas não foi rápido o suficiente. Brand acelerou seu braço para trás contra o rosto de Mareta, enviando-a contra a cama com a cotovelada. A mudança de posição de Brand permitiu que Lock se soltasse.

Os outros dois guardas estavam quase na porta. Em um segundo estariam aqui. E então seria uma loteria para ver quem ficaria vivo e quem morreria. E alguém com certeza morreria.

Lock empurrou Brand e se jogou contra a porta. Mareta investiu contra Brand, a faca se prendendo em seu protetor de virilha. Mareta puxou-a de volta mas não antes de receber outra cotovelada na cara. Um dos dentes dela voou e caiu no chão.

A armadura corporal de Brand a estava atrapalhando. Sua cabeça era protegida por um capacete com Kevlar. Protetores de pescoço saíam da armadura principal. Mangas revestidas se alongavam até luvas contra cortes. Abaixo da cintura, a proteção era tão completa quanto.

Brand tentou acertá-la novamente. Ela se abaixou, desviando e se jogando contra os pés dele. Seu joelho acertou-a no lado do rosto, fraturando seu osso malar. Ela enfiou a faca o mais forte possível contra seu pé direito, rasgando o couro leve e prendendo a faca perfurada. Foi a vez de Brand gritar.

O barulho das outras celas estava chegando a um ponto crítico. O que Lock julgava serem sermões de vitória e elogios divinos criavam um barulho de fundo surreal.

Mareta deslizou até as costas de Brand, sua mão se dobrando enquanto mantinha um aperto firme na surgindo do pé dele. Então ela soltou e botou seu cotovelo ao redor do pescoço dele, sufocando-o. Dessa vez ela estava perto demais para ser acertada pelo cotovelo dele.

Brand se contorcia enquanto Lock lutava para ser escutado por cima do barulho. A porta estava sendo forçada e ele perdia força a cada segundo. ‘Vocês, entram, ele morre!’ ele gritou.

Pararam de empurrar a porta.

Lock voltou a olhar para onde Brand estava, com Mareta atrás dele, aplicando um mata-leão, empurrando o queixo dele com a mão esquerda. Lock sabia que ela estava pronta para empurrar sua cabeça para uma posição em que as vértebras não retornariam quando a porta se abriu.

‘Não se mexam!’ Brand gritou, voz meio estrangulada.

‘Mande eles recuarem.’

‘Vocês ouviram-no. Recuem.’

Lock ficou na porta. ‘Se eu ver alguém, ele está morto.’ Contou até dez e abriu a porta. Deu uma espiada. O corredor estava vazio até o portão de segurança na ponta, que estava fechado.

Ele voltou para a cela e removeu o bastão, rádio, taser e spray de pimenta de Brand. O problema com quase toda arma não-letal é que ficavam inutilizáveis em espaços apertados. Sem espaço para atacar com o bastão, o spray de pimenta acertaria todo mundo. A única opção era o taser, mas assim que estivesse em mãos poderia ser pego facilmente.

Lock pressionou o taser contra as costas de Brand, encontrado o espaço entre sua armadura e o protetor de virilha. Mareta soltou-o e Lock apertou o botão.

O corpo de Brand vibrou. ‘Porra. Pra que isso?’

‘Minha própria satisfação.’

Lock pegou o microfone e receptor de ouvido do rádio de Brand. ‘Ok, qual o seu canal reserva?’

‘Três,’ ele disse exasperado.

Lock sabia que sempre havia um canal alternativo para comunicações caso o primeiro fosse descoberto. Era algo decidido de antemão. Por vezes era decidido em incrementos pré-determinados, como dois e três. No geral, os padrões eram fáceis de se adivinhar, pois tinham que ser tão simples quanto seus usuários.

‘É melhor eu ouvir alguma coisa, ou vou tirar toda essa armadura e deixar a Mareta se divertir com a faca,’ Lock disse enquanto ajustava o rádio.

Ele escutou várias transmissões uma por cima da outra, estouros de estática piorando a situação. Lock abaixou o volume.

‘Sem chances de você escapar daqui, Lock.’ Lock acertou Brand com o taser novamente. Ele gritou.

‘Quando eu quiser sua opinião, te aviso.’

‘Não pode pelo menos tirar a merda da faca da minha bota?’ ele pediu.

‘Claro.’

Lock se ajoelhou e puxou a faca da bota de Brand. Ela saiu com um ruído cortante e sangue. Ele limpou a faca e a manteve em sua mão.

Haviam várias perguntas que estavam incomodando Lock. Não apenas à respeito de Josh – ele já tinha resolvido a maioria dessas – mas sobre a presença de Mareta e dos outros presos.

‘O que ela está fazendo aqui?’ Lock perguntou, virando a cabeça.

‘Cobaia de teste. Precisam testar em seres humanos e ela foi o mais próximo que conseguimos.’

A resposta espertinha deu a Brand mais uma visita de alta voltagem do taser.

‘É por isso que ela ainda está viva?’

‘Isso aí.’

‘E você pegou o filho de Hulme para que ele pensasse que tinha sido os ativistas? Fazê-lo voltar por medo.’

‘Não foi ideia minha.’

‘E o Stokes?’

‘Ele ficou sabendo dos testes em humanos. Algum cidadão do bem deve ter vazado a informação. Ele usou-a como influência para conseguir o que queria, mas sabe o que a empresa acha de gente assim.’

‘Hulme sabe de alguma coisa sobre isso?’ perguntou Lock.

‘Duvido. Pareceu bastante chocado quando percebeu quem substituiria os macacos.’ Brand deu uma

olhada na direção de Mareta, que estava de pé com a cabeça jogada para cima, apertando o nariz para reduzir o sangramento.

‘Por que uma chechena?’

‘Nem ideia. Provavelmente foi pega no Oriente Médio. Achei que receberíamos os restos da Baía de Guantánamo mas me enganei.’

‘Ok, Brand. Como saímos daqui?’

‘Já te falei, Lock. Você não sai. Nesse momento, esse lugar tá mais seguro que uma prisão. Se você passar pelo nosso pessoal, o exército vai estar esperando no perímetro.’

‘Temos você.’

‘Grande coisa. São tão dispensável quanto você. Assim que tiverem a chance, vão te deixar parecendo queijo suíço.’

‘Melhor tirar essa armadura então.’

Mareta e Lock assistiram enquanto Brand se despia. Lock, não se sentindo muito cavalheiro, pegou a proteção extra das roupas de Brand e colocou sob as suas antes de entrar na armadura, deixando o capacete de fora no momento. Ele se confortou com o fato de que Mareta era a pessoa mais segura entre os três. Seu status como cobaia garantia isso.

O barulho no rádio tinha sumido. Lock aumentou o volume e esperou. Quando estava imaginando se não houvera outra troca de canal, escutou um pouco de estática e a voz de Stafford surgiu pelo rádio.

‘Lock? Tá ai?’

Lock levou o walkie-talkie até os lábios. ‘Tô.’

‘O Brand tá vivo?’

‘Todos estão. Por agora.’

‘Em cinco minutos o exército estará aqui.’

‘O exército?’

‘Isso mesmo.’

‘Não envolva eles nisso, Stafford. Se alguém de lá soubesse o que você tem feito, te jogariam de helicóptero no meio de Teerã com uma foto do Bin Laden pregada na sua bunda.’

‘Cinco minutos, Lock. Vou matar todos nessa cela se for preciso.’

‘Balela. Você precisa da mulher para completar os testes.’ Stafford não respondeu, o que disse muita coisa.

Lock virou para Mareta. ‘Você é a expert em fugas. O que fazemos agora?’

‘Fazemos isso,’ ela respondeu, cortando a garganta de Brand.

Cinquenta e Nove

Stafford estava no fim do corredor com a Glock de Brand quente contra sua mão. Três portas a frente, a cela de Lock se abriu e um objeto esférico rolou para fora. Levou um segundo para registrar o que era. Os olhos velados, o escalpo raspado. Um ferimento serpenteando pelo crânio. Era a cabeça de Lock. A maluca tinha feito picadinho de Lock e jogador sua cabeça no corredor como se fosse uma bola de boliche.

O estômago de Stafford embrulhou, e um jantar de duzentos dólares caiu sob sapatos de quinhentos.

Uma figura saiu da cela, rosto obscuro pelo visor do capacete, empurrando Mareta para frente com a faca contra o pescoço dela. Seu rosto estava um horror, o cabelo empapado de sangue.

‘Meu deus,’ disse Stafford, acenando para dois guardas abrirem a porta. ‘Ele conseguiu.’

A figura deu mais uma empurrada em Mareta. Com força. A força empurrou-a até a porta aberta e os dois guardas. Eles se mexeram para agarrá-la.

Assim que o fizeram, a figura estendeu a mão e pegou a Glock de Stafford. Impressionado, ele nem tentou impedir o movimento.

‘Você conseguiu, Brand!’

A figura apontou a arma contra sua cabeça.

Stafford ficou sem saber o que dizer. ‘Escuta, não precisa ficar assim. Eu sabia que conseguiria. Lock não tinha chance contra você.’

O visor levantou.

‘É mesmo?’ disse Lock, segurando Stafford e colocando o barril da Glock contra sua têmpora.

Um grito surgiu de um dos guardas enquanto Mareta avançava contra ele, tentando remover o protetor de garganta. Ele levantou a mão para bloqueá-la e ela a mordeu. Quando sua arma caiu contra o chão, a outra mão de Mareta, segurando a faca, foi até o rosto do homem, encontrando a abertura em sua armadura e levando a ponta da faca até a carótide. Um jato de sangue jorrou irregular e forte contra a parede, mas Mareta não parou, indo contra o segundo guarda.

Lock empurrou Stafford, abaixou a Glock e mirou o melhor que pode usando a mira de ferro a curto alcance. Ele atirou uma única bala na perna de Mareta. Ela soltou o guarda, levando a mão até onde tinha sido alvejada. O guarda levou-a contra o chão, pegando a faca e colocando um joelho contra suas costas.

Tarde demais, Lock viu Stafford se abaixando para pegar a arma do guarda morto. Ele se virou, mirando sua Glock contra Stafford, mas não antes do guarda ajoelhado em cima de Mareta apontar sua arma diretamente para o rosto de Lock.

Ele sentiu o ponto vermelho de uma mira à laser passeando de sua boca até o espaço entre seus olhos. Lentamente, ele tirou o dedo do gatilho da Glock e colou-a gentilmente no chão.

Sessenta

No bloco hospitalar, Lock estava preso contra uma maca. Do outro lado do quarto, Mareta também estava presa, sua perna esquerda completamente ensanguentada. Richard Hulme, que tinha sido recrutado como médico de emergência, estava ao seu lado.

‘Como isso aconteceu?’ ele perguntou a Stafford, que estava andando pelo quarto.

‘Pergunte ao guarda florestal ali,’ ele respondeu, acenando na direção de Lock.

Lock descansava o queixo contra seu peito. Suas únicas feridas eram cortes e contusões que tinha recebido quando apanhou depois de abaixar a Glock. Todos os guardas eram membros do grupo de Brand. Mágoa, nesse caso, se manifestou na forma de chutes e socos contra Lock até que chegasse no bloco hospitalar.

Mas Lock tinha notado que enquanto ele levava uma surra, eles não encostaram um dedo em Mareta. Ela era uma mulher. Estava machucada. Mas ele não achava que isso teria parado eles. Precisavam dela. E agora, ele esperava, precisariam dele o suficiente para mantê-lo vivo por mais um tempo.

‘A boa notícia é que eu não acho que precisará de amputação,’ Richard disse. ‘Mas precisaremos levá-la a um hospital de verdade assim que possível.’

‘Não vai rolar,’ disse Stafford. ‘Vai ter que dar um jeito na ferida dela aqui. Conseguiremos o que você precisar.’

‘Não faço nada desse tipo a vinte anos.’

‘Ótima oportunidade para relembrar suas habilidades, então.’

‘Pai!’

Josh estava parado na entrada do quarto, ao lado de dois guardas.

‘Desculpe,’ disse um deles enquanto o outro tentava retirar Josh da sala. ‘Tudo que escutamos foi que o Dr. Hulme estaria aqui.’

Josh se livrou do guarda e foi até seu pai. ‘O que tem de errado com essas pessoas?’ ele perguntou, olhando para Lock e Mareta.

‘Tiveram um acidente. Mas não se preocupe, Papai vai deixá-las bem. Agora, por que não volta para o seu quarto?’

Um dos guardas se aproximou para escoltá-lo.

‘Vamos lá.’

‘Não, deixe que ele fique,’ interrompeu Stafford.

Lock assistiu enquanto Josh olhava de seu pai para Stafford, sem saber quem obedecer. Era a primeira vez que via o garoto além das fotos. A raiva que sentiu por ter sido usado como peão no plano de Stafford agiu como anestésico para sua dor. Maldição. Ele deveria ter atirado nele quanto teve a chance.

Stafford voltou sua atenção para Mareta e fez uma careta ao encarar o ferimento dela. ‘Ela ainda tá bem para os testes?’ ele perguntou para Richard.’

‘Ficou louco? Claro que não.’

‘Não poderia dar uma alterada nos resultados?’

‘Pera um pouco. Primeiro queria que eu aprovasse os resultados, agora quer que eu os falsifique?’

‘Você está certo. Mas isso nos deixa com uma cobaia a menos. Precisaremos de alguém para substituí-la.’

Lock viu o olhar de Stafford cair sob Josh.

‘Imagino se teria algum benefício clínico em ver quão efetiva é a vacina em um grupo de idade diferente?’ murmurou Stafford.

Richard se posicionou entre Stafford e seu filho. ‘Vai se danar, Stafford.’

Lock lutou para levantar a cabeça. ‘Podem me usar.’

Sessenta e Um

Carrie aumentou a janela do RealPlayer em seu computador. A tela estava preta, com exceção da hora e data no canto esquerdo. Se estivessem corretos, o vídeo teria sido gravado às dez para meia-noite, um mês antes de Gray Stokes ser morto fora da Meditech.

Um texto branco foi aparecendo na tela. Alguém tinha gasto tempo criando isso. Carrie pegou um bloco de notas amarelo e escreveu o que estava na tela.

1ª FASE DE TESTES DO DH-741

SALA DE TESTES EM ANIMAIS DA MEDITECH

REAÇÃO DAS COBAIAS DE TESTE

EXPOSIÇÃO AO FILOVIRUS PÓS-VACINAÇÃO

O texto foi cortado abruptamente para uma gravação. Trêmula, amadora, roubada. Metal cinza tomou conta da tela. Um zoom para fora revelou que o cinza era a barra de uma jaula. Outra barra apareceu, e então Carrie conseguiu distinguir o macacado marrom. As mãos dele agarravam a barra, sua boca aberta mais do que parecia possível. Ele gritou. Lágrimas vermelho-sangue caíram de seus olhos. Ele balançou as barras da jaula.

A câmera virou, mostrando seu vizinho batendo a cabeça contra as barras, arranhando os próprios olhos com os dedos. Gritos vieram de todas as partes.

Na jaula seguinte, o macaco se contorcia. Suas costas se dobravam para cima e para baixo, como se estivesse recebendo uma forte descarga elétrica. Feições quase humanas se contorciam de dor. Ele se dobrou mais uma vez, caiu, e não se mexeu.

A pessoa filmando foi passando pelas jaulas. Animais mortos ou morrendo, um depois do outro.

Houve um barulho de uma porta pesada se fechando e alguém entrando.

‘Dr. Hulme?’

E então a tela ficou preta.

Sessenta e Dois

De volta na cela, Lock tentou dormir, mas essa se provou uma tarefa impossível com as algemas, grilhões, um corpo dolorido, e muito remorso.

Ele tinha decidido atirar em Mareta no calor do momento, racionalizando que ela não era a melhor opção para ser jogada contra o público americano, mas sem ter a coragem ou o estômago para matar a mulher. Atirar nela manteve ambos vivos, e deu a ele tempo, apesar de ele não saber para quê. Tinha sido sua melhor, e talvez única, chance de escapar, e ele tinha estragado tudo. O macaco podia estar morto, mas o realejo ainda estava muito bem, obrigado. E ele achava que Mareta também não estava muito feliz.

A porta se abriu de repente e dois guardas equipados entraram.

‘Relaxa, não estou para brigar,’ disse Lock, virando de lado. ‘Apesar de eu estar para vomitar.’

Eles o levantaram e o arrastaram para fora da cela. Ele esperou pelos socos e pontapés mas nada aconteceu.

O portão se abriu no fim do corredor e eles o levaram para fora do prédio. O sol de inverno machucou seus olhos enquanto ia até o bloco hospitalar. Aqui haviam mais portões e mais checkpoints de segurança para atravessar.

Eventualmente chegaram a um quarto do qual Lock lembrava ter passado quando fora levado para a área médica com Mareta, algumas horas antes. Não haviam macas dentro, apenas uma poltrona, uma mesa e uma cadeira. Richard Hulme estava sentado por trás da mesa.

Os guardas deixaram Lock na poltrona.

‘Estou seguro,’ disse Richard.

Os guardas não se mexeram. ‘Desculpe, Dr. Hulme, temos nossas ordens.’ Lock se perguntou o quanto os guardas sabiam sobre o que tinha levado ao seu aparecimento na cela de Mareta. Ele duvidava que Brand teria confiado em muitas pessoas com as informações sobre o sequestro de Josh, ou o papel de Lock em rastreá-lo.

‘Ele está completamente preso,’ Richard devolveu.

‘Como falamos, estamos aqui para garantir sua segurança,’ o segundo guarda respondeu.

‘E eu agradeço por isso. E se vocês querem tanto me ver fazer um exame completo em um homem adulto, incluindo um exame de próstata, fiquem a vontade.’

‘Próstata?’ disse o primeiro guarda.

‘Ele vai enfiar um dedo no meu rabo,’ respondeu Lock. Os dois guardas trocaram olhares.

‘Ele está em amarras,’ o segundo guarda disse, sem apreciar o pensamento do que iria acontecer nesse quarto. ‘Ok, estaremos do lado de fora, mas deixe a porta aberta. Se ela fechar, nós entraremos.’

Assim que estavam a sós, Richard começou o exame com um teste visual. ‘Levou uma bela surra.’

‘Já levei piores,’ Lock mentiu.

Richard se aproximou enquanto procurava sinais de sangramento nos ouvidos de Lock. ‘Acha que tem uma câmera aqui?’ ele sussurrou. E então se afastou. ‘Está sentindo alguma dor?’

‘Diria que sim,’ Lock disse. ‘Mas enquanto for pouca coisa, acho que vou ficar bem.’

Richard entendeu a mensagem e abaixou a voz enquanto continuava o exame. ‘Escuta, conhece o procedimento para esse teste?’

Lock deu de ombros. ‘Isso importa?’

‘No seu caso, sim. Vou te dar um placebo mas quero que aja como se estivesse tendo uma reação violenta assim que eu te der.’ Ele aumentou o tom de voz novamente. ‘Poderia levantar os braços para mim?’

‘E os outros? Vai testá-los também?’ Lock perguntou para Richard enquanto ele colocava o estetoscópio contra suas costas.

‘Espero testar você primeiro.’

‘É muito arriscado. Ainda mais com o Josh aqui.’

‘Não podem me culpar se a vacina não funcionar.’

‘Não acha que vai?’

‘Acho que vai sim, mas não vou brincar de deus com essas pessoas, sejam quem forem.’

‘Talvez não tenha escolha, Dr. Hulme.’

Sessenta e Três

Josh estava deitado na cama lendo quadrinhos. Um para sua idade, diferente daquele álbum horrível. Ele já tinha entendido que se olhasse para outras coisas o suficiente, se livraria daquelas imagens. Mas ele não parecia conseguir se livrar do cheiro do lugar onde fora mantido. Estava em todo lugar.

Ele olhou para cima quando seu pai entrou no quarto. ‘O que tem de errado com a moça?’

‘Ela se machucou em um acidente.’

‘Parecia que tinha levado um tiro.’

‘Ela tinha. Mas como eu disse, foi um acidente. É por isso que você nunca deve pegar uma arma se ver uma.’

‘Ela se comportou mal?’

‘Sim, mas não foi por isso que ela foi baleada.’

‘A Natalya era má?’

‘Não, não mesmo.’

‘Nem um pouquinho?’ Josh olhou para seu pai, percebendo o quanto ele parecia cansado.

‘Ela confiou na pessoa errada, só isso.’

Mareta estava dormindo quando Richard chegou para ver como ela estava. Ele procurou sua mão, amarrada na cama. Os dedos dela se entrelaçaram com os seus quando ela acordou. Sua mão era quente e macia.

‘Como está se sentindo?’

Suas pupilas dilataram e contraíram, tentando focar através da morfina. ‘Yani?’

Seria Yani seu marido? Filho?

‘Não, é o Dr. Hulme. Vim ver como você está.’

‘Minha perna, você salvou ela?’

‘Sim, mas precisamos te levar para um hospital de verdade.’

‘Sabe o que fiz com aquele homem?’

Richard tinha escutado algumas coisas dos guardas sobre como Brand tinha morrido. Cada história era pior que a outra. ‘Não estou aqui para te julgar,’ ele disse.

‘Eu tive que fazer aquilo,’ ela sussurrou. ‘Ele ia me matar. Não tive escolha.’

Ele estudou o rosto dela, a pele morena, os olhos castanhos calmos, as maçãs do rosto elevadas. ‘Está confortável? Quer alguma coisa?’

‘Talvez um pouco d’água.’

Richard foi até a pia do outro lado da sala e encheu um copo com água. Ele ajudou-a a sentar e colocou o copo contra seus lábios. Ela bebericou e então voltou a deitar.

‘Obrigada.’

Então ela tentou alcançar sua mão, as algemas rangendo contra as barras da cama. As pontas dos seus dedos fizeram um círculo na palma da mão dele.

‘Me ajuda. Se eu ficar aqui, vou morrer.’

Sessenta e Quatro

Algemado, Lock foi levado em uma cadeira de rodas através de uma câmara de despressurização e até a sala de testes. Mangueiras vermelhas estavam penduradas no teto. Os dois guardas com roupas biológicas amarelas que tinham-no escoltado checaram as amarras uma última vez.

Lock levantou sua cabeça a tempo de vê-los voltar pela câmara. Um outro homem vestido da mesma maneira vinha na direção oposta. Em suas costas havia um respirador. Richard Hulme estava parecendo o astronauta mais inesperado do mundo.

Lock notou que as mãos de Hulme estavam tremendo quando colocou tudo que precisaria no banco. Cotonetes. Seringas esterilizadas. Ele atravessou o quarto e foi até o que parecia ser um cooler de cerveja com esteroides.

Richard abriu-o, retirou os doze primeiros frascos de alumínio, e voltou a fechar o cooler. Lock sabia que a vacina tinha que ser mantida em uma temperatura constante. Richard tinha lhe dito isso. Uma pequena marca vermelha no rótulo ficaria azul assim que a temperatura aumentasse mais de três graus. Nesse frasco aviam duas marcas. A segunda tinha sido colocada por Richard para denotar que o conteúdo era uma solução salina.

Richard levantou a manga de Lock. Lock tinha ido a execuções suficientes em sua vida para saber que a pessoa que estava para morrer raramente parecia histérica, ou por já terem perdido a cabeça, ou por terem recebido algo para acalmá-los antes de entrarem na câmara.

Lock não gostava de agulhas. Nunca tinha gostado. Então olhou para o outro lado assim que Richard encostou em sua veia com um cotonete. Uma precaução quase cômica, dadas as circunstâncias. Se Lock fosse morrer, duvidava que falta de higiene teria algo a ver com isso.

Uma tela transparente ocupava uma das paredes. Ele conseguia ver Stafford assistindo. Assim que a agulha entrou, Lock mostrou o dedo. Era o que Stafford esperaria. E se Stafford estivesse olhando para ele, não estaria focado em Richard.

Parecia estar funcionando. Com Lock amarrado lá embaixo e bastante poder de fogo entre os dois homens, Stafford sorriu, acenando adeus com quatro dedos.

Richard terminou de encher a seringa. Deu um leve toque no barril para forçar qualquer bolha de ar para fora.

Assim que a agulha foi pressionada contra a pele de Lock, Stafford deu um passo à frente e pressionou um botão no console da sala. Ele se aproximou para falar no microfone. Um alto-falante na parede repassou sua voz. ‘Mudança de planos.’

‘Mas...’ Richard começou a protestar.

A câmara de despressurização se abriu com um chio e dois guardas entraram com outra maca. O homem que estava nela poderia ser de qualquer idade, sua pele com aspecto de velha, o resto do seu rosto escondido por trás de uma barba. Ele fala algo consigo mesmo. Os guardas empurraram a maca para ficar ao lado da de Lock e saíram. Richard tentou ignorar sua irritação e foi pegar outra agulha.

Stafford voltou ao alto-falante. ‘Não deveria usar a seringa que já encheu, Dr. Hulme?’

Richard pegou a seringa que tinha guardado para Lock e pressionou-a contra o braço do homem. Ele fechou os olhos com a serenidade de um viciado em drogas. Talvez estivesse sonhando com todas

aquelas virgens, Lock pensou.

Richard empurrou o pistão, esvaziando o conteúdo do barril, e retirou a seringa do braço do homem. Os olhos dele se abriram. Um olhar de vaga frustração atravessou seu rosto.

‘Agora Lock,’ ordenou Stafford.

Richard abriu o cooler novamente, pegou uma nova seringa do pacote, e encheu-a com a vacina real. Uma capa de suor surgiu nas palmas de Lock. Sua boca estava seca e tinha gosto de cobre.

Do outro lado da tela, o rosto de Stafford permanecia neutro.

‘Pense assim, Lock. Você está fazendo parte da história.’

Lock deu dedo para ele uma segunda vez. Dessa vez, com vontade. Feitas as preparações, Lock olhou estoicamente para o teto. A última coisa que queria ver no mundo era o rosto de Stafford.

A agulhada quase passou despercebida com a dor que seu corpo estava experimentando constantemente. Ele sentiu uma sensação quente se espalhar pelo braço. Tarde demais para fazer qualquer coisa, que não esperar. Ele pensou em se manter no plano e fingir ter um ataque, mas Stafford não seria enganado, mesmo se todos os outros fossem. Além disso, ele não confiava em suas habilidades como ator.

Quando deu por si, Richard estava limpando o local com um cotonete. Ele fechou o furo com um pouco de fita cirúrgica.

‘Como se sente?’ Richard perguntou.

‘Tão mal quanto antes.’

‘Ok, contestante número três,’ Stafford disse, com a alegria de um apresentador de TV.

‘O que acontece agora?’ Lock perguntou para Richard.

‘Esperamos vinte e quatro horas e então você é exposto ao agente.’

‘E então?’

‘Veremos se a vacina é efetiva,’ disse Richard.

‘E se não for?’

Richard desviou o olhar. ‘Você vai morrer.’

Sessenta e Cinco

A processão de cobaias levou mais de uma hora para receber a vacina. Enviados de dois em dois, a maioria se mostrou dócil. Outros nem tanto. Em um dos casos, nem um pouco: a cobaia número onze deixou um dos guardas apagados com uma cabeçada devastadora, o método de ataque padrão para quem está com os braços e pernas presos. Richard teve de injetar o homem na perna. Nenhum dos indivíduos mostrou reação à vacina.

Quando tudo acabou, Richard se juntou a Stafford na sala de observação.

‘Bom trabalho.’

‘Uma enfermeira poderia ter feito isso,’ disse Richard, saindo de seu traje biológico.

‘Poderia, mas é importante que se sinta parte da equipe,’ Stafford comentou.

Isso não tinha ocorrido a Richard até agora. Ao fazê-lo executar tarefas simples como injetar as cobaias, ele se tornava cúmplice. Tinha invadido os direitos humanos deles tanto quanto qualquer outra pessoa. Poderia dizer que tinha sido coagido, mas o que a Meditech tinha feito além de ‘resgatar’ Josh dos ativistas e então mantê-lo a salvo?

Qualquer afirmação que fizesse agora pareceria mentira. Stafford tinha jogado seu jogo de maneira excelente.

‘Não fique tão triste, Richard,’ Stafford continuou. ‘Se isso funcionar, pense nas vidas que seriam salvas.’

‘E no dinheiro que você fará.’

‘O dinheiro que *nós* faremos. Isso é um negócio colaborativo.’

‘Acabei aqui?’ Richard perguntou.

‘Por enquanto.’

Richard voltou, sozinho, para ver Josh. Dava pra sentir o alívio no ar. Uma tensão coletiva que tinha se acumulado até o momento do início dos testes parecia ter dissipado. Até os guardas, que estavam extremamente vigilantes e prontos para atirar desde o acidente com Brand, pareciam ter se acalmado. Um deles até falou um elogio para Richard quando ele passou.

Talvez tudo desse certo, ele disse para si mesmo. Se a vacina funcionasse, Stafford ficaria feliz. Richard poderia ir embora. Esquecer de tudo isso.

Se prendendo a esses pensamentos, ele abriu a porta de seu quarto. Josh estava deitado por baixo do cobertor. Ele se sentou na ponta da cama e passou a mão pela cabeça do filho.

Mas seus dedos encontraram apenas o travesseiro. Preocupado, ele levantou o cobertor, jogando-o com o travesseiro no chão.

A cama estava vazia.

Sessenta e Seis

Uma luz acima da cama deixou Mareta em foco. Além disso, estava tudo escuro. O guarda que deveria cuidar dela tinha sumido. Pelo que ela tinha percebido de seu hálito e da cor de sua pele, ele teria saído para fumar.

Mas ela não estava sozinha. Perto da cama, Josh estava sentado em uma cadeira.

‘O que aconteceu com sua perna?’ ele perguntou. ‘Digo, o que realmente aconteceu?’

‘Um homem atirou em mim.’

Josh não reagiu. ‘Foi o que pensei. Por que ele atirou em você?’

‘Para se salvar.’ Ela parou. ‘E talvez para me salvar.’

As sobrancelhas de Josh se juntaram quando ele tentou entender a lógica e não conseguiu. ‘Você fica entediada de estar aqui deitada o tempo todo?’

‘Muito,’ Mareta disse.

‘Eu também.’

Mareta virou a cabeça e sorriu para ele. ‘Que tal jogarmos um jogo?’

Richard correu até o bloco de acomodação, o guarda ao seu lado tendo dificuldades para acompanhá-lo.

‘Não se preocupe, Dr. Hulme, vamos encontrá-lo. Ele provavelmente saiu andando pelo complexo.’

Richard encontrou Stafford entrando em seu carro. Correu para alcançá-lo. O guarda se posicionou entre eles.

‘O que fez com ele?’ demandou Richard.

‘Do que diabos você tá falando?’

‘Josh sumiu.’

‘Esse jogo parece difícil,’ disse Josh, contando o tanto de coisas que tinha que fazer com os dedos de uma mão.

‘Pensei que você fosse bom com jogos.’

‘Eu sou.’

‘Então prove para mim.’

O queixo de Josh se levantou. ‘Ok, então, provarei.’

‘Então vou contar até duzentos,’ Mareta disse, fechando os olhos.’

‘Até mil.’

‘Ok, mil. Um. Dois. Três...’ Josh se virou e correu para fora do quarto.

Tendo assegurado Richard de que ele ajudaria a encontrar Josh, Stafford entrou em seu carro e ligou para seu pai. ‘Tá tudo indo como um sonho,’ ele contou.

‘O primeiro estágio está feito?’

‘A vacina não mostrou nenhum efeito adverso até agora.’

‘Mas também não mostrou nos animais,’ Nicholas Van Straten disse friamente.

‘Mas alteramos ela desde então.’

‘E o Brand?’

‘O que tem ele?’

‘Achou que eu não ficaria sabendo, Stafford?’

‘Tivemos um problema de segurança. Já foi resolvido.’

‘E que se mantenha assim. Tenho recebido uma quantidade absurda de problemas da imprensa por causa desse vídeo.’

‘Que vídeo?’

Josh tinha participado de caças ao tesouro antes, só não de uma onde não pudesse ser visto. Era difícil. Ainda mais quando tinha tanta gente correndo por ai. A parte boa é que ele só tinha que encontrar um item, apesar de não saber como. Tudo que podia fazer era dar seu melhor.

Assim que se agachou em um canto do corredor, um dos guardas passou por ele. Ele possuía o item, preso no cinto. Não tinha jeito. Teria que achar alguém que não tivesse o item preso no cinto. Ele sabia onde os guardas dormiam quando não estavam trabalhando. Missy tinha mostrado a ele quando chegaram. Talvez tivesse sorte lá.

O guarda apagou seu cigarro quando o homem em um jaleco branco correu até ele. Um dos cientistas, um dos mais antigos, se não se enganava.

‘Estava voltando para dentro, senhor.’

‘Para dentro? Onde você deveria estar?’

‘No bloco hospitalar.’

Richard segurou a manga do guarda. ‘Me mostra.’

Josh entregou as chaves à Mareta. ‘Em que número você estava?’

‘Novecentos e noventa e nove,’ Mareta disse, escondendo as chaves nas dobras do lençol.

‘Ufa, cheguei bem a tempo.’

‘Você foi excelente.’

A porta se abriu com força e Richard entrou, acompanhado de dois guardas. Ele levou Josh aos seus braços, pressionando a cabeça do filho contra seu ombro.

‘Ele tá bem?’ um dos guardas perguntou.

‘Por que não estaria?’ Mareta disse.

‘Estavamos só jogando um jogo. Estou encrencado?’ A voz de Josh estava cheia de preocupação.

‘Só não faça isso de novo, me entendeu?’ Richard brigou com ele.

‘O que achou que eu faria?’ Perguntou Mareta, segurando o pequeno molho de chaves na mão.

Ela esperou uma hora antes de chamar o guarda.

‘Posso beber um pouco de água?’ Ela perguntou, com a voz rasgada.

‘Claro.’

Ele trouxe um copo. Ela lutou para se sentar. Quando ele colocou um braço em suas costas para ajudá-la a levantar, ela usou a mão livre para enfiar dois dedos com força em seus olhos. Sua outra mão pegou o cabelo atrás de sua cabeça, puxando seu rosto tão perto que ela conseguia sentir o cheiro do tabaco. Então ela mordeu seu nariz, removendo a ponta carnuda e um pouco de cartilagem com os dentes

da frente.

Perto demais para conseguir dar um soco nela, ele balançou os braços. Em silêncio, Mareta enfiou um pouco do lençol ensanguentado na boca dele para abafar os gritos.

Sessenta e Sete

Lock acordou subitamente, surpreso por duas coisas. Ele estava vivo, e a porta de sua cela estava aberta. Se levantou com dificuldade e foi até o corredor. Vazio.

Ele ficou lá por um momento, tentando se orientar. Não tinha dormido tão em semanas, mesmo que tivesse sido só por algumas horas. O gosto de cobre ainda estava na sua boca, mas fora isso, além das dores corporais, ele se sentia bem.

Escutou um click e a porta da cela próxima à sua se abriu. Como as portas externas, devia ter algum tipo de controle remoto. Um homem saiu, o que tinha sido injetado com o placebo designado a Lock. Ele piscou os olhos e foi dar um tapa no ombro de Lock, como se o contato físico fosse tirar ele do que parecia ser um sonho.

Houve outro click. Outra porta se abriu. E então outra, e outra. Em menos de dois minutos, todas as cobaias emergiram. Todas pareciam estar bem.

Se juntaram em pequenos grupos, alguns sussurrando com urgência. Um deles foi até Lock e o encarou.

O cara do placebo se posicionou entre eles, conversou com o homem. Ele foi embora.

O portão no fim do corredor se abriu. Eles foram até lá.

Um dos homens disse algo que foi recebido com risadas de alguns outros. O cara do placebo levou as mãos algemadas até a cara e pediu silêncio.

Lock estava por último quando passaram pelo portão aberto. Assim que o atravessou, o portão se fechou atrás dele. Os homens no fim da fila levaram um susto quando ele se fechou. No fim do corredor, a porta se abriu. Eles foram em direção à escuridão.

Todos os doze ainda estavam algemados, e eram uma visão surreal enquanto se arrastavam sob o luar, uma gangue algemada liderada pelo cara do Placebo. Ele sibilou para que se separassem, orientando-os de volta às sombras.

Lock escolheu a hora certa e se separou do grupo. Ele tinha tanta noção do que estava acontecendo quanto eles – nenhuma. Mas ele sabia que com a quantidade de poder de fogo nos arredores, estar em campo aberto era a pior ideia possível.

O cara do placebo mandou dois homens irem na frente. Eles o fizeram, andando até a ponta do prédio. Então pararam subitamente.

Lock conseguia ouvir o guarda vindo pelo canto, não por causa dos passos, mas por que estava no rádio avisando a sala de controle que tinha checado um setor e estava indo para o próximo. Procedimento padrão de segurança. Checado e confirmado. Checado e confirmado. Repetindo até morrer. Talvez literalmente no caso dessa pobre alma.

‘Parasita para Base, Parasita para Base. Amarelo checado, indo para o vermelho.’ Houve uma pausa.

‘Base? Pode confirmar?’

Fazia sentido que o guarda não estivesse conseguindo resposta. As celas tinham sido abertas remotamente, e a única maneira de fazer isso era pela sala de controle.

Haviam doze deles aqui. O que deixava uma pessoa com paradeiro desconhecido.

Sessenta e Oito

O quarto estava vazio quando Lock chegou. Havia alguns livros, algumas roupas de criança, mas nada de Josh. O ideia de que os fugitivos tinham chegado a ele primeiro passou por sua mente, apesar de não haver sangue ou sinais de luta.

Ele pegou um dos suéteres do garoto e ficou ali um instante. Então saiu do quarto, direto para o barril de uma M-16 empunhada por um Hizzard pálido.

‘Fica de quatro.’

‘Hizzard, não temos tempo pra essa imbecilidade.’

Medo parecia ter colocado Hizzard no piloto automático. ‘Como escapou do bloco de acomodação?’

‘Teletransportei.’

Hizzard acertou ele com a arma. ‘No chão.’

Lock acenou com a mão na frente do resto dele. ‘Hizzard, sou eu, Lock. Lembra?’

‘Você é um detento. Fui incumbido de encontrar e retornar todos os detentos para o bloco.’

‘Olha, boa sorte com isso. Você tem doze chechenos, iraquianos, paquistaneses, ou o que forem, soltos e com raiva, e não temos muito tempo para contê-los.’ O discurso de Lock foi pontuado por um barulho de tiro distante.

‘E como eu sei que você não tá mentindo?’

‘Quem diabos se importa se estou mentindo ou não? Não entendeu o que eu acabei de dizer? Isso é um complexo de pesquisa biológica de nível quarto que está para ser tomado por terroristas. Agimos agora ou morremos todos.’

Hizzard pegou seu rádio.

‘Isso também não vai te ajudar muito. Acho que a sala de operações foi invadida. Não vai receber nada útil de lá.’

Dúvida passou pelos olhos de Hizzard. ‘Hizzard para Base.’

A resposta foi um pouco de crepitação estática e então uma voz, feminina, com sotaque. ‘Base para Hizzard. Vá para fora e bote sua arma no chão.’

Sob outras circunstâncias, Lock teria se permitido um sorriso ao ver a expressão de *fodeu* tomar conta do rosto de Hizzard. Em vez disso, ele tomou a M-16 dele.

‘Tem uma arma reserva?’

Hizzard mostrou o interior da jaqueta. ‘Glock.’

‘Melhor que nada,’ Lock disse, colocando a M-16 para dar tiros únicos e saindo do prédio, sendo seguido por um Hizzard relutante. ‘Quantos guardas estão trabalhando?’

‘Acho que uns doze.’

‘Acha?’

‘Isso.’

Clássica operação de Brand, pensou Lock. ‘E as armas? M-16s e Glock?’

‘Tem outras coisas no depósito.’

‘Opa, calma lá. Que depósito?’ Lock perguntou, tentando voltar ao próprio universo.

‘Aquele prédio ali.’

Hizzard apontou na escuridão para um pequeno prédio a uns cento e vinte metros de distância, posicionado entre dois outros prédios. Lock tinha suposto ser algum tipo de sala de caldeira ou um prédio com gerador reserva.

‘Tem acesso a ele?’

Hizzard botou a mão no cinto. ‘Claro, tenho a chave aqui.’

‘Perfeito.’

‘O que?’

‘Bom, se você tem a chave, presume que os outros doze guardas também tenham.’

‘Não sei.’

‘Vamos lá, Einstein, dar uma olhada.’

A porta principal estava escancarada quando chegaram lá. Aço reforçado derrotado por pequenas chaves. ‘Amador’ era um elogio para o lugar. Lock deixou Hizzard entrar primeiro, e seguiu-o.

Algumas caixas de cartuchos sortidos estavam jogadas no chão, mas a julgar pelas prateleiras vazias, o lugar tinha sido limpo.

A tampa distorcida de um grande baú de metal estava aberta em um ângulo estranho. Hizzard foi até ela e espiou os conteúdos. ‘Merda.’

‘O que tinha ali? Lança-foguetes?’ perguntou Lock.

‘Não, ali era onde Brand mantinha os explosivos plásticos.’

Sessenta e Nove

Lock e Hizzard saíram do depósito com barulhos de tiros preenchendo o silêncio.

Passaram por canto do prédio, Lock fazendo uma volta mais larga caso os fugitivos estivessem ali, e Hizzard provendo cobertura, com a Glock estendida.

‘Tudo limpo,’ sussurrou Lock, um segundo antes de um dos detentos aparecer em sua visão.

Lock começou a levantar sua M-16, mas era tarde. O detento já tinha avistado Lock. O tempo ficou devagar para Lock. Hizzard se virou, mas estaria muito atrasado.

Então, assim que o detento ofereceu um sorriso cheio de dentes quebrados e seu dedo começou a jornada milimétrica para puxar o gatilho, um tiro atravessou o meio de sua testa. Ele caiu de cara, sua arma atirando no chão e não em Lock, enquanto Ty deixava sua cobertura à esquerda. ‘Foi um, faltam onze,’ ele disse, indo até o detento.

Lock olhou para seu parceiro. ‘Você estava lá o tempo todo, não é mesmo?’

Ty sorriu. ‘Com certeza.’

‘Você é um grande babaca às vezes, sabia disso, Tyrone?’

‘O que posso dizer, cara? Aprendi com o melhor.’ Ele se virou para Hizzard, que ainda estava com a Glock mirada no detento morto. ‘Tudo bem por ai, Hizzard?’

Lock respondeu por ele. ‘Uma garrafa de Jack Daniels, um tubo de Anusol, e nosso chapa estará novinho em folha.’

Ty virou o detento para cima com a bota. ‘É. Mortinho.’ Ele deixou o homem cair novamente, e deu um soco de brincadeira no ombro de Hizzard. ‘Isso não é divertido?’

Conseguiam escutar sirenes distantes, e mais tiros no perímetro. Continuaram em direção ao seu objetivo, a sala de controle, cuja entrada estava a duzentos metros deles.

A entrada ficava cercada de campo aberto. Lock não conseguia ver nenhum fugitivo, ou guarda. Presumivelmente, os fugitivos estavam na ponta do complexo engajados em combate, enquanto os guardas de Brand estavam escondidos em algum lugar tentando entender o que tinha dado tão errado tão rápido.

Lock deixou Ty e Hizzard oferecendo cobertura e se preparou para correr. Como na hora de pular de um trampolim, ele sabia que era melhor não parar para pensar. O segredo, como quase tudo na vida, era botar um pé na frente do outro. Nesse caso, o mais rápido possível.

Vá. Ele correu para a entrada, percebendo apenas a própria respiração e seus pés correndo contra o chão. Segurava a M-16 com as duas mãos. Esperou para ouvir tiros de cobertura de Hizzard e Ty, mas não escutou nada.

Ele chegou até a porta, parou para dar três respiradas fundas, se ajoelhou e preparou a M-16, dando cobertura para os outros dois chegarem até ele.

Assistir Ty correr era pior do que ele mesmo correr. Continuou esperando pelo barulho de tiros mas não veio nada.

Ty e Hizzard comemoraram, animados por terem escapado da Morte.

Dentro do prédio, tudo estava quieto. Uma trilha de sangue marcava o caminho para a sala de controle. Lock e Ty foram segui-la, deixando Hizzard para cuidar da entrada.

A sala de controle tinha vidro reforçado em três lados. Mareta mal notou-os ao se aproximarem.

Lock conseguia ver também Richard. Josh estava aninhado em seus braços, dormindo.

Ela tinha a visão perfeita para acertá-la. Duvidava que um primeiro tiro penetraria o vidro, mas um segundo ou terceiro conseguiria. Mas ela continuava serena. Então ela se levantou. Ty abaixou a arma. Quando ela se virou para eles, ele viu o porquê. Ao redor de seu peito estava um cinto de explosivos preparado às pressas. Tiras de C4 presas com fita isolante a intervalos de três centímetros, com um detonador na cintura.

Lock tinha visto cintos suicidas antes, mas esse era diferente nos outros caseiros por um motivo preocupante. Explosivos, especialmente algo como o C4, eram difíceis de se conseguir, e portanto eram raramente usados. O que causava o dano era o material preso ao redor dos explosivos – unhas, parafusos, pregos. O que tornava esse dispositivo diferente era a quantidade de explosivos. Facilmente dois ou três quilos. Mareta não explodiria, ela evaporaria completamente. Assim como todos os outros na sala, provavelmente.

Setenta

Frisk estava a vinte metros do perímetro do complexo e assistia enquanto, do outro lado do muro, formas negras andavam de prédio em prédio. Ele olhou envolta para o grupo que o acompanhava. FBI, ATF, SWAT. Estavam todos aqui, e tinham planos diferentes sobre como proceder. Apesar da Força-Tarefa Anti Terrorismo da qual fazia parte tinha sido planejada para deixar uma cadeia de comando claro, era difícil se livras de velhos hábitos.

Frisk levantou o olhar para ver uma figura solitária adentrando a área iluminada pelos holofotes da SWAT no portão principal. A figura levantou as mãos em um ato de rendição. Frisk cerrou os olhos para ver melhor.

Logo ela estava próxima o suficiente para Frisk o identificar.

‘Filho de uma mãe.’ Ele deveria ter adivinhado.

Alguns oficiais da SWAT em trajes biológicos correram até Ty, segurando escudos balísticos e com pistolas presas na cintura. ‘No chão!’ gritou um deles.

Ty acenou dispensando-os. ‘Escuta, não fui exposto. Mas preciso falar com alguém, agora.’

‘Vai pro chão ou vamos abrir fogo!’ o oficial da SWAT avisou, balançando a arma.

Frisk observou enquanto Ty ficava na posição, e algemas era colocadas em seus pulsos. Eles o trouxeram de volta ao perímetro. Homens e mulheres que tinham passado a vida inteira lutando contra o pior que a raça humana tinha a oferecer se afastaram.

Frisk foi atrás quando Ty foi levado até um trailer branco. Três passos e estava dentro. Era um laboratório móvel. Duas outras pessoas em trajes biológicos o cumprimentaram.

‘Já falei, eu estou limpo.’

‘Precisamos ter certeza.’

Ty ofereceu o braço. ‘Quanto tempo isso vai levar?’

‘Trinta minutos.’

Uma das pessoas pegou uma amostra de sangue. ‘Isso vai nos dizer se você tem uma das dez principais doenças hemorrágicas.’

‘E se eu tiver?’

‘Será posto em quarentena e tratado.’

‘Vocês conseguem tratar essas coisas?’

‘A maioria. Com exceção da variante de Ebola. Ainda não temos vacina pra essa.’

Dez minutos depois, Frisk entrou no trailer, também em um traje. Ty o cumprimentou com um aceno de cabeça. ‘Gatinha para um branquinho,’ ele disse, ‘apesar de que eu consideraria levantar as calças um pouco.’

‘Deveria saber que você e Lock estariam no meio disso tudo. O que diabos está acontecendo lá dentro?’

‘Versão longa ou curta?’

‘Curta.’

Ty contou a ele. Com cada novo fragmento de informação, Frisk ficou mais pálido. Tudo que ele sabia é que um tiroteio tinha começado em um complexo biológico de Nível 4.

‘Então por que te mandaram aqui?’ ele perguntou para Ty.

‘Mensageiro.’

‘E qual a mensagem? O que eles querem?’

‘Uma promessa assinada pelo Presidente garantindo a eles o status de prisioneiros de guerra sob a Convenção de Genebra, assim como uma garantia de que não serão deportados Ah, sim, e uma foto autografada do Will Smith.’

‘Só isso, hein?’

‘A última parte é negociável. Acho que aceitaram uma do Eddie Murphy se pressionados.’

‘Que bom que você está achando tudo isso engraçado, mas eu estou longe de ter a autoridade para oferecer promessas assinadas pelo executivo.’

‘Então é melhor começar a jogar isso pra cima da cadeia de comando.’

‘Mesmo que consigamos o acordo, eles vão todos para a prisão pelo resto de suas vidas.’

‘Sabem disso.’

‘Ok, vou repassar o pedido,’ disse Frisk, saindo do trailer. ‘Mas é isso, certo? Não tem nada mais.’

‘Nada.’

Ty assistiu Frisk sair do trailer. Ele descruzou os dedos e soltou um suspiro. Mareta tinha outra demanda mas Lock tinha falado para ele não mencioná-la, apesar de Ty já saber que deveria omití-la. Assim que ele estivesse liberado, Ty cuidaria dela pessoalmente. Na verdade, estava louco para isso.

Setenta e Um

Ty encontrou Carrie no meio dos furgões das transmissoras que estavam no fim da pista. A boa notícia é que ele estava liberado. A má notícia é que ele teria de convencê-la a ajudá-lo com algo que poderia deixar ambos vivendo por trás das grades pelo resto da vida.

Assim que ela o viu, correu até ele. ‘Onde está Ryan? O que está acontecendo?’

‘Tá perdendo a calma, garota. Não deveria inverter a ordem dessas perguntas? Já que é da imprensa e tal.’

‘Só me fala.’

‘Ele está lá dentro. Não diria que ele está seguro, mas está bem, considerando a situação.’

‘Que situação?’

Ty puxou-a para o fundo do furgão. ‘Ele precisa da nossa ajuda.’ Carrie respirou fundo e se concentrou. ‘Ok, que tipo de ajuda?’

Ty já tinha decidido dar as informações por partes. ‘Tem um carro aqui?’

‘Não.’

Ele mostrou um molho de chaves. ‘Droga, teremos que usar o do Lock então.’

‘Ty, o que está acontecendo?’

‘Cadê o cachorro imbecil que ele deixou com você?’

‘No furgão, dormindo.’

‘Vamos precisar levá-la conosco.’

‘Onde? Onde estamos indo?’ Ela olhou de volta para o furgão. ‘Estou trabalhando aqui. Não posso simplesmente ir embora.’

‘Ryan precisa que você faça isso.’

‘Mas ainda não me disse o que é “isso”. E não vou a lugar nenhum até que diga.’

Ty colocou a mão no estepe que ficava na porta de trás da van. ‘Pensando bem, podemos usar isso também. Matar dois coelhos com uma cajadada só. Pode arranjar sua história enquanto eu faço minha entrega.’

‘Você é surdo? Eu não vou a lugar nenhum até alguém me dizer porquê.’

‘Então muita gente vai morrer.’

‘Tudo bem, mas pelo menos me diga aonde vamos.’

Ty acenou para o cinegrafista de Carrie. ‘Para dentro do carro.’ Então virou para Carrie. ‘Nós vamos aplicar um pouco de responsabilidade corporativa.’

Setenta e Dois

Mareta assistia as formas negras passando pelas telas dos monitores com o interesse de um policial aposentado no turno da madrugada de um shopping. Ela apanhou alguns analgésicos, checkou a hora no canto esquerdo da tela mais próxima, girou a cadeira e atirou no rosto do guarda mais próximo dela.

Josh tremeu em seu sonho quando Richard o deixou com Lock e foi até o homem que estava morrendo. Um rastro de sangue cobriu o rosto de Richard – uma recompensa injusta pelo ato de compaixão.

Lock botou sua mão atrás da cabeça de Josh e apertou o garoto contra seu peito. Mesmo com a capacidade aparentemente infinita de absorção das crianças, alguns coisas eram melhores se não fossem vistas.

Lock sentiu os braços e pernas de Josh ficarem rígidos enquanto Richard cuidava do guarda. Ele se alongou o máximo possível, trocando olhares com Richard enquanto o fazia.

‘Deixa o garoto ir, Mareta. Ele já foi usado o suficiente.’

‘Não vou machucar o menino.’ Mareta esperou. ‘Desde que minhas demandas sejam cumpridas.’

‘Esse país não negocia com terroristas.’

‘Correção. Não aparenta negociar. Existe uma diferença.’

‘Olha, você me tem, você tem ele,’ disse Lock, indicando Richard.

Ela girou na cadeira, o movimento súbito deixando Lock com o coração preso na garganta. ‘Não fui eu que criei essa situação,’ ela disse.

Houve movimento do lado de fora da sala de controle. Um dos detentos, um jovem paquistanês chamado de Khalid, levou três guardas da Meditech para dentro. Seus uniformes estavam rasgados, e o olho de um dos guardas estava se fechando da surra que tinha levado. Mareta abriu a porta e eles foram empurrados para dentro, forçados a sentar no chão.

‘Ok, vou fazer um acordo com você,’ Mareta disse. ‘Assim que seu amigo entregar o pacote para nós, o garoto pode ir. Mas enquanto isso, a cada hora que se passar, um desses homens vai morrer.’

Lock sabia que discutir não adiantaria de nada. ‘Já expliquei pra você que isso vai levar pelo menos duas horas. Isso só o tempo da viagem, sem falar do tempo para a extração.’

Mareta pareceu pensar a respeito. ‘Então apenas dois desses três homens vão morrer.’

Setenta e Três

Dois pastores alemães rodeavam a cerca que protegia a propriedade de Nicholas Van Straten na Baía de Shinnecock. Ty procurou algo em um saco de papel marrom, retirando meia dúzia de hambúrgueres que tinham conseguido no caminho até o local, e jogou-os através da cerca. Os cães os cheiraram com suspeita. Então um deles, presumivelmente o macho alfa, levantou a perna e urinou neles. Os outros seguiram o exemplo um segundo depois.

Então os cães tinham sido treinados para comer apenas o que fosse dado a eles pelo dono, um resultado conseguido depois de uma terapia de choque cruel que envolvia acertá-los com um pau sempre que se aproximassem de comida que não fosse entregue por ele.

‘Vai ter que ser o Plano B,’ Ty disse, voltando ao carro. Ele abriu a porta de trás e Angel pulou para fora.

Carrie veio em seguida. ‘Ei, onde vai levá-la?’

‘Truque mais antigo do mundo. Não se preocupe,’ ele disse, fazendo carinho da cabeça de Angel, ‘ela gosta dos garotos maus.’

Carrie cruzou os braços. ‘E como sabe disso?’

‘Bom, ela foi atrás do Ryan, certo?’ Carrie olhou em volta. ‘Eu não deveria nem estar aqui.’

‘É o preço de pegar o furo do século.’

Ele tirou Angel da coleira e ela foi até a cerca.

‘Vai lá,’ Ty sussurrou, antes de se voltar para Carrie. ‘Qual é o caminho para o coração de um homem se não for pelo estômago?’

‘Isso é tão nojento.’

‘Ei, foi ideia do seu namorado, não minha.’

Os pastores estavam frenéticos, com as narinas pretas enfiadas contra a cerca. Dentes à mostra e latidos perderam a vez para rabos abanando e ganidos de desejo. Para o alívio de Ty, Angel fez o mesmo, aparentando estar feliz com a atenção de não apenas um, mas dois pastores. Um deles começou a cavar o chão perto da cerca, jogando terra para todos os lados. O outro fez o mesmo, e logo ambos estavam em uma corrida para ver quem conseguia cavar um túnel até Angel primeiro.

Levou um pouco menos de dez minutos para os cachorros cavarem um buraco grande o suficiente para eles poderem atravessar a cerca. Nem olharam para Ty e Carrie e foram direto cheirar ao redor de Angel.

Ty se pôs a cortar um buraco na cerca com um cortador de fios, e então se virou para Carrie. ‘Sabe o que tem que fazer agora?’

Carrie começou a andar de volta para onde o furgão da imprensa estava estacionado, um pouco antes dos portões. ‘Não é como se fosse difícil.’

Os dois cães latiram e Ty se virou, preocupado que eles tivessem perdido o interesse em Angel. Ficou aliviado de ver que os dois estava brigando um com o outro, para ver quem ia primeiro. Angel estava sentada assistindo, abanando o rabo. Ty deixou Carrie assistindo ao show ao vivo e se enfiou na propriedade.

Enquanto se dirigia até a mansão, fez uma nota mental dos sistemas de segurança do lugar. Os

cachorros eram os mais notáveis e talvez os mais eficientes para deter um intruso casual. No exterior da casa, haviam sensores de movimento. Luzes infravermelho e câmeras de segurança permitiam uma visão de 360 graus da área que cercava a casa para o guarda na sala de controle, que ficava no térreo. Qualquer um que conseguisse não ser detectado teria que lidar com sensores em todos os pontos de entrada e nos quartos, exceto as quatro suítes e os corredores. Ninguém queria que Van Straten fosse surpreendido por um alarme de 150 decibéis se tivesse que ir mijar no meio da noite.

Ty chegou a vinte metros da casa e parou. As luzes estavam acesas em dois dos quartos da frente. Ele calculou quanto tempo teria assim que estivesse em posição

Ele evitou os sensores de movimento e foi até a garagem. Era adjacente à casa, mas em um espaço separado. Sem câmeras ou sensores. Ele forçou a porta lateral e entrou. O lugar cheirava a óleo de motor e detergente. Havia três carros estacionados em um espaço que podia ter pelo menos o dobro disso. O primeiro era uma Mercedes 500 SLK. Ty recusou. O segundo era o carro de Stafford. Isso só estava ficando melhor. Mas ele não usaria esse também.

Próximo ao veículo de Stafford estava a Hummer blindada. Estava preta em vez de vermelha como tinha visto antes. Com a tinta fresca. Esse devia ser o veículo que tinham usado quando tentaram assassinar Carrie. Ela tinha falado para ele durante a viagem.

Ele pegou o celular e mandou uma mensagem com quatro letras para Carrie. L-I-G-A. Então entrou na Hummer e começou a trabalhar.

‘É aquela imbecil da NBC,’ disse Stafford, segurando o celular para seu pai, que já estava terminando sua terceira dose de whisky.

‘O que ela quer?’

‘Algo sobre uma quebra de segurança no complexo do estaleiro naval.’

Van Straten arrancou o celular do filho. ‘Aqui é Nicholas Van Straten.’

‘Sr. Van Straten, onde o senhor se encontra?’

‘Por quê?’

‘O FBI falou com o senhor?’

‘Não. Por que fariam?’

‘Pois onde quer que esteja, tem que evacuar imediatamente. Tem uma ameaça grave contra a sua vida e a de seu filho.’

‘Srta. Delaney, pode ficar segura de que estamos seguros.’

‘Sr. Van Straten, o senhor possui uma TV no quarto?’

‘Sim.’

‘Então bote na NBC.’

Nicholas tentou alcançar o controle que estava na cama. Stafford pegou-o e o jogou para seu pai, que botou no canal. A tela estava dividida. No lado direito estava uma quantidade em massa de veículos de emergência, estacionados do lado de fora do complexo da Meditech. Do lado esquerdo, uma foto estática dos portões da casa.

‘Sr. Van Straten?’

‘Estou aqui.’

‘E Ryan Lock se juntará ao senhor em breve. Recebi uma ligação dele a uma hora dizendo que estava a caminho para falar com você. Ele parecia estar um tanto irritado—’

Carrie não teve a chance de terminar a frase antes de Nicholas Van Straten desligar. Satisfeita de não ter contado uma única mentira, ela se virou para o cinegrafista. ‘Ok, vamos voltar ao estaleiro.’

‘Ele não vai dar nem uma entrevista?’ ele perguntou.

‘Ele nem tá aqui.’

Ele deu de ombros e começou a guardar o equipamento às pressas.

Angel veio trotando até eles, coberta de sujeira e balançando o rabo.

‘Vadia,’ disse Carrie, abrindo a porta de trás do furgão para ela.

Ty tensionou quanto a porta da garagem se abriu. Um par de botas foi até o Hummer. Eles pararam na porta de motorista, perto de onde a cabeça de Ty estava. Ele poderia ter estendido o braço e encostado neles.

Ele esperou o par de botas dar a volta para o outro lado e começar a inspecionar os veículos. Ou o rosto do motorista aparecer para que ele pudesse colocar uma arma contra ele. Ou para um espelho de espionagem aparecer para que ele pudesse puxá-lo, arrastar o cara e sufocá-lo.

Mas nada disso aconteceu. As coisas tinham ficado bem desleixadas depois que ele e Lock foram dispensados. Ou o motorista estava com pressa. Talvez ambos.

A Hummer vibrou quando o motorista deu a ignição, desativando o alarme e destravando as quatro portas. Ty assistiu enquanto uma bota se apoiava no estribo, a porta era aberta e a outra bota entrava. A porta do motorista se fechou.

Ty se empurrou com as mãos, se arrastando para trás, emergindo à direita da Hummer. Ele pegou a Glock, pronta para ação, e se agachou, andando até a porta do passageiro. Sua próxima ação precisaria de um componente crítico: velocidade.

Ele colocou a mão na maçaneta, abriu a porta e se jogou para dentro. O interior da Hummer era grande o suficiente para ele poder estender seu braço sem que o motorista o alcançasse.

Ele levou a arma até o rosto do motorista. ‘Se respirar errado, vai virar história, amigo.’

Setenta e Quatro

Croft foi devagar até a arma sob seu ombro. Ele entregou a SIG 226 para Ty, que trocou-a pela Glock, colocando a pistola de volta no coldre.

‘Deixa as chaves na ignição e sai do veículo.’ Assim que Croft fez isso, Ty jogou um pano pra ele. ‘Coloca isso nesse buraco grande no meio do seu rosto e vira de costas.’

Croft pegou o pano e o enfiou na boca. Então se virou. Ty procurou nos bolsos de Croft pela chave da Mercedes, usando-a para abrir o porta-malas. Ele empurrou Croft em direção ao carro. Croft entrou, ainda sob a mira da arma.

‘Assim que eu estiver longe, vou ligar para a polícia e mandar alguém para te soltar.’

Ty fechou o porta-malas e entrou no banco de motorista da Hummer. Ele pegou a Glock e colocou-a no compartimento entre os dois bancos; a SIG ele deixou no colo. Então abriu a garagem e saiu, fechando a porta novamente assim que a Hummer passou.

Ele levou o veículo imenso até a entrada da casa. A porta se abriu e um guarda apareceu. Isso fazia sentido. Estava esperando uma equipe de três pessoas: um para dirigir, um guarda-costas e um para ficar como segurança residencial caso tivesse que voltar com pressa.

O guarda era seguido por Nicholas Van Straten. Então veio Stafford. Na escuridão e através do vidro escurecido, Ty sabia que ninguém o reconheceria.

Seguindo o procedimento padrão, o guarda abriu a porta e deu um passo para trás. Van Straten e Stafford estavam muito ocupados conversando para olhar na direção de Ty. Além disso a luz interior tinha sido desativada para evitar ataques de atiradores. Nada que um atirador gostasse mais que uma grande lâmpada iluminando seu alvo.

Os Van Straten se sentaram. Stafford estava falando tão rápido que parecia estar sob efeito de alguma coisa. Pelo retrovisor, Ty viu seu pai fazendo esforço para ignorar o filho. Ainda assim nenhum dos homens olhou em sua direção. Para eles, os funcionários faziam parte do cenário.

O guarda fechou a porta e deu a volta até para ir até a porta do passageiro. Ty apertou o botão de travar as portas e acelerou, deixando o guarda parado onde a Hummer estava antes.

Os portões estavam abertos, e ele foi embora.

‘Para onde, senhores?’ ele perguntou, se virando, e aproveitando a expressão de surpresa deles. ‘Ou posso parar em algum lugar tranquilo, fazer vocês se agacharem na frente de um fosso, e atirar na nuca dos dois.’

Stafford falou primeiro. ‘Escuta, Tyrone, se isso é sobre você ser dispensado—’

‘Ah, claro, é assim que eu costumo reagir ao ser despedido.’

‘Vire esse carro imediatamente!’ disse Stafford, a voz aguda.

Com um olho na pista, Ty tirou a mão direita do volante e apontou a 226 contra ele. ‘Cala a boca, cacete.’

‘Isso,’ disse Nicholas. ‘Cale a boca, Stafford.’

Ty percebeu a mão de Stafford escorregando em direção à maçaneta da porta, tão casual quanto um garoto de quatorze anos passando a mão pelo corpo da namorada em uma sala de cinema escura. ‘Tá trancada. Mas se quiser testar sua sorte, pelo menos espera até eu chegar na via expressa.’

‘Onde está nos levando?’ Nicholas perguntou.

‘Não se preocupem, vão reconhecer quando chegarmos lá.’

Setenta e Cinco

Josh tremeu nos braços do pai quando Mareta fez o guarda se agachar virado para a parede. Em sua mão direita, ela segurava uma Glock. Na esquerda, dois pedaços de metal conectados ao detonador, garantindo a morte de todos na sala caso eles encostassem. Lock queria tirar o garoto daqui, e essa era sua chance.

‘Ele não viu mortes suficientes?’ Lock perguntou.

‘Então leve ele para fora.’

‘Deixa que eu faço isso,’ disse Richard.’

‘Pode ir,’ Mareta disse, como se o desejo de livrar uma criança de ver uma morte a sangue frio fosse um sinal de fraqueza.

Lock assistiu Khalid levá-los para fora. ‘Obrigado.’ O guarda que estava olhando para a parede começou a desesperar. ‘Por favor, não deixe ela fazer isso. Eu tenho esposa e filhos.’

Mareta o acertou na cabeça com a Glock, deixando um corte em sua cabeça. ‘Então por que faz esse trabalho?’

‘Cinco minutos. Dê mais cinco minutos a ele, Mareta,’ disse Lock.

‘E ao fim desses cinco minutos, você pede por mais cinco. Conheço esses joguinhos.’

Isso era algo que Lock esperava que Frisk e o resto da FTAF estivesse considerando. A maioria dos terroristas não sobrevivia seu primeiro cerco; Mareta fazia parte deles com a mesma frequência com que mulheres recém casadas iam a chás de bebês. Ela provavelmente já conhecia o livro de regras dos negociadores de reféns melhor do que eles próprios.

‘Como está sua perna?’ Lock perguntou, tentando distraí-la.

‘Uma maravilha.’

Ele checou os minitorres. Mais veículos estavam aparecendo fora do perímetro. A maioria deles em cada lado do portão.

‘Nem sinal do seu amigo,’ ela disse.

‘Ele estará aqui.’

Mareta abaixou a arma. ‘Ok, você tem seus cinco minutos. Mas depois disso, vai ser meia hora até eu matar o próximo.’

‘Você disse de hora em hora.’

Mareta suspirou. ‘A gente negocia. Eu te dou algo, você me dá algo em troca. Não é assim que funciona?’

Setenta e Seis

A oito quilômetros do estaleiro, a luz de gasolina acendeu no console do Hummer. Ty resmungou. O consumo de combustível de um Hummer já não era bom na maioria das situações, mas com toda a blindagem, ele precisava de um posto só para ele.

‘Algum problema?’ perguntou Stafford no bando de trás.

‘Nada que eu não consiga resolver,’ respondeu Ty com um sorriso.

Descendo mais um quilômetro na pista, ele encontrou um posto. O plano era simples. Ameaçar seus amigos completamente. Botar cinquenta dólares de gasolina. Pagar e voltar para a estrada.

Ty entrou no posto e manobrou o carro. ‘Vou sair por menos de dois minutos. Vou estar observando vocês o tempo inteiro. Se eu ver vocês se movendo de qualquer maneira que me deixe desconfortável, vou matá-los antes de vocês saberem o que está acontecendo.’

Ele desligou o carro, levou as chaves com ele, saiu e trancou o carro. Pegou o injetor de gasolina e colocou no tanque. Seus olhos iam do contador do preço para as portas da Hummer. Ele olhou para o ponto onde Stafford e Van Straten estariam. Não conseguia ver nada através da película, mas não queria que soubessem disso.

Hoje em dia, quando comprava gasolina, os números voavam como num caça-níquel, mas essa máquina parecia estar congelada. Chegando em cinquenta dólares, ele colocou o injetor de volta, fechou o tanque e foi pagar, olhando para a Hummer de poucos em poucos metros.

Ele passou o dinheiro para o atendente e voltou correndo.

Quando estava para abrir a porta do motorista, se lembrou. Merda. A Glock. Tinha ficado no compartimento da frente.

Ele olhou de volta. O atendente, um jovem hispânico, estava em um banquinho assistindo o que quer que estivesse passando na TV nesse horário.

Ty sacou sua arma, abriu a porta e deu um passo para trás, se preparando para qualquer sinal de movimento.

Nada.

Do ângulo em que estava, conseguia ver apenas o ombro de Nicholas Van Straten. Mas não era com o papai que ele estava preocupado.

‘Saíam do carro. Um de cada vez. Você primeiro, Stafford.’

‘Fica no carro, sai do carro. Se decide.’

‘Calado, Stafford,’ Ty ouviu Van Straten murmurar.

‘Você poderia ao menos abrir a porta?’ Stafford perguntou, rabugento. Ty fechou a porta do motorista, foi até a lateral do veículo, e abriu a porta de passageiro, mantendo a blindagem entre ele e Stafford. Stafford saiu com as mãos para cima.

Ty olhou por trás do ombro para ver o atendente olhando para eles, sem dúvidas tentando entender que tipo de criminoso imbecil levava suas vítimas até um posto de gasolina para roubá-las.

Ty não teve escolha que não continuar. Ele revistou Stafford. Limpo.

‘Ok, sua vez.’

Nicholas Van Straten saiu do carro e Ty repetiu o procedimento. Nada também.

‘Fiquem aqui,’ ele disse.

Entrando no carro, ele abriu o compartimento. A arma não estava lá. Ele saiu para ver Stafford acenando freneticamente para o atendente, imitando alguém fazendo uma ligação.

‘Ok, onde está?’ ele perguntou para Stafford.

‘Não sei do que está falando.’

Stafford estava fazendo exatamente o que Ty teria feito nessa situação. Enrolando. O atendente já estava no telefone, mantendo um olho do lado de fora para ver o que estava acontecendo, falando o mais rápido possível.

Stafford sabia que Ty tinha algum propósito com eles. Senão, teria matado ambos na casa. Ou feito isso na estrada na Baía de Shinnecock.

‘Não preciso de vocês dois,’ Ty disse. ‘Então, quem vai ser?’

‘Acho que se você fizesse uma votação, ficaria empatado,’ Nicholas disse secamente.

‘Hum,’ Ty murmurou, pensando. ‘Acho que isso deixa a decisão para mim.’

Ele levantou a arma na direção da cabeça de Nicholas Van Straten.

‘Vai fundo,’ disse Stafford.’

‘Está escondida no banco de trás,’ Nicholas disse.

‘Isso que é uma família unida,’ Ty disse, entrando no veículo e recuperando a arma.

Ele os empurrou de volta para dentro da Hummer, logo que um carro policial chegou no posto.

Uma patrulha com um único policial. Mais unidades deveriam estar chegando. A julgar pelos gestos exagerados do atendente, que tentara explicar pelo telefone o assalto sendo que ele não era o assaltado, Ty achava que tinham enviado alguém para averiguar. Ainda assim, se ele deixasse a situação desenrolar, só restava um resultado.

Ele esperou o policial sair do veículo, então colocou a Hummer em reverso e acelerou. A traseira do SUV imenso acabou com o motor do Chrysler.

Sorrindo pela primeira vez desde que tinha chegado ao posto, Ty foi embora, deixando para trás um policial muito irritado procurando por seu rádio.

Setenta e Sete

A Hummer se enfiou entre o trailer do Posto de Comando Nômade e uma empilhadeira blindada do esquadrão de bombas da polícia de Nova York. Van Straten Stafford podiam apenas olhar com surpresa enquanto mais de cem homens e mulheres, muitos deles armados, se moviam com cuidado entre o perímetro e o veículo.

‘Cá estamos, garotos,’ Ty disse. ‘Tudo indo do jeitinho que deve ser.’ Ele desacelerou a Hummer. Na sua esquerda, dois policiais estavam olhando para ele. Um deles estava no rádio, e o outro falando com o parceiro. Quando foram em direção à Hummer, Ty abaixou o vidro para escutar o que estavam falando.

‘Ei. Pare esse veículo.’

É, foi o que ele tinha imaginado que fariam.

Ele levantou o vidro, se preparou e mirou direto no portão. O truque era ir devagar, a cerca de trinta e cinco quilômetros por hora, e empurrar bem no centro. O erro que muitas pessoas faziam quando queriam atravessar, por exemplo, um bloqueio, era pegar a maior a maior velocidade possível e avançar. Nos círculos de guarda-costas isso era conhecido como ‘bater’. Bem diferente do que estava para fazer.

Ty não olhou para trás quando chegou até o portão. Não precisou por que sabia que ninguém o seguiria. O perímetro era mais psicológico que físico.

A grade tremeu com o impacto inicial. O que se seguiu foi o barulho de metal contra metal.

Nesse ponto, pelo menos Stafford já sabia o que estava acontecendo. Eles eram um pagamento de resgate, em forma humana. Próximo a ele, seu pai sentava reto, fazendo uso de alguma reserva de força mental.

Quando a Hummer passou pela cerca, alguns dos policiais que a estavam seguindo, batendo nas portas como fãs dementes seguindo uma limusine, desistiram.

A Hummer foi em frente, direto para o prédio que continha a sala de controle. Alguns tiros ricochetearam no teto, as primeiras gotas de metal de uma tempestade que logo começou.

Ty parou a Hummer na entrada do prédio principal, saiu, e abriu a porta de trás do lado do motorista como proteção. ‘Ok, madames, fim da linha. Melhor entrarem antes que um garotinho animado do ATF use seus bumbuns brancos para praticar.’

Van Straten e Stafford se arrastaram para fora do carro e para o prédio. Os três foram recebidos pela guarda de honra de Mareta. Um deles tentou pegar a arma de Ty mas ele o empurrou. Stafford e Van Straten foram levados pelo longo corredor até a sala de controle.

A porta se abriu, e Ty os empurrou para dentro.

Mareta olhou para Van Straten de cima à baixo com o desinteresse profissional de um carrasco medindo o peso da próxima vítima.

‘Ok, entregamos o que você tinha pedido, o garoto e o doutor vem comigo,’ Lock disse.

Ty ficou na porta, com a mão na coronha da arma. A Glock estava desconfortável contra sua lombar.

‘Não foi só isso que eu pedi,’ disse Mareta depois de um silêncio desconcertante.

‘Escuta, se for dinheiro...’ Nicholas Van Straten balbuciou. Mareta o ignorou. ‘O garoto pode ir, mas preciso do doutor.’ Josh correu até seu pai e abraçou-o na cintura.

‘Por que ele está aqui, de qualquer maneira?’ perguntou Nicholas.

‘Pergunte ao seu filho,’ disse Lock, apontando para Stafford. Ele então se abaixou até estar olhando Josh nos olhos. ‘Que tal eu te tirar daqui e depois voltar para cuidar do seu pai? Você se sentiria melhor?’

Josh fez que não com a cabeça.

Era a vez de Richard. ‘Por favor, Josh. Vou ficar bem – juro.’ Lock soltou Josh de seu pai, dedo por dedo.

‘Ok?’ ele disse, finalmente.

Josh correu e de um último abraço em seu pai.

‘Pronto?’ Lock perguntou, uma mão no ombro do garoto.

Josh engoliu com força e assentiu. Ele deu a mão para Lock e saíram da sala.

Nicholas se virou para Stafford. ‘Você é uma vergonha!’

‘Eu fiz o que tive que fazer. Minha mãe teria entendido.’

‘Sua mãe era uma vagabunda sem coração.’

‘Antes isso que um covarde.’

Mareta olhou a troca de farpas com desprezo. ‘Logo, vou dar a ambos a chance de provar sua masculinidade,’ ela falou para eles.

Stafford e seu pai pararam de discutir e trocaram um olhar de preocupação.

‘Vocês não acham que eu trouxe vocês aqui só para matá-los, acham?’

Setenta e Oito

Vista através dos holofotes de um helicóptero da polícia de Nova York, um pedaço de pano branco tremulava na mão de Lock. Sua outra mão segurava a de Josh enquanto ele o levava até o portão do perímetro, que estava pendurado por apenas uma das dobradiças. Ele contou pelo menos dois atiradores apontando para eles. Considerando a recente onda terrorista em usar eles mesmos e, em alguns casos, reféns como explosivos improvisados humanos, ele não estava surpreso.

‘Josh, pode tirar sua jaqueta para mim?’

‘Mas está frio.’

‘Só por um momento.’

‘Por quê?’

Ele viu nos olhos do garoto que ele não obedeceria sem uma razão. ‘Por que você pode ter uma bomba por baixo dela.’

‘Não seja bobo. Garotinhos não carregam bombas.’

‘Normalmente, não.’

‘Mas às vezes?’ Josh perguntou.

Certa vez, Lock vira uma garota de doze anos com Síndrome de Down caminhar até um fuzileiro cuidando de um ponto de inspeção em Bagdá, apertar sua mão, e explodir.

‘É raro,’ ele disse, ‘mas ainda gostaria que tirasse a jaqueta.’

Josh obedeceu. Ele presumiu que agora estavam mirando nele. Um na cabeça, um no peito.

Lock abriu sua jaqueta e levantou a camisa, dando uma volta completa com os braços de lado. Os atiradores se mantiveram nele.

A dez metros do portão, ele soltou a mão de Josh. ‘Pode ir.’

O garotinho deu um passo para frente, e então virou para Lock.

‘Eu vou voltar, Josh. Preciso cuidar do seu pai, lembra?’

Josh quase sorriu antes de sair correndo para um agente da FTAF em um traje biológico. O agente se aproximou do garoto com cuidado, abraçando e o revistando no processo.

‘Lock!’

Lock olhou para trás e encontrou Frisk. Ele estava acenando para que se aproximasse. Lock apontou com o dedão de volta para o complexo.

Frisk saiu da zona policial e correu até onde Lock estava. Lock se moveu para ficar entre ele e os prédios. Um tiro de um dos detentos e eles já eram.

‘O que está acontecendo lá?’ ele disse, cansado depois da curta corrida.

‘Não quiseram liberar Hulme.’

‘E Van Straten e Stafford?’

‘Viu eles, então?’

‘Foram dados como desaparecidos uma meia hora depois do seu amigo buscá-los.’

Bom, pensou Lock. Croft deve ter decidido dar a Ty uma vantagem inicial. ‘Dei aos detentos o que eles queriam.’

‘Que era?’

‘As pessoas responsáveis por essa bagunça.’

‘Quer dizer os Van Stratens?’ Lock assentiu.

‘E o que nós tiramos disso?’ Frisk perguntou.

‘Todo mundo sai vivo.’

‘Acredita naquela maluca?’

‘Olha, Frisk, não temos muita escolha no momento.’

‘E enquanto você está aqui, qual é a da sua namorada aparecendo?’ Lock observou o circo no perímetro, vendo todos os furgões de jornais diferentes. ‘O que está dizendo para a mídia?’

‘Quebra de segurança não especificada.’

‘Isso deveria colar por dois segundos.’

‘E é por isso que precisamos resolver isso o mais rápido possível,’ Frisk disse. ‘De um jeito ou de outro.’

‘Sem problemas para mim.’

Antes de voltar para o prédio, Lock vislumbrou Josh, enrolado no tipo de cobertor de alumínio que distribuem no fim de uma maratona, entrando em uma ambulância com a ajuda de dois trajes biológicos. Pelo menos ele está seguro, ele disse a si mesmo. Isso tinha que valer alguma coisa.

‘Espera um pouco. Vai voltar pra lá?’ Frisk perguntou, fazendo uma careta.

Lock continuou andando. Esperou que Frisk fosse atrás dele. Que alguém tentasse pará-lo. Mas ninguém tentou.

Setenta e Nove

Sem camisa, algemados e acorrentados, Nicholas e Stafford Van Straten, junto dos guardas capturados remanescentes, prestavam atenção. Mareta andava pela fila com um marcador preto na mão. Ela parou na frente de Nicholas e desenhou o número um em seu peito com a caneta. Stafford foi marcado com o número dois. Pareciam gado.

Quando ela chegou ao terceiro homem, um dos guardas, Lock abriu a boca.

‘Isso é babaquice. São contratados. E o que está fazendo não é melhor do que o que eles fariam com você.’

‘Exceto que não somos terroristas,’ Stafford comentou.

Ela ignorou ambos, colocando o número três no peito do homem. Quando estavam todos marcados, Mareta deu um passo para trás para admirar seu trabalho. ‘Agora, vamos começar;’

Dois dos fugitivos escoltaram Nicholas para fora da sala.

Se reuniram atrás da partição de vidro, Mareta, Lock, Ty, os terroristas, os guardas e, parado no centro, com o mesmo olhar de interesse que tinha guardado para Lock, Stafford. ‘Finalmente, alguém achou um uso para o velho,’ ele observou.

Lock lançou-lhe um olhar quando Richard, em um traje biológico, apareceu do outro lado da partição e foi até Nicholas. ‘Não se preocupe, Stafford,’ ele disse, ‘sua vez está chegando.’

‘Pareço preocupado?’

Lock teve de admitir que Stafford estava muito mais seguro que o esperado. Certamente mais do que quando Lock tinha o levado até o telhado.

‘É bom lembrar que eu vi todos os dados,’ Stafford continuou. ‘A vacina vai funcionar.’

‘Vai ser uma propaganda e tanto se funcionar,’ disse Ty do outro lado do vidro assim que Richard abriu o container e encheu uma das seringas. Suas mãos estavam tremendo.

‘Quero que saiba que estou fazendo isso inteiramente contra minha vontade,’ ele disse quando empurrou o conteúdo na corrente sanguínea de Nicholas.

Alguns minutos depois, quando Van Straten foi levado para fora, Stafford foi para dentro. Nicholas nem olhou para o filho. Seu rosto estava pálido, e os lábios estavam brancos.

‘Pelo amor de Deus, é apenas uma vacina,’ disse Stafford. ‘Já foi dada às cobaias e nenhuma mostrou efeitos adversos.’ Ele girou o pescoço, como se estivesse se alongando para uma partida de tênis. Dois dos homens tentaram o empurrar para a maca. ‘Prefiro ficar de pé, obrigado.’

Os dois homens forçaram-no a deitar e o amarraram na maca. Ty e Lock dividiram um olhar de surpresa.

‘Poderia ser pior,’ disse Ty, ‘pelo menos ele não tá de barriga pra baixo. Daí realmente estaria chorando pela mamãe.’

‘Algo que eu não pagaria para ver,’ Lock disse.

Atrás de Stafford, Richard foi até o refrigerador, abriu a porta e pegou um frasco de metal na segunda prateleira. Suas mãos agora estavam firmes quanto abriu uma nova seringa.

‘Vamos lá, Hulme, vamos fazer isso logo,’ Stafford provocou.

‘Sim, vamos,’ disse Richard por trás do capacete do traje, enchendo a seringa.

Stafford levantou a cabeça o máximo possível e olhou, com desdém, para a divisória. ‘Quer dizer, eles todos receberam a vacina e não sofreram nenhum efeito colateral.’

‘Isso mesmo,’ disse Richard, injetando Stafford com o conteúdo.

‘Então o que me preocuparia? Nada, certo?’

Richard parou. ‘Nada mesmo, tirando o fato de que acabei de te injetar com uma variante viva do Ebola.’

Oitenta

O estômago de Stafford embrulhou de medo. Ele sabia que o vírus Ebola te esvaziava dos dois lados. E quando você não tinha mais vômito ou fezes para expelir, quando achava que a coisa não podia ficar pior, o sangramento começava. Orelhas, nariz, boca, ânus. Era um alívio quando chegava a falência múltipla de órgãos ou o choque hipovolêmico.

Mas o processo não era instantâneo. Longe disso. O vírus precisava de tempo para se assentar no seu corpo, secretando-se em suas células, esperando, te dando tempo para pensar no que viria. E, enquanto olhava para Richard de cabeça pra baixo, firme por trás do traje, Stafford podia jurar que sentiu o Ebola se espalhando por seu corpo, se preparando para o ataque.

‘Me dê a vacina, Richard,’ ele implorou.

‘Me dê uma razão para isso.’

‘Você é um doutor. Fez um juramento!’

‘Verdade. Fiz. Mas preciso de algo seu em troca.’

‘Qualquer coisa. É só falar. Escuta, se isso funcionar, a Meditech pode se tornar a primeira companhia trilionária de biotecnologia. Vou dobrar, não, triplicar suas ações. É só me dar um preço.’

‘Não quero dinheiro. Quero que vá em público e diga como trouxe essas pessoas’ – ele acenou ao redor da sala para Mareta e os outros presos – ‘para dentro do nosso país para usá-los como animais, e colocou as vidas de milhares de americanos em perigo, tudo para provar para o seu pai que era capaz.’

‘Claro, claro. Isso não será um problema. Assim que eu receber a vacina.’

‘Não. A confissão primeiro, depois o perdão.’

‘Mas essa coisa já tá em mim! Quanto mais demorar para a vacina ser administrada, menores as minhas chances! Você sabe disso!’

‘Então é melhor correremos, certo?’

Por trás da tela, Mareta estava começando a tremer. Considerando que ela estava conectada a explosivos para levar todos eles para o outro mundo, Lock deduziu que ela tremer era algo ruim.

‘O que estão dizendo?’ ela perguntou.

‘Vou descobrir.’

Quando ele estava a caminho da porta, ela se abriu e Richard emergiu. Ele tirou o capacete do traje. Com o rosto vermelho, ele empurrou para o lado um pouco de cabelo empapado de suor. ‘Dei a ele um ultimato. Vai confessar ao vivo na TV.’

‘Qual era o ultimato?’ perguntou Lock.

‘Acabei de injetá-lo com o vírus Ebola. Ele mantém sua parte no trato e recebe a vacina.’

‘E como propõe que levemos alguém infectado ao vivo?’

‘Sua amiga é repórter.’

‘Sem chance. Muito arriscado. Carrie não vai chegar perto dele.’

‘Mas desse jeito as pessoas saberão a verdade.’

‘A verdade? A verdade é que alguém importando terroristas para usá-los como cobaias em um teste de drogas com objetivo de neutralizar suas capacidades biológicas receberia um desfile em todos os estados da nação.’

‘Tirando Vermont,’ entrevistou Ty. ‘Eles são comunistas.’

Mareta bateu suas mãos. ‘Chega. Não pedi para implorar por minha vida. Mas esse novo método’ – ela se virou para Richard – ‘me agrada. Tragam o próximo, deem o agente vivo a ele também. Então veremos se essa vacina realmente funciona.’

Oitenta e Um

Mareta estava sentada em uma cadeira, apoiando a perna machucada no console de controle. Tanto os Van Stratens quanto os guardas tinham sido injetados com o variante do Ebola e levados de volta às celas. Mareta tinha declarado que uma hora deveria se passar antes de receberem a vacina. Nicholas Van Straten, tendo recebido ambos, agiria como um agente de controle, enquanto Lock e os outros detentos estariam do outro lado do espectro. Apenas Richard, Ty e Mareta estavam imaculados.

‘Deveria ter trazido baralho,’ Ty disse para ninguém em particular, enquanto assistiam os monitores de segurança ficarem escuros do nada.

Khalid, que estava sentado ao lado, experimentou bater em um dos monitores, primeiro com a mão, e então com a coronha de um M-16.

‘Ei, Fonzarelli, isso não vai adiantar. Eles cortaram a energia,’ disse Lock.

Mareta deu de ombros. Um segundo depois, as luzes desligaram, deixando-os na escuridão completa. Então o brilho de uma lanterna iluminou o rosto de todos, salvo o de Mareta.

Ela trocou palavras com Khalid, então a luz se apagou novamente e a porta bateu.

‘Quem tá aí?’ Lock perguntou dando dois passos para a direita.

‘Eu estou,’ disse Richard.

‘Oi!’ gritou Ty.

‘Ok, Ty e Richard. Mais alguém?’

Nada. Ele escutou novamente, a escuridão trazendo uma sensação de paranoia.

‘Será que foram embora?’ Era Richard perguntando.

A resposta veio quando outro brilho de lanterna surgiu do console. Khalid estava apontando diretamente para Lock.

‘Escuta, não podemos ficar aqui. Entendeu?’

Khalid não respondeu. Provavelmente não fala inglês, apesar de que Lock não arriscaria depois de conhecer Mareta.

‘Se nos entende, Khalid, diga alguma coisa, seu molestador de camelos imbecil,’ disse Ty.

Nada. Nem um mínimo de entendimento passou pelo seu rosto.

‘Não acho que ele fale inglês, Ryan.’

‘Obrigado por confirmar isso para mim, Tyrone.’

‘De nada. Ainda está armado?’

‘Sim.’

‘Eu também. O pobrezinho está na minoria.’

‘Era isso que eu estava pensando. Richard?’

‘Sim?’

‘Já jogou assassinato no escuro quando era criança?’

‘Algumas vezes, com meus primos. Eles sempre ganhavam.’ Ótimo, pensou Lock.

‘Ok, em alguns instantes vou precisar que você se mova. Faça barulho. E fique abaixado.’

‘Não consigo.’

‘Por quê?’

‘Estou com medo.’

‘Ajuda se eu falar que também estou?’

‘Não muito.’

O assobio de tiros foi ouvido do lado de fora. Então uma explosão que Lock imaginou ser um trovão. Ou C4. O que quer que fosse, não era o barulho do presidente assinando um termo de garantia.

Veio a voz de Richard: ‘Lock?’

‘Sim?’

‘Estou pronto.’

‘Ok, na minha marca.’

A cadeira de Richard se arrastou pelo chão. O feixe de luz foi do rosto de Lock para sua direita. Onde Khalid deveria ter encontrado Richard, havia apenas vidro.

Lock fez seu movimento, se jogando do outro lado da sala na linha que Khalid tinha estabelecido com a lanterna. Foi um momento tão existencial quanto pular de um penhasco.

Lock recebeu uma coronhada da M-16 no estômago, mas seu momento empurrou-o para frente, jogando Khalid para fora da cadeira. Sua visão ficou cheia de estrelas quanto levou outra coronhada, dessa vez no rosto. Tentou não recuar, ficar o mais próximo possível. Ele se preparou e deu um soco rápido em Khalid, acertando de relance a ponta de um osso e o que ele julgou ser, pelo arquejo súbito, a traqueia. Ele socou de novo e de novo, até o arquejo parar.

Se desvencilhou do corpo mole de Khalid e pegou a lanterna. Ele a usou para localizar a M-16, que tinha rolado pra longe. Continuou movendo a lanterna, encontrando Ty mirando nele e Richard encolhido em uma bola no canto do quarto.

Richard espiou entre os dedos quanto sentiram uma explosão do lado de fora. Mareta? Lock duvidava. Você não escapava das situações que ela tinha escapado só para ir de encontro a Deus quando havia uma chance de fuga.

Lock atravessou o quarto e ajudou Richard a se levantar. Deu um tapa em suas costas. ‘Você fez bem. Agora vamos sair daqui.’

‘Espera.’ Richard olhou para Lock. ‘Me dê isso,’ ele disse, apontando para a lanterna. Colocou a luz contra Khalid, que estava esparramado no chão. ‘Ele está morto?’

‘Realmente espero que sim,’ disse Lock. ‘Agora, vamos embora.’

Oitenta e Dois

Cedo demais. As palavras estavam queimando em sua mente e se recusavam em ir embora. Não é que fosse morrer sozinho. Ou em agonia. Não, a pior parte do que tinha acontecido, a maior infâmia, é que morreria uma nota de rodapé, sem importância.

Então, com um baque que tremeu as paredes ao seu redor, ele recebeu o sinal de que talvez nem tudo estivesse perdido. As luzes se apagaram. Um pouco de poeira entrou em sua garganta, e ele tossiu. Mais pó entrou em suas narinas.

Ele se abaixou no chão e foi agachado até onde a porta deveria estar, quando outra explosão fez o chão tremer. Suas mãos escorregaram e ele caiu de cara.

Precisou de um momento para se recuperar, e então começou a tatear a parede, usando as pontas dos dedos para navegar. Metal frio. A porta.

Tateou até a ponta. Estava aberta. Conseguia passar a mão pela abertura. Mais que a mão, o braço. Ambos os braços.

Esse se enfiou no corredor. A poeira começava a se assentar no chão. A porta do fim do corredor estava aberta, recebendo um pouco de luz.

Tentativamente, ele se levantou. A porta da cela próxima à sua também tinha sido danificada, e caiu quando ele a empurrou. Ele quase caiu junto.

Ele conseguia ver um homem deitado na cama. Stafford adentrou o quarto e olhou para seu pai. Dois curtes profundos cruzavam seu rosto formando um crucifixo sangrento.

‘Stafford?’

Seu pai estendeu uma mão, mas Stafford escolheu não ver.

‘A vacina. Precisa encontrar a vacina,’ ele sussurrou.

‘E depois o quê?’

Nicholas tentou levantar a cabeça, mas o esforço era demais para ele. ‘Se não, vai morrer.’

‘Quer dizer, morrer na prisão?’

Ele assistiu o pai tentar limpar o sangue que escorria em seu olho direito. ‘E então saia daqui.’

‘Como um covarde?’ cuspiu Stafford. ‘Provar de uma vez por todas que eu não valho nada?’

‘Do que você tá falando?’

‘Você nunca vai entender, vai? Isso não é pelo dinheiro. Nunca foi.’ Stafford ficou de joelhos, se nivelando com o pai. Do lado de fora, conseguia ouvir trocas de tiros ecoando pelo complexo. ‘Isso é pela história, e pelo lugar da nossa família nela. Meu lugar nela.’

Oitenta e Três

Caffrey tinha acabado de enfiar um garfo em seu burrito favorito quando viu uma mulher avançando em sua direção, uma muleta dando suporte em um dos braços, um cooler na outra mão. ‘Merda.’

Ele saiu de seu carro, sacou sua arma, um revólver Smith and Wesson 64 das antigas, e apontou para o meio do peito dela. ‘Parada aí.’

Ela continuou andando.

Ele tinha escutado algo sobre uma mulher em uma das reuniões. Ele sabia que ela era estrangeira. Alguém disse algo sobre ela não falar inglês. Ou ela falava inglês? Maldição. Deveria ter prestado mais atenção, em vez de ficar trocando mensagens com um dos caras da patrulha.

‘Moça, pare onde está.’

Ele olhou em volta procurando suporte mas todos pareciam estar atravessando o portão em direção aos prédios.

Ela não parou. Completamente calma. Nem sinal de ter visto a arma.

Uma mulher. Talvez não estivesse entendendo o que ele estava dizendo.

Então ela parou a uns quatro metros dele. Talvez menos. Manteve o olhar nele, nunca na arma. Ignorando-a.

‘Ok, isso. Agora, fique onde está e não se mexa.’

Mas ela se moveu, colocando o cooler no chão. Uma das mãos atravessando o peito.

‘Eu falei pra não se mexer.’

Ela estava vestindo uma jaqueta de ski, ou pelo menos é o que parecia. Sua mão lutou com o zíper.

Ele teria que esperar para ver uma arma. Não poderia atirar em alguém por estar abrindo a jaqueta.

‘Ok, isso é o suficiente.’

Ela continuou, abrindo a jaqueta completamente.

‘Moça, não tenho tempo para joguinhos.’

‘Nem nós.’ Um homem saiu das sombras. Branco. Jovem. Coberto em uma pequena camada de pó cinza que fazia ele parecer uma dessas estátuas humanas que ficam nas praças. ‘Vai,’ ele disse. ‘Mostra pra ele.’ Devagar, a mulher tirou a jaqueta de um dos lados, e a mão segurando a arma de Caffrey parou de funcionar. A arma caiu no chão.

Vinte e quatro anos de malucos, maconheiros, assassinos, estupradores. Vinte e quatro anos vendo o que costumava ser o ponto mais baixo na vida de alguém. De novo e de novo. Um ciclo interminável de falhas humanas, que ocasionalmente se tornavam más. Caffrey tinha certeza que ele tinha visto, cheirado, provado, escutado, tocado e até sentido tudo. Mas isso, isso era outro nível.

Ela manteve a jaqueta aberta com um floreio como o de um mágico, e ele quase esperou que ela esperasse aplausos. Mas tudo que aconteceu foi que o cara que estava atrás dela correu para pegar o revólver de Caffrey.

Ainda transfixado, Caffrey nem tentou impedi-lo.

‘Tem um celular?’

‘O quê?’ disse Caffrey.

O homem apontou a arma contra Caffrey. Ele mal percebeu.

‘Você tem um celular?’ ele perguntou novamente.

‘No carro.’

‘Vai buscar,’ ele instruiu. ‘Preciso do número.’

Oitenta e Quatro

Fumaça subia de todos os prédios do complexo. Fogos ainda queimavam em dois deles, parecendo ignorar a espuma jogada pela brigada de incêndio, que usava trajes biológicos. Entre os prédios, corpos dominavam o chão. Os detentos tinham feito um bom trabalho resistindo a investida, levando com eles pelo menos meia dúzia de agentes da FTAF e outros.

No trailer do Centro para Controle de Doenças, Lock estava perdendo a paciência enquanto esperava o resultado dos testes. ‘Quantas vezes? Nesse momento devo ser uma das pessoas mais seguras do país.’

Seus pedidos foram em vão. Havia um procedimento, e ele seria seguido. Do lado de fora, conseguia escutar as conversas nos rádios aumentando, em vez de diminuir. Mal sinal após uma investida. Então, quando uma das técnicas do CCD fez sua última checagem, ele escutou Ty brigar furiosamente com alguém do lado de fora.

‘Vocês deixaram ela escapar? Seus imbecis!’

Pronto. Lock estava de pé e saindo, empurrando de lado o babaca na porta com a palma aberta.

O rapaz o seguiu, sacando sua arma. ‘Senhor, volte para dentro.’

‘Eu conheci mulheres mais intimidantes que você, chapa, então guarda teu brinquedinho enquanto suas mãos ainda funcionam.’

O confronto foi interrompido pela técnica do CCD. ‘Tudo bem, Brad, ele tá limpo.’

Lock se juntou a Ty. ‘A Fantasma conseguiu de novo?’

‘Parece que sim.’

Lock olhou para as ruínas em chamas enquanto o esquadrão antibomba passava por eles. ‘Cacete, ela já deve estar no caminho para a América do Sul com o que sobrou da fortuna da família. E o resto do pessoal?’

‘Richard está seguro, com seu filho. Ei, fizemos o que planejávamos. Agora só precisamos acabar o serviço.’

‘Eu diria que aquela maluca com dois quilos de C4 vai dar trabalho.’

‘Ela é chechena. Pensei que tinham problemas com a Rússia, não conosco.’

‘Não tinham, até agora,’ disse Frisk, chegando por trás deles.

‘E ela não é a única coisa que sumiu.’

‘Pode ser mais específico?’

‘Todo o estoque do variante de Ebola sumiu também.’

Oitenta e Cinco

Bem acima da linha do horizonte de Manhattan, o anoitecer e um aglomerado de nuvens deixavam quatro F-15 da Força Aérea invisíveis enquanto rodeavam a ilha. Abaixo, o céu estava limpo, com exceção dos helicópteros da polícia sobrevoando o centro da cidade. Todos os aviões comerciais estavam em solo e os aeroportos de Kennedy, La Guardia e Newark, fechados.

Abaixo deles, os pilotos dos helicópteros conseguiam seguir o pulsar de luzes de freios ao longo das pontes do Brooklyn, Manhattan e Williamsburg. Sentados ao lado dos pilotos, atiradores prontos para dar retribuição checavam suas armas, esperando o chamado.

Os mesmos pontos vermelhos conseguiam ser vistos à distância na ponte de Queensboro, e na entrada do Túnel de Queens. Do outro lado da ilha, o engarrafamento esperando para entrar no túnel Lincoln parecia ir até a entrada de Nova Jersey.

Do céu, a cidade parecia estar gostando do surto de popularidade no momento em que tinha chegado à capacidade máxima de conter seres humanos. O céu, finalmente, parecia ter um limite.

No subsolo, a realidade era outra. Quatrocentos passageiros sentavam nos trens de um dos metrô, e não se moviam. Tensos, em silêncio. Ao longo da linha, pessoas sendo puxadas para fora dos vagões. Portas sendo travadas. As veias da cidade se fechando uma por uma.

Era a mesma coisa no Túnel Holland. Mesma coisa em todo túnel levava até a cidade. Motores sendo desligados. Motoristas com raiva trocando farpas com policiais.

‘Preciso buscar minha filha em uma festa. Ela ligou tem uma hora. Estava chorando.

‘Mas meu apartamento inundou. O superintendente me ligou. Tive que vir do Maine até aqui pra isso.’

‘Que diferença faz deixar um carro passar, oficial?’

Todo pedido, exortação, suborno recebia a mesma resposta. Sem chance. A cidade está fechada. Ninguém entra, ninguém sai.

Manhattan estava trancada.

Oitenta e Seis

‘Então, quem acha que vai ficar com a glória?’ perguntou Ty enquanto o helicóptero atravessava o East River em direção à Manhattan.

‘Do que diabos tu tá falando? Que glória?’ Lock perguntou, lutando para ser ouvido por cima do barulho dos rotores.

‘Dia do Julgamento, cara. Os judeus acham que são a tribo perdida, certo? E então temos os protestantes. Eles são os eleitos. Mesma coisa pros católicos. E os mórmons acham que são eles. Muçulmanos. Maldição, não seria uma merda depois de tudo que fizeram nos últimos tempos? Hindus? Não creio. Testemunhas de Jeová? Hum, fizeram lobby pesado. Precisa ser levado em conta. Budistas acham que vão voltar como borboletas ou coisa do tipo. Mas não podem estar todos certos. Sabe em quem eu aposto?’

‘Islamismo?’

‘Não, nunca foram os mesmos desde que perderam Farrakhan. Tô apostando nos irlandeses.’

‘Mas irlandês não é uma religião.’

‘Diz isso pra eles. Não, algo tão grande quanto o Dia do Julgamento vai depender de sorte burra. E você não consegue ser mais burro ou mais sortudo que um irlandês.’

Ty descansou no assento, contente em ter acabado com as principais religiões do mundo e a pátria de pelo menos um décimo do país de uma vez.

Frisk estava inquieto. ‘Ele é sempre assim?’ ele gritou para Lock.

‘Infelizmente sim. Você se acostuma.’

‘Não acha que é meio desrespeitoso?’

Lock ficou sentido. ‘Me avisa quando descobrir um jeito mais apropriado de perguntar esse tipo de coisa. Ah, e antes que me venha com a estupidez do 11 de setembro, eu perdi um irmão na Segunda Torre.’

O irmão de Ty fizera parte do Corpo de Bombeiros, um dos caras que estava subindo enquanto todos desciam. Ele e Ty eram próximos. Ty tinha entrado na Marinha em resposta, achando que ação seria mais útil do que ficar de luto. Agora, em um helicóptero, entrando em uma cidade da qual qualquer pessoa sensata estaria saindo, Lock esperava que a história não estivesse para se repetir.

‘Então, podemos voltar ao assunto?’ Frisk disse enquanto o veículo pousava.

‘Podemos,’ disse Lock. O piloto sinalizou para que esperassem um momento.

‘Se estiver certo, e não conseguimos impedir que ela entrasse na cidade, ela vai para o lugar onde possa causar a maior quantidade de dano colateral.’

‘Que, na cabeça dela, vai ser aqui,’ disse Lock enquanto soltavam os cintos, saíam, e os atiradores da FTAF se posicionavam.

Lock foi até a borda do prédio, seguido por Ty, ambos respeitando os papéis de líder de equipe e braço direito.

‘Então, quantas pessoas temos lá embaixo?’ Lock perguntou, se apoiando na base de uma pilastra de concreto.

‘Em torno de oitocentas mil.’

‘Não, não na cidade. Aqui embaixo,’ disse Lock.

‘Olha pra baixo se não acredita em mim.’

Lock deu uma olhada, quase caindo com um pulsar súbito do coração. Ty segurou-o pela jaqueta, puxando-o de volta. Ainda assim, Lock ficou olhando. Frisk não estava mentindo. Times Square estava lutado com uma massa de pessoas que seguia até o horizonte.

‘O que diabos essas pessoas tão fazendo aqui?’

Times Square era cheio durante a noite, sempre tinha sido, mas isso era insano. Não eram só as calçadas, cada centímetro estava ocupado.

Frisk olhou para ele, confuse. ‘Não sabe?’

‘Por isso estou perguntando.’

‘Não sabe que dia é hoje?’

Lock não sabia. Então, enquanto olhava para a bola gigante de cristal pronta para descer do topo do prédio One Times Square e para as celebridades apresentando shows de TV, percebeu que sabia. Sabia exatamente que dia era, ou melhor, que noite.

‘É véspera do Ano Novo.’

Oitenta e Sete

‘Quantas pessoas mesmo?’

Os três homens estava na pilastra de concreto, Ty mantendo a mão nas costas de Lock caso seu amigo resolvesse apagar.

‘Nas proximidades imediatas, estimamos que oitocentas mil,’ disse Frisk.

‘Evacuação?’

‘Sem chance.’

‘Por quê?’

‘Se quer falar pra quase um milhão de pessoas que uma das terroristas mais perigosas do mundo está por aí com um monte de explosivos presos no peito, vai fundo. Milhares morreriam na correria.’

Lock sabia que Frisk estava certo. Esse era o sonho de qualquer jihadista. Perfeito para um ataque suicida. Várias e várias pessoas apertadas em um lugar pequeno. Além disso, as possibilidades para criar o pânico eram infinitas. E, como Frisk acabara de falar, pânico poderia matar mais pessoas que uma bomba. Apesar de que, se Mareta estivesse por aqui e detonasse, o pânico seria um detonador secundário ideal.

‘As pessoas estão acostumadas a ver esse tipo de presença policial no Ano Novo,’ Frisk notou.

‘E as pontes e túneis fechados?’

‘Fomos tão genéricos quanto possível em relação a isso, e a mídia tem ajudado.’

Subitamente, Lock pensou em Carrie. Ele lembrou do que Brand tinha dito, sobre como ela fora atropelada por uma SUV, e quão aliviado ficou quando Ty disse que ela estava bem.

‘Acha que Mareta está aqui?’ perguntou Frisk.

Lock desceu da pilastra, dando uma última olhada na massa de pessoas que se reunia abaixo. ‘Sim, ela está aqui,’ ele disse, indo até a escadaria.

Oitenta e Oito

Ensofado de suor, Stafford desceu do carro de polícia, foi até a parte de trás do veículo e abriu o portamalas. Ele se afastou, segurando o revólver de Caffrey, e acenou para que Mareta descesse.

Ela saiu, rígida, sua jaqueta levantando para revelar um celular preso como se fosse um microfone preso na parte de trás do cinto. Fios saíam do telefone, desaparecendo pelas costas dela.

‘Hora do encontro com o destino, belezura.’

‘Estou pronta,’ ela falou para ele.

‘Então diga isso com mais convicção. Parece que você não quer ter seu lugar nos livros de história. Pensei que era isso que vocês queriam.’

Quando ele encontrara Mareta nas ruínas do complexo, tendo despistado sua escolta armada, Stafford percebera o segredo do sucesso de Mareta. Ela possuía a habilidade de abraçar o martírio dos outros, sem que ela mesma fizesse uso da oportunidade. O fantasma. Claro. A Mãe de todos os Covardes seria um nome melhor. Choque sem pavor. Dessa vez, no entanto, ele garantiria que ela morresse com um belo ‘boom’.

Tendo perdido as aulas sobre construção de bombas caseiras quanto estava em Dartmouth, Stafford ficou feliz ao perceber que Mareta já tinha feito a parte difícil da coisa enquanto ele estava fora. Tudo que ele precisava fazer era cobrir o bolo e acender as velas.

‘Acha que seus filhos estarão e esperando por você quando chegar lá, Mareta?’

‘Não fale dos meus filhos,’ ela disse, dando um passo na direção dele.

Ele permitiu que a arma relaxasse ao seu lado, foi para trás, e puxou o Blackberry do bolso. Um número estava preparado na tela. Ele deixou o dedão circular pelo botão de ligar. ‘Oras, não vamos nos apressar, né?’

Ele empurrou ela pra frente. Atrás deles, Caffrey estava deitado no banco de trás do carro, de boca aberta e com sangue escorrendo de seus olhos.

Oitenta e Nove

Lock nunca vira os membros do Quarto Poder tão quietos. Mesmo no meio de uma zona de guerra, era possível depender da mídia para aliviar os momentos mais sombrios com humor cafona que fazia até o soldado mais cínico descobrir seu senso de humor. Desse vez era diferente.

Eles tinham montado uma unidade de transmissão para pegar as imagens de todas as câmeras. Em casa, as pessoas viam a transmissão das festividades do ano anterior. Ninguém tinha ligado para reclamar.

Lock sentou-se perto de Carrie e analisou as câmeras, ocasionalmente pedindo para que o operador de uma delas aproximasse a câmera de uma determinada área. Tirando isso, Lock estava em silêncio, focado. Concentrando-se para ver e não só olhar. Homens que faziam o trabalho de Lock, e faziam bem, sabiam que a maioria das pessoas andava de olhos bem abertos, mas dormentes. Também sabiam que eles não podiam fazer isso.

Carrie se aproximou e encostou em sua mão. Ele retirou-a com uma palavra: ‘Depois.’ Então, para aliviar, ‘Ok?’

Ela suspirou. ‘Ok.’

Mais no fundo, Ty estava fazendo a coisa de maneira mais robusta com o produtor que supervisionava a operação. ‘Não, aquele ali, babaca. Aquele ali!’

Mesmo o pouco tempo perto de Ty tinha deixado o produtor, um homem claramente acostumado a xingar e não ser xingado, com os olhos lacrimejantes e lábios tremendo.

‘Isso, agora aproxima. Dá zoom, gato. Zoom.’

Um momento depois, a pessoa na qual estava interessado se virou para revelar um cavanhaque por cima de um pomo de adão proeminente.

‘Merda,’ ele grunhiu.

Frisk passava pelo carpete atrás deles. ‘Alguma sorte?’

Lock balançou a cabeça. ‘Pelo menos o palheiro não fica se mexendo quando você tá procurando a agulha.’

Uma voz veio ainda mais do fundo da galeria. ‘Aqueles imbecis.’

Cabeças se viraram e olhos focaram em um monitor no fundo, transmitindo ao vivo as festividades na Times Square. No fundo, o mesmo correspondente universitário com quem Carrie tinha brigado na conferência de Stokes e Van Straten estava na tela. Na altura do peito, as manchetes traziam más notícias: Quebra de Segurança em Complexo Bioterrorista... Vírus Ebola Desaparecido. Times Square é possível alvo.

A porta se abriu e uma parede de perfume com mais poder do que qualquer arma biológica anunciou a chegada de Gail Reindl no trailer assim que os celulares vibraram com vida. ‘Ok, Carrie, a notícia está solta, vamos te botar na frente daquela câmera.’

Quando o pessoal da TV saiu, o olhar de Lock fixou nos monitores enquanto, lentamente, as notícias percorriam a multidão. Celulares iam aos ouvidos, algumas pessoas já se movimentavam, saindo da área, empurrando se fosse necessário. O resultado coletivo de tantos indivíduos tentando sair da multidão resultava em grandes túneis humanos. Pareciam plâncton indo em várias direções para escapar de um

predador invisível.

Frisk olhava atrás dele. ‘Ah, diacho.’

Então Lock viu algo. Uma pequena seção na multidão. Algumas figuras isoladas. Talvez duas dúzias. Ele ficou de pé, com o indicado pressionado contra a tela. ‘Ali. Canto esquerdo superior da tela. Dá um close.’

Um dos técnicos remanescentes sussurrou no microfone e a imagem mudou de ângulo. Alguns segundos depois, a mulher apareceu no centro da tela. Ela estava vestindo uma jaqueta de esqui. Seu cabelo estava para trás em um rabo-de-cavalo.

‘Mais perto. O rosto, o rosto.’

A mulher se virou, e da tela, Mareta Yuzik olhou para eles.

Noventa

‘Esquina da 41 com a Broadway,’ Frisk gritou enquanto corriam pela Broadway, empurrando qualquer um que não saísse do caminho rápido o suficiente.

Dois blocos.

‘Temos gente lá agora.’

‘Ok,’ gritou Lock, sem fôlego. ‘Sabem como funciona?’

Lidar com o que era chamado de AEIPC, ou artefato explosivo improvisado preso ao corpo, era igual lidar com qualquer outro tipo de bomba. Confirmar, isolar, controlar. Exceto que com uma bomba presa a um ser humano, havia uma variável imensa e imprevisível envolvida: o ser humano.

Quanto mais perto estavam do lugar, mais forte a corrente de pessoas indo na direção oposta. Pelos comentários aleatórios, parecia que a maioria nem sabia por que estava correndo, exceto pelo fato de outros estarem. Instintos de rebanho.

Um homem estava empurrando sua filha de dez anos à sua frente. Ty viu ela cair e desaparecer sob uma tempestade de pés. Ninguém nem olhou para ver no que ou em quem estavam pisando. Seu pai foi levado para longe dela. Ty, com a determinação de um fuzileiro, se forçou até chegar onde ela estava. Ele ajudou-a a levantar, machucada. Ela estava chorando. Gritando para seu pai segui-lo, ele deixou-a na frente de uma loja onde eles se reuniram, e então continuou correndo.

Lock perdera Ty de vista. E Frisk. Mas ele estava quase lá. Não que ele precisasse checar placas ou seu rádio. Ele sabia pois a multidão estava ficando menor. E então, como se tivesse passado por uma parede de papel, se deparou com uma rua vazia.

A mulher estava com as costas para ele. Uma linha azul a circulava-a, armas sacadas. Alguns tinham escudos balísticos, mas a maioria não.

‘Mareta?’

A mulher se virou. Era ela. Ela olhou para Lock com um olhar que não dizia nada. Nem mesmo se ela o reconhecia ou não.

Um dos homens atrás dos escudos gritou para ela. ‘Ok, mãos para o alto, onde possamos ver.’

Mareta obedeceu, levantando seus braços em crucifixo.

‘Ok, com sua mão direita, quero que abra sua jaqueta.’ Devagar, sem pressa ou movimentos súbitos, a mão dela foi até o zíper e começou a abrir a jaqueta.

‘O que diabos é aquilo?’

Ty e Frisk tinham alcançado e estavam ao lado de Lock. Conseguiram ver o cinto suicida, mas na frente, preso entre os explosivos, estavam seis frascos de metal. Lock sentiu todos em volta dela darem um passo para trás.

‘Está pensando o que eu estou pensando?’ disse Ty.

‘Pode ser um blefe,’ disse Frisk, esperançoso.

‘Não é um blefe,’ disse Lock. ‘Quantas pessoas Richard disse que essa quantidade de vírus poderia matar?’

‘A cidade inteira.’

O oficial do esquadrão antibombas continuou com suas instruções, só a eventual falha na voz

mostrando seu medo. ‘Ok, continue abaixando o zíper, uma mão. Nenhum movimento súbito.’

O zíper ficou preso na metade. Mareta empurrou, soltando-o e abrindo a jaqueta de uma vez.

‘Ok, agora jogue a jaqueta no chão,’ disse o oficial, saindo detrás dos escudos para mostrar o que queria que ela fizesse.

Ela fez perfeitamente. A jaqueta caiu no chão.

‘Por que ela tá cooperando?’ perguntou Frisk.

‘Eu não sei,’ foi tudo que Lock conseguiu dizer. Então seus olhos caíram na cintura dela.

‘Aquilo não é bom,’ ele disse.

‘O quê?’ Frisk perguntou.

Preso na cintura de, e recebendo fios que serpenteavam pelas costas até os explosivos, estava um celular.

‘O celular. Da última vez, ele não estava lá.’

‘O que quer dizer...’

Lock silenciou Ty com uma mão levantada. ‘Frisk, quem mais estava desaparecido quando fez a contagem final no complexo de pesquisa?’

‘Tinha outro detento sumido, mas o localizamos.’

‘Mais alguém? Pense.’

‘Apenas Stafford Van Straten.’

Noventa e Um

Stafford puxou o Blackberry de seu bolso, procurou em sua lista de contatos até achar um único nome: Mareta.

Abaixo dele estava um outro nome: Nicholas. Ele pensou em ligar para seu pai uma última vez. Mas o que tinha para dizer além de adeus? Então a seletor na tela ficou onde estava, a um clique de fazer história.

Uma ligação para o celular no cinto de Mareta e todos a meio quarteirão de distância virariam torrada. Os que não morressem na explosão seriam os sortudos. Os frascos presos a ela espalhariam o variante do Ebola, com as feridas abertas garantindo uma transferência efetiva e mortal para os sobreviventes. Quem sabe quantos morreriam no fim das contas? Dez mil? Cem mil? Um milhão? Ele sorriu. O suficiente para que fosse lembrado.

Stafford estava se preparando, quase apertando o botão, quando a tela se iluminou com uma ligação.

‘E aí, Staff. Aqui é o Tyrone.’

‘Eu posso só desligar, Tyrone.’

‘Eu sei que pode, Staff. Mas só vai ser preciso um tiro para acabarmos com você.’

‘Boa sorte com isso. Se soubessem onde estou, já teriam feito isso.’

‘Bom ponto. Mais uma coisa, Staff. Eu e Lock nunca tivemos a chance de discutir nossos bônus de despedida com a companhia.’

‘Não se preocupem, vou cuidar disso agora,’ disse Stafford, terminando a chamada.

Lock estava correndo, uma mão no ombro de Mareta, empurrando-a pela rua para a entrada do metrô a meio bloco de distância. Uma pequena multidão de pessoas estava reunida no tipo da escada. Algumas se moveram, outras só assistiram enquanto Lock passou por eles com Mareta à sua frente.

Alguns presumiram que ela estava machucada e ele estava tentando levá-la para um lugar seguro, mas uma mulher viu o aparato no peito de Mareta e começou a gritar. ‘Ai meu Deus! Uma bomba! Ela tem uma bomba!’

Lock ignorou todos eles, sua visão embaçada. Ele estava cansado demais para respirar direito. Um movimento subido, uma queda, e o cinto poderia detonar. Nem precisaria do celular.

‘Saiam do caminho!’

Stafford andava rapidamente paralelo ao metrô, com pessoas correndo por ele na direção oposta, sem saber onde deveriam estar, a situação se desenrolado rápido o suficiente para causar pânico total.

Ele conseguia ver Lock se empurrando pelas pessoas reunidas na entrada do metrô. Talvez cem delas.

Stafford tinha o Blackberry na palma da mão. Tinha a cidade toda, na verdade.

‘Passando!’

Stafford olhou para cima tarde demais para evitar ser empurrado por um homem enorme com uma jaqueta dos Giants e um boné combinando.

Ele recuperou o equilíbrio e olhou para a tela por um segundo, o suficiente para ver *Ligando para Mareta*.

Lock levantou sua SIG e empurrou Mareta para trás dele. Quebrando as travas que seguravam as

cancelas, ele empurrou-a para dentro da barreira de segurança, com as reclamações de um trabalhador solitário silenciadas pela arma em sua mão.

Descendo as escadas. Em direção à plataforma. Cada passo levando-os mais fundo dentro da terra. Mais fundo e, ele esperava, seguro.

A chamada não pôde ser completada.

Stafford resistiu à tentação de jogar o Blackberry contra a parede. Em vez disso, correu para a entrada do metrô.

Na plataforma, Lock parou para respirar. Foi pego de surpresa pela ironia. Tinha se tornado guarda-costas de uma terrorista suicida. Isso sim seria legal de ter no currículo. Se ele sobrevivesse.

Um túnel em cada lado da plataforma. Mais fundo nas entranhas do sistema. Mais seguro. Sem sinal dentro dos túneis. Ele respirou fundo e empurrou Mareta em pela plataforma.

Stafford tinha seu plano. Plano B. Ele não precisava ligar para o celular. Eles precisavam de um único tiro? Ele também. Um único tiro em qualquer lugar do peito de Mareta e ela já era.

Ele estava no top das escadas. Uma mulher de meia-idade com o uniforme de Autoridade de Trânsito estava no fundo, tentando repelir uma multidão de pessoas que ia em direção ao metrô, graças ao senso de direito dos nova-iorquinos e um portão aberto. ‘Pessoal, se afastem. O metrô não está aberto.’

Um homem parrudo em um terno perguntou, ‘Então por que o portão está desse jeito?’ Stafford se enfiou pelas pessoas.

A mulher abaixou e cruzou os braços. ‘O metrô está fechado.’ Stafford revelou o revólver de Caffrey, atirou na cabeça dela e atravessou a cancela. Gritos tomaram conta do lugar, seguido por uma corrida louca para voltar às ruas. Olhando para trás, Stafford viu Ty descendo as escadas de três em três degraus, arma em mãos. Stafford continuou correndo.

O fim da plataforma para Lock e Mareta. O cheiro de urina e um único rato morto entre os trilhos.

‘O que acontece se eu viver?’ Mareta perguntou.

‘Morre na cadeia.’ Lock não tinha mais energias para mentir.

Mareta levantou a mão e se soltou, pulando na pista. Os trilhos eletrificados estavam a centímetros dela. O coração de Lock quase parou quando ela se abaixou, levantou sua perna machucada por cima deles, e continuou andando.

Lock pulou atrás dela, perdendo o equilíbrio em uma poça d’água marrom. Mareta já estava do outro lado, progredindo com um grunhido. Sozinho entre as pistas, Lock ouviu passos vindo do fim da plataforma. E então Stafford apareceu.

Escondido de Ty mas visível para Lock, Stafford se agachou atrás de um dos pilares brancos.

Stafford viu Mareta do outro lado da plataforma e levantou seu revólver, seguindo-a com a mira. Melhor atirador da Academia. Quarto anos seguidos.

Lock levantou sua SIG, apontando com a mão direita na direção de Stafford. Não mirou. Não precisava. Tudo que fez foi puxar o gatilho.

A bala acertou Stafford no rosto, entrando pela bochecha direita antes de atravessar seus dentes de trás, despedaçando-os, e então passando pelo malar e saindo do outro lado.

Antes de Stafford cair no chão, antes do revólver tinir contra a plataforma, Lock acertou mais duas vezes.

Pah. Um na garganta – sinal de boa sorte. Lock estava na zona.

Pah. Um último tiro no esterno.

Assim que as botas de Ty chegaram na plataforma, o corpo morto de Stafford Van Straten acertou o concreto.

Mareta tinha saído correndo, voltando a subir pelas escadas. Lock foi atrás dela, sinalizando para Ty ir por outro caminho e pegá-la do outro lado.

Enquanto Lock lutava para subir da pista para a plataforma, Mareta já estava a cinquenta metros

dele, mancando mas de alguma maneira indo rápido. Sua visão escureceu. O corpo de Lock pedindo tempo. Muito tempo em estado de alerta.

Ty gritou seu nome do que parecia ser milhões de quilômetros de distância. Confusão. Sua mente forçando seu corpo a trabalhar. Se forçando a explicar o que estava acontecendo com ele. A vacina. A bomba. Infinitas possibilidades.

Então, uma súbita mudança de direção de Mareta. Correndo dos degraus. Da luz. Em direção ao túnel do outro lado da plataforma. Lock voltou a si, dentro da zona, enquanto Mareta desaparecia na escuridão.

Determinado a impedir que a Fantasma desaparecesse mais uma vez, Lock correu pela pista.

Noventa e Dois

Uma mão se prostrou no ombro de Lock. Ele virou.

‘Calma,’ disse Ty. ‘Sou eu.’

‘Consegue ver ela?’

‘Não consigo ver nada aqui. Mas tenho boas notícias.’

‘Ah, é?’

‘Desligaram a eletricidade na terceira pista e temos a FTAF descendo pela 34ª Rua. Ela não tem para onde correr.’

‘Lembra de quem estamos falando. Tem uma lanterna?’

‘Sim. Um minuto.’

Ty pegou uma pequena lanterna de seu cinto e girou o anel no fim. Ele botou a luz contra o túnel, mas o feixe só durava alguns metros.

‘Vai ter que servir,’ disse Lock, sem convicção.

Ty abaixou o feixe para iluminar os pés deles, o suficiente para caminharem entre os trilhos.

Lock olhou para trás enquanto vozes ecoavam atrás deles. Reforços. Quatro agentes de trânsito. Sem trajes biológicos. Não tinha dúvidas quanto à coragem deles. Mas sim quanto à inteligência.

O feixe de uma das lanternas acertou Lock nos olhos. Ele levantou a mão. O policial na vanguarda pediu para seu colega abaixá-la. ‘Deus, abaixa essa coisa.’

Ty correu até eles. ‘Vocês deveriam estar com trajes se estão aqui.’

‘E o seu é invisível?’ disse o policial com a lanterna.

‘Nossa situação é um pouco diferente.’

‘É mesmo?’

‘Já fomos expostos,’ Ty disse a eles.

Dois dos policiais se afastaram. O policial com a lanterna fez questão de se manter imóvel. ‘Um dos nossos foi morto hoje,’ disse ele, a voz falhando.

‘Mais um motivo para deixar-nos fazer isso do jeito certo,’ respondeu Ty.

Um dos policiais começou a puxá-lo.

‘Vamos.’

O policial da lanterna se soltou, levantando o feixe para trás de Lock. ‘Então se todos aqui deveriam estar com trajes biológicos, talvez você e seu amigo devessem avisar todas essas pessoas.’

Ty virou e seguiu a luz onde ela parava, iluminando um trem cheio de pessoas.

Noventa e Três

Seis vagões. Cada um com capacidade máxima para duzentas e quarenta e seis pessoas. Mais o motorista. Mesmo que estivessem em dois terços da capacidade, algo difícil na véspera do Ano Novo, eram mil pessoas. Todos no subsolo, no escuro, com Mareta espreitando nas sombras, dando um novo sentido ao termo Trem Fantasma.

Lock foi em direção ao primeiro vagão. Estava lotado. Rostos distorcidos contra o vidro; alguns com medo, outros esperançosos, a maioria sem expressão. Lock imaginou que os sem expressão eram nativos de Nova York. Lock tinha pedido que os quatro policiais estabelecessem um perímetro, caso Mareta tentasse escapar. Eles se aproximaram de Lock enquanto ele ia para o vagão.

‘Precisamos tirar essas pessoas daqui,’ disse um deles.

‘Não diga, Sherlock,’ murmurou Lock, acenando para Ty se juntar a ele do outro lado do último vagão.

‘Ela está metida no meio da muvuca, se estiver aqui,’ disse Ty.

Lock olhou dos vagões para os policiais. ‘Temos mais trens nessa linha?’

‘Apenas esse.’

Ele fechou os olhos por um momento, lembrando do que Mareta tinha dito na cela quando ele perguntou sobre sua habilidade de evitar ser detectada, mesmo contra todas as chances. Ela não podia atravessar paredes, ele sabia disso. Mas de alguma maneira era isso que ela parecia fazer.

Quando eles procuram embaixo, estou em cima.

Ela não quis dizer literalmente, ele sabia disso. Ela tinha descoberto um simples fato: a arte de escapar se baseava em saber onde seu inimigo iria procurar.

‘Tudo bem?’

A voz de Ty trouxe Lock de volta ao presente. Os policiais de Trânsito estava inspecionando o vagão. Ele deixou que o fizessem e puxou Ty para o lado. Abaixou sua voz para que não fosse escutado. Um momento depois, se separaram.

Lock foi até os policiais. ‘Posso pegar sua lanterna por um momento?’ O Nazista da Lanterna entregou-a como se fosse seu primogênito, e Lock se virou para o oficial encarregado. Quando ele falou, fez questão que fosse alto o suficiente para todos escutarem. ‘Tem razão, vamos ligar a energia e levar esse neném de volta à plataforma. Mas fale pro motorista ir com calma. Ela está aqui em algum lugar. Tem que estar.’

Assim que o policial correu até o motorista para falar com ele, Lock se aproximou de Ty. ‘Assim que parar na 42ª, faça com que a energia caia de novo.’

‘Pode deixar.’

Lock colocou Ty para andar pelo primeiro vagão enquanto ele se agachava perto dos trilhos. Dali teria uma boa visão da parte de baixo dos vagões quando eles saíssem.

Alguns minutos depois, seiscentos volts de corrente passaram pelos trilho com um zumbido, e as luzes dentro dos vagões acenderam.

Assim que o último carro passou devagar, Lock fez questão de segui-lo de volta na direção da plataforma, alcançando-o até estar paralelo com o terceiro vagão. Cem metros à frente, ele desligou a

lanterna. Mais sem metros e ele entrou em uma alcova de serviço na parede do túnel, fora de vista. Então esperou.

Horas de tédio, momentos de terror. Esse era seu trabalho. Mas enquanto guarda-costas ruins focavam apenas no que fazer durante os momentos de terror, um bom guarda-costas sabia que o trabalho real era feito durante as horas de tédio. Lock cultivara a habilidade de ficar ligado. De olhar e ver. Não de ouvir, mas escutar.

Mais à frente, ele conseguia ouvir os passageiros desembarcando do trem e as ordens de agentes da FTAF que tinham se juntado à Autoridade de Trânsito.

‘Fiquem onde estão.’

‘Coloquem as mãos em cima da cabeça.’

‘Ok, agora podem seguir em frente.’

Era isso que conseguia ouvir. Mas não o que estava procurando escutar. Dez minutos se passaram. Seus olhos começaram a se ajustar à escuridão enquanto as moléculas de rodopsina em seus bastonetes se transformavam, permitindo que ele visse o espaço ao seu redor.

Então veio a voz de Ty, alta o suficiente para Lock ouvir: ‘Ei, Frisk, já desligaram a eletricidade?’

Frisk bufou, exasperado: ‘Acabei de te falar que sim.’

‘Não tinha escutado.’

A mão direita de Lock apertou a coronha de sua SIG. Logo ela faria sua jogada. Assim que todos os carros fossem revistados e eles percebessem que ela não estava lá, jorrariam para dentro do túnel. Mais homens. Dezenas deles. Talvez centenas.

Lock de moveu com cuidado, cruzou o corpo com a mão esquerda para que a lanterna ficasse no barril da SIG. Ele evitou pensar no que estava em jogo. As vidas que poderiam ser perdidas. Centenas de milhares, em potencial. Se livrar desses pensamentos provou ser bem mais fácil do que teria imaginado.

Um homem pulando de um edifício em chamas é chocante. Um milhão de pessoas morrendo de inanição parecer ser o que é, um número.

O único número que importava agora era o dois. Ele. E ela.

Ele acalmou a respiração. Filtrou os barulhos da plataforma. Parou de ouvir, e tentou escutar.

E então veio. Um barulho de raspagem. Um rato, talvez. De novo, dessa vez mais alto, mais distinto, como se fosse alguém passando um saco de lixo por uma pilha de folhas molhadas. Mareta. Ele fechou os olhos, focou na direção.

Parecia estar perto. Ele conseguia ouvir a respiração dela. Ela não podia estar a mais de vinte metros desse tempo todo.

Ele se virou em um movimento. O barulho veio novamente. Parecia que ela estava descendo o túnel, para longe da 42ª Rua.

Ele se concentrou e ligou a lanterna, iluminando uma parede cinza e molhada. Abaixou o feixe para o que julgou ser a altura da cabeça, e virou para a esquerda.

Mareta piscou para ele.

‘Acabou, Mareta,’ disse Lock.

Suas pupilas evitaram o feixe. Ela sorriu um sorriso fraco. ‘Nunca acaba.’

‘Dessa vez acaba,’ ele disse, andando em direção a ela, o cone de luz se espalhando pelo rosto dela enquanto se aproximava.

‘Não lembra o que eu disse?’

‘Lembro de tudo.’

‘E sobre a morte ser uma forma de escapar?’

Um sussurrar de tecido. Ele não precisava abaixar a lanterna para saber que suas mãos estava procurando o console de metal que acionaria os explosivos presos ao seu peito. Ela tinha feito bom uso do tempo no túnel, reajustando o detonador do celular para usar o console novamente.

‘Não tem escapatória dessa vez, Mareta.’

Ele abaixou o feixe para o estômago dela. Sua mão esquerda estava rígida ao seu lado, o fio de contato preso entre o polegar e o indicador. Sua mão direita estava cerrada em um punho, descendo para buscar o outro fio que pendia de sua cintura.

‘Parada,’ Lock disse, apontando a SIG contra ela. Ela obedeceu.

‘Ok, essa mão aí’ – ele apontou com o feixe para a mão direita – ‘levante-a novamente.’

Ela começou a levantá-la, longe do fio, ainda em punho, forte o suficiente para as juntas ficarem brancas. Então, quando sua mão ficou no nível do ombro, ela chicoteou o braço para trás e para cima. Um rápido lampejo de aço quando ela arremessou uma faca escondida contra Lock.

O clarão de luz refletindo da lâmina foi o suficiente para desconcentrá-lo quando tentou mirar. Seu tiro saiu alto, a lâmina fincando em seu peito, perto do ombro esquerdo.

Lock caiu para frente, a faca adentrando ainda mais quando acertou os trilhos, a lanterna rolando para longe.

Ele sentiu o aperto da SIG enfraquecer. A dor no peito era intensa. Cada pulsar de agonia mais forte que o outro.

O tiro trouxe gritos de ambos os lados do túnel. Ele escutou o de Ty primeiro.

‘Ryan?’

Conseguia sentir o medo na voz de Ty quando não obteve uma resposta.

‘Ryan!’

A cavalaria estava a caminho. Lock conseguia sentir. Mas não perto o suficiente para salvá-lo.

Ele ouviu Mareta andar até ele, olhando para cima a tempo de receber a bota dela contra seu rosto. Seu pescoço tremeu.

‘Por que não escapamos juntos?’ ela disse, sua mão direita procurando o outro fio.

‘Ryan!’

A voz de Ty novamente, entre muitas outras. Lock se perguntou por que ela parecia estar mais distante se ele estava chegando mais perto.

Lock apertou a SIG quando a mão de Mareta abaixou, e então reapareceu com o outro fio. Centímetros entre os dois fios. O circuito estava quase completo.

Ele respirou e virou a arma com o pulso o máximo possível.

Seu dedo apertou o gatilho.

O coice empurrou seu braço com tanta força que lágrimas escorreram com a dor que se espalhou pelo seu peito.

A bala acertou Mareta no meio da cara, obliterando seu nariz, espalhando cartilagem pelas bochechas. Ela cambaleou para trás, seus braços se abrindo, tentando recuperar o equilíbrio.

Ela caiu de costas e ficou lá. Sem movimentos. Sem estertores. Braços abertos e pernas juntas, em uma pose curiosa que lembrava Cristo.

Ty foi o primeiro a chegar. Não arriscou, atirando uma vez na testa e uma vez na garganta, o ângulo da bala acertando o topo da espinha mas passando longe dos explosivos. Com satisfação, ele virou para Lock.

Lock se colocou de pé lentamente. Ty fez seu melhor para voltar a sentá-lo.

‘Me ajude a levantar, seu babaca,’ Lock grunhiu.

‘Você tá ferido.’

‘Sim, e você é feio.’

Ty puxou Lock para cima enquanto agentes da FTAF apareciam de todos os cantos.

‘Se afastem, pelo amor de Deus! Deixem a unidade antibombas passar!’ Frisk gritou.

Ty olhou para o corpo de Mareta sem emoção. ‘Bim trabalho.’ Então ele viu a cor sumir do rosto de Lock. ‘Cara, tu precisa de ajuda. Eu consigo viver sendo feio, mas você vai sofrer com essa faca presa

em você.’

Lock se apoiou no amigo para se suportar. ‘Mais uma coisa para fazer.’

‘Os dois estão mortos,’ Ty disse, exasperado. ‘Acabamos.’

Lock fixou o olhar no fim do túnel, em direção à luz.

‘Uma última coisa.’

‘Você não vem até aqui na véspera de Ano Novo e perde isso, perde?’ Lock perguntou para Ty enquanto os dois homens ficavam no centro do triângulo que formava a Times Square.

Dois paramédicos estavam nas proximidades. Suas repetidas tentativas de dar a Lock pelo menos um mínimo de atenção foram recebidas com um rosnado e um pedido por mais morfina. ‘E não aquela porcaria fraca da última vez.’

A bola desceu em silêncio de um mastro montado no prédio One Times Square. Tirando policiais e outros agentes de emergência, o lugar estava vazio. Todos pararam o que estavam fazendo para assistir. Assim que a massa de cristal chegou ao fim de sua jornada, anunciando a passagem de um ano e o nascimento de outro, Lock caiu contra o ombro de Ty.

‘Feliz ano novo, irmão.’

Epílogo

Na borda do grupo de pessoas que tinha se reunido para o funeral de Janice Stokes, Lock encontrou Carrie. Sem microfone, sem câmera, apenas estando presente. Perto dela estava John Frisk e outros agentes da FTAF.

Quando o caixão de Janice foi levado ao solo perto dos pais, ele se aproximou e pegou na mão de Carrie.

Ela se virou e sorriu para ele. ‘Finalmente te liberaram.’

‘Recebi alta essa manhã.’ Lock assegurou.

Na verdade, ele tinha passado a maior parte do tempo desde o acontecido recebendo notícias e fazendo relatórios para diversas agências do governo. Ele percebeu rapidamente o porquê: queriam garantir que ele ficaria de boca calada em relação a certos assuntos.

Não precisavam se preocupar. Bioterrorismo era tanto sobre induzir o medo quanto era sobre morte, e para Lock, as pessoas já tinham medos suficientes. Especialmente hoje em dia.

Carrie se apoiou nele. ‘Tem problema se eu...?’

‘Cem por cento seguro.’

Ela aninhou a cabeça entre seu pescoço e ombro, recebendo seu cheiro, e então o beijou de leve nos lábios. O gesto fez seu coração acelerar. A mão dela segurou a sua.

Ele apertou-a de leve e se aproximou. ‘Não acho que pessoas devam se pegar em funerais. Talvez seja inapropriado.’

Se viraram e Lock conseguiu ver Don Stokes, seguro entre dois oficiais da prisão. Don acenou para Lock com a cabeça, as algemas impedindo que usasse as mãos.

Don tinha admitido ser culpado na exumação de Eleanor Van Straten e pegaria dois anos. Cody Parker devia pegar cinco e garantir seu status como mártir.

Nicholas Van Straten não tinha sobrevivido, mas todo o conselho da Meditech estava sob investigação federal, e poderiam pegar vinte anos na prisão, depois do grande público americano ver o que eles tinham feito.

Houve indignação internacional com o uso dos detentos. Países do Oriente Médio, particularmente, expressaram sua raiva, apesar da Rússia permanecer em silêncio. A China também se absteve, presumindo, com sua típica eficiência neocomunista, que finalmente tinham achado algo útil para dissidentes. O congresso e o presidente disseram que isso era a prova da necessidade para mais regulação federal em corporações privadas, e ninguém em Wall Street ousou contradizê-los, por medo de levantar suspeitas.

‘Tenho que cumprimentar algumas pessoas. Espera um pouco,’ Lock disse, se afastando.

‘Eu esperei esse tempo todo, não é?’ Carrie disse, afastando uma mecha de cabelo loiro da frente do rosto.

Lock se aproximou de Frisk e estendeu a mão. Frisk parecia não saber se agradecia Lock ou o estrangulava, então foram rápidos.

Don Stokes estava sendo levado de volta para o camburão Departamento de Correções quando Lock o alcançou.

Lock olhou de volta para o túmulo. ‘Meus pêames pela sua irmã.’

‘Ela se manteve fiel à suas crenças.’

Lock não tinha nada para dizer que não fosse criar uma discussão. Ele estava cansado das pessoas. E suas malditas crenças.

‘Como está lidando com a prisão?’ ele perguntou.

‘Não é tão ruim quanto você falou.’

‘Ah, é?’

‘É pior.’

Lock estava assistindo Don entrar no veículo quando Carrie se juntou a ele na base da colina.

‘E agora?’ ela perguntou.

Ele se virou para ela. ‘Me diga você.’

Ele ainda se sentia em casa no apartamento dela. Quando Carrie foi para a cozinha e fechou a porta, ele deu uma olhada nas fotos da sala. Paul não tinha reaparecido. Era a única coisa que tinha realmente preocupado ele quando estava na cela.

Carrie gritou da cozinha. ‘Tem mais alguém que sentiu sua falta.’

‘Você sentiu minha falta?’ Lock perguntou, sem conseguir afastar um sorriso.

‘Talvez, um pouco.’

Ele entrou na cozinha. Angel o esperava na porta, balançando o rabo. Lock fez carinho atrás da orelha dela. Ela bateu uma das pernas contra o chão para mostrar afeto.

‘O que tem dado para ela? Ela engordou,’ ele disse, se afastando para olhar direito.

Carrie riu. ‘Ela está grávida.’

Lock analisou o cachorro. ‘Pelo jeito você não é nenhuma santa.’

‘Falei com Richard Hulme. Perguntei se Josh ia querer um dos filhotes da ninhada.’

‘O que ele disse?’

‘Que ele adoraria. Vão se mudar para Washington, e ele vai trabalhar para o CCD.’

‘Não vai dar certo. O senso de moral de Richard é avançado demais para trabalhar no governo.’

‘Acho que vai ser bom para ele. E para Josh. Eles tem muitas memórias ruins naquele apartamento.’

‘E esse aqui tem umas excelentes,’ Lock disse, olhando em volta.

‘No que está pensando, cowboy?’

‘Ah, nada. Esquece.’

Ela entregou uma caneca com café para ele.

‘Obrigado.’

‘Tenho pensado também,’ Carrie disse.

Ele sentiu o coração ficar preso na garganta. ‘É?’

‘Pensado que talvez você gostaria de ficar aqui um tempo. Cuidar das crias quando elas chegarem.’

‘Tá me pedindo para ser guarda-costas de cachorrinhos?’

‘Então, o que acha?’

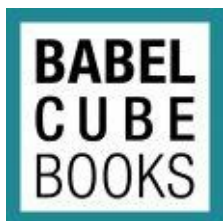
Lock envolveu a cintura dela com os braços, e fez uma careta. ‘Acho que vai me manter longe de confusão.’

Sua classificação e suas recomendações diretas farão a diferença

Classificações e recomendações diretas são fundamentais para o sucesso de todo autor. Se você gostou deste livro, deixe uma classificação , mesmo que somente uma linha ou duas, e fale sobre o livro com seus amigos. Isso ajudará o autor a trazer novos livros para você e permitirá que outras pessoas também apreciem o livro.

Seu apoio é muito importante!

Procurando outras ótimas leituras?



Seus livros, seu idioma

A Babelcube Books ajuda os leitores a encontrar ótimas leituras. Ela tem o papel de mediadora, aproximando você e seu próximo livro.

Nossa coleção é alimentada por livros produzidos no Babelcube, um mercado que aproxima autores de livros independentes e tradutores e distribui seus livros em vários idiomas no mundo todo. Os livros que você encontrará foram traduzidos, para que você possa descobrir leituras incríveis em seu idioma.

Temos a satisfação de trazer livros do mundo todo até você.

Caso queira saber mais sobre nossos livros, acesse nosso catálogo e solicite nossa newsletter. Para conhecer nossos lançamentos mais recentes, visite nosso site:

www.babelcubebooks.com